DESAFIANDO O
RIO-MAR
Descendo o Negro
I Parte
HIRAM REIS E SILVA

Este livro é, antes de mais nada, um exercício de amor, de tenacidade e perseverança. Nele, o autor descreve "*pari passu*" suas impressões sobre a geografia, a história, a etnologia e até a sociologia de uma das mais remotas e desconhecidas áreas de nosso território: o vale do Rio Negro.

Como sabemos, o Rio Negro (Uruna ou paraná-pixuna de tempos imemoriais), nos é alcançado do Hemisfério Norte pelo seu nome colombiano de Guainía, com a direção Noroeste-Sudeste, vindo a desaguar no Amazonas. Esse curso d'água, por alguns exploradores conhecido como "*Rio das mil ilhas*", banha uma região de indiscutível valor histórico e cultural, densamente povoada por descendentes de antigas civilizações indígenas, compreendendo várias etnias.

Por suas características, grandeza e importância geopolítica, foi escolhido para determinar o eixo direcional da Expedição. O território é guarnecido pelo conjunto de Pelotões de Fronteira do Exército, distribuídos pelos diferentes pontos da fronteira terrestre, pela Aeronáutica e pelo zelo Missionário dos Salesianos. Essa presença conseguiu estancar as incursões espanholas do Norte, e fixar a indiscutível consciência brasileira hoje dominante.

Há uma copiosa bibliografia relacionada a essa região fisiográfica, herdada de aventureiros, cientistas e escritores que viveram nos séculos passados.

Apresentação

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota. (Theodore Roosevelt)

Graças ao apoio dos familiares e entusiastas amigos, a saga continua. O ano de 2009 teve um comportamento climático totalmente atípico. Ventos fortes, ciclones extratropicais, muita chuva comprometeram significativamente o treinamento que, quando o clima permitia, se alternava entre o amigo Guaíba e os corpos Lagunares do litoral Sul.

Eu sabia que o grau de exigência física no Rio Negro seria bem maior do que o Solimões onde a navegação fora facilitada pela correnteza que incrementava a velocidade do caiaque o que não aconteceria, com certeza, no Médio e Baixo Rio Negro. A menor densidade das águas do Negro faria a "*linha de flutuação ideal*" do caiaque ficar submersa, exigindo um maior esforço nas remadas.

Outro complicador adicional eram as maiores distâncias entre as Comunidades que, para serem alcançadas, me obrigariam a remar à tarde e a enfrentar, consequentemente, o calor vespertino amazônico.

Eu tinha uma preocupação muito grande, desta vez, com o preparo físico. Chegara na descida do Solimões a um estado de excelência invejável e vencera cada uma das etapas com tranquilidade e sem apresentar qualquer sinal de cansaço.

Agora as variáveis eram outras e parti um tanto preocupado, mas confiante, certo de que, de uma maneira ou outra, chegaria ao meu destino antes mesmo do prazo estabelecido. Mais que um desafio, percorrer estas artérias vivas da nação brasileira representa a concretização de um sonho embalado pela busca incessante do conhecer as coisas e gentes de minha amada Terra Brasileira, verificar as questões locais, sem paixões ideológicas, e apontar, quando possível, soluções aceitáveis.

Nessa obra procuramos reportar, além de nossas próprias vivências e observações, a de pesquisadores, historiadores, diletos camaradas da Força Terrestre e diversos desbravadores que percorreram, nos idos de antanho, as mesmas paragens, para que o leitor atento possa fazer não só uma viagem no espaço físico deste exuberante Mar Verde mas, sobretudo, no tempo, aquilatando as transformações que sofreram aquelas plagas e aquelas gentes nos últimos séculos.

A história, desde antes da criação da Capitania de São José do Rio Negro, o emprego ritual de "*alucinógenos*", o comportamento de personagens polêmicos contemporâneos e pretéritos, lendas, teorias inovadoras esboçadas por visionários pesquisadores e as catastróficas demarcações de terras que geram insegurança a todos os brasileiros são abordadas sem a preocupação de ser "*politicamente correto*" mas com o intuito de apresentá-las dentro de um contexto científico, apontando seus erros e acertos.

Alguns amigos que me auxiliaram na revisão da presente obra estranharam o fato de Rios, Igarapés, Lagoas, Lagos, e Lagunas estarem grafados com a primeira letra maiúscula. Os nautas, porém, enten-

deram meu recado. Nós, navegantes, os consideramos mais do que simples acidentes geográficos, e mais, mas muito mais que enormes, amorfas e inertes massas líquidas.

Esses fluidos colossais são as artérias que tonificam a mãe Terra, carregando no seu meio líquido o húmus e partículas capazes de gerar o milagre da vida. Capazes de transformar minúsculas sementes em gigantes portentosos da floresta. O respeito que os navegadores devotam às águas só pode ser compreendido por aqueles que as respeitam como Mestres e são capazes de interpretar as mensagens da torrente. No murmúrio das ondas, ressoam os sons de inúmeras vozes do Rio e, no seu reflexo, surgem imagens pretéritas e presentes que se mesclam num jorro resplandecente de luz. Algumas ondas escuras, tristes e carregadas de sofrimento volvem-se sobre si mesmas em espumante e resplandecente júbilo e a repentina metamorfose mostra uma contagiante alegria de outros tantos clamores.

No vai e vem contínuo, as águas abrem, aos iniciados, o registro ancestral. O navegador mergulha, então, no "*Inconsciente Coletivo*", colhendo preciosos ensinamentos trazidos pelas infindas vozes do Rio. Imerso na memória pretérita da humanidade, o nauta se transforma no verdadeiro "*Argonauta*", ousando, vencendo temores ultrapassando limites terrenos.

Convidamos o leitor a se juntar a nós nesta magnífica descida pelas águas de um dos mais belos Rios criados pelo Grande Arquiteto do Universo e nos acompanhe, remada a remada, pelas águas escuras do Negro Caudal. Que se encante com nossa narrativa e os relatos, esmaecidos pelo tempo, de desbravadores,

muito mais audazes, que tanto lutaram para estender nossas fronteiras tão cobiçadas ontem e que, hoje, graças aos desmandos dos últimos governos, estão se tornando cada vez mais frágeis.

Pai Velho

(Bessa de Carvalho)

Em pé às margens do rio negro ([1]),
Situado no Alto Solimões,
O velho índio inspira pelos pulmões
O vento que balança seus cabelos negros.

Sem nenhum grisalho para contar história,
Filho vermelho do povo Kokama,
Ergue a lança e a lança em chama
Alcança o aracu em sua trajetória.

O peixe se desespera num entorse bizarro,
Em vão o seu libertar fracassa,
O índio sorrir ao pegar a caça
Que vai para a panela de barro.

Termina o dia longo e calmoso,
Enche o cesto além da conta,
No rodear da fogueira para crianças conta,
A história da caça do aracu teimoso.

Vem o curumim abraçar o venerando
Pai velho contador de histórias,
Ao luar adormece com suas memórias
Junto ao filho o admirando

[1] Provavelmente o Rio Jutaí, um de águas negras, afluente do Solimões.

Prefácio

Por Coronel Manoel Soriano Neto (∗)

A presente obra traz a lume um riquíssimo Estudo [não há melhor termo para caracterizá-la] acerca da segunda fase do Projeto-Aventura "*Desafiando o Rio-Mar*", que vem sendo executado pelo Coronel Hiram Reis e Silva.

Após a descida do Rio Solimões e de seus afluentes, em um frágil caiaque, na primeira fase do Projeto, em 2008, quando foram arrostados, a remadas, mais de 1.700 km [!] de percurso aquático, de Tabatinga a Manaus, o resoluto Coronel, no final de 2009, deu sequência ao grandioso empreendimento.

Iniciou-se, então, a segunda fase da epopeia – a "*Descida do Rio Negro*", também em caiaque, de São Gabriel da Cachoeira a Manaus, concluída em janeiro de 2010.

O autor deste valioso, pedagógico e patriótico livro é o próprio Coronel Hiram, brilhante oficial de Engenharia do Exército, com larga vivência na Amazônia, onde realizou o Curso de Guerra na Selva, hoje Professor do Colégio Militar de Porto Alegre, também um fiel e digno Irmão Maçom, possuidor de uma invejável folha de serviços e de inúmeras titulações civis e militares.

Diga-se por relevante, que ele vem desenvolvendo, iterativamente, um invulgar e desassombrado apostolado cívico em prol da Amazônia brasileira, contabilizando, nessa faina benemérita, incontáveis trabalhos escritos, plaquetas, monografias, livros a serem publicados [e que aguardam patrocínio], além de mais de 300 palestras proferidas, em especial para o jovem público estudantil.

Mas o Coronel Hiram decidiu ampliar os seus profundos conhecimentos acadêmicos sobre a maior floresta tropical úmida do planeta, com uma prática inusitada, ao pervagar a imensa região, na descida de seus principais Rios – tornemos a afirmar – a remadas!

Isso nos traz à lembrança uma imorredoura lição histórica que nos foi passada pelo General cartaginês Aníbal, em resposta dada ao arrogante filósofo grego Formião, fato narrado por Camões, no Canto X, de "*Os Lusíadas*", com os seguintes versos:

"De Formião, filósofo elegante;
Vereis como Aníbal escarnecia;
Quando das artes bélicas, diante dele;
Com larga voz tratava e lia:
A disciplina militar prestante,
Não se aprende, senhor, na fantasia;
Sonhando, imaginando ou estudando.
Senão vendo, tratando e pelejando".

Destarte, sem nenhuma dúvida ou exagero, o Coronel Hiram, mercê de seus elevados méritos intelectuais, estudos amazônicos e audazes feitos náuticos, será merecidamente reconhecido e terá o seu ilustre nome consagrado em nossa História.

Eu me sinto um privilegiado por desfrutar da amizade desse pundonoroso Oficial e acabo de receber dele um cativante convite, em tom de quem não aceita recusa, eis que, em seu dizer, "*convite de amigo é uma convocação*", para prefaciar esta obra magnífica de sua competente lavra.

Assim, com um misto de orgulho e humildade, muito penhorado, tive de me desincumbir da honrosa tarefa, cônscio de não possuir cabedal para tanta responsabilidade...

É mister salientar-se, de início, que a primeira fase do "*Projeto Desafiando o Rio-Mar*" começou em 2008, ano do cinquentenário da morte do Marechal Rondon, em reverência a este vulto exponencial e fulgurante da história-Pátria. Igualmente, a épica jornada de descida do Rio Negro [segunda fase do Projeto] é dedicada ao inesquecível Marechal, "*o maior sertanista da história da humanidade*".

Os livros nos apresentam um abrangente e competentíssimo escorço biográfico do insigne brasileiro, em que são lembrados aspectos muito singulares e pouco explorados da edificante existência do "*grande desbravador da hinterlândia brasileira*" e as lições intemporais que ele nos legou. Trata-se de um percuciente trabalho de excelência e de fôlego, com espeque em numerosas, reconhecidas e fidedignas fontes, merecedor de figurar entre as várias biografias e estudos a respeito do ínclito Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Os soberbos e robustos memoriais, de mais de 900 páginas, ora em comento, contém em seu prelúdio, uma afetiva apologia ao caiaque, embarcação que não polui e por isso bem preserva a natureza, em vista da ausência de motores a combustão, sendo ideal para a "*Terra das Águas*" da "*Terra Brasilis*" como preleciona o muito determinado argonauta.

Impende lembrar, antes de qualquer consideração, que o preclaro escritor relaciona alguns objetivos do Projeto, dos quais destacamos um, que se afigura, em nosso sentir, como uma Meta-Síntese dos demais: "*Conhecer as peculiaridades locais, observar e analisar a História, a flora, a fauna, a hidrografia e os povos da floresta*"; e como louvável e feliz arremate: "*A missão não era remar, mas interagir e aprender com a selva, as águas e a população ribeirinha*".

E já se assinale: apesar de incompreensões, da carência de aporte financeiro, da pouca divulgação pela Imprensa, além de vicissitudes outras ocorridas durante o percurso, a precitada Meta foi plena e airosamente atingida!!

A descrição minudente do Rio Negro é encantadora e a ela, adiante, tornaremos a nos reportar, sendo de realce as comparações feitas com o Rio Solimões [singrado na primeira fase do Projeto], as quais corroboram observações de famosos exploradores e naturalistas, expendidas em tempos de antanho. O Rio Solimões, de maior porte, com margens mais opulentas e luxuriantes, onde prolifera uma fauna assaz variada de pássaros, macacos e outros animais; o Negro, sem a exuberância daquele Rio, mas possuidor de ilhas e praias paradisíacas, mais parecendo "*um quadro de natureza morta*", pelo que o seu percurso foi mais arrojado e difícil, porém, mais fascinante.

A nova missão começou em São Gabriel da Cachoeira, no Natal de 2009 e se prolongou até Manaus, atingida em 20 de janeiro de 2010, após exaustivos treinamentos [em que até foram enfrentados vendavais e tormentas]. Tais preparativos se deram no Lago Guaíba – a quem o navegador presta reconhecido tributo, pelo muito que lhe ensinou –, e em várias Lagoas da região Sul, como a Laguna dos Patos.

O conjunto que nos é apresentado, de documentos, descrições geográficas, trabalhos históricos, estratégicos, militares, sociológicos, antropológicos, políticos, etc., a par de seleta literatura alusiva ao tema, em prosa e verso, é fruto da cultura poliédrica do autor, de sua aguda sensibilidade e de seus vastos e aprofundados estudos, saberes, leituras, pesquisas e vivência em ambiente de selva, o que

bem evidencia a sua disciplina intelectual e física e, principalmente, o seu acrisolado amor pela Amazônia e pelo Brasil.

Ele nos prodigaliza com fantásticas narrativas, sempre lembrando, em recorrências diversas, de épocas prístinas que o tempo levou [são muitos e constantes, os intitulados "*relatos pretéritos*"], do glorioso passado e da heroica gesta de outras gerações, desde nossos ancestrais portugueses que nos legaram a Amazônia, a qual deve ser guardada, defendida e ocupada, em face da consabida e notória cobiça internacional sobre as suas incomensuráveis riquezas.

A obra é um verdadeiro painel de uma parcela da maior e mais rica das regiões brasileiras, repleta de conhecimentos de toda ordem referentes ao Rio Negro, dos quais relembraremos uns poucos, de cunho geográfico, em muito apertada síntese. Esta grande artéria aquática, como nos dá conta a publicação, é o Rio de águas pretas de maior vazão do planeta, cuja demanda é superior a de todos os Rios europeus, responsável por 15% da água doce que o Rio Amazonas despeja no Atlântico.

O mencionado Rio possui os dois maiores arquipélagos fluviais do mundo: o de Mariuá [no Município de Barcelos], com 1.466 ilhas, e o das Anavilhanas [no Município de Novo Airão], com cerca de 400 ilhas, e mais o monumental Parque Nacional do Jaú.

É o mais extenso Rio de águas pretas do mundo – uma cor escura de "*chá preto*" –, navegável por grandes embarcações, juntando-se, próximo a Manaus, ao Solimões [o famoso e turístico "*Encontro das Águas*"], para a formação do Amazonas, o maior Rio do Universo!

O atraente documentário, que em boa hora nos é dado a conhecer, apresenta farto conteúdo de douta erudição científica.

Contudo, a sisudez dos tratados e estudos de cientistas, historiadores e pensadores de tomo, é mitigada pela rememoração sentimental da prosa e dos versos de consagrados escritores e bardos nacionais e estrangeiros, que se apaixonaram pela imensidão amazônica.

Entre outros, são trazidos à colação: Quintino Cunha, João Cabral de Mello Neto, Olavo Bilac, Edgar Roquette-Pinto, Antônio Ladislau Monteiro Baena, Emílio Goeldi, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Thiago de Mello, Jean Agassiz, Johann Von Spix, Carl Von Martius, Fernando Pessoa, Machado de Assis, J. G. de Araújo Jorge, Augusto dos Anjos e Altino Berthier Brasil [também Coronel do Exército e polígrafo de nomeada, com vários livros escritos sobre a Amazônia].

Os mitos, as lendas, o folclore, as fantasias, as bruxarias, o fabulário, os hábitos, usos e costumes [os bons e os nefastos, em especial os dos índios, que hoje, consigne-se por pertinente, estão submetidos à deletéria política indigenista da FUNAI, acumpliciada com perniciosas ONGs nacionais e estrangeiras], a notável atuação dos Pelotões Especiais de Fronteira ["*Vida, Combate e Trabalho!*"], os aspectos geopolíticos, máxime os riscos de amputação da área, em face da pretensa e inadmissível criação de "*nações indígenas*", os veneráveis fastos históricos, tudo isso e muito mais, é tratado com bastante seriedade, argúcia e precisão, pelo Coronel Hiram, em magníficos relatos do historial de sua memorável aventura.

Tal joia, tão preciosa em historicidade, se constitui, refrise-se, em um largo e profundo exercício cívico consubstanciado neste judicioso Estudo sobre a Hileia Amazônica, que deve ser muito bem custodiado e compulsado.

Assim, nos são fornecidas abalizadas e detalhadas informações – verdadeiras aulas – relativas a aspectos os mais diversos das localidades ou povoações percorridas e banhadas pelo Rio Negro, entre elas, São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos, Moura, Velho Airão, Foz do Jaú, Novo Airão, Terra Preta-Castanheiro e Ariau, até ser atingida Manaus em 20 de janeiro de 2010. E diga-se mais: o irrequieto e indômito navegador já programou a terceira fase do Projeto:

1) a descida do Rio Madeira, de Porto Velho [RO] até à sua Foz no Rio Amazonas e daí até Itacoatiara [AM]; ou,
2) a descida do Rio Amazonas, das praias do 2° Grupamento de Engenharia [Manaus] ao 8° Batalhão de Engenharia de Construção [Santarém-PA], com o intuito de ser prestada significativa homenagem ao dito Grupamento, pela passagem de seus 40 anos de existência.

Simplesmente fantástico!

Ao perlustrarmos as páginas desta peça primorosa de lídima arquitetura histórico-geográfica e sociológico-literária, somos conduzidos para a fruição de uma empolgante travessia como a realizada pelo bravo remador, na qual também nos deixamos levar pela torrencialidade, não das águas, mas de instigantes estudos acadêmicos e narrativas atinentes a aspectos fisiográficos, sociais e humanos de "*brasis ainda sem Brasil*".

Já afirmamos em outra ocasião e não é demais repetir, que tal e qual Orellana e Pedro Teixeira, no heroico pretérito, o vibrante e pundonoroso Coronel Hiram, por suas peregrinas virtudes, seu adamantino caráter, sua férrea vontade e pelas incríveis façanhas já realizadas e a realizar, consagrará e inscreverá o seu respeitável nome, galharda e indelevelmente, na galeria dos desbravadores e grandes beneméritos da Amazônia, "*ad perpetuam Rei memoriam*"! Um Prefácio, já se disse, é um ato de cortesia e sociabilidade em que o autor é apresentado aos leitores, cabendo ao prefaciador a indicação do assunto, abordando-o de forma geral sem nele se deter em profundidade. Mesmo procurando seguir essas sábias regras, é certo que este escrevedor se alongou em suas considerações, além da justa medida, mercê do entusiasmo e, mais do que isso, da ufania, pela leitura de tão extraordinários livros, pelo que roga a generosa compreensão dos caríssimos autor e leitores.

Aduza-se, por derradeiro, que as belezas e lições entesouradas neste inestimável relicário têm o condão de nos predispor a uma imediata empatia. Os patrióticos ensinamentos nele contidos nos conduzem, outrossim, à exaltação da brasilidade e ao superlativo robustecimento da crença na Soberania Nacional.

Igualmente, ressalte-se a constante relembrança, no curso do texto, de audazes brasileiros e de nossos avoengos lusitanos – "*De nada a brava gente se temia*" – mote que se adapta, perfeitamente, à hercúlea saga protagonizada por um militar de escol da Força Terrestre Brasileira, prenhe de intrepidez, coragem e determinação, que a pátina do tempo não esmaecerá... Palmas, muitas palmas, admirável e nobre amigo Hiram, pela grandiosidade do Projeto-Aventura "*Desafiando o Rio-Mar*", de incontestável

magnitude histórica, tão bem documentado em sua segunda fase por meio desta obra, na qual se poderá haurir tantos e tamanhos conhecimentos brasílicos. O seu excepcional escrito, vazado em estilo escorreito, leve e agradável, numa linguagem clara e de fácil entendimento, muito bem ilustrado, sob dimensão e vestidura modernas e embasado em vasta e sapiente bibliografia, é leitura e das melhores, didática e prazerosa, para leitores de todas as idades.

E que o bom lavor deste referencial Estudo [tornamos a repetir], autêntico breviário de civismo e de veneração telúrica à região que é a nossa prioridade de número primo, da fecunda produção "*guttenberguiana*" do reconhecido escritor, intelectual, historiador e pensador militar, Coronel Hiram Reis e Silva, sirva de luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram, na inspiração do poeta-soldado Luiz Vaz de Camões: "*Não me mandas contar estranha História. Mas mandas-me louvar dos meus a glória*".

SELVA!!!

(*) **Manoel Soriano Neto**: oficial da Turma de 1963, da AMAN. Foi Chefe do Centro de Documentação do Exército; instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, de 1983-86; Comandante do 16° Batalhão de Infantaria Motorizado – Batalhão Itapiru – Natal – RN, 1989-90. É membro do Conselho de História do Exército Brasileiro e da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. Bacharel em Direito, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (Resende – RJ), sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, dos Institutos Histórico e Geográficos do Distrito Federal e do Rio Grande do Norte e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Amazônia: Verde, Verde, Verde I
(Hiram de Freitas Câmara)

Verde, verde, verde
Terra das mil ilhas
Água de mil brilhos
Sinuosas maravilhas
Filhas da mitologia
De dez mil anos atrás.

Verde, verde, verde
Negros Igarapés
E extensos Igapós
Da estação chuvosa
Águas de tucunarés
Tambaquis, pirarucus.

Verde, verde, verde
Meninos nus
Mergulhos mis
Águas de peixes-boi
Do boto que já se foi
Saudades ribeirinhas
Antes do Sol nascer
No horizonte fluvial:
Cristais brilhando
No encanto das águas
No encontro das mágoas.

Desesperanças.
Crianças na estrada
Da borracha
Seringueiras feridas
Látex-lágrimas. [...]

Amigos Investidores

Meu Querido, Meu Velho, Meu Amigo
(Roberto Carlos)

Esses seus cabelos brancos, bonitos,
Esse olhar cansado, profundo
Me dizendo coisas, num grito,
Me ensinando tanto do mundo...

E esses passos lentos, de agora,
Caminhando sempre comigo,
Já correram tanto na vida,
Meu querido, meu velho, meu amigo
Sua vida cheia de histórias
E essas rugas marcadas pelo tempo,
Lembranças de antigas vitórias
Ou lágrimas choradas, ao vento...

Sua voz macia me acalma
E me diz muito mais do que eu digo
Me calando fundo na alma
Meu querido, meu velho, meu amigo
Seu passado vive presente nas experiências
Contidas nesse coração,
Consciente da beleza das coisas da vida.

Seu sorriso franco me anima,
Seu conselho certo me ensina,
Beijo suas mãos e lhe digo
Meu querido, meu velho, meu amigo
Eu já lhe falei de tudo,
Mas tudo isso é pouco
Diante do que sinto...

Olhando seus cabelos, tão bonitos,
Beijo suas mãos e digo
Meu querido, meu velho, meu amigo

Quero deixar registrado o nome de cada um dos colaboradores que possibilitaram a execução da "*2ª Fase do Projeto Desafiando o Rio-Mar – Descida do Rio Negro*". As senhoras e os senhores, além de sua doação financeira, me emprestaram uma energia que eu sentia, dia a dia, fluir em minhas veias, a enrijecer meus músculos e a impulsionar minha vontade. As imagens, que me encantaram, tinham o colorido captado por centenas de multicolores retinas, das mais diversas origens, profissões e crenças religiosas. Uma coisa, porém, tínhamos, certamente, em comum, o idealismo, o patriotismo e o respeito por tudo o que nossos antepassados fizeram por essa "*Terra Brasilis*".

Investidores: Adão Maciel, A.D.T., Ademir Bisotto, Aderbal Domingos Tortato, Adriano Pires Ribas, AHIMTB, Alberto Moreira Costa, Alberto Mota Porto Alegre, Alfredo José Coelho dos Santos, Altino Berthier Brasil, Álvaro Nereu Klaus Calazans, Álvaro Pereira, Aman – Tu 75, Amarcy de Castro e Araújo, Américo Adnauer Heckert, Ana Elizabeth Noll Prudente, André Luiz Oliveira Conceição, André Tiago S., Antônio de Pádua Sousa Lopes, Antônio Fernando Rosa Dini, Antônio Loureiro, Arnalberto Jacques Nunes Seixas, Batalhão de Engenheiros – Província de São Pedro, Cacinaldo Gomes Kobayashi, Carlos Alberto Da Cás, Carlos Henrique Reis e Silva, Carlos Humberto Furlan, Carlos Vilmar da Silva, Centro de Estudos Themas, Cesar Eduardo Pintos Trindade, Cícero Novo Fornari, Círculo Militar de Campinas, Clayton Barroso Colvello, Cristian Mairesse Cavalheiro, Daniel Luís Costa Scherer, David Daniel Carmem Prado, David Waisman, Décio José Dias, Deoclécio José de Souza, Edison Bittencourt, Edmir Mármora Jr., Edson M. Areias, Eduardo de Moura Gomes, Eduíno Carlos Barboza, Elias dos Santos

Cavalcante, Elieser Girão Monteiro Filho, Eneida Aparecida Mader, Enzo PI, Ernesto Jorge Alvorcem Neto, Everton Marc, Félix Maier, Floriano Gonçalves Filho, Francisco B. C., Gelio Augusto Barbosa Fregapani, Geraldo de Souza Romano, Gerson Luís Batistella (Rotary Barril), Getúlio de Souza Neiva, Gilberto Machado da Rosa, Gisele Pandolfo Braga, Glaucir Lopes, Hélio M. Mello, Hiram de Freitas Câmara, Humberto R. Sodré, Jacinto Rodrigues, João Batista Carneiro Borges, Johnson Bertolucci, Jorge Alberto Barreto, Jorge Alberto Forrer Garcia, Jorge Luiz Ribeiro Morales, Jorge Mello, Jorge Vieira Freire, José Augusto Mariz de Mendonça, José de Araújo Madeiro, José Gobbo Ferreira, José Luiz Dalla Vechia, José Luiz Poncio Tristão, José Santiago Magalhães, Joviano Alfredo Lopes, Leandro Enor Danelus, Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, Levy Paulo da Silva Falcão, Linelson de Souza Gonçalves, Luciano Martins Tavares, Luciano S. Campos, Lúcio Batista Guaraldi Ebling, Luís Andreoli, Luiz A. Oliveira, Luiz Caramurú Xavier, Luiz Carlos Bado Bittencourt, Luiz Carlos Nunes Bueno, Luiz Ernani Caminha Giorgis, Luiz Roberto Dias Nunes, Luiz Roberto J., Mães da AACV (CMPA), Magnus Bertoglio, Manoel Soriano Neto, Marcelo Augusto S. Barros, Marco A. Dias P., Marco Antônio Andrés Pascual, Marcos Coimbra, Marcus Antônio Balbi, Marcus Balbi, Maria de Vargas Schardosim, Maria Helena Gravina, Mario Monteiro Campos, Milton B. Viana, Moacir Barbosa, Olavo Montauri Silva Severo Jr., Osmarino Borges, Patrícia Buche, Paulo Augusto Lacaz, Paulo Emílio Silva, Paulo Ricardo Chies, Paulo Roberto Viana Rabelo, Pedro Arnóbio de Medeiros, Pedro da Veiga, Pedro Eduardo Paes de Almeida, Pedro Fernando Malta, Pedro Meyers (Irmão do Dr. Marc André Meyers), Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia, Pedro Santana, Petrônio Maia

Vieira do Nascimento e Sá, R.S.F., Renato Dias da Costa Aita, Renato Dutra de Oliveira, Renato Pozolo, Rogério Amaro, Rogério João Baggio, Rogério Oliveira da Cunha, Roner Guerra Fabris, Rosângela Maria de Vargas Schardosim, Sérgio Tavares Carneiro, Sidney Charles Day, Stelson Santos Ponce de Azevedo, Tibério Kimmel de Macedo, Túllio Enzo Pinto Perozzi, Turma 82 (Eng-AMAN), Turma C Infor Nr 3 (atual 1ª CTA), Uirassú Litwinski Gonçalves, Valmir Fonseca Azevedo Pereira, Valmor Nazareno, Venesiano de Brito Almeida, Virgílio Ribeiro Muxfeldt, Vitor Mário Scipioni Chiesa e Wanrley dos Anjos Perazzo.

Equipe de Apoio

Queríamos deixar patente, também, nossos agradecimentos à "*Equipe de Apoio Embarcada*": Coronel André Flávio Teixeira e o Piloto da etnia Baré Osmarino Videira Melgueiro; a dupla proporcionou uma tranquilidade que não tive na 1ª Fase do Projeto. O rude, instável e precário meio de transporte deles – um bongo ([2]) propelido por motor tipo rabeta de 5,5 Hp, enfrentou airosamente banzeiros e tormentas graças à perícia invulgar de nosso piloto nativo.

[2] Bongo: barco escavado em um tronco de sete metros.

Agradecimentos

A Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e, consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao meu irmão caçula engenheiro Carlos Henrique Reis e Silva, amigo de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

A meus amigos, irmãos e mestres Cristian Mairesse Cavalheiro e Daniel Luís Costa Scherer nossos mais fieis colaboradores que continuam apoiando nossas jornadas;

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *Araújo*, esteio fundamental na divulgação do Projeto, conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e às Professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra do Clube de História que, desde o início, se engajaram de corpo e alma no projeto;

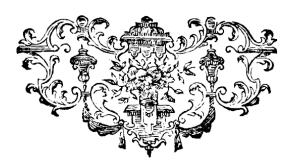
Aos Professores *Sérgio* Pedrinho Minúscoli e Major R/1 *Eneida* Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro. À minha querida companheira Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, que, incansavelmente, contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto-Aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais além de me assessorar no planejamento e coordenação na captação de recursos;

Aos amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas, em especial a seu Comandante Geral Coronel Dan Câmara que colocou pessoal e viaturas à nossa disposição;

Ao ex-colega do CMPA e Ir∴ Luiz Felipe Meneghetti Regadas da Skysulbra Rastreamento de Veículos que nos disponibilizou o mapeamento da região Amazônica e equipamento de rastreamento via satélite instalado no caiaque;

Ao amigo Marcelo Fichtner, proprietário do "*Parque Fazenda Itaponã*", Guaíba, RS, e seu fiel escudeiro Juarez Boneberg que permitiram que sejam usadas as instalações de sua belíssima propriedade como ponto de parada das minhas intermináveis jornadas;

Ao Exército Brasileiro, representado pelo comando do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Comando Militar da Amazônia (CMA) e 2° Grupamento de Engenharia (2° Gpt E);

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Homenagem Especial

O Projeto Rio-Mar teve início no ano de 2008, ano em que a nação Brasileira reverenciou os 50 anos da morte de Cândido Mariano da Silva Rondon.

Rondon faleceu no dia 19 de janeiro de 1958 e foi, sem dúvida, o maior sertanista da história da humanidade e um de seus vultos mais notáveis.

Desbravando as regiões Centro-Oeste e Norte do país, nos séculos XIX e XX, gravou de forma definitiva, com suas atitudes irretocáveis e dedicação integral à Pátria os corações e mentes dos que acompanharam seus feitos.

Reconhecido nacional e internacionalmente pelos serviços prestados à nação brasileira e à humanidade, Rondon é uma figura singular no cenário mundial e um exemplo de retidão e energia insuperáveis.

Considerado pela Sociedade de Geografia de Nova York (EUA), como "*o maior explorador de terras tropicais*", pelo Conselho Nacional de Geografia como o "*Civilizador do Sertão*" e consagrado universalmente como protetor dos índios, Rondon é, incontestavelmente, o maior herói brasileiro.

A descida do Rio Negro é uma homenagem ao insigne brasileiro cuja determinação, liderança e brasilidade me inspiram em mais esta épica jornada.

Seu nome foi lembrado para o "*Prêmio Nobel da Paz*" e no Brasil passou a ser conhecido como "*Marechal da Paz*".

HAMBURG-SÜDAMERIKANISCHE
DAMPFSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT
„CAP NORTE"

22. V. 25.

An den Vorsitzenden des norwegischen Nobel-Komitees

196/1925

Sehr geehrter Herr!

Ich möchte mir erlauben, Ihre Aufmerksamkeit auf die Thätigkeit des Generals Rondon, Rio de Janeiro zu richten, weil ich bei meinem Besuche in Brasilien den Eindruck erhalten habe, dass dieser Mann der Verleihung des Nobel-Friedenspreises in hohem Masse würdig wäre. Sein Werk besteht in der Eingliederung von Indianer-Stämmen in die zivilisierte Menschheit ohne Anwendung von Waffen noch von Zwang irgend welcher Art. Meine Informationen stammen von Professoren der technischen Hochschule in Rio de Janeiro, die mit grösster Wärme von dem Manne und seinem Werk gesprochen haben. Einiges wurde mir auch im Film gezeigt. General Rondon selbst habe ich nicht kennen gelernt.

Auf Wunsch kann ich Ihnen Genaueres mitteilen, würde es aber lieber sehen, wenn Sie – etwa durch Ihren norwegischen Gesandten – sich die Informationen direkt verschaffen.

Mit ausgezeichneter Hochachtung

Prof. Dr. A. Einstein
Haberlandstr. 5. Berlin.

Imagem 01 – Carta escrita por Einstein em 1925

Ao Presidente do Comitê Nobel da Noruega

Caro Sr.

Permita-me chamar sua atenção para a atividade do General Rondon, do Rio de Janeiro, porque em minha visita ao Brasil tive a impressão de que este homem seria um digno merecedor do prêmio Nobel da Paz. Seu trabalho consiste na integração de tribos indígenas aos meios civilizado sem uso de armas, nem qualquer forma de repressão. As informações que tenho são baseadas no que ouvi de professores da Escola Técnica Superior do Rio de Janeiro, que falaram com grande entusiasmo sobre ele e seu trabalho. Algumas coisas também foram mostradas no filme. Não conheci Rondon pessoalmente.

Sendo do seu interesse, posso fornecer mais detalhes, mas seria melhor se o senhor, por meio de seus enviados noruegueses, buscasse confirmar pessoalmente esta informação.

Prof. Dr. A. Einstein
Haberlandstr, 5, Berlim

Imagem 02 – Rondon entregando presentes aos Pareci

Imagem 03 – Rondon conversa com o chefe dos Bororo

Amazônia: Verde, Verde, Verde II
(Hiram de Freitas Câmara)

[...] Verde, verde, verde
À sombra da sapopemba,
Séculos de soberania
Debruçados no vale
Imenso, Solimões,
Solidões espalhadas
Planície de amazonas
Ikamiabas guerreiras
Em um dabacuri
Saudando Buopé,
Jurupari, Ceucy da terra
Na terra das mil ilhas
Na terra das mil ONG,
Mil cobiças, ameaças
De novos donos e danos
Com o passar dos anos
Água já sem a vida
De dez mil anos atrás
O que fazer, Jurupari,
Deus do prazer e saber
Para manter a Amazônia
Brasileira, soberana,
Pelo tempo que se alongue,
Salva da destruição?

O que fazer, Jurupari,
Deus do prazer e saber,
Para que Yrurini
Não te roube Kukuy
Nem nos roubem daqui
A terra das mil ilhas
Dos mil brilhos da riqueza
Que inspirou tua beleza
Por quanto resistirás?
Verde, verde, verde
Onde ainda o acharás?

Mensagens

Gen Div Marco Aurélio Costa Vieira

Meu Caro Cel HIRAM

Saudações AMAZÔNICAS, na acepção da palavra...

Meus sinceros e entusiásticos cumprimentos pela obra, um trabalho de fôlego e onde está demonstrado, de forma cabal, o seu conhecimento profundo da nossa Região Amazônica, tão desconhecida e tão carente de atenções como esta.

Muito obrigado também pelas citações. Estamos juntos, acredite. Parabéns!

Prossiga na missão!!!

Aqui na DFA/RJ, continuamos às ordens.

Gen Marco Aurélio (Diretor de Formação e Aperfeiçoamento)

Cel Gélio Augusto Barbosa Fregapani

Amigão, mando em anexo e transcrito abaixo por garantia.

Trata-se do rascunho que eu tenho no computador, no livro "*No Lado de Dentro da Selva II*" está revisado e com fotos. Lamentavelmente não tenho nenhum comigo, aqui em Porto Velho.

Estou seguro que algo possa compor o teu livro, que sei, será como um campo de minas: ajudará a deter o inimigo e ainda terá efeito muito tempo depois. Ficarei honrado com qualquer utilização que fizeres e dispenso créditos ou qualquer dessas "*firulas*" de escritores.

Saiba que, como tantos outros, acompanho atentamente tuas magníficas e corajosas expedições e te reconheço, com admiração, o melhor do nosso tempo.

Com um abraço de irmão.

Fregapani

Cel Fernando Luís Menna Barreto

Caro Hiram

Inicialmente, meus parabéns pelas suas atividades desbravadoras e pioneiras, notadamente as descidas do Solimões e do Negro, que o tornaram um grande exemplo de militar e de cidadão que luta pela defesa dos interesses do nosso país.

Como você deve saber, meu pai, o Coronel R1 Carlos Alberto Lima Menna Barreto, foi o primeiro Comandante do 2° Batalhão Especial de Fronteira, hoje 7° Batalhão de Infantaria de Selva, tendo comandado o Batalhão de 1969 a 1971, totalizando 2 anos e 10 meses em Boa Vista. Posteriormente, foi convidado, em 1985, para ser Secretário de Segurança do Território.

Baseado nessas duas experiências e possuindo uma intensa paixão pela Amazônia, decidiu escrever um livro, intitulado "*A Farsa Ianomâmi*" para denunciar o que vinha sendo forjado internacionalmente para transformar o rico território roraimense em "*santuário ecológico*" e latifúndio indígena. As aspas são para caracterizar que o objetivo de impedir a exploração das riquezas naturais valia só para os brasileiros, o que estamos vendo já há algum tempo, e que, a mensagem que você encaminhou, só ratifica.

Um forte abraço! SELVA!

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Rio Negro
(Celina Vasques)

Da minha varanda vejo entre árvores e telhados...
O Rio Negro!
Com sua imensidão e beleza no horizonte
A lua ilumina aquelas águas caudalosas e escuras...
As estrelas brilham como tapetes luminosos
No céu... resplandecente...

Nas areias pequenas espumas que lentamente
Vão desaparecendo em movimentos
Uniformes e sussurrantes...

O mistério... a fascinação
De todas as lendas contadas pelos velhos indígenas...
A crença irreal... no sobrenatural!

A tentação da longa travessia
Deslizando em suas águas calmas e doces...
Quentes... faltava apenas um trovador!

Rondon

Rondon: altura média, testa larga, fisionomia distinta, traços finos, olhos amendoados, queixo delgado. Herói que nasceu soldado e morrerá soldado. Mas herói "sui generis" que, para não matar, nem deixar que se matasse um só homem, preferiu arrostar cem vezes a morte. (Fuad Carim – Embaixador da Turquia no Brasil)

Falar de Rondon é abusar dos adjetivos, é falar no superlativo. Encontramos, nas obras e artigos de Esther de Viveiros, Ruy Castro, Leonardo Coutinho e do Major Amílcar Botelho de Magalhães relatos extremamente interessantes que achamos por bem, como pesquisador, nada acrescentar, nada a retocar tal a qualidade e riqueza de detalhes dessas fontes.

Apresentamos, pois, ao leitor brasileiro a vivência contagiante de brasilidade, desprendimento e coragem de um ícone tão magnífico que a nação resolveu materializar sua grandeza batizando um estado brasileiro com seu nome – *Rondônia*.

O Caboclo Mimoseano

Esse caboclo, peregrino por patriotismo, viajante por ideal, desbravador por destino, apaixonado por ofício, pioneiro por temperamento, incansável por dever, estoico por profissão, soldado da paz, a serviço das fronteiras que ajudou a demarcar e do Sertão, que ajudou a revelar, na mais nobre das conquistas e na mais santa das vitórias, Rondon é glória que reúne os mais altos méritos militares aos mais altos méritos civis. (Benjamim Costallat)

Família

Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em Mimoso, MT, em 5 de maio de 1865.

> [...] minha ascendência materna indígena – índios Terena e índios Bororo. Com os Guaná de quem descendia minha avó paterna, Maria Rosa Rondon, são três as tribos de que descendo. [...] Casaram-se meus Pais, Cândido Mariano da Silva e Claudina Lucas Evangelista, no Mimoso. Foram meus padrinhos Antônia Rosa da Silva e Quintiliano Pereira de Castro. Maria Antônia de Arruda, mulher do pescador Antônio Alves, foi "*madrinha de carregar*", isto é, ter nos braços o neófito, até lhe ser ministrado o sacramento do batismo. (VIVEIROS)

A Terra Natal

> Mimoso é Distrito do Município de Santo Antônio do Leverger, antigamente Santo Antônio do Rio Abaixo. [...] Era eu já um pequenino vaqueiro. Corria logo que alguém ia tratar do gado ou tirar leite. E não era só do leite que eu gostava. Quando, segundo a expressão popular, "*o homem transformava o touro, que Deus fez, em boi*", corria para junto da fogueira onde se realizava a operação e onde se assava o que fora extraído, e que todos nós saboreávamos. Iniciei, bem pequeno, as caçadas, de que fui sempre apaixonado – até que lhes compreendi a desumanidade. Minha arma era um bodoque com que atirava pelotas de barro. Vivia vida ao ar livre, vida sã e ativa, naquelas paragens pelos Bororos denominadas Aquiríio – nome de um pequenino pássaro que vive e faz os ninhos no capim macio das campinas. Voa para o alto, verticalmente, como uma seta, a subir cada vez mais, embriagado de luz e de altura, até desaparecer no azul... para depois se deixar cair, com um longo assovio aquiríiiiiio...

Em mim se desenvolviam, assim, naturalmente, os germes de todos os elementos do sertanejo. Meu avô materno, já viúvo, e Dindinha Joaquina que me criavam, não se esqueciam, entretanto, de me instruir. Terminada a guerra do Paraguai, em fins de 1871, veio para o Mimoso um ex-Sargento dos "*Voluntários da Pátria*". Propôs aos fazendeiros de maior destaque – entre os quais Antônio Caetano, meu tio, e João Lucas Evangelista, meu avô – ensinar a petizada, fundando uma escola de onde, ao terminar o ano, saía eu sabendo ler e escrever. Usava o ex-Sargento barba cerrada. Apesar do aspecto severo, só lhe chamávamos "*o 79*", seu número no regimento. Seu nome era Jacinto Heliodoro de Almeida e nascera em Niterói. (VIVEIROS)

Cuiabá

Em colóquio íntimo, transmitira meu Pai a meu tio seus tristes pensamentos:

> Mano Manoel Rodrigues, sinto-me muito doente. Penso no primeiro filho que vou ter. Posso morrer antes que ele nasça. Meu irmão, se isso acontecer, e se o filho esperado for um menino, não o deixe no Mimoso. Mande-o buscar, a fim de o salvar da triste ignorância em que jazem os filhos dos mimoseanos. Aqui em Mimoso, será ele um vaqueiro ignorante; na Cidade, poderá se preparar para servir melhor nossa Terra.

E realizaram-se aqueles tristes pressentimentos – não pôde ele estreitar nos braços o filhinho. Veio a falecer em fins de dezembro de 1864, quando rebentou a guerra do Paraguai, e eu nasci a 5 de maio de 1865, no aceso da luta desumana. Dois anos e meio depois, falecia minha Mãe. Meu tio, Manoel Rodrigues da Silva, sem aquilatar o alcance do compromisso tomado, cumpriu-o religiosamente: mandou

buscar-me quando atingi a idade de sete anos. E assim é que passei a segunda infância e o início da puberdade em Cuiabá, em companhia daquele tio, realizador dos sonhos de meu Pai. [...]

Era solitária e triste minha vida, em casa do tio viúvo – perdera ele a esposa, dois anos depois de minha vinda para sua companhia. Só tinha relações com a família de Manoel Lino de Christo, casado com Nhá Vita, irmã de sua falecida esposa, com Nhá Juvência, outra irmã, casada com João Marques, o "*palhaço*", como o chamavam, pelas suas pilhérias e com Nhá Balbina, outra parenta. Minha convivência era, pois, com filhos de trabalhadores que frequentavam a escola. E, desde logo, como sempre, no correr de minha carreira, puseram-me como Chefe, Chefe da meninada. Aliás, não tinha eu muito tempo para brincar. Quando não estava agarrado aos livros, ia ajudar o tio na venda de roça, onde de tudo se vendia, inclusive peixe frito que, com farinha, constituía a alimentação dos trabalhadores. [...]

Ao chegar eu a Cuiabá, em 1873, estavam fechadas as matrículas nas escolas públicas e, para não perder tempo, pôs-me meu tio na escola particular de Mestre Cruz. No ano seguinte, fui matriculado na escola pública do Professor João Batista de Albuquerque, uma vez que meu tio não tinha posses para pagar uma escola particular. [...] Passei, depois da escola de Mestre João, para a do Professor Francisco Ribeiro da Costa, Mestre Chico, na qual completei o curso primário, em 1878. [...] Matriculei-me em 1879 na Escola Normal – que tomou no ano seguinte o nome de Liceu Cuiabano – completando com distinção o curso normal, em princípio de novembro de 1881, isto é, com 16 anos. Tornei-me assim, uma vez diplomado, apto a exercer as funções de Professor primário, tendo sido nomeado.

Sem conhecer ainda os sonhos de meu Pai a meu respeito, inspirei-me nas resoluções de meus colegas do Liceu, que assentavam praça para estudar na Escola Militar. [...] Por isso, pouco antes de me formar, procurei meu tio, para uma conversa. O bom Manoel Rodrigues assustou-se, quando lhe disse:

– Meu tio, deixe-me estudar no Rio de Janeiro.

– Como te poderei eu sustentar lá! Procurei satisfazer teus desejos, nesse teu anseio de aprender, de progredir, mas mandar-te para o Rio, não é possível, não tenho recursos para isso!

– Não lhe estou a pedir recursos, meu tio, e sim o seu consentimento. Quanto aos meios para estudar no Rio, há muito venho preocupado com o problema, e já lhe encontrei a solução. [...]

Aflito, ao pensar nas dificuldades que teria eu de enfrentar, como soldado, foi procurar seu amigo, o Dr. Malhado, médico, Professor de pedagogia na Escola Normal, que me dera distinção. Expôs-lhe suas preocupações. Voltou Manoel Rodrigues satisfeitíssimo e apressou-se em me comunicar que decidira me adotar, para que, na qualidade de filho de Capitão da Guarda Nacional, me fosse possível iniciar a carreira como Cadete, e não como soldado. Dr. Malhado dar-me-ia carta de recomendação. Qual não foi, porém, sua surpresa quando, em vez da alegria entusiástica com que contava, teve a minha resposta:

– Fico-lhe muito agradecido pela sua ideia, mas não posso aceitar que me adote.

– Dizes-me isso a mim, que te criei, que fiz por ti tudo quanto em mim coube!

– Pai só posso ter um – é o Senhor meu tio, um tio que muito prezo e a quem muito estimo. Nunca poderá, entretanto, ser meu Pai!

E fui assentar praça. Não aceitei também carta de recomendação.

> –Se não puder me encaminhar sozinho, renunciarei a meus projetos e serei vaqueiro – garanto-lhe que bom vaqueiro! Para não magoar Dr. Malhado, aceite a carta e dê-ma. Inutilizá-la-ei.

Tinha Manoel Rodrigues da Silva um homônimo cujas falcatruas andavam pelos jornais – resolveu, por isso, acrescentar ao seu nome o apelido de sua Mãe: Rondon. E passou a assinar-se Manoel Rodrigues da Silva Rondon. Ao formar-me, adotei o nome de Rondon, em homenagem ao tio que quisera ser meu pai. Requeri, ao Ministro da Guerra, permissão para acrescentar Rondon ao meu nome e passei a assinar Cândido Mariano da Silva Rondon, depois de deferido meu requerimento. (VIVEIROS)

Soldado

Poucos dias, apenas, depois de ter terminado meu curso no Liceu Cuiabano, era eu soldado do 3° Regimento de Artilharia a cavalo, com praça verificada a 26.11.1881, no Quartel do antigo acampamento Couto de Magalhães, em Cuiabá, e com destino à Escola Militar da Praia Vermelha. Para isso requeri, previamente, licença para nela me matricular. Embarquei a 02.12.1881, com destino ao Rio de Janeiro, aonde cheguei a 31. Fui então mandado agregar ao 2° Regimento de Artilharia a cavalo, em que iniciei a instrução de recruta, e incluído na 4ª Bateria do Regimento, sob o comando do então Capitão Hermes da Fonseca, com o soldo de 3$160. Não tardou muito, porém, que reconhecessem em mim preparo acima daquelas funções e, como eu tinha boa letra, fui designado para o cargo de amanuense ([3]) da secretaria do Regimento.

---

[3] Amanuense: encarregado de copiar textos à mão. Todo escriturário de repartição pública que manualmente registra documentos ou os copia.

Tendo, mais tarde, o Quartel Mestre General requisitado um praça, graduado ou não, para o cargo de amanuense, fui eu designado. Vinha a pé de São Cristóvão ao Quartel-General – mas, ao chegar à esquina da Praça, comprava pé-de-moleque a uma baiana. Sacudindo os balangandãs e mostrando os dentes alvos, em bondoso sorriso, oferecia ela gostosas guloseimas, ativando, de vez em quando, as brasas em que assava os beijus.

Muito me fazia sofrer o alojamento com os Cadetes. Minha vida de menino que só tinha um sonho – estudar para bem servir sua Terra – não me preparara para a convivência com rapazes de tão descabelada linguagem. Como amanuense do Quartel Mestre General, porém, poderia eu residir fora do alojamento. Desarranchado, passei a receber um soldo que me permitia pagar o aluguel do quarto e fazer as refeições em um frege-moscas... ([4])

Vinha o bodegueiro, um gordo português, ler o cardápio – deixava-o eu cantar a lista dos quitutes e invariavelmente pedia um prato de feijão... que comia com pão. E assim vivia sem apuros. Arranjara um meio de poupar lavagem de roupa: usava um colarinho de celuloide na gola da farda irrepreensível, rigorosamente abotoada... para disfarçar a falta da camisa.

Não eram válidos, para a matrícula nas Escolas Superiores do Rio, os exames do Liceu Cuiabano. Não me foi assim possível matricular-me na Escola Militar em 1882. Não desisti, entretanto, como meus colegas de Cuiabá, vindos ao Rio com o mesmo objetivo, que regressaram, convidando-me a que fizesse o mesmo. Mantive-me firme no propósito de contornar a dificuldade.

---

[4] Frege-moscas: restaurante ou bar insalubre ou de pouco asseio.

Procurei imediatamente solução para esse novo problema e verifiquei que os exames, prestados na Instrução Pública, eram válidos para a Escola Militar. Inscrevi-me, pois, em 1883, em todos os exames do Externato Pedro II e cheguei a prestar os de Português e Geografia cujo lente, o Dr. Xavier – que mais tarde viria a ser meu sogro – me deu plenamente. (VIVEIROS)

Escola Militar

Choviam, entretanto, empenhos para que todos os praças, aprovados no exame de admissão, que tivessem requerido matrícula na Escola Militar – era esse o meu caso – fossem admitidos como adidos à mesma Escola. O Ministro Carlos Afonso, o Afonsinho, como o chamavam, cedeu e assim, nós, 200 praças, fomos adidos à Escola Militar. Eram 200 novos alunos acrescentados à matrícula de 1883. Iniciei, pois, em 1883, meu curso de preparatórios, de três anos. Assim, só em 1886, no caso de ser sempre aprovado, poderia eu iniciar meu curso superior, para o qual trazia, do Liceu Cuiabano, todos os preparatórios necessários que só não poderiam ser aproveitados por não serem reconhecidos oficialmente. Decidi, pois, cursar o 1° ano exigido pelo regulamento e requerer, no fim do ano, exame vago dos 2° e 3° anos. Meus companheiros ficaram estatelados ante minha audaciosa decisão.

– Bicho peludo! Pensas que com a Matemática de Cuiabá vais vencer! É muito atrevimento! Vais levar bomba, na certa!

– É possível, mas estou convencido de que sei e vou tentar.

E tentei. Com Matemática de Cuiabá, tirei eu, o "*bicho peludo*", distinção no 1° ano e plenamente de 2° e 3° anos.

Nunca se havia realizado tal façanha na Escola Militar cujo rigor era inquebrantável, mas, vencendo, habilitei-me a me matricular no curso superior, o que realmente fiz, em 1884. (VIVEIROS)

Vencer com Brilho

Era minha vida austera e afanosa. Não perdia um minuto, consagrando todo o meu tempo, toda a minha capacidade moral, intelectual e prática, ao objetivo único de vencer com brilho – vencer para regressar a Cuiabá e, realizando o voto de meu Pai, servir à minha Terra. Nunca saí da Escola enquanto aluno. Não conhecia distrações a não ser os poucos momentos de cavaco ([5]) com os de "*minha casa*" – como eram chamados os agrupamentos na Escola Militar. Constituíra eu a "*minha casa*" com Ovídio Abranches [Goiás] e Fileto Pires Ferreira [Piauí], aos quais se vinham agregar três maranhenses, os dois Leais e Serejo, este ainda mais casmurro do que o mato-grossense – eu – guardando silêncio todo o tempo. Veio Alexandre Leal juntar-se a nós, quando eu cursava o 2° ano, pedindo transferência da Escola de Marinha para a de Guerra. Já era eu amigo de Antônio Leal, seu irmão, e logo me liguei também a ele. Não tinha livros, porque não podia comprá-los. Minha atenção se fixava, por isso, a tal ponto, nas aulas de Matemática que, com o auxílio de algumas notas, a bem dizer estenografadas, conseguia re-compor, integralmente, as preleções, quando voltava para a Companhia.

Minha vida era, entretanto, até certo ponto, vida à parte, porque nenhum dos companheiros suportava meu duro regime. Às quatro horas da manhã já estava de pé. Ia então tomar banho, na bica de José Justino, o porteiro da Escola.

---

[5] Cavaco: bate-papo.

Era essa bica um filete de água que descia, veloz, o dorso do morro da Babilônia, a cantar em surdina, claro veio perfumado pelas folhas que viera beijando em caminho. E nessa água fresca me retemperava eu. O banho de Mar substituía, às vezes, o banho de bica, malgrado os tubarões. Ainda escuro, galgava a muralha e lançava-me ao Mar. Era um banho rápido, por causa da escassez do tempo. Uma boa fricção e, antes das 5, já estava eu sentado, trabalhando com afinco, à luz de um candeeiro de azeite de colza ([6]), enquanto os companheiros dormiam. Às seis horas, quando tocava "*revista*", esfalfavam-se ([7]) eles para estar a postos; eu fechava calmamente a gaveta, punha em ordem os papéis e descia aprumado, com a correção que sempre procurei manter e apurar... mesmo quando circunstâncias pecuniárias me forçavam a andar sem camisa [...].

E o dia seguia seu curso, distribuído em exercícios – de cavalaria, infantaria, artilharia – em aulas, em revistas, até 16 ou 17 horas. Logo depois do jantar, às 17 horas, ia estudar, o que muito concorreu para minha moléstia, em 1885. Não era possível fazer a digestão, pedindo ao cérebro tão intenso trabalho intelectual, principalmente a digestão de refeições pesadas, à base de feijão e carne seca, como eram as da Escola Militar daquele tempo. E estudava até 20 horas, sem interrupção, sem me deixar distrair, sem me deixar vencer pela fadiga. Estudava em meio ao barulho, abstraindo-me, porque meus companheiros, em torno de mim, eram, em grande parte, foliões. Mas às 23 horas, invariavelmente, já dormia, enquanto os companheiros, sonolentos, procuravam os livros, numa tentativa de recuperar o tempo, às vezes mal aproveitado [...]

[6] Colza ou couve-nabiça (Brassica napus): de suas sementes se extrai o azeite de colza que pode ser utilizado na produção de biodiesel.
[7] Esfalfavam-se: fatigavam-se.

Dormia um sono calmo que nada perturbava – prêmio dos que vivem plenamente, empenhados em que cada dia seja tão perfeito quanto possível, sem temor de sofrimento, sem aflição de viver; prêmio dos que procuram fazer da vida larga sementeira de altruísmo, com os olhos postos em um ideal [...]

Cursei, em 1884, o 1° ano de infantaria e cavalaria – o chamado "*curso de alfafa*" – passando para o 2° ano, em que me matriculei em 1885. Deveria estudar, nesse mesmo ano, além de outras matérias, Matemática Superior: Cálculo Diferencial e Integral e Geometria Analítica. Era Professor da Cadeira Benjamin Constant Botelho de Magalhães, tendo como repetidor ([8]) o Capitão Trompowski. Estudava com meu habitual ardor, alcançando 10 em todas as sabatinas, ansiando, além de tudo, o título de Alferes aluno. (VIVEIROS)

A Enfermidade e o "Abacaxi"

Minha saúde não era, porém, boa e, nesse ano de 1885, baixei frequentemente à enfermaria, com perturbações gastrintestinais – consequência talvez do excesso de trabalho, logo depois das refeições, ou da avitaminose causada pelas deficiências alimentares anteriores – pão e feijão, exclusivamente, constituíram, durante muito tempo, minhas refeições. Em junho, quando descia da 2ª Cia para uma aula de Benjamin Constant, senti-me tão mal que caí sem sentidos, rolando a escada. Só dei acordo de mim quando já em casa de um colega mato-grossense que não consentiu em me ver baixar à enfermaria, sem o carinho especial com que desejava cuidar-me. Era esse colega meu grande amigo Jorge Otaviano. Com ele vivia meu conterrâneo, Manoel Fontoura, que me testemunhava especial apreço.

[8] Repetidor: professor.

Chamava-se a "*república*" dos dois, situada na Rua Dona Merenciana, travessa da Rua da Passagem, à direita de quem vai para o túnel novo, "*República do Fontoura*". Nos cuidados que me dispensava, era Jorge Otaviano auxiliado por Fontoura e assim, tratado com todo o carinho e entregue ao zelo clínico do Dr. Brancante, médico em Botafogo, ia me deixando ficar. Passava horas e horas sozinho, enquanto meus amigos iam para a Escola Militar. Meu estado de fraqueza não me permitia esforço intelectual. Punha-me a contar as tábuas do teto, ou as manchas da parede... e meus olhos aos poucos se fechavam...

Via-me então junto de um Rio que brotava no fundo de uma grota e, volumoso, se despenhava num salto, ao lhe fugir o leito, em cachões de espuma, envoltos num véu de gotas irisadas pelo Sol. Sentia o frescor dessa espuma e, em imaginação, com ela me lançava ao Rio, a nadar em braçadas vigorosas... E quando chegavam os amigos, dizia eu:

–Que vontade de tomar banho de cachoeira!

[...] Agravava-se meu estado, dia a dia. Perdi forças e emagreci, a ponto de ficar reduzido a "*pele e osso*". Meus colegas visitavam-me com frequência, mas, informados por Jorge Otaviano de que o Dr. Brancante considerava desesperador o meu estado, decidiram que fosse um grupo prestar homenagem ao enfermo. Voltaram desolados. Não havia dúvida de que minha "*brilhante*" existência, segundo diziam eles, terminaria antes de realizadas as fagueiras esperanças dos que em mim confiavam. Seria eu fugaz meteoro. Consternados, resolveram promover uma subscrição – para o enterro – praxe da Escola Militar, em relação aos alunos pobres. Mas houve sempre em minha vida muito imprevisto extraordinário. Chamei, certo dia, Jorge Otaviano e Fontoura:

– Estou com muita vontade de comer abacaxi, disse-lhes.

Os amigos trocaram um olhar, receosos de que eu estivesse delirando.

– Façam-me a vontade. É a única cousa que me apetece.

Encontraram uma evasiva:

– Vamos perguntar ao Dr. Brancante. Devemos, entretanto, prevenir a você que não é provável o consentimento dele – Você nada suporta, além do bismuto. Veio o Dr. Brancante ver o seu doente no dia seguinte.

– Perguntem ao Dr. Brancante se posso comer abacaxi, pedi-lhes.

Os amigos explicaram ao médico o meu desejo. O Dr. Brancante deu de ombros e teve um olhar de quem pensa: para que contrariá-lo, se nada mais há a fazer! Compraram abacaxi e, cortado em pedacinhos, tiradas as partes duras, me foi ele apresentado. Saboreei-o com delícia, com intenso prazer. Depois dormi – um sono de criança. Quando despertei, era como se vida nova me tivesse sido instilada. Espreguicei-me com largo gesto de bem estar e declarei:

– Sinto-me tão bem! Vocês vão me dar sempre abacaxi – e depois uvas...

– Mais devagar, o abuso poderia prejudicar tão surpreendente melhora.

Dois dias depois veio o Dr. Brancante e constatou, boquiaberto, a maravilhosa reação, a verdade do que diziam meus amigos: “*está restabelecido*”. Suspendeu toda medicação, prescrevendo dieta de frutas e alimentos leves. E assim rapidamente me refiz. (VIVEIROS)

A Primeira "Bomba"

Pensei então em reaver o tempo perdido. Estávamos em dezembro. Queria fazer exames vagos, apesar das ponderações dos amigos:

– Pois se você chegou a ponto de não mais saber ler!

– Mas já voltei ao meu estado normal e estava adiantadíssimo meu estudo de Matemática. Espero, pois, poder vencer.

E requeri exame vago de Química. Entretanto, traíram-me as forças, o físico não obedeceu ao comando do cérebro e perdi os sentidos na ocasião da prova. O exame fora requerido e assim forçoso me foi levar minha única bomba.

Não foi, entretanto, levada esta em conta, quanto ao título-prêmio de Alferes aluno, uma vez que, não tendo eu sido arguido, não houvera exame. Perdi o ano, mas não fui desligado da Escola. Fez o Coronel Costalat questão que assim fosse, embora contrariando as normas estabelecidas, em vista de minha excepcional classificação. (VIVEIROS)

O "Explicador"

Em 1886, foi o 2° ano cursado com a maior facilidade, pois, quando adoeci, em junho do ano anterior, já estava senhor de quase toda a matéria. Tornei-me, por isso, o "*explicador*" dos companheiros mais atrasados, varando às vezes noite adentro, para lhes ensinar o ponto sorteado. Cuidava, ao mesmo tempo, de minha colaboração na revista "*Família Acadêmica*", com Lauro Muller, Euclydes da Cunha, Moreira Guimarães, Gomes de Castro e muitos outros. Fortalecia-me e engordava, como um urso, depois de longa invernada, sempre interessado em minha função de Professor de vários colegas. (VIVEIROS)

Dona Chiquita

Em fevereiro desse mesmo ano, tomei parte nos exercícios da Escola Militar, realizados no espaçoso terreno situado em frente à mesma. Pelos meus amigos, Antônio e Alexandre Vieira Leal, foi o Dr. Xavier convidado para, com sua família, assistir aos exercícios. Eram meus amigos filhos do Dr. Antônio Henrique Leal, Diretor do Colégio Pedro II, de que era o Dr. Xavier Professor. Muito amigos da família Xavier e meus, haviam os dois contado a minha história, com todas as minúcias e pediram, nesse dia, permissão para me apresentar – ao que prontamente acedeu o Dr. Xavier, interessado, como bom Professor que era, por um rapaz que diziam tão estudioso. Em um dos intervalos, foram os Leais me buscar.

– Apresentar-me à família do Dr. Xavier! Pois vocês não sabem que sou "*bicho do mato*", que só sei lidar com livros e, a não ser o de meus companheiros, qualquer contato me faz morrer de acanhamento!

– Mas você não nos vai deixar mal! Já prometemos levá-lo à presença do Dr. Xavier.

Muito a contragosto, acompanhei os amigos.

– É este o melhor aluno da Escola, foi a apresentação feita por Alexandre.

Acolheram-me muito gentilmente Dr. Xavier, D. Teresa, sua esposa, e as Senhorinhas Teresita e Chiquita, suas filhas. Manteve-se em silêncio, ante a cordialidade com que foi recebido, empertigado como se estivesse em forma. Depois fugiu, eclipsou-se, tal foi o comentário de Chiquita aos meus amigos. É que eu a ouvira dizer à irmã: "*Como é gordo!*" Não lhe passava pela mente que viria a amar aquele tímido e gordo aluno da Escola Militar, que acabava de conhecer, com todos os extremos de seu nobre

coração, a ponto de, já no fim da vida, repetir frequentemente que preferia sobreviver-me, para que me fosse poupada a dor da separação, para que nunca me visse privado de seus ternos cuidados. (VIVEIROS)

Sangue na Guelra

Matriculava-me, em 1887, no 3° ano da Escola, onde, além do estudo das outras disciplinas, completaria o de Matemática Superior com Mecânica Racional, ensinada pelo Coronel Manoel Cursino Peixoto Amarante, Comandante do Corpo de Alunos. Havia na turma dois alunos cuja nota habitual era "*distinção grau 10*", em primeiro lugar, eu, e, em segundo lugar, Aníbal Cardoso, irmão de Licínio Cardoso, que cursara a Escola Politécnica nos anos correspondentes à Escola Militar e pedira transferência para esta.

Em uma sabatina foi-nos dada para ser resolvida, entre outras, uma questão simples cuja solução poderia ser encontrada por meio de cálculo aritmético. Mas, "*vaincre sans peril*" seria "*triompher sans gloire*" ([9]).

Preferi, pois, exprimir o problema por uma equação diferencial e, integrando-a, encontrar a solução. Ao dar os resultados da sabatina, anunciou o Coronel Amarante: – Distinção grau 10: em 1° lugar Aníbal Cardoso e, em 2° lugar, Cândido Mariano da Silva. E, dirigindo-se a mim:

– Não foi desta vez seu o 1° lugar, porque, para uma simples questão aritmética, embrenhou-se o senhor nas complicadas dificuldades de cálculo diferencial e integral.

---

[9] À vaincre sans peril, on triompher sans gloire: Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória – verso de Pierre Corneille em El Cid.

Eram sempre muito vivas minhas emoções – e a válvula de segurança eram, frequentemente, as lágrimas. Não disse palavra, mas os olhos se me marejaram. Na sabatina seguinte, entregava eu a prova em branco. Interpelado, respondi ao Coronel Amarante que não mais faria sabatinas.

– Mas vai o senhor perder o ano! – Reprove-me... se puder.

E a média pôs-se a descer, uma vez que a nota era adicionada à da sabatina e dividido o total por dois – ora, em branco, a nota da sabatina era zero. De 10 passei, pois, para 5 e, na última sabatina, desci a zero. Não era permitido entrar em exame com zero – mas o Coronel Amarante restabeleceu a nota que sempre fora a minha: 10. Para assistir ao meu exame – verdadeiramente exame vago – convidou o Coronel Amarante o Comandante da Escola, mas este acabou por se retirar, ante minha atitude agressiva. Ferido ainda pela lembrança do 2° lugar, classificação que considerava injusta, espicaçado pelas perguntas fora do ponto, quebrava o giz e, observando-me o Coronel Amarante que deveria alinhar melhor os algarismos, retruquei:

– Peço licença para lembrar que não é de Aritmética o exame que estou fazendo.

O Major Antão, repetidor que fazia parte da mesa examinadora, pediu permissão para me arguir, quando o Coronel Amarante me mandou sentar. Prosseguiu o exame vago, conservando eu a mesma atitude provocativa. Observado sobre a redação de um enunciado, respondi, ainda uma vez, desabridamente.

– Não é de Português o meu exame.

A prova fora excepcionalmente brilhante e o Coronel Amarante bateu-se para que fosse 10 a nota.

Mas os seus companheiros de mesa a isso se opuseram: que o moço precisava ser punido por sua atitude de indisciplina, e que prisão de alguns dias não seria punição para ele, e sim a perda do lugar que sempre mantivera. Chamou-me então o Coronel Amarante ao seu gabinete e soube tocar-me as fibras mais delicadas do coração. Como quando fora classificado em segundo lugar, a resposta foram lágrimas insopitáveis que me rolaram pela face impassível... mas eram estas bem diferentes das primeiras... E por isso, minha nota foi, naquele ano, “9,5”, embora a prova escrita fosse considerada n° 1, e o Coronel Amarante, chamando a atenção para meu esforço excepcional, concluísse:

– Nós, quando alunos, também fomos assim, com sangue na guelra... (VIVEIROS)

Escola Superior de Guerra

Anchieta, Aspilcueta e Nóbrega ressurgem unificados nessa personalidade incomparável, única, abençoada, nesse homem que tão alto eleva a nossa raça, a nossa nacionalidade, desmentindo, pelo exemplo, por atos e palavras, o pessimismo ultramontano dos que descreem de nossos destinos... Rondon, ao lado das tarefas de técnico, desdobra, maravilhosamente, as energias de um Santo. E de tribo em tribo, de taba em taba, de maloca em maloca, vai esse homem admirável surgindo, de olhos brilhantes e sorriso nos lábios, estendendo ao silvícola, sobre a palma da mão leal, sementes de fraternidade, germes de progresso, de paz, de harmonia e confiança.
(Castro Menezes)

“*Alferes-aluno*” era um título acadêmico, prêmio concedido aos que no 1° e 2° anos não tivessem tido nota inferior a “*plenamente*” em nenhuma matéria – do mesmo modo que só poderiam seguir o curso de

Engenharia Militar os alunos que não tivessem nenhum "*simplesmente*" em sua vida escolar preparatória. "*Alferes-aluno*" era prêmio muito difícil de obter. Era eu o 1° na lista de 1886, para a promoção a "*Alferes-aluno*". Em tão pequeno quadro havia, entretanto, pouquíssimas vagas. Não me resignava a essa indefinida expectativa. Dirigi um requerimento ao Comandante da Escola, pedindo que providenciasse para a promoção pela qual, 1° na lista, há dois anos eu esperava. O Comandante chamou-me ao seu gabinete e mostrou-me, com bondade, o quanto é a disciplina indispensável à vida militar – de que é a base. Explicou que meu requerimento constituía grave ato de indisciplina, passível de prisão na Fortaleza de Santa Cruz, mas que, conhecendo-me, limitaria a afetuosa admoestação.

Ereto, firme, a olhar para o Comandante nos olhos, borbulharam-me ainda uma vez lágrimas grossas e silenciosas. Fui pouco depois promovido a "*Alferes-aluno*", a 04.07.1888, passando meu soldo a 50$000 mensais – uma fortuna naquela época, sobretudo para mim que me habituara a uma vida estoica.

O primeiro posto de oficial me fora atribuído quando já tinha os cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e quase o de Estado Maior de 1ª classe, como simples soldado-aluno. Mas nesse mesmo ano, decisivo em minha vida, tirei o curso de Estado Maior de 1ª classe, tendo estudado astronomia com o Major Oliveira.

Ainda em 1888, criou o Governo a Escola Superior de Guerra, ficando na Praia Vermelha somente os alunos cadetes. Os oficiais foram transferidos para a nova Escola, com sede no Edifício do antigo Arquivo Militar. Na Escola Superior de Guerra, terminei o estudo de Matemática Superior – cálculo das funções – com Benjamin Constant.

Criara o Governo a cadeira de Alemão, regendo-a um genro de Benjamin Constant, alemão, e nesse curso me matriculei também. Fui desligado da Escola Superior de Guerra a 8 de janeiro de 1890, 55 dias depois da Proclamação da República, recebendo então o título de Engenheiro Militar e o diploma de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. (VIVEIROS)

A Abolição e a República

O Coronel Rondon tem, como homem, todas as virtudes de um sacerdote, é um puritano de uma perfeição inimaginável na época moderna; e, como profissional, é tamanho cientista, tão grande é o seu conjunto de conhecimentos, que se pode considerar um sábio. Quanto mais eu o conhecia e o estudava, em meio da contemplação da grandeza do Brasil, mais me firmava na ideia de que essa grandeza não era maior do que a do filho ilustre desse recanto prodigioso da Natureza. (ROOSEVELT)

Tive a honra de participar de dois movimentos cívicos que, logicamente, se encadeiam: a Lei Áurea ([10]) e a Proclamação da República. O ano 1888 foi de intensa preocupação social, reflexo da grande crise que abalara a França. Lá, movimento negativo, conduzido pela Metafísica – fase iniciada em fins do século XIV – oscilava entre a escola filosófica de Voltaire e a escola política de Rousseau, proclamando uma a liberdade, pretendendo outra a igualdade, incapazes ambas de construir.

Mas no trinômio lendário da Revolução Francesa – "*Liberdade, Igualdade, Fraternidade*" – representava esta a parte construtiva, constituindo todo o programa de reorganização social. Sustentada pelos Enci-

[10] Lei Áurea: libertação dos escravos.

clopedistas, com Diderot, Hume, d'Alembert, Condorcet, era defendida por Danton. A esta escola se ligaram os ardorosos moços da Escola Militar, orientados pelo Tenente Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, o Mestre Amado. Por ele esclarecidos, compreenderam que o caos tremendo, em que as cabeças de um Lavoisier e de um Condorcet tinham sido lançadas, sem hesitação, como alimento ao novo Moloch ([11]), não representava de modo algum as fraternais aspirações dos Enciclopedistas. Não mais confundiram os esforços construtores de Danton, Hoche, Carnot, com a fúria assassina e os processos sanguinários de Robespierre.

Embeberam-se na essência regeneradora daquela explosão, cujos reflexos iluminavam novos horizontes. E foram abolicionistas e foram republicanos. Já era antigo o anseio de libertar os escravos. Mesmo antes do grande José Bonifácio, os conspiradores da "*Inconfidência*", em 1789, os patriotas revolucionários pernambucanos de 1817 e os chefes de outros movimentos republicanos projetavam suprimir a escravidão, caso fossem vitoriosos.

Por outro lado, a nacionalidade se viera formando e aspirava à independência sob a forma republicana: fora o patriota Bernardo Vieira de Melo, em 1710 [guerra dos Mascates], os conspiradores mineiros de 1789, as grandes revoluções de 1817 e 1824, a guerra civil dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, além de outros movimentos de menor gravidade. Desde 1870, era a propaganda republicana feita com mais firmeza, formando-se clubes, combatendo-se a monarquia pelos jornais, em reuniões cívicas.

[11] Moloch: deus amonita para o qual eram realizados sacrifícios dos recém-nascidos.

Os oficiais quase não permaneciam mais na Escola, empenhados em conferências políticas, sobretudo nas de Silva Jardim. Advertiu-os o Comandante da Escola de que se deveriam abster de comparecer a essas conferências.

– Pelo menos, acrescentou, não o fizessem fardados. É inútil dizer que eu me entregara de corpo e alma a essas aspirações renovadoras.

Ao ouvir a advertência do Comandante, levantei-me e declarei:

– Não posso ir a parte alguma sem ser fardado; o Senhor Comandante fará o que julgar de seu dever.

Principiou o Governo a se preocupar, sobretudo com o efeito dessa atitude dos oficiais no ânimo dos alunos. Daí a reorganização a que me referi: na Escola Militar da Praia Vermelha continuaram os Cadetes e passou a funcionar a Escola Superior de Guerra, para os oficiais, no edifício do antigo Arquivo Militar, defronte ao Quartel do 2° Regimento de Artilharia a Cavalo, à Avenida Pedro II, depois Pedro Ivo. Aí estudava eu Alemão e Matemática Superior – cálculo das funções, mas o estudo caminhava paralelamente às preocupações sociais, ao entusiasmo com que prometera dar a vida pela organização de uma sociedade melhor, mais fraterna.

A questão militar viria agravar a efervescência, questão esta, em parte, consequência do erro político da monarquia de manter a escravidão, deixando que o movimento abolicionista se fizesse à revelia do Governo, apesar do magistral projeto de José Bonifácio, concebido desde 1823, segundo o qual o tráfico seria extinto dentro de quatro a cinco anos, abolindo-se gradualmente o cativeiro. No regime antigo, em que a civilização era militar, compunha-se a sociedade de vencedores e vencidos, praticamente,

de soldados e escravos. A estes cabiam as funções industriais, àqueles a profissão da guerra. As lutas quotidianas punham em evidência a superioridade dos chefes, dando-lhes inexcedível prestígio sobre as tropas que os seguiam como prediletos da vitória.

A partilha do perigo e das privações, a ansiedade com que, temerariamente, buscavam as posições mais arriscadas, a imperturbabilidade com que arrostavam as mais duras provações, acendiam no ânimo dos soldados verdadeiro entusiasmo pelos seus chefes.

A estes, por outro lado, a convicção de que eram seres superiores, de origem sobre-humana, pelo direito divino, a veneração extrema de que se viam cercados, davam uma dignidade de que debalde se procuraria hoje equivalente. Tudo concorria, pois, para a mais completa obediência dos subordinados, base de perfeita disciplina.

Tal regime, porém, se foi diluindo e acabou por se esgotar em fins do século XIII, quando se iniciou a longa transição revolucionária que se agravava dia a dia, buscando, desordenadamente embora, atingir o regime pacífico-industrial.

Era o Imperador, pela sua origem, um Chefe militar – nunca, porém, pelas suas tendências. A índole simpática do povo brasileiro, que leva os "*próprios militares a se subordinarem à influência da opinião civil, garantiu-lhe a obediência de oficiais saídos de classes imbuídas de constitucionalismo e ligadas ao trono por interesses diversos. A disciplina foi fácil, também, por ser diminuta a Força Armada de Terra e Mar, até a guerra do Paraguai. Passaram então as solicitudes para com o Exército e a Marinha a preponderar no Governo, pelo fato de o Príncipe consorte ter chefiado o desfecho da Guerra.*

Assim, o desenvolvimento do Espírito Militar depois desta e, paralelamente, a evolução de sentimentos e opiniões, que se vinha processando desde Tiradentes, tornaram precária a obediência ao Imperador e a direção política foi saindo das mãos dos civis para as das corporações militares. O dissídio se alargava".

Em 1888, enviou o General Manoel Deodoro da Fonseca uma representação à Princesa, para que *"não obrigasse o Exército a colaborar na captura dos escravos*". Estava assim feita, de fato, a abolição, certos os fugitivos de que ficariam impunes, uma vez que o Exército não mais colaboraria nas batidas para capturá-los. Não tendo a Monarquia mais força para manter a escravidão, a abolição se fez "*porque a Nação o quis e assim o quis*" disse João Alfredo, o autor da "*Lei Áurea*". A fraqueza da Monarquia não decorreu, pois, da abolição e, sim esta é que proveio daquela. Eis um trecho da representação que o General Manoel Deodoro da Fonseca enviou à Princesa:

> Diante de homens que fogem calmos, sem ruído, mais tranquilamente que o gado que se dispersa pelos campos, evitando tanto a escravidão como a luta, e dando, ao atravessar cidades inermes, exemplo de moralidade cujo esquecimento tem feito muitas vezes a desonra dos exércitos mais civilizados, o Exército Brasileiro espera que o Governo Imperial lhe concederá o que respeitosamente pede, em nome da honra da própria bandeira que defende.

Como castigo, e para afastá-lo da Capital, pelas suas atitudes nas questões militares, foi Deodoro, embora amigo pessoal da Família Imperial, destacado para Corumbá, como Comandante das Armas e das forças de observação na fronteira com a Bolívia. (VIVEIROS)

Tenente Coronel Benjamin Constant

Em começo de 1889 retirava-se ele, com suas forças, para o Rio. Exultou a Escola Militar, projetando, desde logo, estrondosa manifestação – mas o Governo Imperial proibiu que os alunos fossem recebê-lo. Submeteram-se eles, aparentemente, conservando-se na Escola, encerrados pelos seus altos muros e pelos seus portões trancados. Entretanto, na noite que precedia a chegada de Deodoro, saltaram os muros, por meio de grandes escadas, obtidas sob as vistas complacentes dos oficiais de serviço. E, fardados solenemente, foram recebê-lo com todas as honras.

No dia seguinte, o Corpo de Alunos formava e o Comandante da Escola lhes passava revista, ao mesmo tempo em que os interrogava, para abertura de rigoroso inquérito. Ao chegar junto ao Alferes-aluno Euclides da Cunha, exprobrou-o asperamente o Ministro Tomás Coelho, também presente, o não estar ele em forma, ao que respondeu Euclides da Cunha quebrando a espada e declarando que deixava de pertencer à Escola. Preso imediatamente, foi destituído do posto de Alferes-aluno – mas nada foi possível fazer contra a Escola, uma vez que houvera unanimidade na atitude tomada.

Viu-se, assim, o Governo Imperial forçado a "*não tomar conhecimento do sucedido*". Quanto a Euclides da Cunha, foi reintegrado por Benjamin Constant, ao ser proclamada a República, a pedido de todos os seus colegas. Feita a abolição, repontou, como transformação iminente, a República. Não ocultava Benjamin Constant suas convicções republicanas, ao contrário, expunha-as.

Convencido pelos ensinamentos de Auguste Comte ([12]), transmitidos, principalmente, por Miguel Lemos e Teixeira Mendes – de que a sociedade e o homem, tal como o mundo, obedecem a leis naturais, compreendeu que a reforma das instituições deveria ser precedida pela regeneração de opinião e costumes.

Decidiu empregar todo o esforço para poupar à Pátria perturbações e desordens, para transformar uma revolução, que vinha de longe e nada poderia conter, em evolução – ensinando. Foi da cátedra que espalhou as sementes de idealismo que frutificariam a 15 de novembro.

A Escola Militar da Praia Vermelha e a Escola Superior de Guerra formaram, de modo decisivo, em torno do idolatrado Mestre.

Por ocasião do banquete que a Escola Militar da Praia Vermelha ofereceu à oficialidade chilena do navio de guerra "*Almirante Cochrane*", foi o discurso de Benjamin Constant, pronunciado na presença do Ministro da Guerra, verdadeira profissão de fé.

O Mestre não foi preso e os alunos fizeram-lhe espontânea e entusiástica manifestação, não permitindo que soldados, e sim eles próprios, remassem no escaler que o conduziria para a Praia de Botafogo – faziam os Lentes o trajeto, entre aquela praia e a Escola, naquela época, por Mar.

Firmaram-se pactos de sangue! Compromissos cheios de ardentes protestos de o acompanharem até no terreno da resistência armada:

---

[12] Isidore Auguste Marie François Xavier Comte: filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo nasceu em Montpellier a 19.01.1798 e morreu em Paris em 05.09.1857.

– Mestre, não são arroubos de mocidade, nem tampouco explosões de entusiasmo extemporâneo os motivos que nos guiam no passo que hoje damos, não são flores que vos trazemos, nem o aplauso, embora merecido, pelo ato que ainda ontem praticastes, quando, no meio do júbilo que nos invadia, ao recebermos a visita dos bravos filhos da grandiosa República do Chile, com a vossa palavra clara, que esmaga gigantes, mostráveis a um dos Ministros da Coroa que ainda há muita dignidade no exército.

Não viemos também vos trazer alento, porque os titãs não se cansam.

Vimos apenas dizer-vos, Mestre e grande Amigo, que, nos dias desgraçados que atravessa nossa Pátria, ai deles, os que já estão procedendo à partilha do Segundo Reinado, se ousarem tocar naquele onde se guardam puras todas as nossas esperanças, urna preciosa que encerra o que pode haver de mais caro e de mais grandioso.

Era grande a apreensão pelo Terceiro Reinado, em mãos de um Príncipe estrangeiro.

– Mestre, sede nosso guia em busca da Terra da Promissão – o solo da Liberdade!

No dia 9 de novembro, realizava-se na ilha Fiscal um baile oferecido aos chilenos. Com alguns companheiros, assisti à chegada da Princesa. Dirigimo-nos então para uma sessão no Clube Militar, deliberadamente marcada para esse dia e hora e que só deveria ser iniciada depois de terem todos os convidados seguido para a ilha Fiscal.

Foi essa a célebre sessão do Clube Militar que decidiu da sorte da Monarquia, sessão presidida pelo Tenente Coronel Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, por se achar enfermo o Presidente, General Deodoro. [...] (VIVEIROS)

Adesão de Deodoro

O obstáculo a vencer era a dedicação de Deodoro ao Imperador, a quem muito admirava. Cuidava em derrubar o Ministério Ouro Preto ([13]), apenas. Sem aprofundar a situação até o âmago, só via nas dificuldades do momento a Questão Militar que o não levava além de uma mudança de Ministério.

Finalmente, assediado pela insistência de Benjamin Constant, acabou por declarar: Pois seja! Já que você assim o quer. (VIVEIROS)

Urgia Precipitar a Explosão

Foram procurados todos os republicanos, entre eles Aristides Lobo, Quintino Bocaiúva, Glicério, etc. Tentou-se aproximação com Floriano. Rui Barbosa só entrou em contato com os revolucionários na antevéspera da Proclamação da República. Estava muito adiantada a organização do movimento que deveria rebentar em breve. Mas o Coronel Solon, do 1° Regimento de Cavalaria, verificou que o Governo acabava de ter denúncia do que se passava e que, a qualquer momento, poderiam ser todos presos. Urgia precipitar a explosão. A 14 de novembro, muito cedo, foi ele comunicar a Benjamin Constant o que sabia. Manobrou no sentido de, na noite desse mesmo dia, reunir Benjamin Constant os oficiais do Clube Militar e das Escolas Militares, no Quartel do 2° Regimento de Artilharia a Cavalo – para onde

---

[13] Ouro Preto: Afonso Celso de Assis Figueiredo – Visconde de Ouro Preto, um dos políticos mais importantes do Segundo Império e amigo pessoal de D. Pedro II, nasceu em Ouro Preto, em 21.02.1836 e faleceu no Rio de Janeiro em 21.12.1912. Foi um monarquista ferrenho e Presidente do Conselho de Ministros do Império, cargo que assumiu em 07.06.1889, e que exerceu até 15.11.1889 quando foi preso e deposto, com a Proclamação da República.

acorreram também os oficiais do 1° e do 9° Regimentos de Cavalaria. [...]

Realizava-se nessa mesma noite uma festa em casa da família Vicente Marques Lisboa, um sobrinho do Almirante Tamandaré. Vivia essa família na vizinhança dos Leais, a quem a unia estreita amizade. Fazia anos Estela, a filha mais moça da família Lisboa, e era esse o motivo da alegre reunião. Entre os convidados estava a família Xavier. Sentia-me assim dividido entre o desejo ardente de estar ao lado de Chiquita e a preocupação de estar alerta. Resolvi, afinal, ir à festa, encarregando meus companheiros de república, entre eles Fileto Pires, Ovídio Abrantes, Astínfilo de Moura, de me prevenirem imediatamente do que houvesse. [...]

Daí a pouco ouviu-se, de fato, o rodar de um carro que se aproximava. Era um tílburi ([14]) que parou em frente à casa da família Lisboa e de onde saltou Fileto. Não entrou. No patamar da escada confabulou comigo e com os Leais que também se achavam na festa.

– Não passará talvez a noite, disse eu – a pensar na Monarquia – repetindo a versão de Fileto, como se se referisse a Abrantes.

Despedi-me, ficando todos compungidos e edificados com a dedicação daqueles moços que deixavam a festa – e seus interesses a ela ligados – para acompanhar um amigo enfermo. Os Leais partiram imediatamente, depois de prevenir a mãe, D. Rosa, e as irmãs que os acompanharam. [...]

---

[14] Tílburi: carro de duas rodas e dois assentos (tilbureiro e passageiro), sem boléia, com capota, e tracionado por um só animal. Inventado por Gregor Tilbury, na Inglaterra, em 1818, e trazido para o Rio de Janeiro em 1830.

Estava cheio o Quartel. Chegamos na ocasião em que era arrombada a Arrecadação. Pedi logo um dos revólveres Nagan que estavam sendo distribuídos – arma que conservo, com a que me ofereceu Roosevelt, verdadeiras peças de museu. Benjamin Constant chegou às duas da madrugada. Conferenciavam os oficiais, entre os quais o Coronel Solon. Ficou resolvido que se indagasse se a Marinha permitiria a saída da "*Brigada Estratégica*" e foi, nesse sentido, redigido um ofício ao Almirante Wandenkolk. (VIVEIROS)

Os Mensageiros

Escolheu Benjamin Constant, para portadores de tão importante mensagem, os dois discípulos em quem mais confiava – os discípulos amados – Tasso Fragoso e eu. Seríamos a ligação entre a "*Brigada Estratégica*" rebelada e os oficiais revoltados da Armada. Às quatro horas, partimos em cavalos escolhidos para uma galopada de São Cristóvão ao Clube Naval, no largo do Rossio. O tropel dos cavalos cortava o silêncio da madrugada, mas prosseguíamos sem obstáculos. Cauteloso, propus, ao sairmos da Rua General Pedra, para defrontar o Quartel-General, que nos mantivéssemos cosidos ([15]) com a grade do jardim, para não ser percebidos. Estava o Quartel-General todo iluminado, como que para advertir de que o Governo vigiava. Continuamos a cautelosa marcha, quase que sopitando o pisar dos cavalos, para que não ressoasse na calçada, até desembocar na Câmara Municipal.

Ao fazer a curva, para ganhar a Rua da Constituição, o meu cavalo prancheou – mas o vaqueiro mimoseano galopava firme na rédea e o animal que rodara, conseguiu firmar-se.

---

[15] Cosidos: colados, próximos.

Seguíamos, insensíveis a tudo o que não fosse o pensamento de chegar, o mais depressa possível, ao Largo do Rossio, ao Clube Naval e, quando apeamos, estavam nossos cavalos brancos de espuma. Levávamos a senha. Batemos a uma portinha que nos fora indicada, três pancadas espaçadas. Depois de alguns minutos, percebemos que alguém descia. Ouvimos, de dentro, as palavras da senha a que respondemos, repetindo por três vezes a contrassenha, segundo as instruções recebidas. Abriu-se, então, uma fenda na portinha, por onde introduzimos o ofício. Daí a pouco voltou quem recebera de nós o documento e, repetidas as mesmas formalidades, foi-nos entregue, pela fenda, o ofício-resposta. (VIVEIROS)

Brigada Estratégica

O tempo de montar de novo e lá partimos para o Convento de Santo Antônio, onde estava aquartelado o 7° Batalhão de Infantaria, a fim de informar da situação ao Capitão Ferraz. Já encontramos todos a postos. Depois de lhe falar e de lhe transmitir a mensagem de que éramos portadores, tocamos para São Cristóvão a galope, sem acidente. O dia despertava. Súbito, tingiu-se o Oriente sob uma chuva de ouro, pálida a princípio e depois cada vez mais rubra... e sobre essa cortina surgiria em breve o Sol, a iluminar um novo dia, a iluminar, pela primeira vez, a República Brasileira. Apesar da notícia de que o Governo estava a postos, vibravam todos de entusiasmo.

Ao ser conhecida a resposta do Almirante Wandenkolk, soaram os clarins e, em meia hora, estava formada a "*Brigada Estratégica*" que se compunha do 1° Regimento de Cavalaria, do 9° Regimento de Cavalaria, formado como Infantaria, por falta de cavalos, e do 2° Regimento de Artilharia a Cavalo.

Quanto aos dois oficiais de ligação, Tasso Fragoso e eu, formou ele no pelotão de Alferes-alunos, constituído em guarda pessoal de Benjamin Constant que assumiu o comando, e eu fui designado para comandar a 4ª Sessão da 4ª Bateria do 2° Regimento de Artilharia, sob o comando do Capitão Hermes da Fonseca.

Quando os regimentos se puseram em movimento, foram acompanhados pelas mulheres dos soldados, até certa distância, no desejo de participar dos acontecimentos em que se achavam envolvidos os seus, ansiosas pelo que lhes poderia suceder. Um mensageiro fora enviado a Deodoro, informando-o de que as tropas tinham tomado posição. Ignorava-se, entretanto, se sua saúde lhe permitiria assumir o comando, embora tivesse ele tomado o compromisso de, a menos de absoluta impossibilidade, comandar o movimento, mesmo doente. Era indispensável e urgente que o fizesse. (VIVEIROS)

Deodoro

Quando nos aproximávamos do Gasômetro, percebemos um carro que vinha a toda a brida – era Deodoro. Parou a tropa e ele, com esforço, montou o cavalo que lhe ofereceu um oficial, assumindo o comando. Às sete horas formava, em pé de guerra, a "*Brigada Estratégica*", estendida em toda a Praça, em frente ao Quartel-General, onde se achava reunido todo o Ministério, com exceção do Ministro da Marinha, o Barão de Ladário.

Estava a tropa revolucionária a postos, quando ele chegou. Foi detido pelo Alferes-aluno Adolfo Pena Filho que lhe deu voz de prisão. O Ministro disparou a pistola – que falhou – sobre ele, mas foi ferido no braço pelo oficial que, revidando, o prendeu, impossibilitando-o de se reunir aos seus colegas.

Conservavam-se fechados os portões do Quartel-General, salvo uma portinhola na porta principal, que se abria de vez em quando – e por ela falavam oficiais revolucionários ao ouvido do oficial que se achava dentro. Passava o tempo. As Forças do Quartel-General continuavam inativas e as Forças Revolucionárias, em linha de combate. É que Floriano desempenhava seu grande papel na proclamação da República – evitar derramamento de sangue. Aliás, embora não tivesse nunca Benjamin Constant podido ter com ele entendimento decisivo, confiava inteiramente no seu patriotismo. Finalmente, o Ministro da Guerra, Visconde de Maracaju, dirigiu-se a Floriano a quem, como Ajudante General, competia dar ordens às tropas:

– Você não está vendo que os revolucionários estão prontos para atacar? Faça sua tropa sair!

– Infelizmente, Senhor Ministro, não posso cumprir essa ordem.

– Você, um herói da guerra do Paraguai, teme dar solução a uma questão política?

– É que lá se tratava de inimigos e aqui iríamos matar irmãos. (VIVEIROS)

República

Seguiu-se animada discussão, mas Floriano se manteve inabalável. Eram de oito para nove horas. Um oficial comunicou, para fora, o que se passava. Abriram-se então os portões do QG, deram-se 21 tiros, vivas à República, sobretudo para abafar o inadvertido ([16]) "*Viva o Imperador*" de Deodoro. Este e Benjamin Constant, junto de quem me achava eu – que deixara o comando da 4ª sessão da 4ª bateria deram voz de prisão aos Ministros, declarando que estavam destituídos e à disposição da Revolução.

[16] Inadvertido: impensado.

Imagem 04 – Proclamação da República (Henrique Bernardelli)

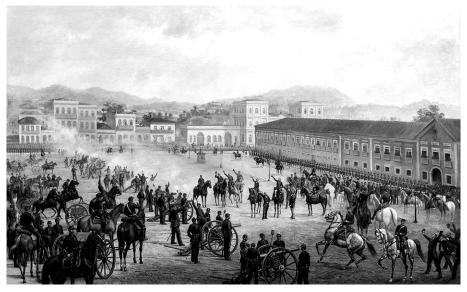



Imagem 05 – Proclamação da República (Benedito Calixto)

Imagem 06 – Benjamin Constant (Le Monde Illustré, 30.11.1889)

Não deixava Ouro Preto de olhar fixamente para Benjamin Constant – previra sempre que aquele moço daria com a Monarquia em terra.

Quando saíam, os Ministros foram apupados pelo povo, com exceção do Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Ministro da Agricultura, que a todos impunha respeito.

Houve então um desfile pela Cidade, em meio ao mais vivo entusiasmo. Dr. Xavier, ignorando o que se passava, acompanhava as filhas à Escola Normal. Ao passar em frente ao Quartel-General, fê-lo um oficial conhecido voltar para Cascadura:

– Onde vai, Xavier? Não é momento para passear com as filhas.

E os repetidos "*Viva a República*" completavam a advertência. O herói da memorável jornada, Benjamin Constant, levou a grandeza ao ponto de tudo atribuir a Deodoro, mesmo depois de rotas as relações entre ambos. (VIVEIROS)

Rondon e o Conde de Lippe

A disciplina e a hierarquia são fundamentos ancestrais de nosso glorioso e invicto Exército, herdados da velha Lusitânia e cuja perenidade deve ser preservada, pois como disse o consagrado historiador Gustavo Barroso: Todos nós passamos. O Brasil fica. Todos nós desaparecemos. O Brasil fica. O Brasil é eterno. E o Exército deve ser o guardião vigilante da eternidade do Brasil.
(Manoel Soriano Neto)

Conde de Lippe

Em 1762, Espanha e França determinaram que Portugal fechasse os seus portos aos navios ingleses. Como o governo português se recusasse, desencadeou-se a guerra. Tropas espanholas invadiram o território português tomando Miranda, Bragança e Chaves.

O Marquês de Pombal, então, por indicação do governo britânico, contratou para comandar as tropas portuguesas que, com ajuda de forças britânicas, se preparavam para entrar em ação, um oficial prussiano, inglês de nascimento, denominado Conde Guilherme de Schaumburg-Lippe. O Conde de Lippe assume o posto de Marechal do Exército e se torna o "*encarregado do governo das armas de todas as tropas e Diretor-Geral de todas as armas*". Lippe, conhecendo a limitação das tropas portuguesas, limitou-se a uma guerra de posições, procurando impedir que os espanhóis invadissem Portugal. Daí o nome de "*Guerra Fantástica*", já que toda ela transcorreu sem ser travada uma única batalha digna de nota. A estratégia funcionou, tendo em vista que Espanha, na época, estava mais preocupada com questões de disputas territoriais mal resolvidas na América do Sul.

Com a Paz de Fontainebleau, Lippe continuou reorganizando as forças militares, estabelecendo planos, introduzindo novos métodos de instrução, técnicas, táticas, estratégias, sistema defensivo de fronteira, determinando o reparo das fortificações existentes e ordenando a construção de outras. Passou a vigorar, então, a genuína disciplina prussiana, os militares eram "*disciplinados*" com varadas, açoites, prisões e fuzilamentos.

Rondon – "o Disciplinador"

> Em junho de 1894, isto é, dois meses depois do nascimento de Benjamim, vim ao Rio trazer a família. Passei, por isso, a chefia da Comissão ao Comandante do contingente, a quem deixei instruções minuciosas, de modo que, em minha ausência, prosseguisse a construção regularmente.

No dia da partida, já a bordo as bagagens, recebi um telefonema: os soldados da Comissão haviam-se revoltado e, depois de expulsar os oficiais, entregavam-se no acampamento, em Quebra-Pote, à mais desenfreada orgia, quase todos em estado de embriaguez. O tempo era limitadíssimo para agir. Por outro lado, como partir deixando a Comissão entregue à indisciplina? Não hesitei.

– Ordenança, o meu cavalo.

Embora temendo que me não fosse possível regressar a tempo, acatou minha esposa essa decisão, habituada já a me ver sair vitorioso nos lances difíceis. Parti em desabalado galope. Montava um vigoroso cavalo preto que, ao chegar ao acampamento, estava branco de espuma. Refreado de súbito, o animal sentou-se. Com um salto, desmontei.

– Corneteiro, tocar a reunir soldados, acelerado. Repita! Repita!

Os soldados obedeceram ao toque, os embriagados instintivamente acompanhando os que ainda conservavam o raciocínio.

– Corneteiro, gritei novamente, tocar a reunir oficiais, acelerado. Repita! Repita!

Vieram estes se aproximando, deixando a mata onde se haviam refugiado. Formados todos, fiz sentir aos soldados a gravidade do ato praticado. Tinham-se tornado indignos da farda que traziam. Os oficiais foram também severamente admoestados:

– Um oficial não pode abandonar o seu posto – nele morre, se necessário for.

Destaquei depois um pelotão para ir à mata buscar varas. E durante uma hora, foram os soldados, em forma, vergastados. Depois de deixar cada um no seu posto, regressei amargurado.

Doía-me profundamente ter sido forçado a recorrer ao processo do Conde de Lippe. Entreguei-me a amargas reflexões sobre o fato de serem sempre enviados, para trabalhar na comissão, homens indisciplinados, na fase ainda da "*obediência forçada*". E sob a impressão desse melancólico incidente, partimos. [...]

Fomos, pois, residir em Cascadura. Mas não seria de longa duração essa temporada deliciosa, porque eu deveria regressar em breve para minhas funções em Mato Grosso. Ao partir, formara o projeto de regressar por terra do Rio a Uberaba, por estrada de ferro, e de Uberaba a Cuiabá, a cavalo. Para isso incumbira o inspetor Salatiel Cândido de Moraes e Castro de me esperar em Uberaba, com a minha preciosa besta, a Barétia. [...]

A viagem realizou-se como planejara. Passei três dias em Uberaba, reorganizando a volta pela picada da linha telegráfica de Uberaba a Goiás, passando por Monte Alegre, fronteira de Minas e Goiás – Morrinhos, Atolador e, finalmente, Goiás. Aí permaneci uns dias a fim de combinar com meu colega o melhor meio de executar as ordens recebidas.

Era esse o Capitão Eduardo Sócrates, Chefe do 15° Distrito Telegráfico, a quem cabia o trecho de Goiás ao Araguaia. O 16° Distrito, a meu cargo, de Cuiabá ao Araguaia, prolongava-se agora até a estação Marechal Floriano, instalada em Goiás, à margem do Rio Claro. Prossegui, então, viagem para Cuiabá, passando pela Cidade de Rio Claro, ainda em Goiás, e Registro do Araguaia.

Cheguei, finalmente, ao acampamento da reconstrução da linha, onde, pelos oficiais, tive notícia de graves acontecimentos passados em minha ausência.

Fora necessário que o Comandante do Distrito Militar enviasse um reforço com oficiais da guarnição, para tomar conta do acampamento e restabelecer a ordem. Tudo estava sanado quando cheguei, mas a atitude dos soldados era de franca indisciplina – nessa situação é que retomei minhas difíceis tarefas. A construção da linha telegráfica exigia trabalhos penosos a que se não queriam submeter os soldados – eram por isso contínuas as deserções no contingente, a ponto de ser necessário mandar prender os desertores, para manter o princípio de autoridade. É que os soldados enviados ao contingente da Comissão eram os maus elementos indisciplinados, entre eles os cem revoltosos da Fortaleza de Santa Cruz.

Resolveram eliminar-me: na hora do pagamento, matariam os oficiais e tomariam conta do cofre do contingente. Mas vinte praças que estavam envolvidas na conjura se acovardaram e fugiram à noite, sendo descoberta a fuga na chamada do dia seguinte. Foi quando um Sargento revelou o plano que um dos praças levara ao seu conhecimento, antes de fugir. Mandei organizar dois contingentes, fortemente armados, com ordem de prender os fugitivos ou atirar, caso não obedecessem.

Seguiram os dois pelotões pelas duas estradas que conduziam à Bolívia, e um deles conseguiu reconduzir os trânsfugas ([17]) presos ao acampamento. Expliquei-lhes a gravidade do que haviam praticado e, mais ainda, do que haviam planejado. Expliquei-lhes, por outro lado, que a disciplina do Sertão tinha de ser a disciplina de um lugar onde não havia cadeia. Resolvi desligar os menos culpados e fazê-los recolher ao Batalhão. Mandei, porém, que o cabeça ficasse em frente à minha barraca, as mãos amarradas ao pau da bandeira, a olhar para o seu

---

[17] Trânsfugas: desertores.

Comandante, a meditar sobre a sinistra ideia de querer assassiná-lo. O soldado começou a chorar.

– Você se emociona agora, mas não deu provas de sensibilidade quando planejou matar seu Comandante e o do contingente.

Assim ficou ele durante uma semana, levando as noites a chorar em altos brados. Não convinha torná-lo objeto de pena, por parte dos companheiros. Chamei, pois, o Comandante do contingente:

– Vamos soltar o soldado. Que ele venha à minha presença, em frente ao contingente formado.

Disse-lhe, então, depois de rememorar a culpa:

– Você vai ser perdoado, primeiro porque foi antes levado pela energia de seus sentimentos egoístas sem ser propriamente cruel; segundo porque é um covarde, incapaz de arrostar com as consequências de seus atos. Quero, porém, declarar que é indigno de ser soldado. Vou mandar que se recolha ao Batalhão uma vez que na Comissão não poderá continuar. Procure lá dar provas de que se regenerou.

A efervescência continuava, porém, bem como os planos de assassinar o Chefe, os oficiais e tomar conta do contingente. Assim é que fui forçado a ir de encontro a meus princípios religiosos e lançar novamente mão do processo do Conde de Lippe. (VIVEIROS)

A escritora Esther de Viveiros não menciona mas, nessa oportunidade, uma das varas de bambu, usada como açoite, sob a força de um golpe, rachou e perfurou o pulmão de um dos soldados. Rondon ficou profundamente consternado com o incidente e mandou suspender imediatamente o castigo, mas nada mais se podia fazer pelo soldado ferido que veio a sucumbir vitimado pela peritonite.

Foi quando o Capitão Távora, Comandante do 8° Batalhão de Infantaria, em ofício que me dirigiu, reclamou contra medidas disciplinares e métodos de trabalho que considerava prejudiciais aos soldados, entre os quais figuravam praças do Batalhão por ele comandado, em serviço na construção de linhas. Tratava-se de um ofício de um Capitão para outro, de um Comandante de um Batalhão de Infantaria para um Chefe de importante Comissão Técnica. Aliás, em boa ética, deveria o Capitão Távora ter-se dirigido ao Capitão Chefe da Comissão Telegráfica, por intermédio do Comandante do Distrito Militar e da Diretoria de Engenharia. Minha resposta foi altiva, reação de intensidade igual à da agressão. Lançara eu mão do único meio de manter disciplina no Sertão, entre homens que foram afastados de suas funções, no Rio, justamente por serem insubordinados. Sempre me repugnara o processo do Conde de Lippe, porque, como meu grande Chefe prático, punha o bem-estar do soldado acima do meu próprio: "*primeiro o soldado, o oficial fica com as sobras*". Aquele processo ia, além disso, de encontro a meus princípios religiosos. Fora em desespero de causa que me vira forçado a dele lançar mão. Não se conformou o Capitão Távora com a minha resposta. Pondo a questão no pé de ser ele meu superior hierárquico, pelo fato de ser Capitão mais antigo do que eu, deu imediatamente parte ao Comandante do Distrito Militar, a quem enviou cópia da minha resposta e exigiu Inquérito Militar. Atendendo à requisição do Capitão Távora, foi nomeada uma Comissão para instaurar o Inquérito Militar, sendo eu arguido, e diversos soldados. Sustentei que fora levado a tomar tal atitude pela necessidade iniludível de manter a disciplina e a ordem militar. Resultou desse inquérito a nomeação, pelo Comandante do Distrito Militar, de um Conselho de Guerra a que respondi em Cuiabá, sendo o processo enviado para o Rio, ao Ministro da Guerra. Tão penosas ocorrências não me

desviavam uma linha das minhas tarefas: a reconstrução da linha telegráfica e a construção da estrada estratégica. A situação prolongou-se e, só depois de alguns meses, em janeiro de 1895, fui chamado ao Rio, para responder ao mesmo Conselho de Guerra a que respondera em Cuiabá. Normalizadas, felizmente, as relações com a República Argentina, abandonou o Governo o plano de construir a estrada estratégica, destinada à passagem de tropas, e suspendeu os trabalhos. Pude, pois, ficar no Rio, à espera da solução do triste incidente. Foi o caso confiado ao Gen (**?**) Bellarmino de Mendonça, Ajudante General ([18]). Depois de minucioso estudo do processo, enviou-o ao Ministro da Guerra, com as informações necessárias, de acordo com as provas dele constantes e o Ministro determinou que fosse "*arquivado por improcedente*". Mais tarde, mandou o Comandante do Distrito que fosse eu em ordem do dia louvado e agradecido por serviços prestados. (VIVEIROS)

Rondon e os Bororos

Que sabe o brasileiro em geral de Rondon? Que era de origem índia e dedicou sua vida à reabilitação e à dignidade do silvícola. Que hoje está velho e cego e que no coração da nossa floresta Ocidental há um imenso trato de terra batizado por Rondônia – em homenagem a Rondon. Nada mais. Quem foi esse homem, como viveu nos anos que lhe preparam a grandeza, qual o tecido dos fatos, heranças e influências, responsabilidades pela trama integral daquela personalidade de eleição. (Rachel de Queiroz)

[18] Bellarmino Augusto de Mendonça Lobo: na época Bellarmino era Tenente-Coronel e não General. Era membro da Repartição do Ajudante General e talvez Viveiros, por isso, tenha se equivocado trocando o nome da Repartição pelo Posto. Homenageei Bellarmino no livro "*Descendo o Rio Juruá*" tendo em vista ter sido ele Chefe da Comissão Mista de Reconhecimento do Rio Juruá, em 1904, que tinha como objetivo, similar à Euclides, no Purus, determinar a fronteira perúvio-brasileira.

Nomeação

Em julho de 1900, foi nomeado para participar da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas cujo objetivo era estabelecer a ligação entre a Capital da República e as fronteiras com a Bolívia e o Paraguai. Rondon, entusiasmado, comenta que para empregar militares neste tipo de missão seria necessário que se lhes modificassem, gradativamente, os hábitos guerreiros, ao mesmo tempo que se lhes incutissem ideias de fraternidade.

Missão

Comandas. E no olhar tens um tal magnetismo
E tanto em ti confia a grei que te acompanha
Que, às cegas, desceria ao mais profundo abismo,
Galgaria, ao teu mando, a mais alta montanha.
(Bastos Tigre)

O paludismo ([19]) e a polineurite ([20]) infligiram sérias baixas à Comissão. Das 81 praças que haviam iniciado os trabalhos, só restavam 30, acometidos pelas doenças. As baixas obrigam Rondon a acumular funções o que o faz sem esmorecer e sem perder o foco principal de seu objetivo.

> Regressei ao acampamento a pensar na tremenda responsabilidade quase insuperável, que ia enfrentar em minha vida de soldado e de engenheiro. Ia acumular as funções de meu ajudante, de explorador e locador, às minhas próprias, já tão difíceis, sobretudo porque estava a Comissão incompleta.

---

[19] Paludismo (Malária): é uma doença infecciosa aguda ou crônica causada por protozoários parasitas do gênero Plasmodium, transmitidos pela picada do mosquito Anopheles.

[20] Polinevrite (Polineurite): afecção degenerativa que ataca diversos nervos periféricos.

Mas tudo enfrentaria com a firmeza habitual, sem vacilação, olhos fitos no objetivo que me havia imposto.

E o serviço continuou no ritmo habitual, basta ler os diários: *"distribuíram-se e prepararam-se postes, fizeram-se buracos, continuou o trabalho na picada [...]"* como se tudo estivesse correndo normalmente. Claro que os trabalhos de exploração e locação passaram a ser feitos por mim. Foi quando recebemos a visita do Chemejera Oarinc Ecureu e do Pajé Báru ([21]) acompanhados de seus respectivos estados maiores e de turmas de caçada. Eram índios de Kejare e de Tatarimana. Partiram, depois da demora habitual, para Itiquira, prometendo visitar a Comissão, quando esta chegasse àquela localidade.

Aos 9 recebia telegrama do Presidente de Mato Grosso, Almirante Alves de Barros. Animava-me a prosseguir nos trabalhos sem interrupção e assegurava que tudo seria providenciado. Alegrei-me, a despeito do telegrama de Vilhena, informando que não poderia atender ao meu pedido de saque, por não haver verba especial para a construção naquele ano, pelo fato de não ter sido ainda aproveitada a verba de cem contos votada no ano anterior. Felizmente um telegrama de Dr. Manoel Murtinho comunicava ter o Ministro de Indústria prometido abrir novo crédito de cem contos. Eram cada vez maiores as dificuldades com o pessoal. Os 81 praças com que haviam sido iniciados os trabalhos estavam reduzidos a 30. O impaludismo e a polinevrite grassavam; houve muitos casos fatais, tornou-se necessário evacuar os mais doentes para a Guarnição de Cuiabá. Deram-se, além disso, dezessete deserções. Em tão desanimadoras circunstâncias, lembrei-me de meus amigos Bororos.

[21] Pajé Báru: Céu.

Haviam-me eles prometido visitar-me, para assistir à inauguração da Estação de ltiquira. Não me negariam, certamente, o desejado auxílio. Lancei-lhes, pois, um apelo. Realmente, a 20 de março chegava ao acampamento de Curugugua-bárado ([22]) o Pajé Báru, acompanhado de mais de 120 índios, entre homens, mulheres e crianças. Recebi-os com a cordialidade habitual e, enquanto não chegava a gente do Chemejera Oarine Ecureu, combinei com o Pajé Báru o trabalho de seus índios – fariam a limpeza da picada, trabalho que a remoção de troncos, deixados pela derrubada, tornava penoso. Os índios chamavam Rondon de Pagmejera ([23]).

Os Caciques se tratavam por uma titulação menor: Chemejera. Quando os visitava Rondon era saudado efusivamente:

– Paqui-megera, aregodo! Boe-migera curireu! [Nosso grande Chefe chegou! O grande Chefe Bororo!]

Uma semana depois, chegava um emissário do Chemejera Oarine Ecureu. Estava ele acampado nas proximidades, sem poder prosseguir, por causa de um índio doente, para o qual pedia remédio a Pagmejera. Ao chegar a Meajau, haviam, os cachorros do índio – da turma de caçada – acuado uma onça.

Correu ele a acudir-lhes e travou luta com a fera. Tratava-se, porém, de uma onça preta ([24]) e "*quem matar adugo choreu ou veado mateiro*", dizem os índios, "*morrerá dentro de pouco tempo e não de morte natural*". O índio limitou-se, pois, a defender-se ficando bastante ferido. Enviei medicamentos, com as instruções necessárias e, passados alguns

[22] Curugugua-bárado: ninho de gavião.
[23] Pagmejera: grande Chefe.
[24] Onça preta: adugo choreu.

dias, chegava ao acampamento de Cugaroboreu ([25]) onde nos encontrávamos, o Chemejera Oarine Ecureu, com 150 índios, entre eles o índio ferido, convalescente e com as feridas cicatrizadas.

Como a turma do Pajé Báru, traziam tudo quanto lhes pertencia, inclusive seus papagaios e araras. Depois dos habituais discursos, longos, cheios de palavras amáveis e expressivas figuras de pensamento, combinei com os dois chefes que seriam seus companheiros utilizados na derrubada e limpeza da picada. A fim de se não romperem os hábitos dos índios, seria, para esse trabalho, uma turma diariamente designada pelos chefes. Forneceria a Comissão alimento para os índios que trabalhassem e suas famílias. Como essas turmas se revezavam, continuariam os índios, de modo geral, entregues às suas ocupações habituais de caça e pesca, para as quais era muito propícia a região. Por outro lado, poupava à Comissão víveres que seriam insuficientes para tanta gente.

Facilmente se sujeitaram os índios ao regime militar e ao trabalho acurado, com a condição de serem comandados pessoalmente por Pagmejera e por seus chefes. "*Alferes não vê, não entende nada, não sabe – ioroduo bôqua – Pagmejera é que os trata com paciência e bondade e que lhes fala em língua Bororo*". É que, durante a reconstrução da linha de Cuiabá ao Araguaia, após a pacificação dos índios do Rio das Garças e depois de conseguir deles amizade e confiança, aprendi a sua língua – língua do Bóe. Dei ao Chemejera e ao Pajé uma corneta. Assim, ao toque de faxina do acampamento, respondia a dos índios. Dizia o Chemejera: a corneta do acampamento fala "*braide*", brasileiro, e a corneta que nos deu Pagmejera fala língua Bororo.

[25] Cugaroboreu: areia preta.

E seguiam os dois contingentes. Os índios carregavam um quarto de boi e um saco de milho que eram postos a cozinhar, logo que chegavam ao local de trabalho, em grandes tachos cuidadosamente areados. Assim estava, pelo meio-dia, o alimento perfeitamente cozido. Enquanto os soldados comiam a sua matula ([26]) contornavam os índios os grandes tachos de onde retirava cada um o que desejava, para pratos de barro, por eles fabricados, deliciando-se com abundante caldo que bebiam, servindo-se de ato ([27]) existentes no fundo das baias.

No repouso que se seguia à refeição, recordavam seus antigos feitos ou comentavam os dos antepassados que, naquelas mesmas paragens, tinham enfrentado os civilizados, então seus inimigos, ou repelido, em seus próprios aldeamentos, ataques dos fazendeiros do Piquiri e do São Lourenço. Quando se recolhiam, à tarde, recebiam farinha, carne, milho, rapadura e fumo, para si e suas famílias. Fora muito bem resolvido o problema de incutir respeito às famílias dos índios que nos vieram auxiliar quando o desânimo ameaçava desorganizar o serviço. Mandei formar o contingente e os índios, com seus chefes. Falei-lhes então com solenidade:

– Ficam os soldados proibidos de ir ao aldeamento, a não ser acompanhados e com autorização. Por outro lado, para evitar que seja essa ordem esquecida, devem os índios agarrar quem a transgredir e trazer a Pagmejera o faltoso, para o merecido castigo.

Tudo correu às mil maravilhas até que uma noite despertei com verdadeiro alarido no acampamento. Não tardaram em aparecer, seguidos pela tribo a

[26] Matula: abreviatura de matalotagem. Matalotagem: provisão de víveres, mantimentos, alimentos.

[27] Ato: conchas.

gritar e gesticular, quatro índios trazendo suspenso, acima das cabeças, um soldado desobediente. Reunidos, com solenidade, contingente e tribo, exprobrei, com energia, a grave falta do soldado, que atraíra, com sua conduta irregular, tamanha vergonha para o contingente.

Como já fosse alta noite, adiei para o dia seguinte o julgamento definitivo, deixando o culposo entregue a uma escolta. Ninguém dormiu. Logo cedo estavam os índios a postos, ansiosos por conhecer a decisão de Pagmejera – que foi a prisão do soldado, no tronco, uma vez que não havia cadeia. Oarine Ecureu exultou. Infelizmente o incidente se repetiu, quase ao findar a Expedição. Pensou um soldado poder penetrar no aldeamento sem ser pressentido. Agarrado, como da primeira vez, fui forçado a agir com maior energia e usar o processo do Conde de Lippe. Ao dirigir-me ao culpado, ante contingente e índios formados, disse:

– Esta surra é a que os índios tinham o direito de lhe aplicar. Penso que, para sua dignidade, é melhor que seja vergastado por ordem de seu próprio Comandante.

Houve triste ocorrência a registrar:

Quando o acampamento foi estabelecido na ponta do contraforte Água Branca, soubemos que havia sarampo em Coxim. Procurei impedir que os índios lá fossem, mas sua aguda curiosidade os levou a transgredir a ordem de Pagmejera e, assim, em breve irrompia violenta epidemia no acampamento. Atacou de preferência os índios, que morreram em grande número porque a febre os levava a se banharem no Córrego, para suavizar a alta temperatura, malgrado os esforços do médico; só Pagmejera conseguia, embora a custo, dissuadi-los de tal prática, infelizmente depois de muitos casos fatais.

Tem os Bororos muito desenvolvido o culto dos mortos e viam-se, no acampamento, privados de realizar integralmente as cerimônias fúnebres; embora, afastados do contingente, sentiam-se fora de seu ambiente. Foram, todavia, cultuados os mortos. [...] A mulher do Chemejera Oarine Ecureu, atacada pelo sarampo, ficou cega. Lamentava, em gritos, a cegueira que a privava de ser útil ao marido. Ao mesmo tempo que procurava consolá-lo pela perda da felicidade que haviam desfrutado até aí, esforçava-se por convencê-lo da necessidade de se unir a outra mulher, capaz de o servir, de fazer por ele o que lhe era agora vedado.

Inaugurou-se a Estação Telegráfica do Itiquira, com estrondosa festa cívica, a 21.04.1901 – dia de Tiradentes. Houve um banquete aos soldados e aos índios que participaram dos trabalhos e, à noite, realizaram estes formidável, bacorôro, organizado pelo Cacique Oarine e pelo Pagé Báru, apresentando-se muitos dos índios com mantos de pele de onça, como traje de gala.

Esforcei-me para que a sociedade se interessasse de fato pela sorte desses irmãos primitivos, sem cujo auxílio não me teria sido possível levar a cabo as tarefas que me haviam sido confiadas pelas autoridades da República. (RONDON)

Depois de tão valiosa e eficaz coadjuvação, foram bem merecidas as manifestações de júbilo e reconhecimento que receberam. Um ano inteiro trabalharam os índios conosco, na melhor harmonia, estreitando-se cada vez mais as relações de amizade entre os chefes. Mas o Pantanal já estava seco, era época de realizarem as caçadas prediletas – de onça. Assim, a 17 de maio, ao atingir a Comissão a zona de Coxim, encetando nova campanha para a frente, separamo-nos à margem do Rio Tauaari com a frase de Oarine Ecureu:

– Aqui fico, Bororo não entra em terra de Caiamo, terra de Terena, Guaiacuru, Uachiri...

Foi tocante a despedida dos índios. Carregando os baquités ([28]) que levavam para sua Aldeia de Kejare, repetiam, cada um por sua vez:

– Quiaregodo-augai! Quiaregodo-augai! Hú! Aregodu-gue... [que saudades! que saudades de vocês! Sim! Não mais voltarei].

Partiram a 19; uma turma, a de Oarine Ecureu, seguiu rumo do Piquiri, para onde se encaminhava o traçado da linha, declarando o Cacique que voltariam de tempos a tempos, para nos ajudar. A turma do Pajé Báru desceu o Itiquira, em busca do baixo São Lourenço. Com a verba do Almirante Alves de Barros, compramos valiosos presentes para esses bons amigos. (VIVEIROS)

Rondônia de Roquette-Pinto

Um civilizado a quem a civilização não faria falta, porque seria capaz de reconstituí-la dentro da mata, adaptando-se ao meio e extraindo dela valores culturais, sem perda do instinto nativo, ou por um refinamento prodigioso desse mesmo instinto.
(Carlos Drummond de Andrade)

Edgar Roquette-Pinto

Médico, antropólogo e educador brasileiro, filho de Manuel Menelio Pinto e Josefina Roquette-Pinto Carneiro de Mendonça, nascido no Rio de Janeiro, no Bairro de Botafogo, em 25.09.1884, Roquette-Pinto foi o precursor da radiodifusão brasileira, sempre com o objetivo de difundir cultura e educação. Graduou-se em Medicina, com especialização em Medicina Geral, mas logo rumou para a Antropologia,

[28] Baquités: cestas.

sendo nomeado Professor assistente de Antropologia do Museu Histórico Nacional em 1906. Conheceu então uma das figuras mais marcantes para sua biografia e para a História do Brasil, o Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Roquette-Pinto acompanhou Rondon em uma de suas expedições à Serra do Norte, tendo contato com os índios Nhambiquaras e pioneiramente filmando uma civilização que ainda vivia na pré-história em plena alvorada do século XX. Filmava e tomava apontamentos a todo instante em seus cadernos de viagem.

Nessa Expedição – e em toda a sua vida – foi etnógrafo, sociólogo, geógrafo, arqueólogo, botânico, zoólogo, linguista, farmacêutico, legista, fotógrafo, cineasta e folclorista. Com todas as experiências e anotações que trouxe na bagagem, Roquette-Pinto passou os quatro anos seguintes escrevendo um dos marcos da Etnografia brasileira, o livro "*Rondônia*", que o levaria posteriormente à Academia Brasileira de Letras. (Rádio FM 94,1 – Roquette-Pinto)

Roquette, o Explorador

No monstruoso percurso pelas selvas do Mato Grosso e do Amazonas e pelas Bacias dos Rios Paraguai, Juruena e Ji-Paraná, a morte acompanhou cada passo de Rondon, Roquette e seus homens. Dias e dias de caminhada podiam ser feitos sem Sol visível, debaixo da espessa vegetação – e se avançassem um quilômetro por dia isso era considerado ótimo.

O princípio da Expedição era a pacificação dos Nhambiquaras, até então arredios a qualquer contato com o colonizador. Arredios e hostis. Os mateiros de Rondon eram flechados à distância por mãos invisíveis; outros eram capturados e devolvidos sem cabeças; e ainda outros se feriam nas armadilhas postas por eles.

E havia as ameaças permanentes da selva, como os animais e as doenças – varíola, beribéri, impaludismo. Burros, cavalos e bois iam morrendo e sendo deixados para trás. Os homens eram enterrados pelo caminho e Rondon batizava com seus nomes os acidentes geográficos do percurso. Mas, para o sacrifício de cada homem ou montaria, a Expedição garantia um pedaço de chão que se incorporava efetivamente ao Brasil. Para Roquette-Pinto, era tudo um milagre e esse milagre chamava-se Cândido Rondon. Sendo ele próprio mameluco por parte de avós indígenas, e falando os dialetos de várias tribos, Rondon conseguia repassar para os índios sua mensagem de paz – em nenhuma outra época, na história da América, o choque entre o "*selvagem*" e o "*civilizado*" foi tão suave e humano. Para isso, seu famoso lema, "*Morrer, se preciso for, matar, nunca*", teve de ser, primeiro, entendido pelos brancos que o seguiam. [...]

Os Nhambiquaras contatados por Rondon e Roquette viviam na Idade da Pedra em 1912. Seus machados eram de pedra mal polida. As facas eram lascas de madeira. Não conheciam a navegação, a cerâmica ou as redes de dormir – donde atravessavam os Rios a nado, comiam de mão para mão e dormiam direto no chão. Eram cobertos de bernes, pulgas e piolhos. Nunca tinham visto um homem branco ou negro.

E o mal que faziam era, muitas vezes, por ingenuidade: ao ouvir o zumbido dos fios telegráficos, pensavam que o poste ocultava uma colmeia e o derrubavam em busca do mel. Quando Rondon finalmente conseguiu que se aproximassem do acampamento [o que se deu à zero hora de uma noite memorável para Roquette], seus presentes para eles foram de um comovente simbolismo: machados de aço. Poucos anos depois, os Nhambiquaras, já "*evoluídos*", ririam de seus velhos machados de pedra. (CASTRO)

Imagem 07 – Roquette-Pinto e Rondon

Imagem 08 – Roquette-Pinto

Roquette e a Nova Raça

É preciso ir lá para retemperar a confiança nos destinos da raça, e voltar desmentindo os pregoeiros de sua decadência. Não é, nem pode ser nação involuída, a que tem meia dúzia de homens capazes de tal heroísmo. (Roquette-Pinto)

Ao contrário das racistas teorias esposadas por pseudocientistas da época, Roquette acreditava na miscigenação e na formação de uma nova e formidável raça na "*Terra Brasilis*". Contestava, veementemente, as teses, vigentes, de cientistas como Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth Cary Agassiz que afirmavam categoricamente que:

> – Não se pode negar a deterioração causada pela mistura de raças, mais presente aqui do que em qualquer outro lugar do mundo. Ela está ceifando rapidamente as melhores qualidades do homem branco, do negro e do índio, deixando em seu lugar um tipo mestiço [mongrel] sem qualidades específicas, deficiente em suas energias físicas e mentais. (CASTRO)

Roquette e Rondônia

No futuro, mais precisamente em 1956, o crítico e ensaísta Álvaro Lins estabeleceria uma outra virtude de "*Rondônia*": a literária. Segundo ele, era pela força estilista de seu Tratado Científico [e não pelos fracos contos e poemas que depois escreveria] que Roquette-Pinto fazia parte da literatura brasileira. E Gilberto Freyre, outro exigente no seu julgamento dos colegas, nunca deixaria de elogiar, ao lado da exuberante escrita de "*Rondônia*", a "*segura base científica*" de Roquette – distinção que não conferia a mais ninguém daquele tempo. Em seu livro "*Ordem e Progresso*", Gilberto Freyre menciona treze vezes a seriedade de Roquette, ao qual não importavam as

loas ([29]), sempre foi modesto ao falar de sua obra-prima:

– É um instantâneo da situação social, antropológica e etnológica dos índios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho de alteração que nossa cultura vai processando. É prova fotográfica – um clichê cru.

Mas, naturalmente, era muito mais que isso. Suas experiências com os nativos e com os homens do Sertão deram a Roquette os instrumentos para desfechar uma campanha antirracista que atingiria em cheio o arianismo então vigente no Brasil. Para muitos naquela época [como para alguns ainda hoje], nossas mazelas seriam originárias da presença dos negros, mestiços e índios na composição racial brasileira. A tese original era do diplomata francês Joseph Arthur, conde de Gobineau [1816-1882], autor de uma teoria racial da História e que um dia resultaria no nazismo. Uma visão "*benigna*" do problema, defendida pelo então Diretor do Museu Nacional, o antropólogo João Batista de Lacerda, apostava no "*embranquecimento*" do povo: em poucas décadas, os sucessivos cruzamentos extinguiriam a raça negra no Brasil [...]

Mas Roquette, que via o Brasil como "*um imenso laboratório de antropologia*", pensava diferente: "*Nenhum dos tipos da população brasileira apresenta qualquer estigma de degeneração antropológica*", escreveu ele. "*Ao contrário, as características de todos eles são as melhores que se poderiam desejar. [...] O número de indivíduos somaticamente deficientes em algumas regiões do país é considerável. Isso, porém, não corre por conta de qualquer fator de ordem racial; deriva de causas patológicas cuja remoção, na maioria dos casos, independe da antropologia.*

[29] Loas: discursos.

> *É questão de política sanitária e educativa. [...] A antropologia prova que o homem no Brasil precisa ser educado e não substituído*". (CASTRO)

Rondônia

O livro enaltecia, sobremaneira, a figura notável de Rondon e para que o Brasil tivesse noção do quanto essa região devia a ele, propôs que o território, compreendido entre os 8° e 14° de Latitude Sul e entre 12° e 20° de Longitude Oeste, do Meridiano do Observatório do Rio de Janeiro, viesse a se chamar Rondônia.

> A essas terras, ele sempre se referiria como "*terras da Rondônia*", tais e tão importantes eram os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológicos e etnográficos dela provenientes, através das Expedições Científicas de Rondon.
>
> Embora justificasse plenamente, desde 1915, a criação dessa Província antropogeográfica, o nome de Rondônia só foi adotado para território brasileiro em 1956, quando o Congresso Nacional votou lei mudando o nome do Território do Guaporé, a fim de homenagear o Marechal Rondon.
>
> Na ocasião, aliás, a Sociedade Brasileira de Geografia, em memorial dirigido ao Presidente da República, agradecia o gesto do Governo, mostrando, porém que, para manter a homenagem pretendida por Roquette-Pinto, seria preciso dividir a região em Rondônia Ocidental e Rondônia Oriental, a fim de que a denominação Rondônia pudesse alcançar águas do Juruena, onde foram notáveis as descobertas da Comissão Rondon.
>
> A Rondônia Ocidental seria o atual território, outrora denominado do Guaporé, e a Rondônia Oriental seria

a região semivirgem que prolonga aquela para o lado Leste, dentro do Estado de Mato Grosso, entrando em águas do Juruena.

O memorial interpretativo da Sociedade Brasileira de Geografia não foi, contudo, levado em conta [...] (COUTINHO)

Roquette-Pinto e a Antropologia Sul-Americana

Para Roquette-Pinto, a obra científica e social de Rondon não pode ser assaz admirada, conquistando milhares de quilômetros quadrados, fazendo de cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, um amigo, abrindo à ciência um campo enorme de verificações e descobertas; à indústria, todas as riquezas de florestas seculares.

Assinala, ao voltar da sua Rondônia que, se como estudioso, as observações científicas que pôde realizar – quase todas de grande alcance para o conhecimento da antropologia Sul-Americana – o encheram de alegria; brasileiro, deu-se por bem pago daqueles dias de privações e perigos, porque voltou daquelas terras com a alma refeita, "*confiante na sua gente, que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo magro e feio*".

Diz Roquette-Pinto:

> – São feios, efetivamente, aqueles sertanejos; muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença. Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes, todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da Pátria. (COUTINHO)

Rondon – o Líder

A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: ao Norte o Canal de Panamá, ao Sul o trabalho de Rondon – científico, prático, humanitário. Rondon não é apenas oficial e "gentleman" como os que mais o são nos mais bem organizados exércitos do mundo. É também excepcional, audaz e competente explorador, ótimo naturalista, cientista, estudioso, filósofo. Com ele a conversa vai da caçada de onças e dos perigos da exploração do Sertão à antropologia indígena; dos perigos da civilização industrial, puramente materialista, à moralidade positivista. [...] Nunca vi, nem conheço obra igual. Os homens que a estão realizando são, pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem. Um povo que tem filhos desta ordem há de vencer. O século XX pertence-lhes. (ROOSEVELT)

Contingente de Indesejáveis

Ao tempo das primeiras comissões que o General Rondon chefiou – não nos cansemos de admirar que desde o posto de 1° Tenente – o Exército Brasileiro era constituído, não pelo sorteio militar como atualmente, mas por elementos exclusivamente provindos da classe baixa da sociedade e por indivíduos na maioria analfabetos, mal-educados e sem moralidade. Tal era a consequência do voluntariado de que se compunha e cuja insuficiência anual forçava o engajamento e o reengajamento de uma corja de vagabundos e indisciplinados que infestavam as fileiras com os seus incorrigíveis e inveterados maus costumes. [...] A 2ª revolta a que me referi, não chegou a estalar e vamos ver como um acaso feliz fê-la abortar. Entretanto, desta feita, os sublevados arquitetaram um plano diabólico, legítimo fruto dos mesmos cérebros que dirigiram

meses antes a revolta dos marinheiros da esquadra nacional. À frente dos onze principais agitadores estava o célebre "*Russinho*", ex-marinheiro que se vangloriava de ter assassinado Baptista das Neves e que, dados tais precedentes, tomara a si a parte de leão no desenrolar dos trágicos acontecimentos, cuja realização todos eles antegozaram até o minuto solene em que deveria explodir o movimento sedicioso: o "*Russinho*" reservara-se o direito de assassinar Rondon! A um machadeiro, distinguido pela confiança do Tenente Joaquim Manoel Vieira de Mello Filho, Comandante do contingente e encarregado da turma da picada ([30]) estava atribuída pelos seus companheiros de levante, a tarefa ingrata e sanguinária de extinguir a vida deste valente oficial.

A ocasião era propícia porque apenas o Chefe e esse outro oficial encontravam-se no acampamento, visto como o Ministro da Guerra de então [General Menna Barreto] entendera de bom alvitre ordenar o recolhimento de vários oficiais aos seus corpos, sem atender às justas ponderações do Chefe da Comissão! Liquidados os oficiais, pretendiam os revoltosos apoderar-se do cofre do acampamento, dos víveres, dos meios de transporte existentes, etc. e marchar pela linha, derrubando a machado todos os postes, prendendo quem não aderisse e assaltando as povoações e as cidades por onde a linha atravessasse! Vejamos como as qualidades pessoais de Rondon formaram a luz da estrela da salvação... Com a memória fora do comum, ele conhecia pelo nome todos os praças e sabia exatamente em que detalhe de serviço cada qual se aplicava. Era pela madrugada e o acampamento agitava-se no burburinho quotidiano...

---

[30] Picada: derrubada da mata, desbastamento das galhadas, limpeza da faixa cujo eixo o piquete determinava.

Certamente os revoltosos haviam de ter trocado entre si as últimas seguranças de que cada um estava bem compenetrado do papel que devia representar; certamente trocaram entre si o último olhar significativo e cabalístico; quando ecoou pelas costas de Rondon uma palavra comum, e apropriada não só ao sinal convencionado como ao movimento natural de formatura no acampamento...

– Vamos! disse uma voz firme e resoluta, em tom apenas perceptível às fileiras que se estendiam em frente à barraca do Chefe da Comissão.

A este grito sedicioso, pronunciado com a máxima naturalidade pelo célebre "*Russinho*", Rondon volta-se de frente para ele, sem nunca imaginar o que fervia na pestilenta cabeça daquela fera humana!

Vê-o de machado em punho e brada-lhe incontinenti:

– Que faz você de machado? Já não sabe que, ao toque de formatura, deve estar pronto para começar a fabricação dos grampos?

Não é preciso dizer que a machadada não foi desfechada! A agressão estava projetada pelas costas e a súbita meia-volta entontecera o criminoso que balbuciou uma desculpa e seguiu a cumprir o seu dever. (MAGALHÃES)

Um Chá para o Estado-Maior

No ponto de vista em que Rondon se coloca, comer é secundário! Da sua reconhecida e extraordinária sobriedade, resultava naturalmente imaginar que o estomago alheio se comportasse como o dele. Além de se distrair à mesa dividindo grande parte da sua ração com os cães [que manifestavam sua alegria natural, lambendo-lhe, de repente o rosto, enquanto pousavam-lhe as patas enlameadas sobre o kaki]; muita vez vi caras amarradas quando do seu farnel,

em marcha, retirava alimento para os animados e fiéis animais. Conta-se mesmo a propósito que, de uma feita, quando certo serviço da construção atravessava um goiabal silvestre, ele proibira terminantemente que o pessoal tirasse frutas, tornadas assim verdes como as uvas da fábula de La Fontaine... Se de um lado uma tal concessão perturbava, sem dúvida, a marcha dos trabalhos, interrompendo-os certamente por alguns momentos, o fato é que naquele dia os doze homens, inclusive o Chefe, só à tarde iriam encontrar recursos de alimentação, enquanto que tinham tido por almoço, todos eles, só e unicamente um papagaio.

Muita praga devia ter-lhe caído sobre a cabeça nessa memorável data! As referências que precedem, relacionam-se com a epígrafe deste capítulo, como vamos ver. Ainda a poucos anos, consequentemente quando Rondon estava já na idade que repele essas violências, este pouco caso pelo estômago conservava-se inalterável. Era assim que, durante as últimas explorações que realizou, para determinações geográficas necessárias à Carta de Mato Grosso, pelos vales do Ji-Paraná, Jamary e Guaporé, tornou-se vulgar a sua ordem:

– Faça jantar para os soldados e um chá para o Estado-Maior! (MAGALHÃES)

Último a Dormir e 1° no Acordar

Além de se contentar com porções mínimas de alimentos, o que mais me admirava quando observava os hábitos do General Rondon nos acampamentos, era justamente o pequeno número de horas com que satisfazia a necessidade de dormir. Ele era o último que se recolhia à barraca e o 1° que se levantava! Algumas vezes em que me levantei antes do toque de alvorada, pelas quatro horas da madrugada, ao dar-lhe o bom dia, verifiquei que à luz mortiça de

uma vela ordinária, havia ele já escrito, na sua mesa de campanha, dezenas de telegramas de serviço e as longas cartas diárias que redigia à sua estremecida família. E estava já fardado de kaki, tinha a barba feita a "*Gilette*" [fazia-a no escuro, sem espelho, caminhando de um lado para outro da barraca] e tomara mais cedo ainda o seu infalível banho da madrugada, no Rio ou no Córrego mais próximo do acampamento. Tais hábitos não sofriam modificação alguma, quer chovesse quer não; quer o trabalho tivesse corrido normalmente, quer houvesse exigido esforços duplicados; quer se tratasse do 1° ou do último dia do ano ou de outro qualquer dia; quer no 1°, quer no último ano de sua vida de Sertão... Nenhum traço, porém, se lhe descobria que denotasse abatimento ou cansaço: parecia a encarnação do homem de ferro de que cogitava com espanto o soldado discursador do meu acampamento [...]. (MAGALHÃES)

Bicho do Coco Babaçu (Tapuru)

Durante as expedições através do Sertão, as privações de alimento eram incidentes com os quais deviam sempre contar os expedicionários; poupava-se então quanto possível, reduziam-se as rações, lançava-se mão do expediente da caça, utilizavam-se os recursos da floresta – o mel, o palmito, as frutas silvestres. Num desses trágicos momentos de rações reduzidas e de ponto de interrogação quanto aos recursos para o dia seguinte, um dos funcionários de categoria média veio comunicar ao seu Chefe a importante descoberta de um bicho de coco que servia admiravelmente para matar a fome... Explicou que o verme apresentava uma massa gordurosa que se prestava a assar ao calor das brasas, como um bolo de arroz em gordura, e que, assim frito, tornava-se delicioso ao paladar. O General, porém, ria-se a bandeiras despregadas e o descobridor cada

vez mais se esforçava para convencê-lo de que deveria provar o bicho de coco assado, para então verificar a verdade do que estava afirmando. Quando o interlocutor mais apreensivo se mostrava e mais encarniçado na defesa de sua preciosa descoberta, o General então definiu o seu pensamento com estas simples palavras:

– Eu não estou duvidando do que você afirma; rio-me porque eu conheço há muito tempo esse bicho de coco e eu o como sempre, mas cru!

Na verdade, em dias de fome, não só servia o bicho de coco, como também a tanajura! (MAGALHÃES)

Uma Reação Fantástica

Rondon levou a tais extremos a reação do espírito sobre o seu abalado físico, que em uma das marchas, a pé, por cima do árido Chapadão de Parecis, já muito longe, sofrendo horrivelmente o martírio da sede, levado aos paroxismos pelo estado febril em que se encontrava, caiu redondamente ao solo, desacordado, inerte, presa de uma síncope! Cercaram-no os companheiros, acudiram ao Chefe querido e estoico: vários portadores partiram em rumos divergentes em busca de água, só encontrada muito distante do ponto em que ocorrera o acidente. Felizmente e com a força milagrosa de sua vontade de aço, o Chefe reergueu-se e prosseguiu a marcha horas depois. E assim, mesmo doente, continuou o seu serviço de exploração. Quando acidentalmente sentiu-se melhorar, a sua convalescença foi ainda assinalada por um célebre passeio em que sobrepujou em resistência outros companheiros que com ele seguiram, dentre os quais um deles, ao regressar ao acampamento, teve a seguinte exclamação original:

– Vá ser doente para o inferno!

[...] é fato indiscutível ter ele adquirido de seu próprio bolso, antes de partir de Cáceres, pelo alto preço de 400$000, um excelente boi de montaria para o seu uso particular e que se tornou célebre nessa Expedição [Juruena ao Madeira]. Ainda mais esse animal foi mandado por ele anexar à tropa com esta designação especial: só o Chefe poderia utilizar-se dele quando o ordenasse. Marchou a Expedição pelo Sertão afora e, a cada sintoma de enfraquecimento físico que o médico observava no Chefe da Expedição, insistia para que Rondon se resolvesse a dar ordem de arrear o boi e montar. Os companheiros da exploração, no vivo interesse de salvar o Chefe, secundavam as ponderações do médico e havia em torno de Rondon um verdadeiro coro: "*porque não montar, quando o animal ali estava à mão e viera para esse fim exclusivo?*"

Evidentemente o estado de saúde do Chefe agravava-se dia a dia! Houve mesmo alguém mais íntimo que lhe fez sentir o perigo de um fracasso da Expedição, se ele continuasse a tanto arriscar e viesse a perecer! Talvez que esta última ponderação amiga houvesse afinal vencido a resistência do Chefe; o caso é que, sob a ação dos seus habituais 40° de febre, num dos acessos do impaludismo, mandou ele arrear o célebre boi e montou. Andou assim cerca de quatrocentos metros apenas...

Senti-me humilhado, diminuído, diante dos meus comandados; impossível subordinar-me a semelhante situação e refleti que era então preferível morrer!

De repente, olhando para trás e em torno de si, ao contemplar os seus companheiros, todos a pé, sob o peso das mochilas, deixando ler no aspecto físico o abatimento e o cansaço das marchas, suarentos, cobertos de pó, a sua alma vibrante e enérgica

reagiu subitamente! Apeou-se incontinenti e, com gesto autoritário e que não admite dúvidas, mandou que conduzissem o boi para a retaguarda! E até o fim da Expedição gozou o privilegiado boi das regalias de montada do Chefe... sem nunca mais sentir-lhe o peso! (MAGALHÃES)

Resistência Física

A subida de um morro, enquanto os mais moços do que ele e que tinham de idade em média 25 anos menos, alcançavam suarentos e esfalfados a parte mais alta, depois de interromperem o acesso para tomar fôlego, Rondon, adiantando-se de muito no tempo despendido para a subida, que efetuara de um só arranco, ria-se dos companheiros e dizia-lhes pilhérias a propósito do retardamento com que iam chegando. É preciso dizer que todos se haviam empenhado em chegar primeiro, com ardor igual ao de um desafio e de uma aposta [...] Em tais reconhecimentos, era sempre Rondon quem tomava a ponta da vanguarda. Só confiou este serviço de máxima responsabilidade, em 1909, ao Tenente Lyra, e a experiência demonstrava que poderoso era o auxílio do índio, não só pela resistência de infante e pela habilidade de indicar os melhores passos no rumo desejado, como pelo incomparável trabalho de que só o silvícola se desempenhava de modo a merecer a absoluta confiança do Chefe: o reconhecimento militar! O índio, conhecedor por experiência própria, de todos os planos e processos usados por outras nações indígenas, para os ataques e surpresas, executava só o trabalho de uma boa patrulha. Avançava sorrateiramente, sem fazer o menor ruído no mato, sempre atento e perspicaz, agachado quando era mister, e observava a zona toda em direção à marcha da Expedição, garantindo-a contra a possibilidade de uma agressão. E sempre que ele afirmava haver índio perto e que índios

acompanhavam a Expedição para atacar, as suas previsões se realizavam, embora as precauções a que davam lugar os seus avisos.

Pois bem, Rondon marchava Sertão adentro com um desses resistentes e leais Caciques da tribo dos Parecis. A ânsia de avançar o mais possível com o reconhecimento, fez com que ele resistisse aos desejos manifestados pelo índio no sentido de escolher para pouso um certo Córrego, a que atingiram quando já o Sol estava mais para o poente do que para o zênite. Debalde o Pareci ponderava que poderia acontecer, como sucedera certa vez, não encontrarem outro pouso à distância conveniente, antes de cair a noite.

Fácil admitir tal hipótese quando se marcha por terreno desconhecido, como era o caso. À vista, porém, da decisão terminante em que se manifestava o Chefe, partiu o índio de novo com ele, prosseguindo o reconhecimento, não sem um olhar de inveja para a linda ramagem que ensombrava a água marulhenta e fresca... O receio talvez de que a previsão do índio se realizasse, produziu desde logo um aumento de velocidade da marcha.

A certa altura, quando começava a tardar a descoberta de outro Córrego, o índio estacou. Carregou o sobrolho, olhou fixamente o Chefe e, sentando-se no solo, declarou solenemente que dali não sairia mais; que tinha as pernas cansadas mesmo e nem um passo mais daria em frente; se Rondon quisesse, que fosse sozinho! Não houve lógica capaz de o convencer do contrário! Este fato é bastante eloquente, ao que me parece, para demonstrar a que limites atinge a resistência de Rondon. [...] o próprio Rondon é quem nos pretende convencer de que qualquer homem pode fazer o mesmo e que para isso é bastante querer! (MAGALHÃES)

O Homem e Seu Estilo

Tenente Lyra, cuja memória venero sob todos os aspectos, dizia-me sempre em suas palestras cintilantes:

– Rondon é uma individualidade difícil de apreciar, porque apresenta uma infinidade de aspectos. Tal a verdade que cada vez mais se acentua em meu espírito, quanto mais medito sobre a sua personalidade. É uma espécie de prisma de muitas faces, de cores variegadas, cada qual mais brilhante. Não só porque o estilo é o homem, como também para que se aprecie a maneira por vezes original com que ele descreve as coisas e a empolgante beleza literária de algumas passagens referidas ao correr da pena; aqui transcrevo trechos traçados pela sua própria mão, onde se encontram atestados autênticos das suas opiniões e dos seus ideais:

> À noite, tivemos um espetáculo maravilhoso, determinado pelo incêndio que irrefletidamente ateamos ao macegão da várzea da Laguna Zoerekê. Todo o chapadão em derredor foi destruído pelo fogo voraz que se alastrava em línguas extensas, lambendo a macega ressequida e deixando após si o negrume da sua destruição; apanhando não só os insetos e répteis, como os pequenos mamíferos e até aves, como os inhambus, perdizes, maxalalagás ([31]) e seriemas.
>
> No Utiariti, o Rio corre mansamente antes da queda; ao aproximar-se desta, deu-se o desnivelamento brusco, de modo a formar uma grande corredeira marulhosa e, junto do salto, as águas se subdividem por causa d'uma pequena ilha. Um grande golfo forma-se à esquerda; outra porção maior contorna a ilha à direita e, antes de se despenhar, se subdivide, indo uma pequena parte para o abismo, onde cai como extenso e alvo lençol e a outra, de maior volume, volve por um salto preliminar a encontrar-se

[31] Maxalalagás: saracura do chapadão.

> com o grosso das águas provenientes do golfo. O panorama é empolgante e tão belo que me levou a dar-lhe este apelido ao simples ver. Através de irisantes arco-íris, destacam-se à vista do observador as gradações de cores na linha de incidência da superfície plana que vem, com a convexa que desce, na queda d’água, desde o nacarado e verdegaio até o plúmbeo argentino e azul-celeste. Cobrindo a enorme bacia formada pelo martelar contínuo e milenário da possante queda, lá está a poeira d’água, desbordante que, por fim sobe, torcicolando, a marcar, no meio da floresta imensa, o ponto em que o chapadão se erodiu, determinando o descomunal desnível.
>
> Não resisti ao desejo de ver a arcada que todo o salto, apresenta, formada lentamente pela ação física dissolvente e mecânica das águas. [...] é simplesmente arrebatador, feérico, os arco-íris cruzam-se, as névoas condensadas não permitem a ninguém aproximar-se do incomparável anfiteatro, sem receber as entrudescas manifestações da maravilhosa catarata; circunda-o luxuriante vegetação, forrando de alcatifa do verdor aqueles escombros areníticos, produto da fenomenal fratura. As andorinhas dos saltos a brincarem, em voos mergulhantes, atravessam a formidável massa líquida que se despenha. (MAGALHÃES)

Vaqueiro Mimoseano

Se alguém se refere a seus inestimáveis serviços, contesta, atribuindo-os aos companheiros. Foi, na realidade, conjunto raro o dos auxiliares de Rondon – é que, como os grandes chefes, sabia escolher “*the right man for the right place*”. E, depois, impunha-se pela força do exemplo, executando inúmeras vezes aquilo de que ninguém era capaz, como capacidade física também. Narrava-o nosso saudoso amigo General Ivo Soares, mais tarde Presidente da Cruz Vermelha Brasileira e, na ocasião, Chefe do Corpo de Saúde do Exército:

Era Rondon Capitão Chefe da Comissão Telegráfica do Sul de Mato Grosso e eu 1° Tenente médico da mesma comissão. Certa manhã, não havendo os campeadores aparecido com o animal de montada do Chefe e tendo este um compromisso que o obrigava a seguir para Coxim, mandou encilhar uma besta de tração que se encontrava no acampamento, não obstante a ponderação da ordenança que, com toda a disciplina, lhe viera transmitir um recado do arrieiro: aquele animal não dava montaria e, mesmo como animal cargueiro, várias vezes corcoveara com as cargas... Respondera-lhe energicamente o Chefe, reiterando a ordem para que se arreasse a besta com os seus apeiros, apertando bem a cilha. Trataram, então, de obedecer-lhe. Mas, para tanto, foi mister amarrar solidamente o muar a um palanque e vendar-lhe os olhos. O animal bufava como touro ou como onça... Era um domingo e estava o pessoal em descanso, de modo que a nova despertou a curiosidade geral e, por entre o arvoredo e escondidas por trás das barracas, convergiam os praças os olhares para o palanque e talvez estivessem alguns antegozando a queda espetacular do seu Capitão. Rondon examinou cuidadosamente a implantação da cilha, que dividia em duas a barriga do animal, os loros, as rédeas e, de um pulo, cavalgou a fera, que foi rapidamente desvendada e solta das amarras. Reproduziu-se, então, um daqueles espetáculos do "*far-west*" Norte-americano ou dos nossos destemidos domadores, nas campinas do Rio Grande do Sul, entre os "*vaqueiros*" do Norte ou de Mato Grosso. O animal saiu como um raio, aos corcovos, barafustando pelas barracas, derrubando ramadas, dando coices, como se tivesse enlouquecido! Era terrível e parecia indomável. Mas o peão era também de se lhe tirar o chapéu! E não caiu, tornando vãos todos os desesperados esforços da alimária para o deitar ao chão. Depois de empolgantes passagens, conseguiu o cavaleiro metê-lo na estrada e nesse dia se apresentou em Coxim, montado na besta já domada, banhada de suor copioso, com a boca ensanguentada. (VIVEIROS)

Expedição Roosevelt Rondon

A Comissão

O Governo Brasileiro, atendendo aos desejos manifestados pelo notável e saudoso estadista da América do Norte, organizou uma Comissão brasileira para acompanhá-lo na arrojada travessia do Sertão de nossa Pátria e escolheu para chefiar essa comissão "*the right man to the right place*" – o então Coronel Rondon. À larga visão de um jovem estadista – o Senhor Lauro Muller – Ministro das Relações Exteriores nessa época, devem-se os extraordinários benefícios que advieram para o nosso País, com a acolhida de tal iniciativa, não só pelo reconhecimento geográfico de uma região até aí desconhecida e pelos estudos de História Natural realizados na zona percorrida, como também pelo valor da propaganda do Brasil no estrangeiro, especialmente na América do Norte, através do livro que Roosevelt publicou sob o título "*Through the Brasilian Wilderness*", livro que ele foi escrevendo no decorrer da própria Expedição. [...] Logo que Lauro Muller transmitiu o convite a Rondon, este acedeu imediatamente ao apelo do Governo ponderando, em todo caso, que estaria pronto ao desempenho da Comissão, certo de que "*não se tratava de um mero passeio de sport, mais ou menos perigoso, mas que o Governo ligaria, aos intuitos de uma travessia pelo Sertão, objetivos científicos de utilidade para nossa Pátria*". Isto indica o ponto de vista elevado em que Rondon se colocava, ao mesmo tempo em que evidencia estar ele a par do que se passava no mundo, não obstante viver na floresta anos seguidos! O Escritório Central tem sempre a incumbência de lhe transmitir, por telegrama, o resumo dos principais acontecimentos dentro e fora do País, telegramas a que alguns telegrafistas chamavam – o Jornal de Rondon. (MAGALHÃES)

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT: MAIS UMA PARA O SACO

Diz uma das pessoas que acompanhou a Expedição Roosevelt, através dos sertões do Brasil, que aquele estadista ficou admirado do engenho, energia e inteligência dos nossos caboclos, tendo para eles a frase abaixo:

(Do Jornal do Commercio)

Roosevelt: Já viajei por todo o mundo, mas nunca vi caboclos como estes!

Um Caboclo: Devéras? Então, seu Roosevelt não poderá mais dizer, lá nos Estados Unidos, que nóis aqui é mole...

Imagem 09 – Expedição R-R, O Malho, n° 608, 09.05.1914

ANNO III — QUINTA-FEIRA, 21 DE MAIO DE 1914 — NUM. 506

O IMPARCIAL

Diario Illustrado do Rio de Janeiro

PROPRIEDADE DA COMPANHIA BRASILEIRA DE PUBLICIDADE (S. Paulo)

À bordo do "Bahia" chegaram ontem os Tenentes Pyrineus, Lauriodó e Lyra, membros da Expedição Roosevelt Rondon

Peripécias, naufrágios e descobertas

Grupo das 2ª e 3ª turmas da Expedição Roosevelt-Rondon

Imagem 10 – Expedição R-R, O Imparcial, n° 506, 21.05.1914

A Expedição

Ficou assentado que a Expedição Roosevelt estudaria a fauna daquela região e dela forneceria exemplares ao American Museum of Natural History de New York, particularmente interessado em coleções provindas das regiões divisoras das Bacias do Amazonas e do Paraguai. As bagagens da Expedição foram, assim, rotuladas com os dizeres: "*Colonel Roosevelt's South American Expedition for the American Museum of Natural History*".

Completariam a Expedição dois naturalistas, Cherrie e Leo E. Miller, veteranos das florestas tropicais; o Secretário de Roosevelt, Frank Hasper; Jacob Sigg – que acumularia as funções de cozinheiro, enfermeiro e assistente de Father Zahm; Anthony Fiala, antigo explorador dos Polos. [...] O filho do Senhor Roosevelt, o Senhor Kermit, reunir-se-ia à Expedição, no Sul do Brasil, onde se achava havia alguns meses. (VIVEIROS)

A Crueldade da Vida dos Trópicos

Entrávamos agora no teatro dos trabalhos por nós iniciados em 1907, tendo-se já descoberto a maior parte desse Sertão – ligado por meio das linhas telegráficas, a Santo Antônio do Madeira e a Cuiabá, portanto ao Rio de Janeiro – Sertão já estudado e cartografado.

A Comissão criada pelo Presidente Afonso Pena abrira à civilização, havia cinco anos, esse Sertão que, desde 1890, vinha eu percorrendo e estudando à custa de sofrimentos incríveis, suportados com a resignação de quem se consagrou a um ideal, vendo morrer companheiros, amigos devotados, de polinevrite, febres e disenteria, flechados pelos índios, devorados pelas piranhas, exaustos de cansaço, eu

próprio quase perdendo a vida em diversas ocasiões, inclusive a percorrer mais de 3.000 quilômetros, para atingir o Madeira, com 40° de febre. Diria o Senhor Roosevelt, mais tarde, depois de atravessar a região:

> – É incrível a quantidade de insetos – que mordem, picam, devoram, depositam bernes, causam sofrimentos atrozes; vai além do que se possa imaginar. O patético mito da benfazeja natureza não pode ser aplicado à crueldade da vida dos trópicos. (VIVEIROS)

O Head-Ball

Notava ele, com vivo interesse, os objetos de uso dos índios, os tecidos feitos pelas mulheres, os costumes – as mulheres sempre ativas, ocupando-se dos filhos com infinita paciência, carregando-os em faixas largas a tiracolo, inseparáveis de seus fusos que faziam rodopiar desde que tivessem as duas mãos livres, ainda que fosse por um instante, uma para suspender o fio, a outra para fazer girar o irrequieto aparelho. Teve o Senhor Roosevelt ocasião de assistir a interessante esporte dos Pareci – a que chamou head-ball ([32]). Uma bola de borracha leve, por eles mesmos fabricada, era jogada com a cabeça, em destros movimentos de pescoço, sem que fosse tocada com mãos ou pés. Era difícil decidir o que mais admirar – se a destreza e força das cabeçadas, se a habilidade com que a bola era aparada. Referindo-se a esse esporte, em seu livro "*Through the Brazilian Wilderness*", confirmou o Senhor Roosevelt a opinião que expendi em 1911 de que era instituição autóctone sobre a qual nunca lera nem ouvira contar nada que permitisse supor ser praticada por qualquer outro povo do mundo. (VIVEIROS)

---

[32] Head-ball: izigunati, ou matianá-ariti.

Uma Valquíria Brasileira

Curioso episódio também foi observado em relação à mulher de um dos soldados regionais do Destacamento que acompanhou Roosevelt, desde Tapirapuã [Rio Sepotuba] às margens do Rio da Dúvida. Grávida já de nove meses, essa mulher acompanhou a pé todas as marchas da Expedição, por terra, o que era motivo para admiração geral. Aconselhada em Tapirapuã a alojar-se ali para seguir depois de dar à luz, recusou-se peremptoriamente e declarou que estava acostumada a andar no Sertão nesse estado de gravidez, sem se cansar. A convicção de suas afirmativas levou o Comandante do Destacamento à tolerância de a deixar seguir, embora contra o voto do médico. Pois bem, essa mulher extraordinária não só marchou diariamente quatro a cinco léguas a pé, como também só interrompeu a marcha um dia para dar à luz. Ao dia seguinte do parto, prosseguia a marcha a pé carregando o filho ao colo. (MAGALHÃES)

Fim da Jornada Apenas Para Roosevelt

Às 11h00, o Dunstan, onde viajava a Comissão Americana, levantava âncora rumo ao oceano... ainda o acompanhamos por algum tempo, a bordo do aviso "*Cidade de Manaus*". Afinal, por entre as névoas da saudade, que já envolvia nossos corações, lançamos, ao espaço, as últimas despedidas, erguendo vivas ao Chefe da Expedição Americana e à grande República que tinha a glória de tê-lo por filho. Às 23h00, voltava eu, no "*Cidade de Manaus*", à Capital do Amazonas, de onde segui pelo Madeira acima e, depois, pelo Jamari, de onde demandaria à estação de Barão de Melgaço, a fim de continuar os meus trabalhos de construção da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Madeira. Escreveu o Sr. Roosevelt o volumoso livro "*Through the Brazilian Wilderness*",

descrição de sua viagem. Foi esse livro traduzido, tendo eu pedido prévia autorização à viúva.

Essa delicadeza muito a sensibilizou e a autorização veio assinada, não só por ela, como por todos os filhos e pelo editor. Quando o Sr. Roosevelt foi à Europa, para fazer conferências sobre sua excursão, fui eu também convidado. Nessa ocasião, disse um português, a propósito do Rio da Dúvida, que os portugueses já lhe conheciam a barra, ao que retrucou o Sr. Roosevelt: Só a Barra era conhecida, isto é, alguns poucos quilômetros dos seus 1.500 km de curso. (VIVEIROS)

Rondon e o Caí

Meu Cachorro Fiel

(José Itajaú Oleques Teixeira)

É o melhor amigo do homem, diz a máxima popular.
É mesmo de se pensar: será o ser humano capaz
de fazer o que ele faz? De ser leal, companheiro,
de se entregar por inteiro em função de uma
amizade? Um sentimento me invade ao
lembrar o seu fim derradeiro.

Campanha Sertanista – Última Fase

De 1915 a 1919, última fase de sua grande campanha sertanista, inaugurada com o descobrimento do Juruena, consagra Rondon seus esforços ao levantamento geográfico de pontos e regiões importantes de Mato Grosso. Finalmente, a Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas ficou pronta, conseguindo dar sintética e condigna representação a todo o sistema de itinerários topográficos realizados sob a sua direção ou superintendência. Para isto tivera que, à medida que elaborava a representação dos levantamentos sertanejos, interpretá-los geograficamente, a eles

reunindo o resultado de longas pesquisas em arquivos do Brasil e do estrangeiro, revivendo explorações esquecidas ou inaproveitadas, juntando dados modernos, de tal forma que, pode-se dizer que a carta, bem atualizada, sintetiza duzentos anos de cartografia.

Em 1919, ao ser chamado ao Rio pelo Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras – Governo Epitácio Pessoa – Rondon, que perdera tantos companheiros na selva, levava a tristeza de uma nova perda, a do seu Caí, seu inseparável companheiro. (COUTINHO)

O Fiel e Inseparável Caí

Mas foi nesse período que perdi meu pobre Caí, meu fiel e inseparável companheiro de Sertão durante quatro anos, isto é, toda a sua vida porque, aos quatro meses, partiu comigo.

À tardinha do dia 02.06.1919 veio ainda me receber, embora já andasse doente, saltando para a canoa onde eu estava – teve então a primeira síncope. Tentou, ainda assim, carregar o meu chapéu, o que fazia sempre, quando eu chegava. Porque era um cão excepcionalmente inteligente, um pointer de rara beleza.

Meu nobre Caí! Admitindo minha superioridade, não te consideravas, entretanto escravo. Era voluntária a tua submissão e teus olhos, quase humanos, viam em mim um deus, um Rei, acima de tudo justo, capaz de conhecer todos os teus pensamentos para, de ti, só exigir aquilo que te conviesse. Por teu lado, lias o que se passava em mim, compreendias minha disposição de ânimo, conservando-te horas aos meus pés, imóvel se me vias ocupado. E, se me sentias triste, vinhas encostar tua bela cabeça, olhando-me como se dissesses:

Imagem 11 – Rondon e o Caí

– Não te aflijas, aqui estou eu, o teu verdadeiro amigo, pronto para substituir todos os teus amigos que falharem, para combater todos os teus inimigos. Vamos dar um passeio e não penses mais. Eu não costumo pensar. [...]

Disse-me, uma vez, um índio [Kierton] ([33]) que nos acompanhava depois de muito observá-lo:

– Meu Coronel, Caí não é cachorro!

– O que é ele, então?

– Caí é... gente...

E que precioso auxiliar, como guarda do acampamento, carregando a caderneta com inexcedível zelo, indo buscar o que se lhe pedia, encontrando, com seu admirável faro, as fichas que, durante a medição, caíam entre as folhas secas. Perdera-se, certa vez, uma caderneta. Chamei-o e, segurando-lhe a cabeça pelas orelhas, olhei-o bem nos olhos e ordenei repetidas vezes, com voz firme: Caderneta, Caí, busca!

Daí a dois dias voltava ele com a caderneta na boca. Não admitiu que ninguém lhe tocasse. Correu para mim, deitou sua grande cabeça no meu colo, a me fitar amorosamente, a solicitar os afagos que lhe não foram regateados...

Morreu quando terminamos nossos trabalhos, quando não mais corríamos perigo e eu não tive a alegria de lhe proporcionar vida sossegada na chácara onde sonhava viver com os meus, com a minha bicharada... Vida que não estava muito longe, porque eram meus últimos esforços no sentido de minha completa emancipação da vida do mato...

Enterramo-lo no último dia de serviço da Expedição, no porto do antigo Fortim da Conceição, debaixo de três grandes loureiros cuiabanos... (VIVEIROS)

---

[33] Kierton: da etnia Barbados, que depois viveria com Rondon no Rio de Janeiro – como uma espécie de mordomo no seu apartamento de Copacabana.

Pagmejera – O Grande Chefe
(Cel Eng Antônio Lara Rondon)

Envolvido neste "SONHO VARONIL"
Reflito e revejo o passado
Um olhar ameno e sonhador.
Um ser tenro, tez acablocada
Que brinca e corre pelos campos de Mimoso
O ser cresce, vigor e formosura
Entrelaçam-se, juntos permanecem,
Forjando a Têmpera do Desbravador
Que o Brasil jamais esquece.

Mergulhando impávido nas selvas brasileiras,
Levando no coração lição de paz e amor
Deixaste para as gerações
O exemplo nobre do Estadista, Humanista, Benfeitor.
Conheceste o âmago da solidão
Aprendendo desde cedo a viver de saudade,
Contudo, nada esmoreceu a bravura e o ideal do jovem mimoseano.

E, nesta saga de ideais
Sinais telegráficos até então desconhecidos
Alcançaram os mais remotos rincões da Amazônia
Percorrendo a imensidão do solo pátrio
Pés, que mais terras tropicais percorreram,
Deixando para o mundo
A imensidão da obra, concretizada no mais rude cerrado e floresta virgem
Desafio vencido graças ao trabalho, tenacidade e pioneirismo
De uma plêiade brilhante de jovens oficiais e praças.

Silêncio! A selva pressente o inevitável
O nambu chora a falta da companheira.
Árvores frondosas escondem o perigo iminente
Dorsos nus curvados pelo esforço do arco guerreiro
Logo o silêncio é cortado pelo zumbido da flecha defensora
A montaria assusta-se movimentos bruscos e agressivos
Partem dos companheiros de aventura
E, no entanto, a Índole Pura impede o massacre,
No lugar do troar do fuzil, ecoa no vazio da floresta
A palavra do verdadeiro altruísta

MORRER, SE PRECISO FOR; MATAR, NUNCA! [...]

Rio Negro – a Nova Missão

[...] vimos uma boca de outro grande Rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de Rio Negro. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma. (CARVAJAL)

Descida do Solimões

Ainda repercutia a notícia de minha jornada pelo Solimões, de caiaque. Percorremos todo o Rio Solimões de Tabatinga a Manaus num percurso que superou os 1.700 quilômetros tendo em vista a exploração de Afluentes, Paranás, Furos e Lagos ao longo de sua calha. O projeto visava, como o de agora, conhecer as peculiaridades locais, observando e analisando a história, flora, fauna, hidrografia e povos da floresta. Numa época em que tanto se propugna pelo respeito à natureza, o caiaque sintetiza o meio de transporte ideal para ser usado na "*Terra das Águas*".

> Seu deslocamento silente não afugenta, não atemoriza a fauna. As remadas firmes e cadenciadas seguem o ritmo da natureza sem agredir a flora, e a ausência de motores a combustão não polui, não macula os Rios.

A data de largada de Tabatinga foi no dia 01.12.2008, e a chegada a Manaus/AM, em 26.02.2009. O esforço exigido diariamente, que causa espanto a tantos, foi minuciosamente planejado, levando-se em conta a velocidade da correnteza, o desempenho do caiaque, os locais de parada e poderia ser alcançado por qualquer pessoa de boa capacidade física.

O mais importante em empreitadas dessa natureza é o preparo psicológico para que, sob quaisquer condições de navegação enfrentadas, se tenha condições de tomar decisões adequadas em tempo hábil e, ainda, ao final do deslocamento, ser capaz de continuar com as atividades propostas. Como exemplo, cito o deslocamento de 108 quilômetros que realizei, sozinho, de Anamã a Manacapuru, das 05h15 às 14h15 – nove horas sem parar.

Chegando à Cidade, após um banho revigorante, saí para contatar as autoridades locais com intuito de obter seu apoio e, logo em seguida, iniciei meu périplo pela bela Cidade, o qual durou até as 21h00. O treinamento exaustivo no Guaíba visava somente a isto: tornar-me capaz de cumprir a missão independentemente do percurso realizado. A missão não era remar, mas interagir e aprender com a selva, as águas e a população ribeirinha.

Planejamento e Execução

Alguns técnicos afirmam que a fase mais difícil de um projeto é a sua execução. Eu discordo e acho que, no caso de minha descida, foi justamente o contrário. A execução foi a parte fácil e a mais agradável, com experiências diferentes a cada curva do Rio, belas paisagens a cada remada, sinfonias únicas, inúmeras descobertas, vivências ímpares, novos amigos a cada parada.

O povo amazonense de todos os matizes, de todas as origens e de todas as raças nos acolheu sempre, de braços abertos, nos abrigando e alimentando. Tudo isso tornou a Expedição bastante tranquila.

Foi na fase de planejamento que enfrentamos nossos primeiros reveses. A falta de patrocínio por parte de entidades públicas ou privadas e o entendimento, por parte de organizações ligadas ao ensino de que o projeto não tinha uma face pedagógica definida quase comprometeram sua execução. O desafio não foi enfrentar o Rio-Mar, as chuvas torrenciais, banzeiros, o cansaço físico mas, sim, conseguir chegar a Tabatinga e transportar, para lá, todo o equipamento.

Ao concluir a missão, é com tristeza que verifiquei o contraste entre a repercussão fantástica que o projeto teve junto à população e à imprensa do Estado do Amazonas com a quase total indiferença por parte da mídia e das autoridades de meu torrão natal – o Rio Grande do Sul.

Descida do Rio Negro

Quando surge um problema, você tem duas alternativas: ou fica se lamentando, ou procura uma solução. Nunca devemos esmorecer diante das dificuldades. Os fracos se intimidam. Os fortes abrem as portas e acendem as luzes. (Dalai Lama)

A descida do Rio Negro, mais arrojada, mais difícil e, talvez, mais bela do que a do Solimões, estava longe de se materializar. O sonho parecia pouco a pouco desvanecer. A descida do Rio Negro tinha a largada agendada para 15 de dezembro de 2009 e estava comprometida em virtude da falta de aporte financeiro necessário, fundamentalmente no que tange às passagens aéreas. Continuamos, porém, confiantes treinando, estudando e planejando e torcendo para que até o fim do ano as nuvens sombrias que se formavam no horizonte viessem a desvanecer.

Rio Negro

Ainda não atingimos o Mar como o próprio nome do projeto indica, mas resolvemos que antes de atingi-lo devemos percorrer o quarto maior Rio brasileiro, em vazão, o Rio Negro. Com uma demanda superior à de todos os Rios europeus juntos, ele é responsável por 15% da água que o Amazonas despeja no Oceano Atlântico. No Negro encontramos os dois maiores e mais belos arquipélagos fluviais do mundo, o de Mariuá (Município de Barcelos) com mais de 1.466 ilhas e das Anavilhanas (Município de Novo Airão) em torno de 400 ilhas, e o espetáculo é complementado, ainda, pelo Parque Nacional do Jaú e as incomparáveis praias de areia branca, constituídas basicamente de grãos de quartzo, um cenário de pura beleza que pretendemos registrar a cada remada.

O maior afluente da margem esquerda do Rio Amazonas e o mais extenso Rio de águas pretas do mundo é navegável, por grandes embarcações, mais de 700 quilômetros acima de sua Foz. Na estação das chuvas, suas margens são inundadas em larguras de até 60 km. Suas águas têm origem em nascentes de áreas de sedimentos terciários conferindo-lhe a cor do chá preto. As águas são ácidas e a elevada acidez decorre da presença de grandes quantidades de substâncias orgânicas dissolvidas, oriundas de solos arenosos cobertos por vegetação.

Em regiões de relevo plano e baixas altitudes, as chuvas removem do solo as partículas minerais mais finas junto com o material orgânico e formam solos arenosos, denominados podzóis. O processo, chamado podzolização, produz uma camada superficial de solo, areia branca, formado, sobretudo, de grãos de quartzo.

Com o nome de Guainía, nasce no Leste da Colômbia, e depois da junção com o Cassiquiare, recebe o nome de Rio Negro. Entra no território brasileiro, na tríplice fronteira, nas proximidades da localidade de Cucuí, sede do 4° Pelotão Especial de Fronteira, no Estado do Amazonas, e segue a direção geral Sudeste, margeando as localidades de Içana, São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos, Carvoeiro, Moura e Novo Airão. Próximo a Manaus, forma um estuário de cerca de seis quilômetros de largura no encontro com o Solimões que, a partir daí, recebe o nome de Amazonas.

Relato Pretérito – Rio Negro

João Daniel (1752)

> Segue-se o grande Rio Negro, que é o maior, e mais famoso, que recebe o Amazonas da banda do Norte, e se tem feito mais célebre, por ter sido campanha de vários arraiais ([34]). Primeiro da tropa de resgates, para comprarem os índios que seus contrários apanhavam, e nutriam em currais, e de que iam comendo muito alegres. Segundo da tropa de limites, em que se haviam de ajuntar os plenipotenciários das duas coroas para a nova demarcação, e termo de limites; e desde então elegido este Rio em cabeça de Comarca, e de novo governo, mas parece que sujeito ao do Pará. Além disto, se faz célebre o Rio Negro pela sua comprida navegação para cima de 75 dias, e ter comunicação com o Rio Essequibo até Suriname, e com o grande Rio Orenoco até Santa Marta, Província, e governo de Caracas, célebre pelo seu "*cacau caracas*", de que tomou o nome; comunica-se mais com o Japurá supra, por meio de um esteiro ou braço. Deságua neste Rio Negro o Rio Branco da

[34] Arraiais: acampamentos militares.

parte de Leste com curso totalmente contrário ao Amazonas, e desta contrariedade se vinga bem o Amazonas metendo-o em correntes junto com o seu padrinho, o Rio Negro, onde deságua. Por este Rio Branco contratam os holandeses de Suriname com os índios do Rio Negro, de que se têm achado várias provas dos mesmos índios, como bandeiras, armas, ferramentas, e vários outros sinais. (DANIEL)

José Monteiro Noronha (1768)

84. Passadas cinco léguas seguidas da ponta sobredita, fica a Barra do grande Rio Negro na margem Setentrional do Amazonas em altura de 03°09’ ao Polo Sul, com direção de Oeste para Leste quase paralela ao Rio Amazonas, ao qual, na sua continuação da Barra do Rio Negro em diante, chamam vulgarmente Rio dos Solimões, por serem da Nação Sorimão [Yurimagua] os índios que, em outro tempo, habitavam nas suas margens, e ser costume introduzido entre os índios atribuir aos Rios a denominação do gentio mais dominante deles. No Lugar de Alvelos ([35]) e na Vila de Ega ([36]) ainda há índios da Nação Sorimão que, por corrupção do vocábulo, se diz Solimão. Na sua Barra e verdadeira entrada não chega a ter o Rio Negro meia légua de largo; porém, subindo por ele, cada vez vai se alargando mais, de modo que, na distância de dez ou doze léguas acima da Barra, estende-se a sua largura a quatro léguas, e a seis depois de principiarem as ilhas. As suas águas são negras, as praias e margens formosas e alegres, e o terreno enxuto. As notícias das expedições e tropas de resgate e guerra, e mais acontecimentos do Rio Negro, pedem história mais dilatada. (NORONHA)

---

[35] Alvelos: Coari.

[36] Ega: Tefé.

Henry Walter Bates (1850)

Um vento ligeiro começou a soprar do Leste na manhã do dia 22 ([37]), cedinho. Içamos, então, todas as velas e rumamos para a Foz do Rio Negro. Na sua confluência com o Amazonas, esse majestoso Rio parece constituir o prolongamento do próprio Rio principal, ao passo que o Solimões, que se junta a ele obliquamente e é um pouco mais estreito, dá a impressão de ser apenas um braço da corrente principal desse sistema fluvial. É fácil entender, por conseguinte, a razão por que os primeiros exploradores deram um nome diferente à parte superior do Amazonas. Ultimamente os brasileiros estão começando a chamar o Solimões, justificadamente, de Alto-Amazonas, e é bem possível que essa nova denominação venha substituir gradativamente o antigo nome. O Rio Negro alarga-se consideravelmente a partir de sua Foz, dando a impressão de ser um grande Lago; suas águas escuras não são correntes, parecendo represadas pelas impetuosas e pardacentas águas do Solimões, que levam de roldão uma infindável série de árvores arrancadas e pequenas ilhas flutuantes, cobertas de capim, formando assim um vivo contraste com seu afluente. Quando fazíamos a travessia, passamos um pouco além do meio do Rio, pela linha onde as duas águas se encontram, nitidamente diferenciadas uma da outra. Ao alcançarmos a margem oposta, notamos ali uma mudança notável. Todos os insetos que nos atormentavam desapareceram como por encanto, até mesmo os que estavam no interior do barco, e o rebuliço e a agitação de um Rio que fluía velozmente ao longo de barrancos a prumo, carcomidos pela erosão, foram substituídos por águas remansosas e um aprazível litoral [...] (BATES)

[37] 22 de janeiro de 1850.

Lorenzo da Silva Araujo y Amazonas (1852)

En el Diccionario topográfico, histórico y descriptivo que en 1852 publicó el Capitán de Navío de la Escuadra Brasilera, Lorenzo da Silva Araujo y Amazonas, que en el Río de este nombre sirvió por dilatados años, se encuentra lo siguiente:

> Negro: Río de la Guayana, de cuya confluencia con el Solimoes toma este el nombre de Amazonas. Los indígenas lo Llamaban Guiari, y aun Guriguacuru, y arriba de los saltos Ueneya. [...] Sus aguas color do alumbre son en apariencia negras, y es de este color de donde le viene el nombre con que es conocido, á cuyo respecto dice Condamine:
>
>> Las aguas vistas muestran un oscuro tan subido que más parece una laguna de tinta negra. No es difícil de concebir que uniéndose muchas láminas ó superficies de esta agua, infaliblemente han de turbar su trasparencia; y cuanto más alto fuere el fondo, tanto más subido debe ser el oscuro; de aquí viene que junto a la orilla, donde el fondo es más bajo, el agua muestra su color natural.

[...] Su curso está lleno de islas de diversos tamaños y anegadizas en las crecientes. De estas, unas son estériles puesto que no anegadas, otras continuos pantanos, otras que abonadas por las inundaciones proporcionan cuando descubiertas, como las orillas del Nilo, famosas plantaciones principalmente de arroz; otras inaccesibles a las inundaciones, ostentan increíble fertilidad, perdida por la indiferencia y abandono. [...]

De 30 a 40 naciones indígenas habitan sus bosques y los de sus confluentes, entre los cuales se distinguen los Manaos, como en el Solimoes los Cambebas, en el Madera los Ararás, en el Tapajoz los Mondurucús [...] (AMAZONAS)

Roberto Solthey (1862)

Sessenta léguas abaixo do Perus ([38]), deságua do Norte o Rio Negro. [...] Acuña calcula-lhe légua e meia de largura na sua Foz, erro extraordinário, pois que não mede ela mais do que uma milha, embora em outras partes se espraie a corrente pela prodigiosa largura de sete a oito léguas. É Guiari o nome indígena deste Rio, e mais acima Ueneya.

Chamam-no Negro os Portugueses, da cor de suas águas, que pela sua profundidade e clareza parecem pretas ao misturarem-se com as do túrbido ([39]) Amazonas. Tremendo é o conflito destas duas poderosas torrentes. Arremessa-se o Negro através da corrente do outro, e por muitas léguas se lhe distinguem ainda as límpidas águas. Por este Rio acima e por outro que nele vem morrer, chamado Paraná-meri, ou o Rio pequeno, ouviu Acuña dizer que havia muitas nações, das quais a mais remota trajava vestidos e chapéus, do que concluiu que teria esta aprendido esta moda d'alguma Cidade espanhola, que devia ficar perto. Um dos braços do Rio Negro, lhe disseram, comunicava com outro Rio imenso, que desaguava no Atlântico, e sobre o qual estavam estabelecidos os Holandeses: este, concluiu ele, que devia ser o Rio de Philippe, cuja Foz se chamava o Mar d'água Doce, sendo a primeira corrente d'alguma magnitude perto do Cabo do Norte, e pela qual, segundo ele também, saíra Aguirre ao Oceano.

Nesta opinião de que não podia haver comunicação entre o Amazonas e o Orenoco, persistiram por muito tempo pertinazmente os geógrafos; mas sobre o fato já não resta dúvida, sendo mais uma prova das relações extraordinárias que entre si mantinham

[38] Perus: Purus.
[39] Túrbido: turvo.

estas tribos, e do alcance dos seus conhecimentos geográficos, o tê-lo Acuña sabido da Boca delas a tão grande distância deste último Rio. À Barra do Rio Negro notou ele algumas boas posições, onde se podiam plantar Fortes, não faltando para isso pedras à mão: mas recomendou que antes se fortificasse a embocadura do Branco, com o que lhe parecia que se fecharia aos Holandeses este Canal, frustrando-se-lhes nesta direção eficazmente os desígnios de engrandecimento. (SOLTHEY)

Marechal Boanerges Lopes de Souza (1928)

Entra em território brasileiro com a de 1.020 metros [na ilha de São José], tem 740 em frente a Cucuí [Destacamento] e 1.240 na Foz do Xié. Até receber o Uaupés, prossegue com largura entre 1.200 e 2.500 metros recebendo neste trecho o Içana pela margem direita e o Dimiti pela esquerda. Grande número de ilhas dilatam-lhe o Canal. Em Tatu-rapecuma, ou São Pedro da Foz do Uaupés, sua largura se reduz a 500 metros para alargar em seguida até 3 quilômetros ao espraiar-se nos contrafortes da Serra Cabari e do Urucum. Na garganta de São Gabriel, estrangula-se para 370 metros. Abaixo desta Vila, sua largura média é de 3 quilômetros e no baixo curso atinge a vários quilômetros. O número de ilhas é enorme:

> Todas elas dispostas como guias-correntes, dividindo o Rio em 3 ou 4 canais diversos. No baixo Negro, a disposição das ilhas é labiríntica e casos de embarcações desorientadas, dias inteiros, são frequentes. Em geral apresentam uma forma esguia, acompanhando o Rio quilômetros e quilômetros, parecendo que sua origem se prende a trabalhos da corrente. São praias que surgem nas vazantes e que fertilizadas pelas enchentes periódicas, se consolidam pela vegetação. No alto curso, em geral são firmes; no baixo, sujeitas a inundações. [Dr. Glycon Paiva, Geólogo]

Sua coloração foi atribuída por Humboldt a carburetos que a água leva em dissolução; segundo outros, à presença de algas microscópicas ou de ácido úlmico. Alguns de seus afluentes são de água branca; e o interessante é que os Rios pretos e brancos já brotam do seio da terra, cada um com a sua cor – uns brancos e outros pretos e, às vezes, nascem a poucos metros de distância.

Como já dissemos, é francamente navegável até Santa Isabel [763 km acima de Manaus] e transposto o trecho encachoeirado de Camanaus a Carapanã [49 km] permite navegação livre, Guainía a dentro. (SOUSA)

Cassiquiare

O Rio ou Canal Cassiquiare é um Canal natural, com 326 km de comprimento, que liga margem esquerda do Rio Orenoco à margem esquerda do Rio Negro. O Cassiquiare é um defluente ([40]) do Orenoco e é navegável a maior parte do ano por pequenas embarcações. Essa rara ocorrência geográfica forma uma região, que abrange 1,7 milhões de quilômetros quadrados e cinco países, denominada de "*ilha da Guiana*", a maior ilha do planeta. A "*ilha*" é limitada pelo Oceano Atlântico, entre a Foz do Amazonas e o Orenoco, pela calha do Orenoco, Canal do Cassiquiare, Negro e Amazonas compreendendo o Leste e o Sul da Venezuela, a Guiana, o Suriname, a Guiana Francesa e, no Brasil, o Amapá, o Norte do Pará, Roraima e uma parte do Norte do Amazonas.

---

[40] Defluente: nome dado aos Rios menores que se separam de Rios principais em bifurcações, sendo um fenômeno contrário e muito mais raro que a afluência. Muitos defluentes correm para fontes aquáticas distintas de sua origem, podendo formar canais de ligação raros entre duas bacias hidrográficas diferentes.

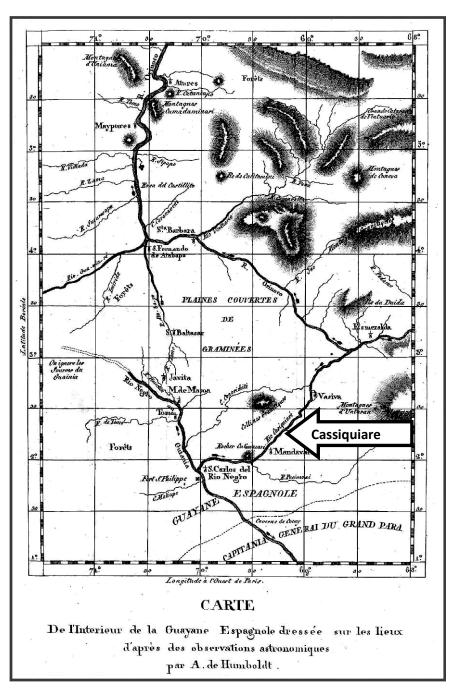



Imagem 12 – Cassiquiare (Humboldt)

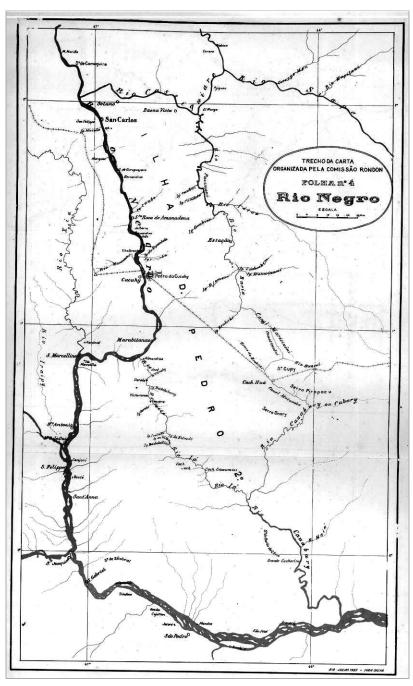



Imagem 13 – Cassiquiare (Boanerges)

Controversa Existência do Cassiquiare

1542 **-** Francisco de Orellana relata que os dois grandes Rios eram interligados por um grande Lago abaixo da linha do Equador, denominado Lago Manoa ou Lago de Parima.

1596 **-** Walter Raleigh, na sua Expedição pelo Orenoco, recolheu informações entre os nativos sobre a interligação, que atribuiu à existência de um grande Lago que poderia ser ou não o próprio Rio Amazonas.

1639 **-** Cristóbal de Acuña faz a primeira descrição do Canal, mas que foi desconsiderada, já que tal bifurcação fluvial foi considerada improvável e antinatural.

1744 **-** Padre Manuel Román navega ao longo do Cassiquiare até ao Rio Negro, regressando depois pela mesma via ao Orenoco.

1745 **-** Charles Marie de La Condamine apresentou perante a Academia Francesa uma descrição da viagem do Padre Manuel Román, confirmando a existência do Canal. Na oportunidade, a maioria dos acadêmicos europeus se manifestou contra a existência do Canal.

1756 **-** A Comissão de Demarcação espanhola, comandada por José de Iturriaga, percorreu demoradamente a região comprovando a existência do Cassiquiare.

1800 **-** Alexander von Humboldt explora detalhadamente o Rio e publica, em 1812, um mapa detalhado da região, mostrando o curso do Canal e os seus pontos de inserção nos Rios Orenoco e Negro.

Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio

Os portugueses foram, na verdade, os primeiros a comprovar fisicamente a descoberta do tão inusitado Canal conforme o diário de viagem de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em 1774.

> Diário de uma viagem que em visita, e correição ([41]) das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente-Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775 [Lisboa: na Tipografia da Academia em 1825]. [...] Porém o total e último descobrimento do Rio Negro se deve às tropas chamadas de resgate que, autorizadas com as leis e ordens necessárias, iam a procurar escravos naquelas nações, e juntamente descer índios para as nossas aldeias de sorte que, nos anos de 1743 e 1744 se penetrou pelo Rio Negro ao Orenoco, descobrindo-se o braço dele chamado Parauá, e o Canal Cassiquiare, que o comunica imediatamente com o Rio Negro: isso antes que os castelhanos tivessem nem ao menos notícia do dito Parauá, e Cassiquiare: pelo contrário, duvidando seus escritores da mesma comunicação, como se pode ver da obra do Jesuíta Gumilla, superior das missões do Orenoco, intitulada Orenoco ilustrado. Escreverei as suas palavras por serem muito expressivas neste particular:
>
> > Ni yo [diz o citado autor] ni Misionero alguno de los que continuamente navegan costeando el Orenoco, hemos visto entrar, ni salir al tal Río Negro. ¿Digo ni entrar, ni salir; porque supuesta la dicha unión de Ríos, restaba por averiguar de los dos, quien daba de beber a quién? Pero la grande, y dilatada cordillera, que media entre Marañon y el Orenoco, excusa a los Ríos de este cumplimento y nosotros de esta duda. [...]

---

[41] Correição: visita aos cartórios da sua alçada.

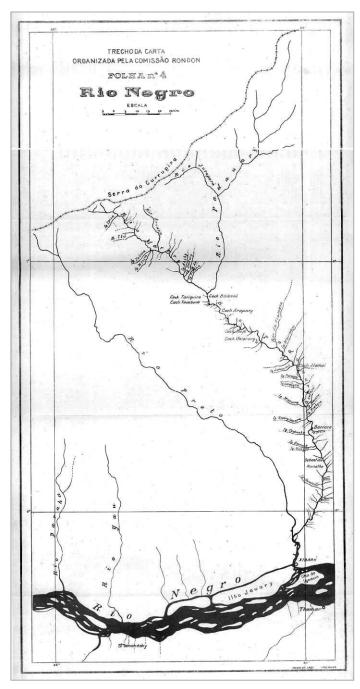



Imagem 14 – Rio Negro – Folha n°4 (Boanerges)

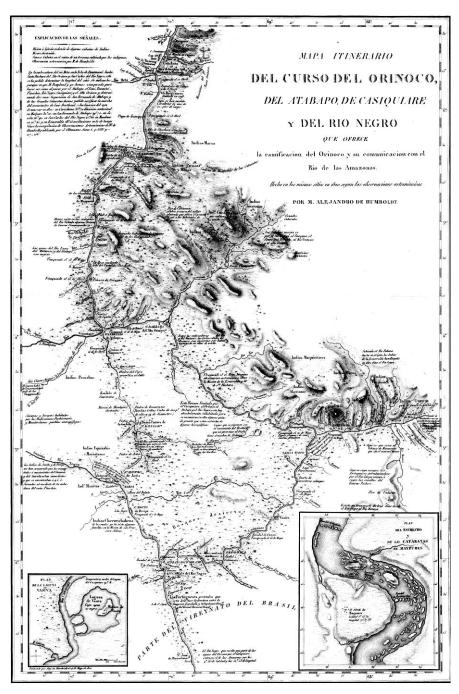



Imagem 15 – Mapa da Jornada de Humboldt

> No dito ano de 1744, entrou Francisco Xavier de Moraes em companhia de outros portugueses com uma pública e autorizada Bandeira pelo Rio Cassiquiare e, saindo depois pelo Parauá, encontrou, quase junto ao Orenoco verdadeiro, ao jesuíta Manoel Romão que, por uma casualidade, navegava por aquele Rio, o qual trouxe consigo para o Arraial de Avida. Essa foi a primeira ocasião em que castelhanos viram aqueles Rios: e então disse o mesmo jesuíta, que ia desenganar os moradores do Orenoco, de que este se comunicava com o Rio Negro, e tão remotas eram as notícias dessa comunicação que, no Orenoco se cria, que os habitantes do Rio Negro eram gigantes. E na mesma obra, fazendo-se uma exata descrição do Orenoco, numerando-se os Rios que lhe são tributários, não se diz palavra da parte superior, ou braço do Parauá, nem menos do Cassiquiare. Por onde fica patente que todas as descobertas feitas até aquele lugar são dos portugueses que, pela sua indústria e trabalhos as concluíram: pois que os castelhanos não só ignoravam aqueles países, mas até os tinham por fabulosos.

O Rio Negro guarda muitas histórias e lendas ocultas nas suas escuras águas, ilhas paradisíacas, e praias deslumbrantes e, por isso mesmo, pretendo, mais uma vez, dia-a-dia, remada a remada, buscá-las, interpretá-las e trazê-las ao conhecimento de todos os brasileiros.

Alexander von Humboldt
(William Ospina)

¿Sabe la rosa que la espina podrá defenderla vulnerando la piel del que ataca? ¿Sabe la ceiba que lanzando a volar sus semillas en una gasa leve lejos germinarán en suelos más propicios? ¿Dónde termina cada cosa y empieza su designio?

Veo entre rayas de luz el trazo delicado de las naves en la catedral silenciosa y las comparo con la forma de una orquídea salvaje, veo el trazado blanco de las nervaduras sobre la hoja y pienso en las rayas del caballo africano, y pienso en el blanco trazo de las costillas, y me pregunto por qué tienen la misma forma el ojo y los planetas, por qué la honda extensión de las montañas parece un oleaje.

A solas me pregunto ¿Respiran de otro modo las plantas de follaje rojo? ¿Tienen alma las piedras? ¿Es un lenguaje el color de las flores? ¿Por qué el aceite al caer el agua forma perfectos círculos?

Ahora bien, si somos iguales los hombres, ¿Por qué tanta insistencia en prodigar diferencias? ¿A qué tanto cuidado por la forma hecha para borrarse como una nube?

Mi cielo está dorado de preguntas. Aún lo espero todo de la piedra y las olas. Pondré mi oído en la piedra hasta que hable, hasta que ceda su secreto de cohesión y firmeza, de indiferencia y persistencia.

Cuerpo que busco son noches los cabellos, son estrellas los ojos, un juego retórico, hay rigor en mi mente, el vientre es el océano. Estoy juntando las estrellas de mar y de río y persigo el secreto de sus irradiaciones.

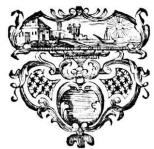
Esta es la ávida región de los buscadores insomnes, después de tan cerrada eternidad, entro por fin al bosque donde florecen los misterios. Me atraen por igual los discordes secretosde de la voluptuosidad y de la enfermedad.

Esta es la tierra prometida, y el orden que la rige está mejor guardado que la perla más honda.

Aquí toda verdad proyecta largas sombras, toda revelación multiplica el misterio y toda desnudez es encubrimiento. Nada me falta, nada pido, este es el asombroso mudo que quiero. Los bosques centenarios están pensando y un Dios habita en ellos, un animal fantástico alza sus mansos ojos sobre la hierba y siente que le llega al corazón la punta de oro frío de la estrella.

*Entré en las místicas cavernas donde se amontonan por millares los pájaros he pasado una noche con el cuerpo sumergido en el río y sólo la cabeza expuesta al aire negro de mosquitos, llevo en el corazón las horas de un naufragio y el alegre descenso de las canoas raudas por el Orinoco hacia lugares llenos de crepúsculo, y el peligroso avance sobre las mulas por las altas comisas del Quindío y el esplendor de un vuelo frío de pájaro
sobre las nieves perpetuas.*

¿Qué luna es ésta que gira sin fin en tomo de mi carne? ¿Qué fascinante muerte combato sacudiendo estos ramajes cargados de hechizos? ¿Qué vacío interior que no colman siquiera las estrellas innumerables?

*Voluptuosidad de conocer, no me apartes jamás de los propósitos de la tierra. Haz que yo sea siempre el discreto aprendiz de este anciano milenario. Y que mi mano no sueñe jamás con hacer más bella a la rosa,
más brillante a la estrella.*

Treinamento

O Rio Guaíba e a Terceira Margem

Desembarcou aqui como passageiro comum entre tantos que procuram a Terceira Margem do Rio entre o céu e a terra. (NOGUEIRA)

Meu grande amigo e irmão General de Divisão Jorge Ernesto Pinto FRAXE me presenteou, quando era Comandante do 1° Grupamento de Engenharia, com o livro "*O Andaluz*", que nos remete a uma reflexão importante a respeito de pessoas culturalmente diferenciadas ou portadoras de deficiências e o respeito e a compreensão que devemos ter em relação a essas diferenças. A leitura, aliada aos meses de afastamento das águas amigas do Guaíba, aumentou minha sensação de solidão e saudade.

Só aqueles que trazem na alma o amor pela natureza talvez entendam o sentimento que me invade, quando navego pelas tuas águas infindas. Sejam capazes de entender a estranha energia que me invade e revigora e a sensação mágica que toma conta de minha alma como se eu estivesse entrando, sozinho, em um recinto misterioso e sagrado. Por isso te trato como Rio, com letra maiúscula mesmo, como sinal de respeito e devoção que me mereces.

O treinamento para o Rio Negro continua e, depois dele, outros virão. Os obstáculos, me ensinaste, existem apenas para aumentar nossa determinação e vontade de prosseguir. Parar, um dia sim, talvez, mas só quando meus braços não conseguirem empunhar o remo e manter a voga.

O Rio Negro tem a magia das suas águas pretas, das suas praias de brancura imaculada e natureza exuberante, mas nenhum outro se igualará, jamais, a ti meu Amigo e Irmão Guaíba.

Ode à Maguari – "Requiem" à Laguna da Fortaleza

Às vezes, as garças se animam com o assovio dos ventos chamando a noite. E dançam. Dançam o passado cravado às asas. Nunca procuram caminhos de volta: foram apagados. (MARTINS)

Nem mesmo os rigores do inverno devem impedir ou prejudicar o treinamento para meu novo desafio. Minhas raias têm se alternado, regularmente, entre as águas do Rio Guaíba e os belos mananciais lacustres litorâneos meridionais. O dia 28.07.2009 (terça-feira) amanheceu ensolarado, esperei até as 11h00 para que a temperatura se tornasse mais amena antes de iniciar a navegação na Lagoa da Fortaleza, em Cidreira.

Seria apenas um treinamento curto, tendo em vista que as previsões meteorológicas previam tempo ruim na parte da tarde. A velocidade do vento oscilava entre dois e três nós e as ondas entre 20 e 40 centímetros, tudo indicava que seria mais um habitual dia de treinamento. A Lagoa e as paisagens no seu entorno eram minhas velhas conhecidas e, em consequência, o percurso não prometia grandes novidades.

Ode à Maguari

Eu havia decidido iniciar minha rota contornando o perímetro da Lagoa, remando a uns 50 metros da margem rumo Norte.

Depois de remar por ¼ de hora passou, a poucos metros de altura, uma enorme Garça Real, também conhecida como Garça Moura ou Maguari ([42]). Diferente dos demais pássaros que se afastavam repentinamente, quando se aproximavam do caiaque, ela não alterou seu curso e foi pousar tranquilamente, mais à frente, dentro d'água, próximo à margem de onde ficou me observando.

Continuei minha jornada e fui surpreendido novamente, quando a "*Maguari*" passou, desta vez, pela proa do caiaque, virando sua cabeça, me examinando, indo pousar logo adiante de onde permaneceu me avaliando. A cena se repetiu diversas vezes e, em uma das oportunidades, ela pousou nas areias da praia de uma pequena enseada e de lá acompanhou, de modo a não me perder de vista, a passos largos pela praia, meu deslocamento. Quando aportei, depois de remar por uma hora, ela se afastou desaparecendo ao longe por trás das brancas dunas de areia.

Fiz um "*tour*" pela área admirando a vegetação e identificando os vestígios de capivaras e ratões do banhado que ainda habitam a região protegidos, que são, pelos zelosos e conscientes fazendeiros locais.

---

[42] Garça Maguari (Ardea cocoi): é a maior das garças brasileiras podendo atingir 1,80 m de envergadura. Fora do período reprodutivo, vive solitária e, mesmo nessa época, a maioria mantém-se isolada durante a alimentação. O voo, em linha reta, com o pescoço recolhido e as pernas totalmente esticadas, é ritmado com lentas batidas de asas. Pousa nas margens dos Rios, Lagoas e banhados, oculta pela vegetação, onde captura peixes e anfíbios. Nidifica na parte superior das árvores mais altas e os ovos são chocados e cuidados pelo casal. A plumagem apresenta um contraste do branco do pescoço com o dorso acinzentado e as laterais escuras do ventre. Possui uma listra negra da parte inferior do pescoço, bem como no alto da cabeça. Ao redor dos olhos possui uma coloração azulada e o bico é amarelo. (Pantanal – Guia de Aves – RPPN – SESC)

Não esperava mais rever minha curiosa amiga, mas, alguns minutos depois de iniciar meu retorno, a "*Maguari*" cruzou novamente pela proa do caiaque a uns dez metros de distância de maneira que pude identificar até a cor de seus olhos. Ela continuou a me acompanhar até o sítio de onde iniciara seu périplo. O que era para ser mais um rotineiro dia de treinamento se transformou numa experiência mágica em que dois seres, tão distintos, tiveram seus destinos entrelaçados, ainda que momentaneamente, pelas mãos do Grande Arquiteto do Universo. Foi um dia muito especial. Guardarei com carinho a cor daqueles brilhantes olhos da amiga "*Maguari*" me fitando.

"Requiem" à Lagoa da Fortaleza

Mas nem tudo foi perfeito. Verificando as águas rasas junto às margens da Laguna, não havia qualquer sinal de vida aquática. Nem mesmo os famosos pequenos peixes "*barrigudinhos*" que infestam qualquer pequena lâmina d'água. Lembro-me de minha adolescência quando se apanhavam, nas suas águas, lambaris, tainhas, peixes-Rei e mesmo siris.

Iniciei, há uns 20 anos, minhas navegações pela Lagoa de Cidreira (Fortaleza) e desde então observo, constrito, a vida a se esvair de suas águas. A CORSAN, há anos, represou as águas da Lagoa da Fortaleza para captação de suas águas para o consumo humano. Os peixes que migravam desde o Mar pela Barra do Rio Tramandaí, Laguna do Armazém e pelos canais que a unem às Lagoas – da Custódia – do Gentil – Manoel Nunes até a Lagoa da Fortaleza foram impedidos de fazê-lo. A diferença dos níveis das águas que, na estiagem, pode atingir quase três metros, no dique, impede os peixes de alcançar as águas da Fortaleza.

Não houve, na época da construção da represa, a preocupação de construir um Canal de transposição para os peixes para que isso não acontecesse. É interessante verificar que os ecologistas gaúchos, que se preocupam e se mobilizam com desmandos tão distantes de suas plagas, não se interessem pelas ações inconsequentes que são perpetradas debaixo de suas ventas. Será que aos "*talibãs verdes*" não interessam uma empreitada deste tipo porque ela não obteria a tão "*necessária*" repercussão na mídia sensacionalista?

Vendaval na Lagoa da Fortaleza

Sombra de Don Juan
(Lord Byron)

Eu era o vendaval que às flores puras
Do amor nas manhãs o lábio abria!
Se murchei-as depois... é que espedaça
As flores da montanha a ventania!

O treinamento para a descida do Rio Negro é um eterno aprendizado e, desta vez, a protagonista foi, novamente, a Lagoa da Fortaleza em Cidreira.

El Niño

O aquecimento das águas do Oceano Pacífico acarreta mudanças significativas nas correntes atmosféricas, provocando secas na região Norte/Nordeste e a ocorrência de intensas chuvas na Região Sul do país provocando, muitas vezes, catástrofes que assolam impiedosamente a região serrana de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Nas planuras lacustres ao longo do litoral gaúcho, porém, estas mesmas águas trouxeram muita beleza e revitalizaram a região.

Lagoa da Fortaleza

Na manhã de sábado, 10.10.2009, ventos superiores a 10 nós (18 km/h) encrespavam a superfície da Lagoa da Fortaleza, com ondas superiores a meio metro de altura. O caiaque oceânico mais parecia um potro redomão corcoveando sobre as águas. As ondas revoltas lavavam o convés e tornavam a navegação bem mais emocionante, embora mais lenta. Rumei direto para a pequena represa construída no Canal que une a Fortaleza à sua vizinha do Norte (Lagoa Manuel Nunes).

As águas tinham inundado os campos mais baixos e, quando me aproximei do dique, constatei que a diferença do nível das águas de montante e jusante, que há três meses, era de mais de um metro e oitenta era, agora, de apenas de 25 cm. O barranco que dificultava o acesso ao Canal simplesmente desaparecera, suas águas estavam niveladas com o campo.

A quantidade de aves era impressionante: bandos de marrecas da patagônia (Netta peposaca – não avistei nenhum macho no bando), marrecas piadeiras (*Dendrocygna viduata*), caneleiras (*Dendrocygna bicolor*) e pés-vermelhos (*Amazonetta brasiliensis*) que levantaram voo tão logo me avistaram. Apenas um fleumático casal de tarrãs ([43]) me observava curioso do alto de um morrote sem esboçar qualquer reação.

---

[43] Tarrã (Chauna Torquata): ave da família dos anhimídeos, natural da Argentina, Bolívia e região Sul do Brasil. Medem cerca de 80 cm de altura, com uma envergadura de 1,20 m e 4,5 kg de peso. As pernas são vermelhas e as plumagens pardo-acinzentadas, pescoço com gola negra e estreito círculo branco. As asas são negras e com uma grande área branca visível durante o vôo. Conhecidas, também, pelos nomes de anhuma-do-pantanal, tachã-do-Sul, tajã, xaiá e xajá.

Pouco antes de me aproximar da represa, um movimento intenso sob as águas mostrava que os peixes tinham, graças às cheias, conseguido alcançar, finalmente, a Lagoa da Fortaleza, revitalizando-a. A represa, antes da cheia, era uma barreira intransponível para os peixes que tentavam migrar desde a Barra do Rio Tramandaí e chegar à Lagoa da Fortaleza, depois de passar por quatro Lagoas atravessando os seus canais.

Tirei algumas fotos da represa e cercanias e naveguei para a Foz a jusante do Canal onde estacionei. A imagem da Lagoa Manuel Nunes era bastante diferente da que eu encontrara meses atrás. Na época, a Foz, totalmente assoreada, permitia que se atravessasse o Canal a pé com água pelo tornozelo e, hoje, tive de nadar para alcançar a margem oposta. Uma grande cobra d'água lutava contra a correnteza forte do Canal. Uma pequena tartaruga e um grande cágado lagarteavam num local protegido dos ventos aproveitando o calor amigo dos raios solares. Encontrei um crânio de capivara que resolvi levar para os Professores de Biologia do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA). A natureza irradiava uma harmonia contagiante.

Vendaval na Lagoa

Na manhã de domingo, 11.10.2009, ventos superiores a 30 nós (54 km/h) encastelavam as águas da Lagoa da Fortaleza, com ondas de metro e meio de altura. Remei durante algum tempo mas, apesar de manter o remo abaixo da linha dos ombros, procurando evitar a ação dos ventos nas suas pás, o esforço exigido era muito grande e resolvi executar, apenas, pequenos percursos próximos à margem.

Eu já enfrentara um vendaval semelhante no Guaíba ao retornar do Parque Itaponã. A distância de 10 km que eu vencia, normalmente, com 01h25, sem apresentar qualquer sinal de cansaço precisou, na época, de 02h55 para ser vencida e, ao final, eu me encontrava totalmente extenuado.

Canoagem "*Radical*"

A Tempestade
(Gonçalves Dias)

Nos últimos cimos dos montes erguidos,
Já silva, já ruge do vento o pegão;
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
Até que lascados baqueiam no chão.

Treinamento para a "Lagoa dos Patos"

Continuamos com os treinamentos para a Descida do Rio Negro. O "*encerramento*" desta vez será a "*Travessia da Laguna dos Patos*", com saída da "*Praia da Pedreira*", madrugada de 25.11.2009, Parque Itapoã, e chegada, prevista em Rio Grande no dia 1° de dezembro.

Ontem a previsão de mau tempo me forçou a navegar costeando a margem esquerda do Guaíba até a frente Sul da "*Ponta Grossa*". Os fortes ventos de popa na ida e, por incrível que pareça, na volta, favoreceram bastante o deslocamento. Acostumado a remar longe das águas de Ipanema e da Vila dos Sargentos, havia esquecido a poluição que infesta aquelas áreas. Às vezes tenho de concordar com os "*Talibãs Verdes*" com o fato de que o homem está se tornando um vírus letal para a Mãe Terra.

Hoje, dia da Bandeira, resolvi, contrariando o bom senso, atravessar o Guaíba rumo ao Parque Fazenda Itaponã, meu idílico refúgio. É verdade que o tempo estava perfeito, não fosse um pouco de neblina na linha do horizonte. Visitei meu velho amigo pescador, Senhor Américo, e fui passear pelo campo admirando a floração das palmas onde os insetos polinizadores disputavam freneticamente cada flor.

Abençoados "Teiús"

Ao retornar ao cais, onde havia deixado o caiaque, e preparar-me para o retorno, fui surpreendido com a visão de um enorme teiú ([44]) que ziguezagueava pelo campo procurando ovos de quelônios. A língua cor-de-rosa movimentava-se freneticamente tentando localizar alguma presa. De repente, o réptil estancou e, depois de alguns giros sobre o mesmo lugar, iniciou a escavação.

O primeiro ovo apareceu logo em seguida e foi de pronto devorado. Quando estava para devorar o quinto ovo, surgiu, não sei de onde, um lagarto ainda maior que o primeiro. Alguns giros e demonstrações de hostilidade fizeram o primeiro abandonar o tesouro recém-descoberto. Não sei se por estar saciado ou acovardado perante tamanho adversário. O segundo lagarto continuou a escavação e só se retirou após devorar os oito ovos restantes.

---

[44] Teiú (Tupinambis merianae): cabeça comprida e mandíbula e maxilar fortes, repletos de pequenos dentes pontiagudos. A língua é cor-de-rosa comprida e bífida. A região ventral é clara, com barras negras transversais irregulares. Maior lagarto do continente, atingindo até um metro e vinte centímetros de comprimento. A cauda chega a medir 60 centímetros. Alimentação: variada, incluindo moluscos e artrópodes, vegetais, frutas, ovos, roedores, aves e anfíbios. (Guia Ilustrado de Animais do Cerrado de Minas Gerais – CEMIG – Editare Editora – 2003)

A Tormenta

O leitor deve estar se perguntando onde está o "*Radical*" de tudo isso. Às 12h20 iniciei minha viagem de retorno, rumo Nordeste. Após remar vinte minutos, alguma coisa ou "*Alguém*" me fez olhar para o Sul. Um enorme, belo, sinistro e arroxeado cogumelo de tempestade, com belas franjas verticais de brancas e diáfanas nuvens, limitado a Este pelo Farol de Itapoã e a perder de vista a Oeste, brotou do nada. Resolvi picar a voga achando que seria possível chegar antes dele ao meu destino – a Raia 1, na Pedra Redonda. Pouco depois, me virei novamente e o limite Este já era a ilha do Chico Manoel, a tempestade percorrera 20 quilômetros em menos de dez minutos. Resolvi aportar na margem direita até que a tempestade passasse, afinal estava a apenas 400 metros de distância e levaria, no máximo, três minutos para chegar até lá.

Quando alterei o rumo, uma visão cinematográfica: a superfície da água, varrida pelos fortes ventos, formava uma sutil cortina branca de uns dez metros de altura e célere se aproximava. A forte rajada quase me arranca o remo das mãos. Tentei alinhar a proa com o vento usando o leme e remando vigorosamente sem sucesso. Os ventos de 120 km/h tentavam assumir o comando do caiaque mas, depois de quinze minutos, que mais pareceram horas, de muito esforço, consegui acostar e navegar por entre os juncos, próximo à margem, refugiado dos ventos, até achar uma pequena casa de pescador na Ponta da Figueira. O dono da casa, o Senhor Inácio, e seu amigo, o Senhor Áureo, gentilmente me convidaram a entrar e ficamos contando estórias de pescador até o tempo melhorar um pouco. Às duas da tarde, cessada a ventania, me despedi dos novos amigos.

O Inigualável "Cabo Horn"

No Rio Purus, o caiaque duplo, pilotado pelo meu parceiro, estava sendo rebocado por uma embarcação a motor, a média velocidade, e sofreu sérias avarias. Eu já havia testado o caiaque no Guaíba em circunstâncias similares e o mesmo havia saído incólume do teste. Naquela oportunidade, bastante contrariado com o fato de nenhum de meus companheiros de viagem conseguir concluir a totalidade do percurso, escrevi um artigo me referindo ao caiaque como "*Frágil*". Hoje, conhecendo todos os fatos, quero me penitenciar junto ao amigo Fábio Paiva, da Opium Fiberglass, fabricante dessa formidável embarcação.

Meu parceiro confessou, em Porto Alegre, enquanto aguardávamos uma entrevista, no programa "*Bandeirantes a Caminho do Sol*", da rádio Bandeirantes, com o jornalista Milton Cardoso que, por diversas vezes, próximo à margem, "*esticava as pernas*" de pé dentro do caiaque, evidentemente forçando a estrutura justamente no ponto que mais tarde veio a cisalhar. Sentava no convés, nos locais de parada, carregava o caiaque antes de colocá-lo n'água e, nas aulas que se permitia dar aos filhos dos ribeirinhos, as crianças não tinham o devido cuidado com as embarcações.

Como nas provas de equitação, o canoísta e o caiaque devem formar um conjunto harmonioso e perfeito, desde que se respeitem as características de cada um. Já naveguei mais de 20.000 km com o fantástico "*Cabo Horn*" e posso afirmar que não o trocaria por nenhum outro da sua categoria. A sua estabilidade, enfrentando vento de 120 km/h demonstra, sem sombra de dúvida, sua inigualável qualidade.

Fracasso Anunciado nas Desertas

Às 02h30 de 25.11.2009, iniciei, na Praia da Pedreira – Parque Itapuã, a planejada "*Travessia da Laguna dos Patos*", com destino a Rio Grande. Como a enseada se mostrasse tranquila e sem ondas, decidi rumar direto para o Farol de Itapuã. Tão logo me afastei da praia, fui surpreendido pela força dos ventos do quadrante Norte até então barrados pelo Morro da Fortaleza. Alterei a rota de modo a contornar cada uma das enseadas. Sob o manto da escuridão me espreitavam penedos submersos e, por mais de uma vez, o casco sofreu com o impacto das rochas.

Na escuridão, era difícil distinguir as areias das praias dos calhaus. O vento formava ondas que vinham de todos os lados e, com a visão dificultada pela penumbra, resolvi aportar na Praia do Araçá que fica a uns seiscentos metros a Este do Farol de Itapuã. Passei, porém, por ela sem avistá-la, cheguei próximo ao Farol, retornei novamente e nada.

Praia do Araçá

Em 1845, com a chegada dos Imperialistas à região, os Farrapos afundaram seus brigues "*Bento Gonçalves*" e "*20 de setembro*" entre a Praia do Sítio e o local onde se encontra hoje o Farol de Itapuã. Aportei no Farol de Itapuã às 03h15. Aguardei quase três horas o Sol sair e os ventos diminuírem para transpor os umbrais da Laguna dos Patos.

Ponta da "Espia" – Pedra da Argola

Parti ao raiar do dia, antes das seis horas. Logo depois de passar o Farol, avistei a Pedra da Argola. A enorme argola, de uns trinta centímetros de diâmetro,

"*fixada às rochas com chumbo derretido*" (chumbada), fazia parte de um sistema que dá nome à Ponta (Espia), que visava facilitar a entrada de embarcações no Guaíba quando soprava o vento Norte. As embarcações faziam uso das argolas para, tracionadas através de cabos, vencer a "*Ponta da Espia*" onde se localiza, hoje, o Farol de Itapuã. Aqueles que contestam essa teoria talvez nunca tenham lido o relato de Henry Walter Bates, em 1849, subindo o Rio Amazonas:

> Quando começava a soprar o vento Leste, o chamado "*vento geral*" do Amazonas, os veleiros avançavam rapidamente Rio acima mas, quando não havia vento, eles eram obrigados a ficar ancorados perto da praia durante vários dias, às vezes; havia, porém, a alternativa de subir laboriosamente a corrente, com a ajuda da espia. Essa forma de navegação processava-se da seguinte maneira: uma montaria ([45]) era mandada à frente, com dois ou mais homens, os quais iam puxando um cabo de cerca de vinte ou trinta braças; uma das extremidades do cabo ficava amarrada no mastro do veleiro e a outra era passada à volta de um galho ou do tronco de uma árvore. Os homens puxavam então o veleiro até o ponto onde se achava a árvore, depois embarcavam de novo na canoa e levavam o cabo mais adiante, repetindo a operação. (BATES)

Praia do Tigre e Praia de Fora

Contornei a Ponta de Itapuã e, ao alterar o rumo para Este, novamente o vento forte se fez presente, desta vez diretamente de proa. Passei pela bela enseada da Praia do Tigre e logo, em seguida, naveguei pela interminável Praia de Fora.

---

[45] Montaria: pequena embarcação.

Os dezesseis quilômetros que me separavam até o Pontal das Desertas não me permitiam visualizá-la. Não havia avistado viva alma desde que partira da Pedreira, apenas um grande cargueiro entrando no Guaíba, próximo ao Farol, dava o sinal da presença humana até ali. A solidão me encantava.

Os cágados, tomando banho de Sol, impressionavam pela quantidade. O número, certamente, era justificado pela ausência de seu maior predador natural o "*Teiú*", que barbaramente violenta os ninhos desses quelônios e come seus ovos. A ausência dos Teiús é explicada pelo fato de a Praia de Fora não possuir rochas que favoreçam o aquecimento dos corpos desses animais de sangue frio. Os cágados devem ter uma boa visão e audição pois, quando me aproximava dos bandos a uns duzentos metros de distância, eles mergulhavam afoitamente nas águas da Laguna. As tainhas davam um espetáculo à parte, o número era espantoso. A área protegida, do Parque, lhes servia de abrigo e parece que elas tinham consciência disso. A água, às vezes, parecia ferver, tal o tamanho do cardume. Uma ou outra saltava na vertical, coisa que eu ainda não tinha visto, projetando seu belo e esguio corpo prateado sobre a linha do horizonte.

Remei 03h30 até o último renque de árvores localizado na extremidade Este da Ponta das Desertas. Descansei 30 min, me hidratei e alimentei, telefonei para os familiares e a Equipe de Apoio formada pelo Cel PM Sérgio Pastl (Diretor de Ensino da Brigada Militar e experiente velejador), o Cel Leonardo Roberto C. Araújo (Chefe da Seção de Comunicação Social do Colégio Militar de Porto Alegre - CMPA), minha querida Rosângela Maria de Vargas Schardosim e a Professora Silvana Schuller Pineda (Clube de História do CMPA).

"Cabo Horn" e a Travessia das Desertas

Os ventos continuavam muito fortes vindos do quadrante Este, meu destino. Resolvi tentar a travessia e parti às dez horas. A margem do lado oposto (Costa da Salvação), há mais de 20 km de distância, não podia ser avistada e tive de me guiar pelo GPS.

Havia marcado um ponto diretamente a Noroeste para diminuir a rota. Em condições normais, levaria em torno de quase três horas para percorrer tal percurso. As ondas superiores a dois metros e meio e o vento de proa acima de 50 km/h freavam meu deslocamento mas, mais uma vez, o caiaque da Opium se portou galhardamente.

Carregado ele se tornara mais estável ainda e eu jogava o corpo para trás para evitar que enterrasse a proa nas grandes ondas. Tinha de manter a concentração na navegação, pois uma enterrada de remo, um movimento inadequado poderia virá-lo. Constatei, pelo GPS, que ia, sem querer, ziguezagueando, aumentando ainda mais o percurso.

Às onze horas, depois de navegar por hora e meia, confirmei, pelo GPS, que havia navegado apenas quatro quilômetros e meio.

Cheguei à conclusão de que não teria condições físicas de manter aquele ritmo e a concentração durante as sete horas necessárias para chegar à margem oposta e, se o conseguisse, estaria me sujeitando a enfrentar uma possível e indesejada mudança do tempo no meio da Travessia. Resolvi abortar, temporariamente, a missão e retornar à minha última parada.

Montando Acampamento nas Desertas

Aproveitei, na volta, o vento de popa e as ondas, surfando. Foi um deslocamento bem mais rápido.

Escolhi um lugar entre as árvores, protegido por pequenos montes de areia, abrigado do vento e iniciei a limpeza da área e a montagem da barraca. Lavei a roupa e a estendi nos galhos, reparei o casco do caiaque, das avarias que sofrera em Itapuã, com Silver-tape. Estava cansado, frustrado. Era a segunda vez que enfrentara condições adversas extremas em meus deslocamentos e a primeira em que fui obrigado a abortar uma Travessia.

Tinha decidido descansar e, no dia seguinte, no momento em que o vento diminuísse, tentar novamente. Saí para observar o local, inúmeros biguás e cágados infestavam as praias que o vento continuava castigando impiedosamente. Tomei um bom banho nas águas da Laguna e retornei à barraca, montei o colchão de ar e, depois de me hidratar e comer massa crua, descansei um pouco.

Recebi, então, informação da Equipe de Coordenação que a previsão para o dia seguinte era de trovoadas e ventos mais fortes ainda e fui orientado a abortar definitivamente minha jornada. O Coronel Pastl providenciou uma equipe de resgate formada pelo 1° Sgt QPM1 – João Batista Prates Pedroso, do Departamento de Ensino, e do Sd QPM2 – Evertom Haupenthal, da Escola de Bombeiros. Desmontei o acampamento e remei mais de onze quilômetros até o local onde se encontrava a viatura da equipe de resgate.

Fracasso Anunciado nas Desertas

A Travessia, no seu planejamento original, contava com a presença e apoio, diretamente de bordo, de nosso caro amigo o Coronel PM Pastl e seu veleiro. Eu teria o conforto de sua embarcação nos locais de parada sem a necessidade de montar acampamentos. Por problemas de saúde da esposa, ele não pôde me acompanhar, mas continuou se preocupando em fazer contato com todos os elementos que, de uma forma ou de outra, poderiam me apoiar ao longo da rota. O sinal tinha sido claro. A missão deveria ser efetivada em outra ocasião. O enfrentamento recente com vento de 120 quilômetros por hora no Guaíba tinha sido outro sinal. A época era de ventos fortes na Laguna. Por teimosia, talvez, e outras condicionantes escolares, alheias à minha vontade, eu tinha tentado. Ano que vem vamos arriscar novamente até conseguirmos realizar nossa jornada pelo "*Mar de Dentro*".

E-mail do Velejador Coronel PM Sérgio Pastl

> [...] desde 1992 tenho usufruído de vivências na Laguna dos Patos, e muitas vezes ela me venceu. Já fui náufrago nela, veranista, feliz barqueiro a diesel, feliz velejador, passei a noite de 30.12.2006 encalhado no Banco do Vitoriano, com a Aninha e os guris. Terrível. Sofri um rebojo em 2006 [...]. Ainda noutra quebrou o mastro, sorte que a dois quilômetros de São Lourenço do Sul. Noutra ocasião, quebrei o motor [...] encalhei no Capão Comprido, e quase perdi um cunhado, o Valdir, afogado, que desceu no banco de areia para empurrar. Noutra, quase encalhei no Banco do Bojuru. Confesso que rezei, e cantei salmos, de tão medroso que fiquei. [...] Ainda noutra, passei dois dias encalhado [...] no Cristóvão Pereira.

Noutra, 31.12.2008, ficamos sem vento no Pontal Santo Antônio, e sem o motor [...]. Depois veio um rebojo e entramos "*voando*" em Tapes. Levamos uma hora, só para amarrar o barco no trapiche. [...] Eu sonho com a Laguna, penso nela todos os dias, por vezes tenho medo, mas é uma cachaça. Para hoje (25.11), a Marinha expedira "*Aviso de Mau Tempo*" na Laguna e área Alfa, vento 7 da "*Escala Beaufort*". És um bravo. Enfrentaste a Laguna. Não vamos desistir. Vamos nos fortalecer e voltar. [...] Vamos planejar o combate. Vamos voltar e aproveitar a Laguna em melhores momentos. Ela é linda. Selva!!!

Escala Beaufort

O almirante britânico Sir Francis Beaufort (1774-1857) criou uma escala, de 0 a 12, observando as modificações que ocorriam no aspecto do Mar, em consequência da ação dos ventos.

Força	Designação	Velocidade (km/h)	Aspecto do Mar	Influência em Terra
7	FORTE	45 a 54	Mar grosso. Vagas de até 4,8 m de altura. Espuma branca de arrebentação; o vento arranca laivos de espuma.	Movem-se as grandes árvores. É difícil andar contra o vento.

Travessia das Lagoas Litorâneas: Cidreira/Tramandaí

Depois do revés sofrido na Laguna dos Patos, resolvi mudar de ares e fui para o litoral continuar meu treinamento. Não desisti da Travessia até Rio Grande e pretendo executá-la futuramente com o apoio do Cel Pastl, indômito velejador, apaixonado pela Laguna e profundo conhecedor de seus mistérios.

Domingo, 29.11.2009, amanheceu com céu de Brigadeiro. Sem nuvens, e ventos do quadrante Leste de quatro a cinco nós. Era um convite irrecusável, havia programado a travessia pelas Lagoas litorâneas de Cidreira a Tramandaí na terça-feira que, segundo a previsão meteorológica, seria o dia ideal.

Havia marcado os acessos aos canais no GPS transferindo os dados colhidos no Google Earth.

Lagoa da Fortaleza

Parti da Lagoa da Fortaleza, às 11h30, e como estava sem leme, esqueci-o em Porto Alegre, controlei a direção do caiaque com o corpo, inclinando-o lateralmente para compensar o vento e as ondas de través.

Rumei direto para o Canal que a une à Lagoa Manoel Nunes. No Canal, um trio de colhereiros cor-de-rosa acompanhavam inquietos meu deslocamento, mais adiante tarrãs, uma formidável maguari, marrecas piadeiras e pés-vermelhos levantaram voo anunciando ruidosamente minha passagem.

Lagoa Manoel Nunes

Era interessante navegar no Canal. A correnteza e a altura das águas contrastavam com a navegação que eu fizera, no mesmo local, no inverno, quando tive de tracionar o caiaque, à mão, puxando os juncos ou arrastando-o na Foz rasa e assoreada do Canal.

A pequena Lagoa Manoel Nunes está quase que totalmente tomada pelas algas o que certamente impede ou pelo menos dificulta o uso de redes de pesca e espinhéis pelos adeptos da pesca predatória.

Lagoa do Gentil

Seguindo a orientação do GPS, acessei sem dificuldades a estreita entrada do Canal do Gentil, totalmente camuflado pelos juncos. Logo em seguida, num pequeno barranco, avistei três colhereiros, talvez os mesmos que vira anteriormente, acompanhados, desta feita, de marrecas piadeiras e um solitário quero-quero. Acostei numa margem, inundada pelas cheias, espantando um cardume de tainhas que dormitavam nas águas mornas e rasas e retirei a máquina fotográfica para fotografar as aves. Mais adiante, um bosque a Oeste, mostrava as cicatrizes do ciclone que havia assolado o litoral no Dia da Bandeira. A grande figueira, ao Sul, havia resistido heroicamente e se mantido de pé, mas despojada de seus frondosos galhos, a esguia palmeira teve seu tronco quebrado ao meio e as árvores da primeira linha, do bosque, foram arrancadas e expunham funebremente suas raízes retorcidas. As areias brancas e os bosques próximos ao sinuoso Canal compõem o quadro magnífico. A Lagoa do Gentil mostra ao longe raras edificações na sua margem. Aportei, me hidratei e verifiquei o GPS confirmando o alinhamento, que já conhecia, de uma grande antena que sinalizava a entrada do próximo Canal.

Lagoa da Custódia

A entrada do largo Canal estava perfeitamente sinalizada pela cor amarelada dos juncos que tinham sido arrancados pelo ciclone. Cruzei por sisudos pescadores que pilotavam um pequeno barco e, logo depois, com outros, junto a uma grande e mal conservada ponte de madeira, que tarrafeavam sem sucesso.

As águas haviam coberto as praias de areias brancas da Foz do Canal. A Lagoa da Custódia está totalmente tomada de construções nas suas margens Este e Nordeste. Calibrei o GPS e identifiquei meu último ponto de ataque, o Canal Tramandaí.

Laguna do Armazém

As margens do Canal Tramandaí estão completamente urbanizadas, as imagens, antes agradáveis e bucólicas, foram substituídas pela poluição, mau cheiro, e o descaso com o meio ambiente daqueles que residem às suas margens. Da Foz, avistei a Cidade de Tramandaí. Remei rápido na direção apontada pelo fiel GPS. Por mais de uma vez, o remo cravou no leito assoreado da Laguna do Armazém e, depois, do Rio. Foram cinco horas de navegação, a maior parte dela por belos e agradáveis recantos.

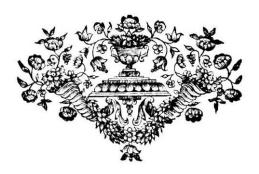
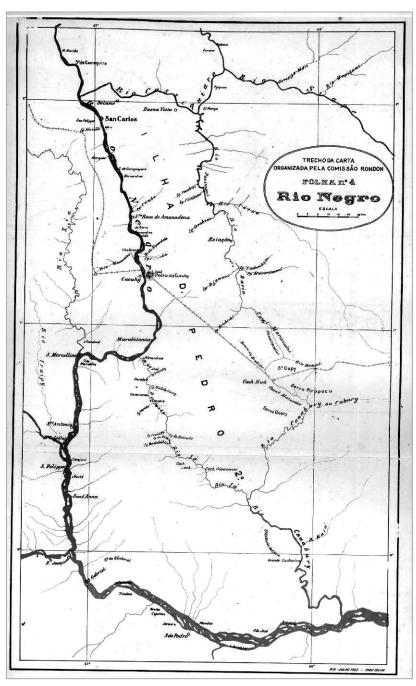



Imagem 16 – Rio Negro – Folha n° 4 (Boanerges)

Imagem 17 – Lagoa da Fortaleza – Cidreira, RS

Imagem 18 – Canal da Lagoa Manoel Nunes (cheia) – Cidreira

Imagem 19 – Canal Manoel Nunes – Cidreira

Imagem 20 – Canal Manoel Nunes – Cidreira, RS

Imagem 21 – Canal Manoel Nunes – Cidreira, RS

Imagem 22 – Canal Armazém – Tramandaí, RS

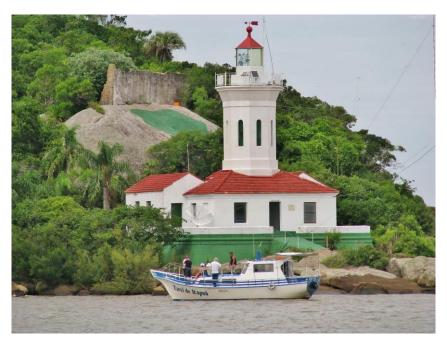



Imagem 23 – Farol de Itapuã – Rio Guaíba/L. dos Patos, RS

Imagem 24 – Ponta da Espia – Laguna dos Patos, RS

A 330° Palestra

Hino de Sobradinho
(Valídio Scherer)

Entre morros desta Serra do Rio Grande
Superenses que labutam sem parar
Nas lavouras inclinadas onde plantam
Mostram garra de quem deve prosperar.

A par dos treinamentos, do planejamento para a descida do Rio Negro, das intensas pesquisas em relação aos locais de minha futura rota, das aulas no Colégio Militar de Porto Alegre, sou convidado, constantemente, para ministrar palestras versando sobre questões relativas à nossa Amazônia e, agora, minha descida pelo Solimões.

Em cada uma delas os patrocinadores e participantes me acolheram com muita fidalguia e carinho e em todas nos colocamos, também, como aprendizes de suas vivências pessoais. Dentre tantas que realizei no ano de 2009, vou relatar duas delas que me marcaram sobremaneira.

O Número 33

Realizei, dia 22.05.2009, no Sobradinho Piscina Clube, em comemoração ao 17° aniversário da Loja "*AOR e Harmonia de Sobradinho N° 116*" a palestra de número 330. Um número impregnado de energia e simbolismo.

El número 33 representa la madurez del hombre espiritual en un compromiso responsable y voluntario por la salvación de su humanidad, a través de la entrega total en el servicio desinteresado y consciente. El 33 es la clave numérica del sello de la estrella y de la cruz interior. (Sampiac)

Companheiro "Instalado" – 33 anos

Brinco com os Ir∴ (irmãos) maçons que sou um C∴I∴ (Companheiro Instalado). Fui iniciado na maçonaria há 33 anos, elevado a Companheiro a 32 e, por diversas circunstâncias, alheias à minha vontade, tornei-me um maçom adormecido.

Rito Escocês Antigo e Aceito – 33 graus

> O REAA é uma prática ritualística estabelecida em 1802, nos EUA, com 33 graus, sendo 30 oriundos do Rito de Perfeição e do Rito Antigo e Aceito e três das Lojas azuis da maçonaria Norte-americana. O Rito de Perfeição foi criado em Paris, em 1758, com 25 graus, no Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente. O REAA, com 33 graus, originou-se do Rito de Perfeição, em Bordéus, em 1786, no Conselho de Grandes Inspetores, que elaboraram a Constituição, os Estatutos e Regulamentos do Conselho e do rito. (Oficina Restauração do Rito Escocês Antigo e Aceito)

Coluna Vertebral – 33 vértebras

O número de vértebras que compõem a coluna vertebral humana é de 33. Nas regiões superiores da coluna, encontramos 24 vértebras agrupadas em: 7 cervicais, 12 torácicas e 5 lombares. As outras 9, são formadas pelas 5 que se encontram fundidas e formam o sacro, e as 4 coccígeas, totalizando 33.

Cristo – 33 anos

Embora alguns historiadores levantem dúvidas a respeito da idade em que Jesus foi crucificado no monte Gólgota, a crença popular é categórica e a reconhece como 33 anos. O evangelho de Lucas, em seu capítulo III, afirma: "*quando Jesus começou o seu ministério,*

tinha cerca de 30 anos". O livro de João, por sua vez, relata as três Páscoas nas quais Jesus foi até Jerusalém.

Sobradinho

O povoamento da sede teve início no ano de 1901. Seus habitantes primitivos eram de origem alemã. Possivelmente a chegada do homem branco deu-se por volta de 1808, na região hoje denominada Campo de Sobradinho, com criação de gado. O paulista João Lopes teria em 1825 construído, nessa região, um pequeno sobrado que deu origem ao nome do Município: "*Sobradinho*". A história liga-se ao trabalho fecundo dos descendentes de imigrantes italianos e alemães vindos das cidades de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul em 1900. Por volta de 1825, o paulista João Lopes, com numerosa família e escravos, teria se estabelecido no local com comércio de secos e molhados, construindo, pouco mais tarde, um pequeno Sobradinho de madeira, além de galpões, currais e um monjolo tocado pelo Arroio. João Lopes comprava erva-mate dos moradores das redondezas e levava para vender em Rio Pardo.

Mais tarde, por volta de 1840, João Lopes teria regressado a São Paulo, onde faleceu. O Sobradinho por ele construído passou a ser ponto de referência de todos quantos viajassem por aquela estrada ou aportassem àquelas paragens de forma que, com o tempo, a denominação "*Sobradinho*" passou a ser atribuída ao local. Segundo pesquisa do Padre Pedro Luiz Botai, publicada em 1940, o local do "*Sobrado*" teria sido Campo de Sobradinho. Por esse relato, o sítio onde se erguia o sobrado, situava-se numa região de aproximadamente 550 metros de altitude ao nível do Mar, sendo o ponto mais elevado da redondeza, de onde se avistava ao longe os campos de Soledade.

Assim sendo, o "*Sobradinho*" situava-se em ponto estratégico que permitia ser avistado de distâncias muito grandes, servindo, por isso mesmo, de ponto de referência. Ainda do relato do Padre Pedro Luiz Bottari, que prima pela descrição romanticamente minuciosa da flora, fauna, clima e relevo da região, consta que o construtor do sobrado teria sido Vicente Veloso de Toledo [ou Joaquim Vicente de Toledo], baseado em depoimento oral de Florisbela Luiza de Castro [Belinha Balinas] e que o referido sobrado teria sido consumido por incêndio por volta de 1840. Nessas duas versões, coincide o fato de que o nome "*Sobradinho*" originou-se de um "*Sobradinho de madeira*" que, por muitos anos, serviu de ponto de referência aos viajantes da região, no caminho entre Rio Pardo e Soledade, subindo a Serra Geral. Verifica-se, entretanto, que as duas versões são contraditórias em dois pontos:

1° O local onde teria se situado o sobrado em Campo de Sobradinho, segundo o Padre Pedro Luiz, seria o mesmo local logo após a subida da Serra Geral, descrito em "*As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*"?

2° Mesmo que se confirme a interrogação anterior, qual teria sido o construtor do sobrado: João Lopes ou Vicente Veloso de Toledo?

A respeito da 1ª indagação, existe um fato a considerar. Em 1958, foi construída em Campo de Sobradinho, no interior do Município, um monumento com a finalidade de servir de marco para o local do histórico sobrado. Entretanto, a geografia do local não coincide com nenhuma das descrições anteriormente relatadas. Esse fato vem corroborar a suspeita de alguns estudiosos do assunto, de que não teria sido procedida a competente investigação, necessária para a determinação do verdadeiro local e que o marco teria sido colocado baseado apenas em vagas informações de proprietários interessados na valorização

de suas terras. A pesquisa ainda em andamento, a respeito da redução missionária de São Joaquim, deverá lançar luzes sobre vários aspectos da história de Sobradinho. Não é de todo descartada a possibilidade de que o "*sobrado*" tenha sido construído pelos Padres Jesuítas e, se for levada em conta também esta hipótese, chega-se à compreensão da necessidade e importância de ser desvendada a origem histórica do Município. (www.sobradinho-rs.com.br)

Maçonaria

Hino da Maçonaria

(D. Pedro I)

Da luz, que se difunde, sagrada filosofia
Surgiu no mundo assombrado, a pura maçonaria.
\- -
Da razão, parte sublime, sacros cultos merecia
Altos heróis adoraram, a pura maçonaria.

A Maçonaria é uma Associação iniciática, filosófica, filantrópica e educativa, de caráter universal, que cultiva os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade. Os maçons estruturam-se e reúnem-se em células autônomas, conhecidas como Lojas. A história da Maçonaria, participando de todos os momentos importantes de nossa Pátria, se confunde com a própria nacionalidade brasileira. Sob o lema da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, os irmãos maçons foram os principais mentores intelectuais e atores de todos os grandes movimentos pátrios. Sua ação foi fundamental na Inconfidência Mineira, Independência, Revolução Farroupilha, Lei do Ventre Livre, Libertação dos Escravos e proclamação da República. Dentre tantos personagens importantes de nossa história, podemos citar alguns ilustres maçons como: Álvares

Maciel, Barão de Mauá, Bento Gonçalves, Castro Alves, Dom Pedro I, Duque de Caxias, Frei Caneca, Garibaldi, Gonçalves Ledo, Joaquim Nabuco, José Bonifácio de Andrada, Marechal Deodoro, Padre Feijó, Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa…

Sempre atualizada em relação às grandes questões nacionais, a Maçonaria desenvolve, hoje, uma agressiva campanha em defesa da questão Indigenista-Ambientalista que aflige a nossa Amazônia e que ganha corpo graças à omissão e à criminosa cooperação do Governo Federal.

Planejamento?

Quando aceitei o convite para a palestra de número 330, este número não saía da cabeça. Resolvi deixar-me arrastar pelo imponderável e, contrariando minha formação castrense, não calculei distâncias, não estudei trajetos ou li históricos que me dessem maiores informações sobre a Cidade de Sobradinho. O táxi providenciado pelo Ir∴ Marcos Roberto Marini chegou pontualmente na hora combinada e, na rodoviária, o motorista do ônibus já me aguardava. Cada curva do caminho, cada paisagem era uma grata novidade.

Recepção em Sobradinho

Aguardavam-me, na rodoviária, os Ir∴ Marcos e Remar de Franceschi (venerável da loja *"AOR e Harmonia de Sobradinho N° 116"*) que me conduziram até residência do Marcos onde fui recepcionado pela cunhada Soraia Khaled Abd Saleh Marini, esposa do Marcos, com um saboroso almoço. A residência dos Marini é de um bom gosto invulgar e em cada detalhe nota-se o toque mágico da cunhada Soraia.

Outro detalhe que me chamou, positivamente, a atenção foi a ascendência de Soraia, filha de pai árabe e mãe italiana, mostrando a saudável miscigenação que tanto enfatizo nas minhas palestras. Naquela família amiga, estava muito bem representada a "*Nação Mestiça*", que tanto propugnamos.

Após o almoço, fui levado até o Hotel Hermes onde o atendimento e as instalações eram igualmente irretocáveis. O Ir∴ Franceschi fez um "*tour*" pela Cidade e me conduziu à rádio Sobradinho para uma entrevista. A palestra foi realizada, à noite, nas agradáveis instalações do Sobradinho Piscina Clube onde, mais tarde desfrutamos de um memorável jantar cuja decoração e "*bufet*" primorosos foram idealizados pela cunhada Soraia.

Na oportunidade, fui presenteado pelo Ir∴ Celso Souza com o belo CD "*Voltando à Querência*", de sua autoria, que ouço enquanto escrevo este texto. Na manhã seguinte, o Ir∴ Franceschi deu continuidade ao "*tour*" antes de nos conduzir à rodoviária. Retornei a Porto Alegre com saudade dos fraternos amigos que conheci na hospitaleira Cidade de Sobradinho.

Poema ao Amazonas
(Maria Dalva Junqueira Guimarães)

Enveredei nas mansas águas do Amazonas
Embriagando a memória em água, céu e Mar,
Onde o Sol até parece que beija a fonte
Sob um céu que o crepúsculo agrisalha
E vê esquadrões a galope no horizonte. [...]

No embalo do carimbó busquei
O silêncio das brenhas,
Sorrindo e rindo mil abrolhos numa ânsia
Sutil de esquecer o mundo,
Embriagada em açaí, pupunha e uxi
E outros sabores tropicais
Velejei teu leito manso,
Vaguei assim sem Norte certo
E meu barco incerto levou-me
À paz do teu remanso. [...]

A 333° palestra

Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união! É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desceu sobre a barba, a barba de Arão, que desceu sobre a gola das suas vestes; como o orvalho de Hermom, que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordenou a bênção, a vida para sempre. (Bíblia Sagrada – Salmo 133)

Ir∴ Carlos Afonso Urnau Athanasio

O Ir∴ Carlos Afonso foi nosso contemporâneo no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA) nos idos de 1986. Na época, ele era aluno do Curso de Cavalaria, comandado pelo então Ir∴ Capitão Marco Dangui Pinheiro, e eu Instrutor-Chefe do Curso de Engenharia. Vinte e três anos passados, o Ir∴, agora Dr. do TCE/RS, me fez um convite para ministrar uma palestra sobre a Amazônia e o Projeto Desafiando o Rio-Mar, em sua nova querência. Sempre digo que "*convite de amigo é uma convocação*" e parti escoltado por dois Irmãos maçons e ex-alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, os Coronéis do Exército Brasileiro – Deoclécio José de Souza e André Flávio Teixeira.

Frederico Westphalen

Na tarde de 30.09.2009, o Ir∴ Carlos nos propiciou a grata oportunidade de desfrutar da companhia do escritor Wilson A. Ferigollo em um "*tour*" pela bela Cidade e suas cercanias. O livro intitulado *Rostos e Rastros no Barril – 1954/2004*, de Ferigollo, mostra como a bela Cidade construiu sua identidade alicerçada no vigor dos colonizadores harmoniosamente mesclada à fibra guasca nativa.

Transcrevemos, a seguir, um trecho do livro do amigo Wilson que me foi ofertado por ele e os amigos rotarianos.

> No segundo governo de Borges de Medeiros, a região do Alto Uruguai passou a receber atenção, criando-se a Comissão de Terras e Colonização do Norte, com sede em Palmeira, conforme Decreto n° 2.250 de 13.02.1917, sob o comando do Engenheiro Frederico Westphalen. O objetivo principal da Comissão era desbravar e distribuir terras aos agricultores que desejassem fixar residência ao Norte do Estado.
>
> A colonização da Vila Barril foi uma verdadeira salada de sobrenomes, temperada de italianos, poloneses, açorianos e alguns alemães que, mesclados aos nativos residentes à costa dos Rios, deu origem a essa população que tem proporcionado uma nova cultura. Ao natural, os sobrenomes italianos foram dominando o território que estava sendo desbravado.
>
> A colonização do Município de Frederico Westphalen iniciou em 1918, quando as três primeiras famílias solicitaram reserva de áreas rurais, estabelecendo-se inicialmente no então povoado denominado de Vila Mussolini e que, em 1945, sofreu alteração para Osvaldo Cruz. Contam os historiadores que dezenas de pessoas residiam na região, mas não existem documentos comprovando, e a vinda dos agricultores passou a ser a fonte ou referência. A promessa de glebas de terras férteis e as facilidades de escolha e a garantia de 25 hectares foi ponto fundamental para atrair agricultores, trocando as terras velhas ou cansadas e reduzidas pela nossa região.
>
> A tenacidade, a disposição para o trabalho e a coragem, somadas à fibra espartana, foram os elementos necessários para o êxito e bem-estar dos colonos aqui chegados.

> Ao se instalarem nos lotes demarcados, ou não, pelo governo, os migrantes encontraram todo o tipo de obstáculos e dificuldades, desde a falta de moradias, a falta de sementes, ferramentas e atendimentos à saúde. (FERIGOLLO)

Os parágrafos a seguir são do Site de Prefeitura de Frederico Westphalen e contam, também, com a participação de Ferigollo.

> Os primeiros carreteiros João Tombini, Ângelo Serafini, José Copatti sob o comando do comerciante estabelecido na Boca da Picada, Antônio Marino Zanatto faziam o transporte de produtos manufaturados e da produção agrícola. Numa dessas viagens, um barril de aguardente caiu da carroça, danificando a tampa e, para não jogar fora a vasilha, eles tiveram a ideia de colocá-lo na fonte, sob a sombra, ligando com uma taquara. A localização do barril à beira da estrada com água limpa e muita sombra colaborou para o surgimento da expressão "*vou descansar, comer e dormir no barril*". Assim o lugarejo foi crescendo na selva do Vale Alto Uruguai. Mais tarde, pelo Decreto 30 do Prefeito de Palmeira das Missões, por decisão de uma assembleia de moradores, foi fixado o nome de Vila Frederico Westphalen, homenageando o Engenheiro que colonizou a região sob o comando do Governo do Estado. (FERIGOLLO)

Palestra na URI

Na noite de 30 de setembro, no auditório da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – concedi uma breve entrevista para o jornal "*O Alto Uruguai*" e, logo em seguida, fui apresentado ao público presente pelo Ir∴ Carlos, cujo texto reproduzo aqui.

Que sejam minhas primeiras palavras as palavras de boas-vindas a todos os presentes, reiterando a saudação já feita pelo Senhor Presidente do Rotary Club Barril, companheiro Gersom Batistella. Pois tenho a honra e a satisfação de apresentar o palestrante de hoje, velho amigo, companheiro de farda e Irmão, o Senhor Coronel de Engenharia do Exército Brasileiro, Hiram Reis e Silva. O nome do palestrante que apresento carrega a realeza e a dedicação a um ideal por uma causa.

Na antiguidade, necessitando da construção de um Templo, o Rei Salomão chamou seu melhor construtor, o Mestre Hiram, para tal finalidade, o que resultou no Templo do Rei Salomão, na vetusta Jerusalém, obra de engenharia estudada por arqueólogos e desvendada por historiadores modernos. Também, por ser "*Reis*", o Coronel Hiram realça a sua condição sem perder a simplicidade do Soldado que é, fiel às tradições da caserna e de uma Instituição, como o Templo do Rei Salomão, milenar.

Ao ser indagado pelo Rei Salomão, quando da conclusão da Obra do Templo, o que desejava em retribuição aos serviços prestados, o Mestre Hiram disse, com a simplicidade que marcou a sua existência: "*quero, somente, um lugar dentre vós*", renunciando, assim às riquezas materiais a que faria jus pelo trabalho realizado.

Assim é a vida dos militares que, diante do dever a ser cumprido e de um ideal, renunciam a quase tudo, tendo como simples pagamento a certeza de que a missão conferida foi cumprida com êxito. Do Mestre Construtor antigo ao nosso Palestrante não há um traço que os diferencie no ideal que carregam em seus corações. Lá, a construção de um Templo, materializando o sonho e o desejo de um Rei Justo e Perfeito.

Aqui, militar dedicado, bom pai, Professor exemplar da cátedra que detém junto ao Colégio Militar de Porto Alegre, há quase uma década. Amigo dos seus amigos, Obreiro dedicado ao saber, à cultura e às tradições do Estado e do País que serviu e serve, agora, como propagador da causa Amazônica. Nosso Palestrante Comandou Unidades e construiu estradas na Amazônia, domando o terreno, o clima hostil e as adversidades próprias daquela Região. Numa rápida definição daquilo que veremos e ouviremos do nosso Palestrante, se é que isto é possível, é que estaremos vendo e ouvindo, sem intervenção de satélite, a um episódio da National Geografic!

A Selva nos Une!
A Amazônia nos Pertence!
Tudo pela Amazônia!
Selva!

Assim se saúdam os que serviram na e pela Amazônia, Lema que demonstra o carinho e o zelo que o Militar tem com aquela Região e o que ela significa para o Brasil.

Realizamos nossa amazônica palestra que foi prestigiada por autoridades do Legislativo, membros do Rotary, corpo docente da URI, universitários e importantes formadores de opinião do Município. O interesse do público pelo tema foi materializado pelas perguntas inteligentes e postura dos mesmos durante a exposição.

Escola Nossa Senhora Auxiliadora

No dia seguinte, depois de uma entrevista para a emissora *Luz e Alegria*, acompanhado pelos meus fiéis escudeiros, nos dirigimos à Escola Nossa Senhora Auxiliadora.

O público desta vez era formado por estudantes do Ensino Fundamental a partir da 6ª série e minha proposta era trabalhar os atributos da área afetiva tais como: determinação, garra, coragem, senso de organização e de planejamento, dedicação, persistência, compromisso com a tarefa, idealismo, patriotismo e, por isso, relatei apenas minha descida pelo Solimões de caiaque.

Foi um momento de puro encantamento observar aqueles olhinhos brilharem a cada nova imagem apresentada ou a cada fato relatado. Ao final do evento, os pequenos me presentearam com abraços, beijos e pedidos de autógrafo como se fosse eu uma personalidade importante. Chorei, eu e meus amigos, perante aquela espontânea e efusiva manifestação da gurizada. Posso afirmar, sem medo de errar que, de todas as palestras realizadas, foi a que mais me marcou e emocionou. Muito obrigado, crianças!

E-mail do Ir∴ Carlos

> Hiram! Meu querido Ir∴, SFU [Saúde, Força e União]!
>
> Não tenho como expressar o que vivi, nas últimas 24 horas! Da extrema alegria de estar com companheiros de farda de mais de 20 anos à tristeza em vê-los partir, com um aceno de mão do querido Irmão Teixeira e a direção prudente do não menos querido Irmão Deó!
>
> Não resisti e chorei escondido quando vi um grupo de meninas dizerem ao Hiram que agradeciam a palestra e queriam beijá-lo; ou os meninos que se seguiram, pedindo um autógrafo nas anotações da palestra! Tudo isto foi demais para mim e ainda estou processando.

O sacana do Teixeira, como próprio do FE e do MI, mexeu com as minhas "*abelhas*", deixando-me mais do que reflexivo; quase contemplativo com as "*coisas*" do outro mundo; ou melhor, do mundo que poucos veem. Escrevo e vem à lembrança a cena das crianças em volta do Hiram. Não teve quem não tremesse com aquilo, haja coração!

Hiram, não tenho palavras para agradecer e vi, na saída, as lágrimas do mano Deó [há mais de 20 anos fui até a 13ª Cia Com em São Gabriel, comandada por ele, para pegar emprestado uma mochila para rádio de um M41]; que peça a vida me pregou. Ao mano Deó devo um novo jantar e mais alguns dias, para outra carne de panela. [...]

Queridos! Vai custar a fechar a influência, no meu peito, da passagem de vocês, aqui! Hiram, beijo no teu coração! Deó, querido, até breve! Minha casa é tua! Teixeirão! Que missão tu me deixaste! Próprio de FE! As ideias irão e voltarão!

TFA (Tríplice e Fraternal Abraço) aos Ir∴!

Conclusão

O encantamento de cada momento, vivenciado em Frederico Westphalen, estremeceu nossas entranhas e fez brotar uma semente de esperança ao observar aqueles jovens corações e mentes que conosco se emocionaram.

Parabéns, Frederico Westphalen! O vigor e a virtude de um povo são aquilatados pelos seus mais jovens representantes que, no caso, demonstram, muito bem, que os ensinamentos ancestrais continuam norteando suas ações e suas vidas. Obrigado a todos vocês que nos brindaram com seu carinho e atenção.

O País que não Conheço Deu-me um Bisavô
(José Aloise Bahia)

O país que não conheço deu-me um bisavô,
Navegante simples em seu barco cheio
De peixes, que sempre volta à terra firme.

O país que não conheço deu-me um bisavô,
Encantador de histórias do céu, fogo e ar.

Lá no meio da baía vislumbra um castelo.

Lá no meio da baía vislumbra um cardume.

O país que não conheço deu-me um bisavô,
Bisavô dourado feito Sol em ondas extensas,
Bisavô que tarda e não falha a içar as velas,
Bisavô que cedo madruga: que faz despertar
O Mar que em mim se agita, me embarca
Em tamanha travessia e liberta imagens
Que chegam num turbilhão de Norte a Sul...

Batismo do Rio Negro

Orellana e Carvajal (1542)

Batismo do Rio Negro

Encontro das Águas
(Quintino Cunha)

Olha esta água, que é negra como tinta.
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.

No sábado, véspera da Santíssima Trindade [junho de 1542], o Capitão mandou aportar em uma Aldeia onde os índios se prepararam para defender-se; apesar disso, os expulsamos de suas casas. Provimo-nos de comida achando até galinhas. Neste mesmo dia, saindo dali, prosseguimos a viagem, vimos a Boca de outro grande Rio que entrava pelo que navegávamos, pela margem esquerda, cuja água era negra como tinta e, por isso, o denominamos Negro. Suas águas corriam tanto e com tanta ferocidade que por mais de vinte léguas faziam uma faixa na outra água, sem com ela misturar-se. (CARVAJAL)

Pedro Teixeira e Acuña (1639)

Pedro Teixeira

As informações sobre a data de nascimento de Pedro Teixeira são conflitantes. O "*Conquistador da Amazônia*", de ascendência nobre, nasceu em São Pedro de Cantanhede, Distrito de Coimbra, Portugal, no final do século XVI. Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e Moço Fidalgo da Casa Real e, na localidade de Praia, nos Açores, casou-se com Ana Cunha, filha do

Sargento-Mor Diogo de Campos Moreno. Veio para o Brasil em 1607 com 20 (ou 37) anos onde contribuiu de forma notável para manutenção da soberania portuguesa na "*Terra Brasilis*" e na expansão das fronteiras amazônicas para além do Tratado de Tordesilhas.

O currículo de Pedro Teixeira é vasto e impressionante e, por isso, reproduziremos somente algumas de suas operações mais importantes. Como Alferes, em fevereiro de 1614, enfrentou os franceses na Batalha de Guaxenduba e, em 1616, juntamente com Francisco Caldeira Castelo Branco, fundou a Cidade de Belém do Pará. Ainda em 1616, com duas canoas armadas, bateu uma nau holandesa na Foz do Xingu e, em maio de 1623, destruiu a Fortificação de Mariocay, onde havia se instalado uma guarnição de holandeses e ingleses e, neste mesmo local, construiu a Fortificação de Santo Antônio de Gurupá.

Em 09.08.1616,

O Capitão Pedro Teixeira toma por abordagem, no Amazonas, um navio holandês, e recebe três gloriosos ferimentos. A artilharia inimiga foi colocada no Forte de Belém do Pará. (PARANHOS)

Em 23.05.1625,

Pedro Teixeira, tendo às suas ordens os Capitães Pedro da Costa Favela e Jerônimo de Albuquerque, ataca e toma o Forte holandês de Maniutuba, na Foz do Xingu. O comandante inimigo Oudaen [não Housdan, como escreveram Berredo e Varnhagem] consegue fugir, com parte da guarnição, em uma lancha, para a ilha de Tucujus. (PARANHOS)

Imagem 25 – Largo Pedro Teixeira, Portugal, Cantanhede

Em 24.05.1625,

Após a vitória do dia anterior, Pedro Teixeira desembarca na ilha de Tucujus [Amazonas], onde os ingleses, comandados por Philipp Pursell, tinham três Fortins. Os dois primeiros foram tomados quase sem resistência, fugindo os defensores. Adiantando-se, então, teve o Capitão Favela de sustentar viva peleja com ingleses e holandeses, que lhe vinham de encontro. Os dois chefes inimigos, Pursell e Oudaen, ficaram no campo entre os mortos. O outro Fortim rendeu-se a Pedro Teixeira. (PARANHOS)

Em 21.06.1629,

O Capitão Pedro da Costa Favela parte de Belém do Pará [Berredo] com a missão de tomar ou render o Forte de Taurege ([46]), construído pelos ingleses na margem esquerda do Amazonas. Nada consegue e suspende as hostilidades, retirando-se para a aldeia de Mariocaí. O Forte de Torrego só foi tomado no dia 24 de outubro, por Pedro Teixeira. (PARANHOS)

Em 24.10.1629,

O Capitão Pedro Teixeira, que assediava com Forças do Pará o Forte inglês de Taurege, pelos nossos chamados Torrego, derrota um corpo inimigo, que vinha em socorro dos sitiados. O assédio começara no dia 24 de setembro, em que Teixeira aí desembarcou, vencendo a oposição do inimigo. Duas sortidas foram repelidas e, vencido o socorro que esperava, rendeu-se no mesmo dia o Comandante do Forte, James Pursell, com 80 soldados e alguns índios. Arrasada a fortificação, seguiu Teixeira para a Aldeia de Mariocay, depois Vila de Gurupá. A guarnição inglesa foi conduzida para o Pará e seu Chefe remetido para Lisboa. O Forte de Taurege ficava na margem esquerda do Amazonas, junto ao Rio hoje chamado Toheré. Cumpre não confundir este James Pursell com Philip Pursell, morto em combate na ilha de Tucujus. (PARANHOS)

Em 26.10.1629,

Chegava o Capitão Pedro Teixeira com as tropas que, dois dias antes, haviam rendido o forte de Taurege, e com os prisioneiros ingleses, à Aldeia de Mariocay [10 anos depois Vila de Gurupá], quando o Capitão North, que trazia reforços para o inimigo em dois

[46] Taurege: Torrego.

navios maiores, um patacho ([47]) e duas ou três lanchas, tentou um desembarque. Repelido este ataque, foram os ingleses fundar o Forte de Camau, na ponta de Macapá, só conquistado pelos nossos a 09.07.1932. (PARANHOS)

Em 18.05.1635,

Os sitiantes da Fortaleza de Nazaré do Cabo atacam, à noite, a Trincheira d'Água e são repelidos pelos Capitães Paulo Nunes, Francisco de França e Pedro Teixeira. (PARANHOS)

Em 28.10.1637,

Parte de Cametá a Expedição de Pedro Teixeira, "*Capitão-mor por sua Majestade das entradas e descobrimentos de Quito e do Rio das Amazonas*". Levava um regimento dado ([48]) pelo Rei. Devia fazer a exploração do Rio Amazonas, descobrir uma comunicação fluvial com Quito e escolher o limite mais conveniente entre os domínios das duas coroas e o local para uma povoação na linha divisória. (PARANHOS)

Em 03.07.1638,

O Capitão-mor Pedro Teixeira, que a 28 de outubro do ano anterior saíra de Cametá para exploração do Rio Amazonas e reconhecimento da comunicação fluvial com a cidade de Quito, chega nesta data à Foz do Aguarico, na margem Oriental e esquerda do Napo. Ali, ele deixa um destacamento ao mando do Capitão Pedro da Costa Favela e continua a subir o Napo, como já o tinha feito a sua vanguarda, dirigida pelo coronel Bento Rodrigues de Oliveira, que desde 24 de junho estava em Paiamino. (PARANHOS)

---

[47] Patacho: embarcação de dois mastros.

[48] Regimento dado**:** instruções dadas.

Em 16.01.1639,

O Capitão-mor Pedro Teixeira começa em Quito a sua viagem de regresso ao Pará. Acompanhavam-no vários religiosos, entre os quais o Padre Cristóbal de Acuña, jesuíta autor da relação desta viagem ([49]). Teixeira, que partira de Cametá em 28.10.1637, terminou a sua famosa expedição no dia 12.12.1639. (PARANHOS)

Em 24.06.1639,

O Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, chefe da vanguarda do Capitão-mor Pedro Teixeira, encarregado da exploração do Rio Amazonas, chega ao Paiamino, povoação dos espanhóis, situada sobre o Rio do mesmo nome, afluente da margem direita do Napo. Pedro Teixeira só ali chegou a 15 de agosto. (PARANHOS)

Em 16.08.1639,

O Capitão-mor Pedro Teixeira, de voltava de Quito, chega à foz do Aguarico no Napo, e toma posse da margem esquerda deste último Rio, em nome de Filipe IV, para servir de divisa entre os domínios de Portugal e de Castela. (PARANHOS)

Em 12.12.1639,

O Capitão-mor Pedro Teixeira chega a Belém do Pará, de volta de sua expedição a Quito. (PARANHOS)

Em 28.02.1640,

Por nomeação do governador do Estado do Maranhão toma posse Pedro Teixeira do governo da Capitania

[49] Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas.

do Pará, que governou até maio de 1641. (PARANHOS)

Em 04.06.1641,

Morre em Belém do Pará o Capitão Pedro Teixeira, célebre pelas vitórias que alcançara no Amazonas e mais ainda pela sua exploração do Grande Rio, realizada de 1637 a 1639. (PARANHOS)

Cristóbal de Acuña

Filho de família nobre e influente, nasceu em Burgos, em 1597. Ingressou na Companhia de Jesus, em 1612 e, tão logo recebeu as ordens sacras, foi enviado para a América. Foi Professor de Teologia Moral no Colégio de Cuenca (Quito) e, mais tarde, Reitor daquele estabelecimento.

Em fevereiro de 1639, juntamente com outro irmão da ordem, o Padre André de Artieda, foi designado para acompanhar Pedro Teixeira na sua viagem de retorno pelo Rio das Amazonas chegando a Belém em dezembro do mesmo ano. A sua "*Relación del Descubrimiento del Rio de las Amazonas*", que revela pormenores importantes da viagem de Pedro Teixeira, teve a primeira edição publicada em Madrid, pela "*Imprensa del Reyno*", em 1641.

Batismo do Rio Negro

Embora Acuña relate na sua "*Relación del Descubrimiento del Rio de las Amazonas*" que, em decorrência da cor de suas águas, "*chamaram os portugueses, com muita razão, a esse grande Rio de Negro*", o batismo já havia sido "*consagrado*" pelos espanhóis de Francisco Orellana quase um século antes.

Capítulo LXV – o Rio Negro

[...] Chamaram os portugueses, com muita razão, a esse grande Rio de Negro, porque em sua boca, e muitas léguas adentro, a grande fundura que possui e a claridade da água de imensos Lagos que nele vertem fazem parecer tão negras suas ondas, como se de propósito estivessem tingidas, apesar de que em seu natural são cristalinas. Faz seu curso de Oeste para Leste em suas origens, embora as voltas sejam tantas que, em curtas distâncias, toma vários rumos diferentes, mas a direção que segue por muitas léguas antes de entrar no Amazonas é a de Poente a Oriente. Os nativos que o habitam chamam-no Curiguacuru, embora os Tupinambás, [...], tenham lhe dado o nome de Uruna, que em sua língua quer dizer "*água negra*". [...]

Tal Rio, os nativos afirmam estar muito povoado por diferentes tribos, a última das quais está vestida e usa chapéus, sinal certo de que se avizinham dos espanhóis do Peru. [...] Os que primeiro habitam um braço que sai deste Rio, por onde, segundo informações, vai-se dar no Rio Grande, em cuja Boca, no Mar do Norte, estão os holandeses, são os Guaranaquazana. Todas estas tribos usam arco e flecha, muitas delas envenenadas. As terras deste Rio são todas altas, de grande fertilidade e, cultivadas, prometem quaisquer frutos, mesmo os da nossa Europa, em algumas partes. Possuem muitas e boas campinas, cobertas de pastos maduros para poder nelas pastar inúmeras cabeças de gado. Crescem ali grandes árvores, que produzem madeira de boa qualidade para todo tipo de embarcações e edifícios que, não apenas com elas, mas também com muito boa pedra que neste Rio abunda, podem ser edificados.

Estão suas margens habitadas por todo o tipo de caça e, embora seja verdade que o pescado neste Rio não seja tão abundante como no Amazonas, pelo fato de suas águas serem tão cristalinas, nos Lagos formados terra adentro sempre se colhem peixes a mão cheia. [...]. (ACUÑA)

Capítulo LXVI – Tentam os Portugueses Entrar pelo Rio Negro

A armada portuguesa, de volta de viagem, encontrava-se na Boca do Rio Negro, a doze de outubro de mil seiscentos e trinta e nove, quando, considerando-se já às portas de suas casas, os soldados tinham os olhos voltados não sobre os lucros que traziam, que eram nada, mas sobre as perdas que, no espaço de mais de dois anos em que tinham andado nestes descobrimentos, tiveram e que não eram poucas. [...]

As notícias da existência de muitos escravos que possuíam, os nativos que viviam no interior deste Rio, tornavam a ocasião propícia, e não deveriam deixá-la passar, sem aproveitar-se disso. [...]

Sem esses escravos, sem dúvida, seriam menosprezados pois, tendo passado por tantas e diferentes tribos e tendo encontrado tantos escravos, chegavam de mãos vazias.

O Capitão-Mor dava mostras de querer satisfazê-los, talvez porque eles fossem muitos e ele um só, e desta forma deu autorização para que pusessem velas nas embarcações porque o vento em popa, favorável para a entrada, as pedia. E houve até quem não se contentaria se a parte dos escravos que lhe tocasse não chegasse a trezentos. (ACUÑA)

Capítulo LXVII – Requerimento Encaminhado ao Exército

Os Padres Cristóbal de Acuña e Andrés de Artieda, religiosos da Companhia de Jesus, [...]

No presente, tendo entendido, pelo que muitos dizem e pelas velas preparadas para navegação, que o Capitão-Mor Pedro Teixeira, e os demais Capitães e oficiais maiores desta armada, em cuja companhia viemos por mandado de Sua Majestade, tentam estender mais esta viagem entrando pelo Rio Negro, em cuja Boca nos encontramos atualmente, com o desígnio de nele resgatar peças escravas, para levá-las como tais a fazendas do Pará e Maranhão, como costumam fazer, em todas as entradas que, desde o dito Pará, dirigem aos nativos que habitam seus confins.

E porque nisso se há de gastar forçosamente muito tempo, segundo dizem pessoas experientes em semelhantes entradas, e há de haver ainda muitos outros inconvenientes [...] com o devido respeito, requeremos ao Capitão-Mor Pedro Teixeira, ao Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, ao Sargento-Mor Felipe de Matos, aos Capitães Pedro da Costa e Pedro Baião e aos demais oficiais vivos que no momento se acham dirigindo este exército na Boca do Rio Negro. [...] que o atraso pode resultar em muitos e graves inconvenientes, como o é a demora de Sua Majestade em ampliar a fortificação deste Rio, que já há tantos anos deseja que se explore [...]. (ACUÑA)

Exploradores e Naturalistas do Negro

Vamos reproduzir, ao longo dos capítulos, textos de exploradores e naturalistas que percorreram o Rio Negro no passado. Para ilustrar a importância destes intrépidos pesquisadores, vamos fazer uma breve sinopse de cada um.

José Monteiro de Noronha (1768)

O Antropólogo Antônio Porro é especialista em etno-história e, ultimamente, vem se dedicando ao estudo das tribos e cacicados indígenas da Amazônia. Porro redigiu a introdução do "*Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província*" escrito por José Monteiro Noronha e editado, em 2006, pela Editora da Universidade de São Paulo.

> Encerrada por Pombal a gestão missionária dos assuntos indígenas e, portanto, da economia amazônica, José Monteiro de Noronha aparece, em 1768, como autor desta pequena obra, o "*Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província*". Precursor de uma nova fase nos estudos de geografia humana da região, mais de uma vez plagiado e raramente citado, Noronha havia nascido em Belém do Pará em 1723. Revelando desde cedo especial atenção para os estudos, concluiu com tal proficiência, no Colégio de Santo Alexandre, os cursos de Latim, Filosofia, Física, Geometria e Teologia, que os Padres procuraram atraí-lo para a Companhia. Noronha resistiu aos convites, casou com Joana Maria da Veiga Tenório, de respeitada família belenense e dedicou-se ao exercício da advocacia. Foi Vereador da Câmara e ocupou diversos cargos na magistratura e no Poder Judiciário do Grão-Pará.

Ainda jovem, porém, em 1754, enviuvou, fato que o levaria, algum tempo depois, a abraçar a vida religiosa, não com os regulares, que naqueles anos já estavam sendo duramente perseguidos, mas no clero secular.

O Bispo Frei Miguel de Bulhões, conhecedor do seu talento e preparo, o nomeou Presbítero em Belém e, a 18.06.1760, ao criar a Vigararia Geral do Rio Negro, confiou-lhe aquela nova e imensa jurisdição eclesiástica. Naquela função, como registra o seu biógrafo Januário da Cunha Barbosa, Noronha:

> *Visitou muitas vezes as Igrejas compreendidas no Distrito da sua Vara [...] não deixando de visitar as povoações mais remotas; e este trabalho lhe deu a ideia de escrever um Roteiro em que mencionasse diversos povos que visitava com suas respectivas distâncias e número de moradores. Assim o fez; porém depois, considerando que o seu pensamento ficaria mais útil se compreendesse toda a Província, não hesitou em organizar um Roteiro que, sendo das navegações da Cidade do Pará para as águas do interior da mesma Província, desse mais ampla ideia dos outros pontos do país [...] já pela sua própria inspeção em diversas viagens e já pelas informações havidas de pessoas que viram as localidades a que ele não pudera chegar [...]. Este Roteiro [...] faz não pequena honra a seu autor e é a primeira, senão única obra, em que um paraense dá notícia da geografia de tão vasta Província.*

Em 1773, Noronha ainda estava em Barcelos como Vigário-Geral mas, nos anos seguintes, prosseguiu na carreira eclesiástica em Belém, sucessivamente como Arcipreste da Catedral, Vigário-Geral e Vigário-Capitular. Em 1790, com o retorno a Portugal do Bispo Caetano Brandão, foi nomeado Governador do bispado do Pará. Foi orador eloquente, autor de renomados sermões e da Marginação dos Estatutos da Catedral do Pará. Faleceu a 15.04.1794 e foi sepultado na Igreja dos Mercedários.

O que distingue o Roteiro de Noronha das descrições geográficas de seus predecessores imediatos é, acima de tudo, o espírito escrupuloso, sistemático e objetivo do autor. A postura científica se revela na exposição metódica, cuidadosa e exaustiva, na clareza com que distingue suas próprias observações e opiniões das de outrem e no estilo sóbrio que faz poucas concessões às hipérboles literárias ainda caras à época.

Dir-se-á que a postura e o método científico já haviam sido introduzidos nos estudos amazônicos por La Condamine, o que é verdadeiro; o pioneirismo de Noronha está, porém, em associá-los a um tratamento sistemático e razoavelmente compreensivo da observação geográfica e etnográfica regional.

Vejamos, por exemplo, como a informação de Noronha é superior à dos seus antecessores imediatos, La Condamine e José de Moraes, a respeito da região e do povoamento de Tefé, no Rio Solimões:

José Monteiro de Noronha – 1768

O Rio Tefé [Tepé lhe chamavam os antigos] é de largura pouco menor que o Coari. Desce do Sul para o Norte e deságua no Amazonas em três graus e dezoito minutos ao Sul do Equador. As suas águas são negras, é navegável dois meses, com pouca diferença, e acha-se ainda nele alguma salsaparrilha. Uma légua pelo Tefé acima está situada, na sua margem Oriental, a Vila de Ega, habitada por índios das nações Sorimão, Uayupi, Kueretu, Koeruna, Yuma, Yupicuá e Aiçuare. Ela foi fundada a primeira vez na ilha chamada dos Veados, fronteira a Giparaná, cuja situação declarará o parágrafo 126 e de onde a mudou o seu Missionário, Frei André da Costa, para Tefé.

José de Moraes – 1759

Na Boca deste Rio Tefé, está um grande Lago e, dentro dele, duas Aldeias de índios, uma dedicada a Santa Teresa [Tefé], e outra, fronteira a esta, da invocação de Nossa Senhora do Rosário dos Manaos.

La Condamine – 1744

Tefé é a última das cinco povoações dos missionários Carmelitas portugueses [...] formadas dos restos da antiga missão do Padre Samuel Fritz e composta de um grande número de diversas nações, a maior parte transplantadas.

Continuando com o Antropólogo Antônio Porro:

Embora, de todos os autores amazônicos do seu século, Noronha seja o que mais informa a respeito dos índios, o seu indianismo é paradoxal; ao longo do seu Roteiro, observações atentas e enriquecedoras alternam-se com inexplicáveis omissões. A etnografia indígena e a crônica do povoamento europeu estão presentes a cada página do seu pequeno Tratado, mas não há uma só palavra sobre as condições de vida e as relações entre índios e brancos nas Vilas e Povoados amazônicos, como as temos num João Daniel ou num Bispo Queirós. Ele registra escrupulosamente o nome das nações que habitavam cada Rio ou Riacho, e especifica quais delas acabaram integrando a população dos principais Povoados, mas escusa-se de comentar o processo de colonização, alegando que "*[...] pedem história mais dilatada*". Reconhece os diferentes motivos da tatuagem facial como identificadores étnicos de numerosos indígenas e os descreve com a precisão de um etnólogo, mas algumas de suas frases parecem trair o utilitarismo aético de um Cabo-de-tropa, onde os índios vêm juntos e depois dos mantimentos: "*Há no Rio Madeira muito cacau e*

gentio"; "*Esse Rio [Jauaperi] é de água branca [...] há nele algum óleo de copaíba e é habitado por índios da nação Aruakí*"; "*Há no Rio Urubaxi [a planta] puxiri e algum gentio da nação Maku*". Em contrapartida, não deparamos, em Noronha, com nenhuma das declarações preconceituosas e etnocêntricas comuns a literatos e administradores coloniais do século das luzes e, mais ainda, do sucessivo século das Ciências. Ele descreve, sem denegri-lo, o ritual Yumana de beber em infusão alcoólica as cinzas dos parentes mortos e coloca a cosmologia Pasé, com naturalidade no mesmo plano da nossa: "*O Sol é firme e quieto, como no sistema copernicano, e o movimento é só da terra e necessário para ela se fecundar em todas as suas partes com o calor do Sol*". Ainda assim, ele não louva, como o faria João Daniel, a destreza e a resistência física do índio ou a sua proficiência nas artes e técnicas aprendidas do europeu. Na verdade, a disciplina e a concisão quase assépticas de Noronha parecem fazer-lhe ocultar qualquer emoção ou sentimento, bom ou mau, que possa ter. (Antônio Porro – NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1785)

Alexandre Rodrigues Ferreira, considerado um dos mais destacados naturalistas luso-brasileiros, nasceu em 27.04.1756, na Cidade da Bahia, onde foi ordenado aos 20.09.1768, segundo a vontade de seu pai que o havia destinado à vida eclesiástica. Em julho de 1770, com 14 anos, chega ao porto de Lisboa, como candidato à Universidade de Coimbra. Bacharelou-se, aos 22 anos, em julho de 1778, em Filosofia Natural e Matemática, recebendo meses depois o título de Doutor, tornando-se, segundo Guilherme M. Souza Marcos de la Penha, "*o primeiro brasileiro em quem se reconhecem todas as características do cientista*".

Em Coimbra, como assistente e discípulo do naturalista italiano, radicado em Portugal, Domenico Agostino Vandelli, titular de Ciências Naturais, exerceu a função de Demonstrador de História Natural.

A "Viagem Filosófica" (1783/1792)

A "*Viagem Filosófica*" foi concebida, em 1778, pela Academia das Ciências de Lisboa, pelo Ministro Martinho de Melo e Castro, pelo Ministério da Marinha e Negócios Ultramarinos e planejada por Vandelli. Em decorrência de seu excelente desempenho na Faculdade de Filosofia, Alexandre foi nomeado, pela Rainha D. Maria I, como "*o primeiro naturalista português*" e encarregado da Expedição científica denominada "*Viagem Filosófica*", o maior empreendimento científico realizado no Brasil pela Coroa Portuguesa em todo o período colonial. Sua tarefa era de percorrer as possessões "*com a laboriosa Comissão de ele ser o primeiro vassalo português que exercitasse o nunca visto em Portugal, nem antes do feliz reinado de Sua Majestade, exercitado emprego de Naturalista*".

A Rainha D. Maria I desejava conhecer melhor o Centro-Norte da colônia com a finalidade de implementar medidas que possibilitassem dinamizar a exploração econômica e a posse das áreas em litígio. Cinco anos decorreram desde a indicação até a efetivação do empreendimento. Pouco antes da partida, a Expedição sofreu um corte considerável nos equipamentos e componentes. A equipe, de matemáticos, químicos, militares e professores foi reduzida a um grupo composto de um naturalista, Rodrigues Ferreira, um botânico, Agostinho do Cabo, e dois desenhistas, José Codina e José Joaquim Freire. Agostinho do Cabo e José Codina sucumbiram às adversidades da mata tropical.

A Viagem

Em setembro de 1783, o naturalista deixou o seu cargo no Museu da Ajuda e partiu para o Brasil, aportando em outubro no Belém do Pará. Durante nove anos percorreu o Centro-Norte do país, a partir da Foz do Amazonas.

Subiu o Rio Amazonas e o Rio Negro até a fronteira com as terras de Espanha e navegou pelo Rio Branco até a Serra de Cananauaru. Percorreu o Rio Madeira e o Guaporé até Vila Bela da Santíssima Trindade de onde seguiu para a Vila de Cuiabá. Navegou pelos Rios Cuiabá, São Lourenço e Paraguai. Voltou a Belém do Pará em janeiro de 1792 depois de percorrer as Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá numa extensão de aproximadamente 39.000 quilômetros. Ferreira inventariou os recursos naturais, pesquisou a cultura indígena, e levantou as potencialidades econômicas e o perfil dos núcleos populacionais.

A Viagem no Rio Negro

Penetrou na Embocadura do Rio Negro, em 13.02.1785, e rumou até a Vila de Barcelos, situada na margem direita do Rio, 496 quilômetros a montante, aonde chegou no dia 02.03.1785. Rodrigues Ferreira montou, aí, sua base de operações. Partiu de Barcelos a 20.08.1785 e continuou a subir o Rio Negro, alcançando, em 14.11.1785, a Fortaleza de São José de Marabitanas, naquela época, limite extremo do domínio português. Durante o trajeto, explorou diversos afluentes e visitou inúmeras povoações, recolhendo farto material de estudo. Uma semana depois, retornou a Barcelos em 07.01.1786.

Empreendeu uma nova excursão, depois de refeito da viagem ao Alto Rio Negro. A 23.04.1786, desceu o Rio, atingiu a Foz do Rio Branco; subiu-o, ultrapassando a Fortaleza de São Joaquim, onde permaneceu algum tempo, convalescendo. Explorou diversos afluentes do Branco e regressou à base de operações, chegando a esta em 03.08.1786.

Na expectativa de instruções da metrópole de além-mar, quanto à nova meta a ser atingida, permaneceu na base de Barcelos até 1788. Nesse período, realizou diversas jornadas no entorno da base, explorando as matas do Rio Negro e determinou que o botânico Agostinho do Cabo explorasse o trecho do Solimões, até altura do primeiro pesqueiro (290 quilômetros). Finalmente, após receber determinações expressas de Portugal, partiu a Expedição da Vila de Barcelos em 27.08.1788, em direção ao Rio Madeira.

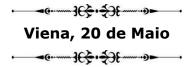
Johann Baptist von Spix (1819)

Spix, zoólogo, naturalista e paleontólogo alemão, era mais um dos membros da Expedição Austríaca que chegou ao Brasil em 1817. Durante a Expedição, viajou na companhia do botânico Karl Friedrich Philip von Martius, percorrendo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Em 1819, os pesquisadores chegaram ao Amazonas e se separaram: Spix subiu o Rio Negro e seus afluentes enquanto Martius seguiu para o Rio Solimões e Japurá. A Expedição viajou cerca de 10 mil quilômetros pelo Brasil durante três anos (1817 a 1820), recolhendo informações sobre a flora, fauna e aspectos sociais. Em abril de 1820, Spix e Martius retornaram a Belém e, logo em seguida, à Europa.

Logo depois de chegarem, em dezembro, a Munique, iniciaram a catalogação e classificação do material coletado na viagem pelo Brasil. A pesquisa resultou na publicação dos livros "*Reise in Brasilien*" (Viagem pelo Brasil) e "*Flora brasiliensis*".

Spix morreu aos 46 anos de idade, após a publicação do primeiro volume de "*Reise in Brasilien*". Martius supervisionou a edição dos dois últimos volumes, respectivamente editados em 1828 e 1831.

Gazeta do Rio de Janeiro, n° 68
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 23.08.1817

Viena, 20 de Maio

O Imperador, desejando dilatar os conhecimentos úteis, e transplantar para os seus Estados os tesouros da natureza, que produz o Novo Mundo, julgou acertado aproveitar a ocasião do casamento e partida de S. A. I. a Arquiduquesa Leopoldina para mandar ao Brasil certo número de sábios, que com permissão de Sua Majestade Fidelíssima, são encarregados de correr as partes mais notáveis, observar nos lugares próprios as diversas produções dos três gêneros da natureza, multiplicar as observações, e enriquecer com tesouros novos as nossas coleções de produtos raros e estrangeiros.

S. M. assinou com uma munificência imperial as somas necessárias, e confiou a direção suprema desta viagem a M. o Príncipe de Metternich, seu Ministro de Estado, de Conferências, e dos Negócios Estrangeiros.

As pessoas nomeadas para irem ao Brasil a este fim, são: para a história natural em geral e a botânica em particular, M. Milkon, Doutor em Medicina e Professor de Botânica em Praga; para Zoologia, M. Ratterer, empregado do Gabinete de História Natural; o Pintor de paisagens M. Eneers; M. Scholt, Jardineiro botânico do Palácio de Belvedére; M. Sholt, Caçador de S. A. o Príncipe Imperial, na qualidade de Caçador; M. o Professor Pohl, conhecido por muitas, obras de mineralogia; M. Burchberger, pintor de plantas; como bibliotecário M. Schick,. Os primeiros cinco embarcarão em Trieste a bordo das Fragatas Áustria e Augusto, e partiram a 9 do mês passado para o seu destino [já anunciamos]. Os demais embarcarão em Liorne, na companhia da Arquiduquesa. M. de Schreiber, Diretor do Gabinete de História Natural desta capital, encarregado de fazer a relação desta viagem. Spix e Martius, da Academia das Ciências de Munique, se juntarão aos sábios, austríacos. (GDRJ, N° 68)

Johann Natterer (1830)

O mais zeloso e o mais fecundo colecionador zoológico que pisou a América do Sul. Não o julguem pelo número de livros por ele publicados, pois são poucos – também não o julguem pela pequena ou nenhuma importância, que acaso lhe diga qualquer dicionário ou enciclopédia daqueles que vos caiam primeiro às mãos na biblioteca que mais próxima for, pois os respectivos autores, por via de regra, o desconhecerão. Explica-se, com toda nitidez, àqueles que pisam as mesmas sendas, que o naturalista cujo nome encima estas linhas, aos cultivadores do mesmo campo, aos caracteres que alguma afinidade possuem para as predileções científicas e para o rumo específico da ocupação intelectual – e estes são poucos. Dá-se com Natterer o mesmo que com o arquiteto que morre, deixando de um grande e complicado edifício apenas prontos os alicerces: quantos terão os conhecimentos profissionais e o poder mental para adivinhar o plano geral do seu todo e nos seus pormenores? (GOELDI)

Johann Natterer, naturalista e explorador austríaco, nasceu em 09.11.1787 em Laxemburgo, pequena Cidade ao Sul de Viena, Áustria. Era filho do Falcoeiro Imperial Joseph Natterer, que era também um aficionado colecionador de aves e insetos. Joseph montou uma magnífica coleção que, em 1793, foi adquirida pelo Imperador austríaco Francisco II, incorporando-a aos "*salões do imperial gabinete zoológico*".

Influenciado pelo pai com quem aprendeu a arte da taxidermia, dedicou-se ao estudo de Química, Anatomia e História Natural nos institutos de ensino superior vienenses, enquanto desenvolvia seus dotes de desenho e linguística. Depois de realizar, bem-sucedidas, excursões científicas na Hungria, Dalmácia e Itália, Natterer passou a ser considerado e respeitado como perito na sua especialidade.

Em 1816, foi nomeado assistente da Coleção Zoológica Imperial, ganhando a notoriedade junto à comunidade científica e política o que lhe permitiu, mais tarde, integrar a equipe de naturalistas que veio ao Brasil no início do século XVII.

Österreichische Brasilien-Expedition

A Expedição Austríaca ao Brasil foi organizada e financiada pelo Império Austríaco e realizada entre 1817 e 1835. Seu principal objetivo era investigação científica nas áreas da Botânica, Zoologia e da Etnologia.

A Expedição teve como principal apoiador o Príncipe, diplomata e estadista Klemens Wenzel Lothar Nepomuk von Metternich. Metternich foi Presidente do Congresso de Viena onde influenciava, decisivamente, as decisões que ali eram tomadas.

Em 1817, chegaram ao Brasil três importantes grupos de naturalistas selecionados por E. Schreiber, Diretor do Museu de Viena. Os pesquisadores engajaram-se à esquadra que trazia a Arquiduquesa austríaca Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena para casar-se com D. Pedro.

O grupo mais completo era liderado pelo naturalista tcheco Johann Christian Mikan, acompanhado do jardineiro Heinrich Scott, dos pintores Thomas Ender, Franz Joseph Frubeck e Johann Buchberger, do bibliotecário Rochus Schuch e dos coletores Johann Natterer e seu ajudante Dominick Sochor.

A participação mais importante desse grupo deve, sem sombra de dúvida, ser credenciada a Natterer que, por quase 18 anos (1817-1835), dedicou-se à coleta e preparação de material biológico e etnográfico em enorme extensão do território brasileiro.

Johann Natterer no Brasil (1817-1835)

Ao desembarcar da fragata Augusta, no Rio de Janeiro, em 05.11.1817, Natterer tinha 29 anos e uma experiência considerável como caçador, preparador, desenhista e linguista. Em decorrência de alguns problemas administrativos e de liderança, afastou-se do grupo e decidiu trabalhar somente com seu ajudante Dominick Sochor. Rumou para ao Sul, percorreu o litoral fluminense, São Paulo, entrou no Paraná até Paranaguá, e retornou ao Rio de Janeiro.

Passou, então, por Santos e, em seguida, partiu em direção ao Brasil Central. No alto Guaporé, contornou a fronteira com a Bolívia, passando por Rondônia, e desceu o Rio Madeira até o Amazonas.

Johann Natterer no Rio Negro

Sozinho, seu companheiro Sochor sucumbira à malária, no Mato Grosso, em 1826, resolveu subir o Rio Negro até atingir o Extremo Noroeste brasileiro e, depois, o Estado de Roraima, pelo Rio Branco.

Percorreu o Rio Branco desde a sua Foz até os Rios Uraricoera e Tacutu, de onde atingiu o Cotingo e o Maú. Uma jornada de aproximadamente dez meses em que elaborou anotações e coletou espécimes da avifauna, entomofauna e da ictiofauna do vale do Rio Branco. Natterer se destaca, dentre os demais pesquisadores, pelo período despendido em campo, quase 18 anos, pela enorme capacidade de trabalho de campo e uma disposição inquebrantável em cumprir os objetivos de coletar, trabalhar zelosamente na preparação dos exemplares e ilustrar tudo o que podia. Rotineiramente despachava para Viena remessas de exemplares obtidos, evitando a deterioração decorrente do ambiente quente e úmido dos trópicos, fungos, saques e destruição por parte de pequenos animais como ratos e formigas.

Para a Ornitologia, trouxe informações biológicas até então ignoradas ou desconhecidas da ciência. As anotações sobre as peles de cada espécime receberam uma atenção especial nas quais relatava cuidadosamente dados importantes como características morfológicas, anatômicas e até comportamentais. Uma parte de seus manuscritos foi destruída, em 1849, no incêndio do Museu de Viena, perdendo-se um dos maiores e mais importantes bancos de dados sobre aves tropicais. Felizmente grande parte da coleção de aves coletada no Brasil encontra-se intacta, sob a guarda do "*Naturhistorischen Museum*" de Viena.

Casamento em Barcelos

Em 1831, casou-se em Barcelos, primeira Capital do Amazonas, com a brasileira Maria do Rego, tendo com ela três filhos. Embora Maria do Rego tivesse nome português era uma índia da etnia Mura. O austríaco levou a família para a Áustria, a esposa e duas crianças não resistiram ao primeiro inverno.

Só sobreviveu a filha mais velha, Gertrude. Maria do Rego havia batizado a filha com esse nome em homenagem a uma curandeira local, "*Dona Gertrudes*", que salvara sua vida por mais de uma vez. Gertrude casou-se com um nobre austríaco chamado Julius Schröckinger Ritter von Neuenberg e, a partir de então, passou a ser conhecida como Baronesa Gertrude von Schröckinger. Alfred Russel Wallace, em suas "*Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*" menciona na sua obra ter encontrado outra filha do pesquisador:

> Logo que a vi, fiquei imaginando se não seria ela a jovem de quem o Senhor Lima me falara, dizendo tratar-se da filha que o célebre naturalista alemão Natterer tivera com uma índia. Tive nova oportunidade de vê-la em Guia [Nossa Senhora da Guia], e verifiquei que minha suposição fora correta. Ela devia ter uns 17 anos, estava casada com um índio e já tivera alguns filhos. Era um belo espécime da magnífica raça oriunda do cruzamento dos sangues saxão e indígena. (WALLACE)

Natterer e a Cabanagem

Em 1835, as ruas de Belém do Pará fervilhavam de barricadas e tiroteios. A gente pobre, caboclos, índios, negros e mulatos, chamados de cabanos, haviam tomado o governo à força reivindicando a autonomia da Província.

Era a Cabanagem [1831-1836], uma das mais violentas revoltas civis do Brasil. Em plena luta, um europeu "*branquelo*" e de cabelos encaracolados esgueirava-se entre as vielas do porto.

Correndo risco de morrer, ele carregou dezenas de caixas cheias de plantas e animais para uma corveta inglesa fundeada na baía. Mas os cabanos descobriram seu depósito e roubaram tudo o que encontraram, dinheiro, roupas, espingardas e pistolas. Pior: uma anta e uma tartaruga, raridades que o colecionador pretendia levar vivas para a sua Pátria, a Áustria, foram sumariamente assadas e comidas.

Terminou assim a mais longa Expedição realizada por um pesquisador estrangeiro no Brasil.

O austríaco Johann Natterer [1787-1843] coletou o maior acervo biológico reunido aqui por uma única pessoa. Durante dezoito anos viajou pelo interior do Brasil, passando pelas Províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará, recolhendo espécies para o Imperador austríaco Francisco I [1768-1835]. Mais explorador do que cientista, Natterer enviou para Viena, em várias remessas, 12.293 pássaros empalhados – em média, coletou quase dois pássaros por dia em que esteve no país, 1.146 mamíferos, 1.621 peixes, 32.825 insetos e mais anfíbios, crustáceos, moluscos, conchas, vermes, crânios de índios e toras de madeira. Reuniu até espécimes que os cientistas ainda não tinham catalogado, como o peixe-boi e a piranha-vermelha da Amazônia, que acabou recebendo o nome científico de "*Serrasalmus nattereri*" em sua homenagem. (SANCHEZ)

Natterer de Volta a Londres

Chegou a Londres em 09.11.1835, onde permaneceu convalescendo durante todo o inverno das doenças tropicais que contraíra.

Só retornou a Viena em agosto. Entre 1838 e 1840, realizou viagens ao Norte da Alemanha, Dinamarca, Suécia, Rússia, Sul da Alemanha, França, Inglaterra e Holanda.

Natterer almejava redigir um livro sobre a ornitologia mundial, mas faleceu, em 17.06.1843, antes de concretizar seu projeto.

Correio Braziliense ou Armazém Literário, n° 24
Reino Unido, Londres – Janeiro de 1820

Miscelânea
Viajantes Científicos no Brasil

Algumas gazetas Europeias tem publicado, que viajam agora pelo Brasil várias pessoas científicas, protegidas pelo Governo daquele país, e à custa dos Governos Austríaco, Bávaro e Toscano. [...]

Não podemos deixar de louvar as vistas de política liberal do Governo do Brasil, em permitir e patrocinar estas viagens científicas no seu país; porque estes sábios publicarão depois seus jornais, estes serão traduzidos na linguagem do país, e assim a indústria estrangeira suprirá a falta da nacional.

É certo, que, sem o conhecimento cabal dos recursos naturais do país, mal poderão os homens, que se acharem à testa do Governo, fazer uso dos meios físicos, que a natureza de seu terreno lhes oferecer; e já que as circunstâncias não permitem que se aproveitem os talentos dos naturais, pelo menos utilize-se a indústria estrangeira. (CB-AL, n° 214)

Richard Spruce (1850)

Richard Spruce, médico e naturalista britânico, nasceu em Ganthorpe, no Norte de Yorkshire, no dia 10.09.1817. Aos 16 anos, listou as plantas que cresciam próximas à sua casa e, aos 19, descreveu cerca de 490 espécies de floríferas locais. Lecionou, a partir de 1839, Matemática no "*Collegiate School*", em York, onde permaneceu até o fechamento da escola em 1844. Aficionado à botânica, adquiriu considerável conhecimento sobre floríferas e briófitas no condado de Yorkshire e Teesdale, uma das regiões de maior biodiversidade do Norte da Inglaterra. Seus estudos serviram de base para a publicação de importante trabalho sobre briófitas obtendo o reconhecimento de notáveis botânicos da época. Empreendeu, apoiado por seus pares, uma Expedição científica aos Pireneus, de maio de 1845 a abril de 1846. Apesar de sua saúde delicada, Spruce, conseguiu levar a bom termo a excursão de 12 meses aos Pireneus e graças a ela conseguiu complementar as 169 espécies de briófitas já descritas, trazendo dos Pirineus 478 exemplares dentre os quais 17 espécies totalmente novas para a ciência.

Preparativos para a Viagem à América

Enquanto organizava a coleção dos Pireneus, começou a se preparar para a viagem à América, estudando plantas exóticas no Jardim Botânico Real, Kew e no Museu de História Natural de Londres. Em 1849, decidiu viajar ao Amazonas, apoiado pelo Diretor do Jardim Botânico Real, Sir William Hooker. Hooker concordou em vender os espécimes, coletados por Spruce, para herbários europeus para financiar a viagem. O objetivo da viagem era investigar a flora do vale do Amazonas e enviar espécimes para Kew.

Viagem à América

Depois de explorar a Foz do Rio Amazonas, viajou para a Foz do Tapajós, encontrando Wallace em Santarém. Subiu o Rio Trombetas até as proximidades da fronteira com a Guiana Inglesa, retornando ao Amazonas e chegando a Manaus no final de 1850. Depois de explorar a floresta nas cercanias de Manaus, navegou pelo Rio Negro chegando ao Orenoco pelo Cassiquiare.

Capitão Joaquim Firmino Xavier (1857)

O Capitão Joaquim Firmino Xavier já havia ajudado a debelar a Revolução Praieira, movimento separatista que eclodiu em Olinda a 07.11.1848. Depois de uma pequena folga no Rio de Janeiro, foi enviado para as campanhas do Rio da Prata que, depois de resolvidas, permitiram que fosse enviado para comandar o Forte de Macapá e, logo em seguida, para melhorar as condições da Fortaleza de Tabatinga.

O sucesso no desempenho de cada uma das missões que lhe eram impostas levaram as autoridades militares a determinar-lhe uma missão mais desafiadora "*domiciliar índios na fronteira*" que nada mais era do que colonizar, com indígenas, o Xié e o Içana, afluentes do Extremo Setentrional do Rio Negro.

Os índios da região tinham abandonado as aldeias após a perseguição militar dos adeptos do movimento messiânico de cunho cristão de um líder indígena venezuelano chamado Venâncio. O relatório do Capitão Firmino foi reproduzido, mais tarde, por Avé-Lallemant.

O Cearense, n° 841
Fortaleza, CE – Sexta-feira, 22.06.1855

Acaba de chegar a desgraçada notícia de ter arrebentado uma revolta no destacamento da Colônia do Pedro II no rio Araguary, perto do lago Amapá, no Cabo do Norte, a qual teve em resultado o assassinato do comandante do dito destacamento o Alferes Joaquim de Amorim Bezerra, e a castração a malho do Capelão da Colônia, o qual ainda ficou com vida até as últimas notícias recebidas por Macapá. O Tenente Joaquim Firmino Xavier, comandante da praça de Macapá, sabendo de tão desastrosa ocorrência, fez imediatamente partir por terra uma força de tropa, comandada por um Cadete, com o fim de capturar os revoltosos, e de tomar conta da dita Colônia que acabava de ficar acéfala. Parece que o motivo de semelhante crime fora o desespero a que foram levados alguns soldados do destacamento por via de desacatos praticados por aqueles dois cidadãos contra a honra e honestidade de suas famílias. (O CEARENSE, N° 841)

Treze de Maio, n° 826
Belém, PA – Sexta-feira, 01.09.1856

As febres intermitentes reinam, não só na capital, como em outros municípios da província. Em Macapá, outrora tão insalubre, tem melhorado o estado sanitário, depois que se procedeu ao dessecamento dos pântanos circunvizinhos, resultado devido às ordens do Sr. Conselheiro Rego Barros, e ao zelo com que as executou o 1° Tenente Joaquim Firmino Xavier, que comandava aquela praça. (TDM, N° 826)

Estrella do Amazonas, n° 199
Manaus, AM – Sábado, 07.03.1857

Forte de Tabatinga – Desde Setembro, em que para ali foi de Comandante o Capitão de Artilharia Joaquim Firmino Xavier, tem experimentado consideráveis melhoramentos. Dos respectivos relatórios verá V. Ex.ª com individuação ([50]) as obras e reparos feitos. (EDA, N° 199)

Relatório de Francisco José Furtado
Manaus, AM – Terça-feira, 07.09.1858

Tranquilidade Pública

Continua inalterada a tranquilidade, que goza, há 18 anos, esta interessante parte do Império. Devo porém referir-vos as reuniões de índios no Içana e outros lugares do Alto Rio Negro, promovidas por alguns charlatães, que intitulando-se Cristos lograram iludir os índios e extorquir-lhes os seus poucos haveres, batizando-os, casando-os e descasando-os, no meio de continuadas danças e orgias. Informado pelo meu ilustre antecessor da primeira reunião capitaneada por um índio venezuelano, e que S. Ex.ª havia resolvido mandar o Padre Romualdo Gonçalves de Azevedo como missionário a fim de chamar os índios às suas casas e ocupações, desiludindo-os dos embustes do falso Cristo, o fiz partir à 18 de novembro de 1857; dando-lhe as necessárias instruções e ao Capitão Joaquim Firmino Xavier, encarregado das obras do Cucuí, que o devia coadjuvar para mais seguro resultado da comissão.

[50] Individuação: detalhes.

Antes da chegada do Missionário uma escolta mandada pelo Comandante do Forte de São Gabriel havia dispersado a reunião, e prendido dois índios e uma índia brasileiros, que se diziam S. Lourenço, Padre Santo e Santa Maria, os quase aqui chegaram à 2 de novembro de 1857, e foram por mim empregados nas obras públicas, onde se conservaram pacificamente, tendo falecido, há dias, um deles. O pretenso Cristo porém evadiu-se para a Venezuela, onde consta ter sido preso e enviado para a Capital daquela República.

Não obstante reiterei as ordens, para que o Missionário procurasse aquietar os ânimos e chamar às suas habitações os índios, muitos dos quais tomados de medo haviam fugido para as matas, e outros emigrado para o estado vizinho.

Adoecendo o Missionário não pôde chegar ao seu destino; mas o Capitão Firmino, segundo informou-me, percorreu sem oposição alguma dos indígenas o rio Içana, conseguindo tirar das matas, e reunir nas suas povoações a muitos ali homiziados.

Em abril do corrente ano o índio brasileiro Alexandre renovou no rio Uaupés a mesma farsa do Venâncio, e em Santa Ana e S. Marcelino deram-se ajuntamentos semelhantes. O Missionário estando naquele rio, porém ainda doente, encarregou a Frei Manoel de Sancta Anna Salgado de dissuadir os índios de tais reuniões. Frei Salgado mal recebido e desatendido pelo séquito de Alexandre cometeu a imprudência de trazer à força um dos principais e dois filhos deste, para lhe remarem a canoa; o que deu causa, a que outros o viessem esperar na cachoeira de São Jerônimo, e emboscados lhe fizessem fogo; resultando ficarem ligeiramente feridos o mesmo Frei Salgado, um Seminarista e um soldado.

As reuniões de Santa Ana e S. Marcelino foram dissolvidas pelo Capitão Firmino sem acidente algum.

Não podendo em tão grande distância, e baldo de informações imparciais apreciar toda a gravidade e extensão das ocorrências, que desprezadas podiam ganhar incremento, e comprometer a tranquilidade pública, resolvi mandar dissolver os ajuntamentos pelo Juiz Municipal e Delegado de polícia da Capital, Bacharel Marcos Antônio Rodrigues de Souza, sindicar dos fatos, e prender os instigadores desses atos, se fossem homens civilizados.

À 15 de junho último partiu no vapor Tabatinga, acompanhado do Alferes Victor Felippe de Araújo, levando algumas praças de primeira linha, com autorização de requisitar e empregar toda a força de primeira linha e da Guarda Nacional, existente em diversos pontos do alto Rio Negro, segundo as exigências da situação; recomendando-lhe porém, e muito, que somente a empregasse, se pelos meios brandos e suasórios não pudesse acabar com as reuniões.

Também mandei acompanhá-lo pelo Capitão Francisco Gonçalves Pinheiro, Comandante do Xibaru, homem prudente, e conhecedor das coisas da Província, no intuito de na retirada do Delegado substituí-lo; para o que o fiz nomear Comandante do Forte de S. Gabriel, o Subdelegado de polícia daquele distrito e diretor dos índios do Uaupés à 29 de Julho último.

Tenho o prazer de anunciar-vos, que o digno Delegado de polícia desempenhou, como sempre esperei de sua prudência, inteligência e zelo pelo serviço público, a comissão de que fora incumbido. De volta à esta Cidade desde 31 do passado, tendo deixado os índios em paz e a maior parte entregues

às suas ocupações usuais e reparando suas habitações arruinadas, sem ter empregado a força contra aquela pobre gente, na qual encontrou a maior docilidade.

O falso Cristo conseguiu evadir-se, e foragido nas florestas, acompanhado apenas por um filho e um enteado, procura evitar a prisão. As autoridades locais têm as mais terminantes ordens para o prenderem.

Temos porém de deplorar a miséria daqueles gentios, aumentada pelos falsos Cristos, os quais persuadindo-os, que o mundo arderia no dia de S. João, que subiriam ao Céu os que melhor dançassem e pagassem, foram causa dos índios abandonarem suas roças e despojarem-se do pouco que tinham para presenteá-los.

Os desmandos, relaxação e avidez de algumas autoridades daqueles lugares, e a ignorância dos índios, facilitaram esses ajuntamentos, que felizmente acabaram sem comprometimento da ordem pública.

Correu que os indígenas da tribo selvagem Arara pretendiam atacar os Muras, dos quais são inimigos.

Logo que tive essa notícia fiz partir oito praças para reforçar o destacamento de Borba, ordenando ao respectivo Comandante e Subdelegado de polícia, o Tenente Augusto Cesar Bitancourt, que evitasse as hostilidades entre as duas tribos. O referido Tenente antes de receber o reforço tinha-se dirigido ao lugar indicado e verificou, que o boato não tinha outro fundamento, que o medo dos Muras, nascido de anteriores agressões. Entretanto ficou lá a força até que passe o tempo em que os Araras fazem suas excursões e insultos. (RFJF, 1858)

Relatório de Sérgio Teixeira de Macedo
Rio de Janeiro, RJ, 1859

Catequese e Civilização dos Índios Amazonas

Das últimas notícias recebidas desta Província consta que se achavam quase terminados os desagradáveis sucessos do rio Içana, e suas imediações, de que se deu conta no Relatório do ano passado.

Os índios tinham emigrado para as matas da Província, ou para o território de Venezuela, deixando, abandonadas as povoações de Sant'Anna, Nazareth, S. José e outras, e incendiada a de Tumahy, a melhor delas; mas já começavam a voltar.

Segundo as informações, recebidas contribuíram muito para as ocorrências do Içana o tratamento duro e vexatório do Capitão Mathias Vieira de Aguiar, comandante de Marabitanas, para com os índios; o comportamento desregrado do ex-vigário desta freguesia, e não menos as extorsões e violências praticadas pelo Cadete Manoel Raymundo de Araújo, encarregado pelo dito Capitão de prender o intitulado Cristo. O Presidente da Província ia tomar as convenientes medidas para reprimir tais abusos.

O Capitão Joaquim Firmino Xavier, nomeado diretor dos índios do Içana e suas imediações, e encarregado das obras do Cucuí, viajou pelo referido rio quase até às suas nascentes com o fim de chamar às aldeias os índios dispersos e fugitivos pelos matos; e em data do 1° de janeiro do ano passado informou que, tendo visto as povoações abandonadas, encontrara nos índios as melhores

disposições para voltarem a elas; e que com efeito recolhendo-se da sua viagem deixara grande número deles restituídos às suas habitações.

Entretanto o missionário, que em razão destas ocorrências foi nomeado para os rios Uaupés e Içana, o Padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, comunicou em data de 12 de abril do ano passado, ter aparecido no primeiro destes rios um novo Cristo, o índio brasileiro, de nome Alexandre, declarando que, por se achar bastante doente, e convindo dissuadir os indígenas dos embustes deste novo especulador, confiara esta diligência ao ex-vigário de Marabitanas, o qual foi desatendido e mal recebido, a ponto de ter sido atacado na volta por alguns, que emboscados lhe fizeram fogo, resultando desse conflito ficarem feridos o dito ex-vigário, dois agregados e o seminarista Solimões; que o acompanhavam, bem como alguns da parte dos agressores.

Depois disto, no 1° de maio, comunicou o Capitão Xavier que nas povoações de Marcelino e Sant'Anna, se reuniam constantemente os índios aí moradores, e outros, afim de se empregarem em danças semelhantes às que tinham tido lugar no rio Içana, figurando sempre um indivíduo de Cristo. O Capitão Xavier dirigiu-se a estes lugares; e achou já desfeitos os ajuntamentos de S. Marcelino, e dispersou os de Sant'Anna.

À vista de tais sucessos o Presidente da Província resolveu mandar a esses lugares o juiz municipal e delegado de polícia dos termos da capital, e de Barcelos, Bacharel Marcos Antônio Rodrigues de Souza, acompanhado de alguma força para, não só acabar com as reuniões, como investigar as verdadeiras causas de semelhantes acontecimentos, e processar os seus principais autores.

Em data de 27 de julho comunicou este empregado, que as reuniões dos índios estavam dispersas, restando apenas embrenhados nos matos entre o Uaupés e o Içana, alguns mais fanáticos em seguimento do intitulado Cristo Alexandre, os quais eram perseguidos pelas escoltas incumbidas de prendê-los.

Em consequência de ter pedido demissão o diretor geral dos índios desta Província, foi nomeado para este cargo o cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo, por decreto de 4 do corrente. [...]

Catequese e Civilização dos Índios do Amazonas

O Presidente desta Província, em data de 29 de março do ano passado, oficiou ao Governo Imperial participando que, tendo o Capitão Joaquim Firmino Xavier participando-lhe que nas margens do rio Ixié haviam reuniões armadas de índios em não pequeno número, determinara que partisse o Capitão Francisco Gonçalves Pinheiro, comandante do Forte de S. Gabriel, para dispersar semelhantes reuniões, e lhe dera para isso as necessárias providências.

Em data de 29 de maio, porém, de novo oficiou, informando ao governo imperial que o resultado de semelhante expedição demonstrou o nenhum fundamento daquela notícia.

Em consequência de perseguições, sofridas pelos índios da parte de pessoas incumbidas de sua direção, muitos deles tem-se retirado dos povoados para lugares menos concorridos; cessando porém a causa de tais retiradas, devem estas cessar. (RSTM, 1859)

Robert Christian Barthold Avé-Lallemant (1859)

Médico, cientista e escritor, nasceu em Lubcek, Alemanha, em 25 de julho de 1812 e faleceu em 10.10.1884, aos 72 anos de idade, na sua Cidade natal. Cursou medicina em Berlim, Heidelberg e Paris. Concluiu seu doutorado em medicina na Universidade de Kiel, em 1837 e, logo em seguida, mudou-se para o Brasil, onde fixou residência por dezessete anos. Foi Diretor de um Sanatório para pacientes de febre amarela, médico da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e membro do Conselho Nacional de Saúde.

Em 1855, retornou à Alemanha onde Alexander von Humboldt nomeou-o médico da Expedição austríaca de Novarra que iria realizar uma viagem de circunavegação do planeta.

Em 1857, partiu de Trieste para a América do Sul, no navio "*Novara SMS*" mas, desentendendo-se com oficiais de bordo, foi obrigado a desembarcar no Rio de Janeiro, abandonando a Expedição. Na sua segunda visita ao Brasil, foi nomeado médico do Hospital dos Estrangeiros e passou cerca de dois anos explorando a "*Terra Brasilis*" com o apoio do Imperador Dom Pedro II.

Como explorador singular, retratava, com fidelidade, suas observações sobre o solo, paisagem, flora, fauna, homem, economia, vida social, usos e costumes, embora afirmasse, no prefácio de suas obras, que fazia as suas observações apenas como um "*médico de hospital*".

Em 1859, regressou a Lubeck, onde voltou à pratica da medicina e escreveu diversos livros sobre suas experiências no Brasil, sendo os mais importantes:

"*Viagem pela Província do Rio Grande do Sul – 1858*", "*Viagens Pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo – 1858*", "*Jornada através do Brasil – 1859*", "*Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe – 1859*" e "*No Rio Amazonas – 1859*".

Jean Louis Rodolphe Agassiz (1865)

Agassiz nasceu em 28.05.1807, em Môtier (Vully), no Cantão de Friburgo, Suíça. Estudou Medicina em Zurique, Heidelberg e Munique, interessando-se especialmente por Zoologia. Terminou os estudos em 1829 com um trabalho sobre ossos. Filho de um Pastor Protestante, cresceu em um ambiente extremamente religioso.

Concluiu o doutorado em Medicina em Munique, em 1830 quando entrou em contato com Spix e Martius, que haviam realizado uma Expedição científica ao Brasil (1817-1820).

Agassiz se encarregou de descrever os peixes coletados no Brasil pelos pesquisadores. Enquanto exercia suas atividades como médico, continuou com os seus estudos relacionados com peixes, sendo reconhecido como especialista em Ictiologia Paleontológica. Emigrou, nos idos de 1849, para os Estados Unidos.

Criacionismo e Racismo dos Agassiz

Não se pode negar a deterioração causada pela mistura de raças, mais presente aqui do que em qualquer outro lugar do mundo. Ela está ceifando rapidamente as melhores qualidades do homem branco, do negro e do índio, deixando em seu lugar um tipo mestiço [mongrel] sem qualidades específicas, deficiente em suas energias físicas e mentais. (AGASSIZ)

Louis e Elizabeth viajaram pelo Brasil entre 1865 e 1866. O livro "*Viagem ao Brasil (1867)*", escrito por sua esposa Elizabeth, teve a preocupação de relatar os detalhes pitorescos da viagem acompanhados de belas descrições das paisagens, mostrando que os pesquisadores tinham a intenção de atingir um universo maior do que os especialistas em história natural. A Expedição deu ênfase à atividade científica e tentou embasar teorias biogeográficas e racistas. O estudo dos peixes é utilizado para solidificar os argumentos criacionistas ([51]) contra os evolucionistas, além de defender uma biogeografia estática, em que cada ser teria sido criado para se estabelecer em uma região específica da terra. Agassiz pregava abertamente a segregação dos negros afirmando que a miscigenação entre o branco, o negro e o índio fazia com que as melhores qualidades das três raças fossem descartadas no cruzamento, fixando suas piores características no mestiço.

Diário do Rio de Janeiro, n° 82
Rio de Janeiro, RJ, Sexta-feira, 06.04.1866

Transcrição
J. da Silva Coutinho – Diário Oficial

Ilm° e Exm° Sr. conselheiro – As viagem remetidas que temos feito, depois da última carta que escrevi a V. Exª privaram-me até agora de dar conta de nossos trabalhos.

De Manaus fizemos duas viagens, a Maués e no Rio Negro, durante o mês de Dezembro. Em princípios de janeiro o professor Agassiz adoeceu gravemente,

[51] Criacionismo: crença religiosa de que a humanidade, a vida, a Terra e o Universo são a criação de um agente sobrenatural.

e não pôde, assim como tínhamos combinado, regressar logo para explorarmos Monte Alegre e outros lugares importantes. Resolvemos então, que viesse no paquete de 8, para adiantar o trabalho, descendo ele na Ibicuhy, logo que melhorasse.

Efetivamente segui no paquete à Santarém, onde tomei uma canoa, que me levou à Monte Alegre. No dia 14 partiu o professor de Manaus, chegando ao lugar em que me achava à 26. Ali nos demoramos ainda quatro dias.

No dia 4 de Fevereiro, estávamos nesta capital. Aqui foi o professor de novo acometido mais fortemente pela mesma moléstia que o prostrara em Manaus, a ponto de causar receio o seu estado. Logo, porém, que ele melhorou segui para Cametá, e depois à Macapá e Chaves, na contra costa da ilha do Marajó; para completar o estudo da foz do Amazonas.

Farei agora um resumo do nosso trabalho.

Com a viagem à Maués não se atendeu somente ao interesse da ciência, e sim também ao particular da Província. Maués é o município mais florescente do Amazonas. Ali se acha um solo fertilíssimo, a indústria agrícola um pouco desenvolvida, a população concentrada. A cultura do guaraná é nesse lugar verdadeiro antídoto contra a peste da extração das drogas. Maués, no entanto, não goza ainda do benefício da navegação a vapor. Para que cheguem lá os paquetes da companhia, será preciso uma demora de 30 horas, subindo o descendo o Paranámirim do Ramos que era a única via explorada e que se julgava própria à passagem de navios regulares. Se, porém, os paquetes regressarem pelo ramo superior do Paraná-Mirim, economizar-se-iam 22 horas, aproximadamente. Foi por isso que projetamos seguir esse caminho.

Resolvida, porém, a viagem, apresentou-se a dificuldade de obter-se um prático que levasse a Ibicuhy. Felizmente achava-se na capital o Tenente-coronel Michilos, que se ofereceu para dirigir o navio, concorrendo assim mais uma vez para o desenvolvimento do seu município.

Partimos de Manaus, às 5 horas da tarde do dia 10 de dezembro, e chegamos à Maués às 6 da tarde de 11. Um navio de melhor marcha venceria a distância em 10 horas.

Na entrada de Ramos achamos 2½ braças de fundo, e depois 3 até 6. No Paraná-Mirim do Maués a sonda marcou sempre de 5 a 9 braças. O rio achava-se em meia enchente. Vê-se, pois, que durante 8 meses, de janeiro à agosto, podem passar no Ramos barcos que demandem 12 palmos folgadamente, e em qualquer tempo no Paraná-Mirim de Maués.

Seguindo este caminho, os vapores de 1ª linha demoram-se apenas 8 horas, tocando em Maués.

O Sr. Dr. Epaminondas de Melo, digno Presidente da Província teve a bondade de acompanhar-nos, prestando todos os recursos para o bom resultado da viagem.

Demoramo-nos 8 dias em Maués, onde colhemos 70 espécies de peixes.

Dali subimos no vapor às aldeias do Mucajatuba e Paricatuba, dos índios Mundurucus e Maués. Na primeira apresentaram-se umas 50 pessoas, tendo à frente o velho Capitão Vicente, que com tanta fidelidade me acompanhou, em 1863, no Alto Tapajós. Na segunda, apenas dois vesgos e desconfiados Maués chegaram à bordo, a instâncias do diretor.

As casas estavam desertas. O Maué é sempre o mesmo: docilidade na fisionomia, perfídia no coração. O Mundurucu, pelo contrário, é a lealdade e honradez personificadas. Já disse uma vez que estes índios acham-se em melhores circunstâncias que a maioria da população do Amazonas.

As terras de Maués muito diferem das do Amazonas; sobre serem mais férteis, têm a vantagem de não estarem sujeitas às inundações. Em vez de argila predomina húmus apresentando a terra pouca consistência. O algodão dá bem, e assim o café, cana, anil, mandioca, tabaco, etc. Algumas sementes desta última planta, vindas de Havana, mandadas distribuir pelo Sr. Conselheiro Dias Vieira, em 1857, deram excelente resultado. Hoje é afamado o havana de Maués, e posto em primeiro plano pelos entendedores. Sobre todas, porém, avilta a cultura do guaraná, pela grande remuneração que tem no mercado. Na porta do fabricante custa uma arroba 50$. Consta-me que igual porção custa hoje em Cuiabá 600$.

Na memória que tenho de apresentar à V Exª, trato detalhadamente da cultura desta planta importante, preparação da droga, suas propriedades, consumo, etc.

Empreendemos a viagem ao Rio Negro, com o fim de estudar a formação geológica no lugar da pedreira, onde começam as Rochas cristalinas no Norte do Amazonas.

Partimos, à 26 de dezembro, e lá chegamos à 28. A distância é de 56 léguas aproximadamente.

O Rio Negro já foi navegado pelos barcos da companhia durante três anos, de Manaus à Santa Isabel, caminho que se calcula em 120 léguas.

Extremamente largo e cheio de ilhas, este rio não é de tão fácil navegação como o Amazonas; mas, apesar disso, só nas vazantes extraordinárias pode negar-se à passagem de barcos que demandem mais de seis palmos, durante um ou dois meses.

O professor Agassiz pensava encontrar na pedreira alguns elementos pelos quais pudesse reconhecer se o vale do Amazonas esteve ou não coberto de gelo nessa mesma época em que a Europa e América do Norte; mas a rocha acha-se de tal modo decomposta na superfície que não foi possível resolver-se a questão. É o xisto cristalino [gnaisse] que ali se encontra, formando bancos alternados, um do verdadeiro gnaisse, contendo quartzo, feldspato e mica, outros em que a mica é substituída pela hornblenda.

A direção das camadas é N.O.S.E., tendo uma inclinação do 40° para S.O. A decomposição mais rápida das cristas do gnaisse produziu depressões uniformes na superfície.

Na freguesia do Tauápes-Assú; distante duas léguas de Manaus, o terreno é notável pela fertilidade, e muito se assemelha ao do Maués.

O algodão cultivado ali é o melhor que se pode desejar. Em geral no Rio Negro esta planta desenvolve-se perfeitamente bem, e dará grandes lucros se a cultura se fizer regularmente. Para a agricultura o Rio Negro é muito superior ao Amazonas, e tem mais a grande vantagem da proximidade dos campos do Rio Branco, onde a criação prospera satisfatoriamente.

Durante a viagem não pudemos colher uma só espécie de peixe, em razão de achar-se o rio muito crescido.

No dia 23, estávamos de volta em Manaus. Descendo de Manaus, demorou-se o professor cinco dias no Tupinambaranas, onde fez aquisições importantes, que permitem o estado da emigração das espécies. Cinco meses eram passados depois da nossa primeira colheita nesse lugar, e assim a segunda exploração tornava-se necessária, visto achar-se o rio em uma enchente, quando antes começava a vazar.

Em Monte Alegre, encontramos um país completamente distinto do Amazonas: colinas arenosas, cobertas de plantas, semelhantes às do carvuz, no Ceará; vales ricos de excelentes pastagens, e forrados por camadas do xisto argiloso e jaspe; uma serra magnífica e quase isolada, rente aos pântanos de um lago; fontes sulfurosas e finalmente o cactos para completar o contraste. A serra de que acabo de falar chama-se Ererê, e é formada de camadas quase horizontais de grés duríssimo, achando-se a 2/3 de altura um banco de jaspe cor de rosa do 1,5 m de espessura. O viajante que desce o Amazonas, apartando-se dos Andes, fica com a Vista reclusa entre as duas muralhas de arvoredo que bordam o rio.

Depois de longos dias de viagem, as mesmas cenas repetidas tornam-se monótonas, e o viajante quase desespera de achar algum ponto acima das grimpas do arvoredo, onde possa fixar a vista. Se entra na floresta a prisão é ainda maior. O rio é o campo. Finalmente chega a Monte Alegre; e aquelas colinas sempre verdes, mirando-se nas águas do grande rio, despertam indizível contentamento. A princípio supõe as vértebras da cordilheira de Caiena; mas examinando a constituição geológica, reconhece ali os restos dos terrenos modernos, que deviam cobrir outrora o vale, e cuja altura é indicada aproximadamente pelo Ererê.

Pela primeira vez cheguei eu e o professor Agassiz ao pico mais elevado dessa montanha, ao qual denominei Agassiz, em honra no nosso ilustre hóspede. Lá de cima a vista abrange um panorama grandioso. O espaço que vai da raiz da serra à borda do Amazonas parece um vasto jardim. Linhas do arvoredo caprichosamente traçadas sobre o campo verde; lagos de todos os tamanhos, semeados de pequenas ilhas; mais adiante a grande bacia onde vem desaguar o Cussaru o Maicuru, depois o Amazonas com suas águas amareladas, formando uma larga faixa que se perde no horizonte.

Do lado oposto, ao Norte, vê-se à grande distância uma cordilheira plana, que bem mostra a sua origem aluvial, e aquém muitas colinas apresentando a mesma forma.

A cinco léguas do distância, no rumo do N. 37° E. eleva-se a serra do Taiuri, onde nasce o rio Ererê que separa a serra do mesmo nome da de Monte Alegre. Na carta de Montravil vem o Ererê com o nome de Tauari e o Taiuri com o de Paituna; prolongada a colina de Monte Alegre até o Ererê, achando-se por isso eliminado o rio deste nome. Paituna chama-se o último degrau do Ererê, que fica mais ao Sul. Os rios Cussaru o Maicuru correm paralelos no Ererê, e do lado do ocidente abrangendo todos excelentes campos onde prospera a criação.

O Maicuru figura nas cartas com o nome de Gurupatuba, é exageradamente grande; não se mencionando porém o Lago Grande de Monte Alegre, onde vem desaguar este rio e o Cussaru e cujo comprimento é de aproximadamente de cinco léguas. O Canal que dá saída às águas do lago passa junto à serra de Monte Alegre. A vila fica no alto, achando-se o porto na distância de uma milha ao Sul, onde podem chegar os paquetes da companhia.

A rocha de Monte Alegre tem pouca consistência, e vai sendo destruída consideravelmente pelas águas das chuvas. Na altura de 27,7 m, acha-se um banco de argila de 1,2 m de espessura que retém as águas que são absorvidas na parte superior, as quais vem aparecer nas quebradas, constituindo diversas fontes, como se observa na serra do Cariri no Ceará.

Na ladeira da vila o banco argiloso tem uma bela cor violeta, mas apresenta-se perfeitamente branco nas quebradas de Oeste e Leste, sendo a massa finíssima em alguns pontos muito semelhantes ao caulim. Depois da argila segue-se o grés estratificado e tenro como na parte superior.

A serra do Cupati, no Iliupuru, que é a primeira eminência que se encontra ao Norte do Amazonas na parte superior, acha-se com pouca diferença no mesmo paralelo do Ererê. Como esta, é aquela serra composta de camadas horizontais de grés duríssimo até na parte superior, e tem na vizinhança o mesmo terreno plano. A distância que nos separa é de 280 léguas aproximadamente.

De formação arenosa são também as colinas que se estendem aquém de Monte Alegre e não ao Paru. Em todas que bordam o Amazonas observa-se o mesmo branco de argila, como na primeira. Algumas são mais elevadas que Monte Alegre, outras menos, mas nem uma chega à altura do Ererê e Taiuri, que dominam o sistema. A diferença, porém, é de ser variável a consistência da rocha, de onde resultou desigual destruição.

Não há exemplo de uma tão considerável denudação, como a que atestam estes picos sedimentários, espalhados na vasta superfície de 330 léguas, últimos representantes das camadas que cobriram o vale do Amazonas.

Na margem direita de Santarém para Leste encontram-se os mesmos picos sedimentários, e aquém da primeira cachoeira do Tocantins, bancos horizontais de xisto argiloso, o jaspe, como no vale do Ererê servindo de base aos manicos de grés.

Ao Norte do Macapá e nas proximidades da foz do Gurupi ainda se observam colinas da mesma rocha, e avançando mais para Leste no Oceano, vê-se a ilha de Sant'Anna, colina arenosa pertencente à formação amazonense, e que ali está indicando ou o abaixamento da costa ou a invasão do Mar.

As observações que temos feito na foz do Amazonas justificam esta ideia, mas os fatos ainda não bastam para sancioná-la plenamente elevando-a assim à altura do princípio.

Vou terminar esta exposição dando a V. Exª uma ligeira notícia das descobertas que fizemos em relação à família dos siluróides. Em geral os peixes conhecidos no Brasil com os nomes de bagre, surubim, jundiá, mandi, etc., [...]

A riqueza da nossa coleção tornar-se-ia bem patente logo que ela for descrita convenientemente, podendo-se então comparar o número de nossos gêneros e espécies com o mencionado nas monografias de Kum e Becker, que são os trabalhos mais modernos e completos sobre os goiodontes e siluróides em geral.

Desejando à V. Exª todas as venturas, peço permissão para apresentar-lhe os meus protestos da subida consideração e respeito. Deus guarde a V. Exª – Pará, 06 de março de 1866 – Ilm° e Exm° Sr. Conselheiro Antônio de Paula Souza, digníssimo ministro e secretário de estado dos negócios da agricultura, comércio e obras públicas. (DDRJ, N° 82)

Marechal Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Nascido em Corumbá em 1881, estava o jovem Boanerges destinado a seguir a carreira paterna, ingressando no funcionalismo público da Alfândega local. [...]

Terminado o curso secundário no Liceu Cuiabano, em 1897, requereu matrícula na Escola Militar. Foi, então, que se apresentou um grande obstáculo, que acabou por ceder em face da vontade firme do futuro oficial: a Campanha de Canudos havia alertado o Exército para o problema da seleção física de seus componentes e o Doutor Malhado, médico da guarnição, hesitava em declarar apto aquele rapaz franzino e de estatura pequena, mas em quem reconhecia qualidades especiais raras que receava contrariar.

Na Capital Federal, todavia, as decisões corriam a favor de Boanerges, e este, no dia 30.01.1898, voltou à casa do Doutor Malhado, exibindo o exemplar do "*Diário Oficial*" em que vinha o despacho favorável do Ministro da Guerra ao seu requerimento.

A luta travada na consciência do Doutor Malhado repontou numa frase proferida em resposta às insistências do aspirante a militar.

"*Bem, menino, para você não dizer que não chegou a Marechal por minha culpa, vá amanhã, às sete horas, à Enfermaria Militar, para ser inspecionado*". Boanerges assentou Praça e embarcou no mesmo dia com destino ao 2° Batalhão de Engenharia, sediado em Porto Alegre. [...]

Servia o Tenente Boanerges no 21° Batalhão de Infantaria, em Corumbá, quando sofreu o primeiro impacto que lhe despertou interesse e entusiasmo pelos trabalhos da Comissão Telegráfica, chefiada pelo então Major Rondon.

Representando sua unidade na inauguração da estação telegráfica do lendário Forte de Coimbra, a 01.01.1905, ficou empolgado com as festas que se realizavam em comemoração à epopeia da construção da linha telegráfica através dos pantanais que se interpunham entre São Lourenço, ao Sul de Cuiabá, e o Forte de Coimbra.

O nome de Rondon ecoara em todo o Estado, como realizador de uma façanha que o imortalizou como benfeitor de sua terra, ligando pelo telégrafo todos os recantos de Mato Grosso. Assim, foi com entusiasmo que o jovem Tenente Boanerges aceitou o convite de Rondon, em setembro desse mesmo ano, para integrar a Comissão encarregada da construção do ramal de Cuiabá à Cidade de São Luís de Cáceres.

[...] a turma do Tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa, que operava ao Norte de Juruena, tinha sido atacada pelos índios Nhambiquaras, ficando gravemente feridos pelas flechas dos índios o Tenente Nicolau e seu auxiliar, Aspirante Tito de Barros.

Em face da situação, partiu o Tenente Boanerges rumo ao Sertão, acompanhado somente de um guia. Em Salto [Rio Sepotuba], uniu-se à comitiva do Tenente Júlio Caetano Horta Barbosa, que partira de Cuiabá com o mesmo destino.

A 31 de agosto, chegam os viajantes ao Juruena, encontrando os feridos já fora de perigo. Foi o Tenente Boanerges encarregado da turma de construção da linha, cujos trabalhos tinham sido interrompidos em consequência do ataque dos índios. Para a retomada do serviço, disse o Marechal Boanerges, impunha-se o contado com os Nhambiquara, senhores absolutos da região. Era necessário um trabalho de aproximação paciente e cuidadoso, a fim de conquistar sua amizade. [...]

Nessa fase de trabalhos da Comissão Rondon, desempenhou o Tenente Boanerges várias funções, quer no serviço de construção e de conservação da linha, quer em outros de natureza administrativa que o retiveram até dezembro de 1922, quando reverteu à tropa. [...]

Em 1927, quando servia no Estado Maior da 1ª Região Militar, atendeu o Capitão Boanerges a novo apelo do General Rondon e retornou ao Sertão, desta vez para participar dos trabalhos da "*Inspeção de Fronteiras*". Iniciaram-se os serviços pela Guiana Francesa, de que nos deu notícia o Autor em seu livro "*índios e Explorações Geográficas*", no capítulo "*Uma viagem ao Oiapoque*". Ainda no mesmo ano, foi o Capitão Boanerges encarregado da inspeção de um setor da fronteira com a Guiana Inglesa, atualmente incorporada ao Território Federal do Rio Branco ([52]).

Em 1928, empreendeu-se a segunda campanha pela Comissão, cabendo ao então Major Boanerges chefiar a turma "*Rio Negro*". Na terceira campanha [1930], coube ao Major Boanerges proceder ao levantamento expedito do Rio Paraguai e do seu contribuinte Jauru, desde a Foz do Rio Apa até o Corixo de San Matias, na Bolívia. [...]

A linguagem do Marechal Boanerges tem a fluência dos veios de água manantes das montanhas e Serras daquela vasta região. A sua autoridade de engenheiro geógrafo lhe ditou as técnicas de operação no levantamento dos dados físicos sobre a terra. Daí a segurança e orientação invulgares na interpretação dos fatos; a riqueza das coleções etnográficas, a documentação cinematográfica, entregues ao Museu Nacional, as demais informações de interesse social,

[52] Rio Branco: Roraima.

atestam a alta significação da sua obra. Ela fica, assim, à disposição dos pesquisadores de ciências sociais como um filão precioso cujo volume e valor bem se pode prever. (SOUSA)

Início dos Trabalhos (03.09.1928)

Vamos subir o Rio Negro, o lendário contribuinte do Amazonas que deu seu nome à antiga Capitania. Devemos, inicialmente, atingir Cucuí, sede de um Destacamento Militar para, dali, iniciar o exame da região Ocidental do Alto Rio Negro. Precisamos reconhecer-lhe as vias de acesso, as condições de navegabilidade de seus Rios, a natureza de suas margens, o regime de suas águas, a vegetação, etc.

Quais os núcleos de Povoação existentes, seus recursos econômicos, condições de salubridade, seu meio de vida. Mas como a região é quase exclusivamente povoada por índios, nossa atenção concentra-se no estudo das organizações tribais, de suas instituições culturais, seus hábitos, costumes e tradições. Para traçar nosso programa de ação e fixar os itinerários a percorrer no âmbito da situação geográfica definida por tratados internacionais, devemos, antes de tudo, tomar por base o Tratado celebrado em Bogotá, a 24.04.1907 entre a Colômbia e o Brasil, posteriormente aprovado por ambos os países [...] organizamos o nosso programa de trabalho da seguinte maneira:

> – Subir o Rio Negro até Cucuí; retroceder à Foz do Xié, subir este Rio e identificar o seu afluente Japori ou Tvapori; descer o Negro até São Felipe, na Foz do Içana; executar o levantamento deste Rio até a boca do seu afluente Cuiari, subir este Rio a fim de reconhecer a Foz do Rio Pégua e a do subafluente do Cuiari, cujos manadeiros contravertem com as do Memachi – águas do Naquieni, na linha divisória.

> Prosseguir no levantamento do Rio Içana até a intercessão aproximada do Paralelo da Foz do Pégua; subir o Aiari e dali passar para o Uaupés, através do varadouro assinalado pela Expedição Curt, executando os respectivos levantamentos expeditos; subir o Uaupés, a partir da Povoação Iutica até a Foz do seu afluente Querari; descer o Uaupés até a Foz do Papori, subir este Rio, atingindo, se possível suas nascentes; descer o Papori para prosseguir no levantamento do Uaupés até a embocadura do Rio Tiquié; proceder ao levantamento deste Rio e, em seguida, a do baixo curso do Uaupés, fechando em São Felipe, no Rio Negro, o circuito ali iniciado. (SOUSA)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Ninguém se forma zoólogo nos livros.
(CARVALHO)

Desde a infância, a Amazônia me fascinava. Aquela visão longínqua da região, um misto de realidade e mito, fora-me proporcionada pelas leituras de viajantes estrangeiros e brasileiros na Hileia, sobretudo os naturalistas A. R. Wallace, H. W. Bates, Gastão Cruls e outros. Influência não menor tiveram em minha mente as histórias regionais a mim contadas pelo então ex-Diretor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, Minas Gerais, Doutor José Soares de Gouvêa, um autêntico naturalista amador, que fizera cursos especializados sobre borracha na Inglaterra e teve oportunidade de viver algum tempo em Manaus.

Ao ingressar como naturalista do Museu Nacional, já tendo cursado o Mestrado e o Doutorado em Universidades dos Estados Unidos da América, surgiu então a possibilidade de ir à Amazônia e estabelecer um confronto com aquilo que sabia através de livros e histórias, e a realidade animal e vegetal da região.

Embora sem os recursos mínimos necessários para tarefa dessa envergadura, apenas com uns poucos cruzeiros na mochila de viagem, mas com uma saúde solidamente comprovada e uma disposição para o trabalho fora do comum, da qual lembro-me com saudades, decidi não esperar por oportunidades futuras. Assim foi que, munido dos parcos recursos que possuía, uma bagagem que não ultrapassava umas cinco dezenas de quilos, de muita resolução e coragem, embrenhei-me pelo Rio Negro. Levava-me o propósito de realizar observações sobre a fauna, a flora e as populações regionais, coligir exemplares, taxidermizá-los ou trazê-los vivos para o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, onde exercia cumulativamente a função de zoólogo. Os indígenas existentes na região foram também alvo de minha curiosidade. Pude observar os sistemas de vida, a economia, educação, enfim o universo natural do índio. Impressionou-me e revoltou-me sobremodo a brutal exploração e escravização pelos brancos, ditos civilizados, sobretudo os regatões, através das barganhas mais desleais e injustas. É preciso que se diga aqui, às gerações de hoje e do futuro que, em tempos passados, um naturalista que se embrenhasse pelas matas amazônicas, até então virgens e soberanas, teria que viver em pleno equilíbrio ecológico com a região, enquadrado dentro da cadeia alimentar natural. [...]

É comum entre nós o mote de que "*Santo de casa não faz milagres*". Eu, pessoalmente, poderia estender esse dizer aos naturalistas brasileiros que surgiram após o século XIX, quando praticamente se encerrou o ciclo dos viajantes estrangeiros pelo interior do Brasil. Essa impressão me vem à mente quando leio relatos de conterrâneos sobre a Hileia brasileira, onde apenas naturalistas de terras estranhas são mencionados.

Espero que esta modesta contribuição possa lembrar, aos escritores sobre a Amazônia, que brasileiros, vivendo no Brasil e a serviço de instituições nacionais, também contribuíram para o conhecimento da flora e da fauna hileianas, percorrendo suas matas, Paranás, Igarapés, Igapós, comendo mixira, bebendo chibé ou cachiri, saboreando farinha com peixe cozido apanhado em mergulhos nos cacuris ou matapis dos indígenas. Não seria de menos lembrar as vorazes piranhas, os candirus, as picadas dos piuns, catuquins, muriçocas, carapanãs e mutucas; os morcegos hematófagos e as lendárias boiunas, representadas pelas grandes sucuris.

Durante sessenta e oito dias tive a ventura de conviver com a natureza e as populações esparsas do Rio Negro, como um "*Doutor botânico*", como ali são chamados os naturalistas, a ponto de me afeiçoar de modo estreito com a região. Conforme escrevi no fim do meu diário, "*sozinho*, sem doenças ou aborrecimentos, em plena liberdade... nunca pensei que pudesse viver tão primitivamente... espero poder um dia voltar a estas regiões magníficas, onde a natureza certamente imperará soberana por muitas décadas... e a todos... dos quais porventura, ouvir a expressão "*inferno verde*", irei sugerir imediatamente que a palavra "*inferno*" seja substituída por "*paraíso*". Sim, Paraíso verde! (CARVALHO)

Quintino Cunha e o Rio Negro

[...] Os cearenses é que saem nos maiores contingentes. [...] Nossa sangria avantaja-se às demais, numa desproporção bem pronunciada. Por que não reduzimos o volume dos nossos embarques humanos? Será que não existe outra forma de encarar a situação criada com a seca? Como cearenses não podemos suportar, sem um profundo sentimento de tristeza, o espetáculo doloroso que nos advém desse desbarato das nossas Comunidades sertanejas. (Correio do Ceará – 26.06.1942)

Tenho transcrito em diversos artigos, sobre o Rio Negro, algumas estrofes dos versos do poeta cearense Quintino Cunha. Os leitores, curiosos, gostaram e me perguntaram, surpresos, quem era o autor. Atendendo suas solicitações e prestando uma justa homenagem aos inúmeros nordestinos e seus descendentes, heróis anônimos, que desenvolveram e humanizaram a região Norte do país enfrentando bravamente a insalubridade da região, faço, neste capítulo, um breve relato da figura ímpar desse "*poeta de lúcida inspiração*".

José Quintino da Cunha

O Deputado, Advogado, Poeta, Ficcionista e Orador José Quintino da Cunha nasceu em Itapajé, antiga Vila de São Francisco de Uruburetama, no Ceará, a 24.07.1875. Estudou no Ginásio Cearense e na Escola Militar do Ceará, pois pretendia dedicar-se à vida castrense. Fez sua estreia como Jornalista, aos 11 anos, redigindo "*O Álbum*" e como colaborador do jornal "*O Cruzeiro*". Aos 16 anos, escreveu "*O Cabeleira*". Com a extinção da Escola Militar, Quintino migrou para a Amazônia onde recebeu "*provisão*" para advogar, antes mesmo de se formar em Direito.

Voltando para a terra natal bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará em 1909, exercendo a profissão de Advogado Criminalista. Quintino tornou-se uma figura lendária no Ceará e era conhecido como o "*Bocage Cearense*". Tornou-se famoso mais pelo seu estilo irreverente e carismático do que por suas belas poesias. Reverenciado como grande contador de anedotas, era um repentista emérito e suas tiradas de bom humor o levaram a fazer parte do anedotário brasileiro. Seu primeiro e mais famoso livro de versos, "*Pelo Solimões*", foi publicado em Paris (1907) quando o poeta viajava pela Europa. Faleceu em Fortaleza, na madrugada de 01.06.1943. Em seu túmulo, consta o seguinte epitáfio:

O Padre Eterno, segundo
refere a História Sagrada
Tirou o mundo do nada
e eu nada tirei do mundo.

Carta a Quintino Cunha – Tenório Telles

(Uma palavra sobre o encontro das águas)

O Professor Tenório Nunes Telles de Menezes nasceu em Anori, Amazonas, em 1963. Membro da Academia Amazonense de Letras, era formado em Letras e em Direito pela Universidade Federal do Amazonas.

Caro Quintino,

Espero que estejas bem por aí. Imagino o trabalho que estás dando ao bom Deus, com tuas estripulias e tua mania de fazer pilhéria de tudo. Sei que um pouco de riso não faz mal a ninguém e, além do mais, ajuda a quebrar a monotonia celeste.

Toma cuidado, soube que São Pedro não tem muito humor. Qualquer hora ele pode te colocar no olho da Rua. Caso isso ocorra, vem para cá. Estamos precisando de ti por aqui.

As coisas não estão bem e estamos preocupados com os últimos acontecimentos. Especialmente porque alguns espíritos de porco estão querendo construir um imenso porto nas Lajes, o que descaracterizaria a paisagem do encontro das águas.

Caro amigo,

Caso São Pedro não te mande embora, pede uma autorização do Chefe do céu para que venhas nos ajudar nessa causa. Tem muita gente boa comprometida com a luta para impedir essa insanidade.

Tu serás muito útil. Precisamos da tua pena afiada e da tua intrepidez para enfrentarmos esses senhores, doentes de ambição e que só pensam em dinheiro, que não conseguem perceber que a beleza do encontro das águas é mais valiosa do que um porto.

Vai logo preparando um novo poema sobre esse encontro mágico entre o Negro e o Amazonas. Sugiro que os retrates como se fossem guerreiros, lutando contra esses capirotos ([53]). Lembrei-me de Dom Quixote combatendo os dragões. Pus-me a pensar no teu poema, na estrofe em que descreves os dois Rios (fiquei emocionado com a tua sensibilidade):

---

[53] Capirotos: diabos.

Vê bem, Maria aqui se cruzam: este
É o Rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
Como as saudades com as recordações.

Vê como se separam duas águas,
Que se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as mágoas
De um passado, às venturas de um presente.

É um simulacro só, que as águas donas
Desta região não seguem o curso adverso,
Todas convergem para o Amazonas,
O real Rei dos Rios do Universo;

Para o velho Amazonas, Soberano
Que, no solo brasílio, tem o Paço;
Para o Amazonas, que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço!

Olha esta água, que é negra como tinta.
Posta nas mãos é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.

Sabe, Quintino, a estrofe em que falas do Solimões é a de que mais gosto, por razões afetivas. Passei a minha infância na beira desse Rio. Tomava banho em suas águas, mergulhando como um peixe, até o fundo. Estou entranhado até a alma pelo Solimões: saciávamos a sede com sua água. No pote ficava friazinha. Esperávamos sentar no fundo para, então, bebê-la. Ainda hoje sinto o seu sabor e aquele gosto de terra. Esse Rio está em mim. Por isso sinto a sua falta e o amo tanto. Há dias em que sinto seu cheiro, ouço o silêncio de suas águas, sua irritação nos dias de temporal. Sinto em meu rosto a brisa que sopra ao amanhecer.

Esse Rio é uma metáfora da vida. Cumpre com bravura e desapego a missão de dar de beber e alimentar a terra, as plantas, os bichos e os seres humanos. Meu Solimões é, como dizes, um Rio virtuoso:

Aquela outra parece amarelaça,
Muito, no entanto é também limpa, engana;
É direito a virtude quando passa
Pela flexível porta da choupana.

Quintino, tenho a impressão que estavas apaixonado quando escreveste esse poema. Na última estrofe, ressaltas a força do sentimento que te unia à mulher amada, em correlação com a vitalidade e a grandeza das águas dos dois Rios. Sabias que é do amor que nasce o grande e o belo:

Que profundeza extraordinária, imensa,
Que profundeza mais que desconforme!
Este navio é uma estrela suspensa
Neste céu d'água, brutalmente enorme.

Se estes dois Rios fôssemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos!

Essas pessoas que engendraram esse porto, que pode vir a ser o sepulcro desse monumento que nos foi dado por Deus, não têm sensibilidade para perceber o crime que estão cometendo contra a memória e nossa identidade cultural. Também não têm olhos para o belo e o sublime que emanam desse cenário mágico.

Márcio Souza tem razão, não dá para imaginar Manaus "*sem o espetáculo do encontro das águas*".

Caro Quintino, ia me esquecendo, dá uma palavrinha com Deus, quem sabe ele não toca o coração desses homens.

Por via das dúvidas, vou falar com a mãe-d'água e com os bichos do fundo. Se não for suficiente, vou conclamar os espíritos da floresta e desencantar Ajuricaba para liderar essa cruzada.

Causos do Quintino

(Redação: Ceará-moleque)

É um Desaforo!

Quintino fazia uma viagem de trem para Cariús, Ceará. No caminho, havia uma parada em Iguatu.

Era o dia da inauguração do novo prédio do Fórum [ou Foro, como queiram]. Alguns colegas, ao encontrarem Quintino na estação, convidaram-no para participar da solenidade. Mal-humorado, Quintino perguntou:

– Quem é o Juiz?

– É o Doutor Rolim.

– O Promotor?

– Orlando Cidrão.

– E os Advogados?

– Terêncio Guedes e Mário Pedrosa.

Desdenhoso, o matreiro Advogado torceu o nariz e resmungou:

– Pois isso não é um Foro! É um desaForo!

(Adaptado do livro "Anedotas do Quintino", de Plautus Cunha, filho de Quintino)

A Paciência do Juiz

Em uma Cidade do interior cearense, das muitas pelas quais Quintino andava, um rico e, portanto importante morador, achava de insultar sempre um pobre e infeliz bêbado muito popular na Cidade.

– Bêbado safado! Vagabundo! Corno!

E todo dia era a mesma história. Durante dez anos, o pobre homem aguentou as ofensas. Mas um dia a paciência acabou e o bêbado matou o ofensor. Nenhum Advogado queria defender o coitado. Quintino, sabendo do acontecido, logo se apresentou como Advogado deste. No júri, o Promotor praticamente liquidou com as chances de defesa do inditoso acusado. Já o Quintino iniciou com estas palavras:

– Meritíssimo Senhor Juiz!

– Meritíssimo Senhor Juiz!

– Meritíssimo Senhor Juiz!

Por dez minutos, o intrépido advogado repetiu essas palavras dando uma leve batida na mesa. O juiz se impacientou e falou.

– Doutor Quintino, eu não aguento mais, pare com isso e comece logo!

Era só o que o Quintino queria ouvir para arrasar o argumento do promotor.

– Meritíssimo senhor juiz, por apenas dez minutos eu repeti um respeitoso elogio e Vossa Excelência já se impacientou. Imagine então um homem aguentar, por dez anos seguidos, os maiores insultos, pelo simples motivo de se embriagar…

O acusado foi absolvido por unanimidade.

(Do anedotário popular)

Romance da Piracema I
(Elson Farias)

Espumas de ardente brilho
Era o verão que se abria.

Não há maior maravilha.

Ver o Rio bem é ver
O Rio vibrar de peixes.

De um lado ao outro as canoas
Cruzam no centro os cardumes,
As tarrafas se desprendem
Dos braços dos pescadores,
Se desprendem como círculos
E voltam cheias de peixe.

Ah, a fartura infindável
Desses dias de novembro!

Ter um peixe dentre os dedos
É sentir a vida inteira,
É como o abrir da janela
Para o Sol, a manhã vinda,
É como o acordar das trevas
De uma noite que não finda.

Há pescadores de nome
Que nesse tempo se alargam
Na fama que as bocas levam
De casa em casa. Os paneiros
Se abarrotam e as panelas
Trescalam de cheiro-verde,
Ardem de pimenta e sal
Todo dia nesses meses. [...]

Partida para Manaus

[...] o nosso "faro" de historiador está rareando no seio dos que se dedicam a perlustrar o passado, para dele haurir ensinamentos. [...] Creio que o amigo, até por estar envolvido com a execução do memorável feito, não tenha ainda aquilatado a grandiosidade do "Projeto Rio-Mar", já realizado [e ainda a se realizar!], como este seu admirador, que aferindo com sensibilidade prospectiva, à distância, "do alto da janela", de forma cósmica, holística, o considera de superlativa magnitude histórica. (Manoel Soriano Neto)

Pouco antes de minha partida para Manaus, eu havia dedicado grande parte do meu tempo à logística doméstica, na vã tentativa de minimizar um pouco as tarefas que seriam acumuladas pelos meus três queridos filhos. As despesas com enfermeiras, estoque de gêneros, remédios controlados e dieta tinham sido oportuna e perfeitamente equacionados.

O caiaque que uso nos treinamentos foi deixado aos cuidados de meu fiel escudeiro, o Sargento Dewite. As avarias sofridas, no meu último embate com a Laguna dos Patos, tinha entortado o leme e provocado sérias cicatrizes no casco, precisavam ser reparadas.

O Voo (16.12.2009)

O check-in, ao contrário do ano passado, foi rápido e eficiente, os funcionários da Gol-Varig foram bastante atenciosos e o voo saiu exatamente no horário previsto. Eu havia escolhido um voo (1725) com escalas em Curitiba, PR, Campo Grande, MS, Cuiabá, MT e Porto Velho, RO. Junto à janela, eu pretendia, sempre que as nuvens permitissem, admirar a paisagem única dessa "*Terra Brasilis*".

Extasiado, eu admirava o ciclópico mosaico que se estendia até a linha do horizonte. As formas regulares das matas nativas e das diversas culturas agrícolas lembravam um gigantesco e maravilhoso quebra cabeças. À medida que nos aproximávamos da linha do Equador, as áreas de mata nativa se expandiam e as de plantações se contraiam. A devastação, que havia notado até o Sul do Estado de Rondônia, estancava na fronteira do Estado do Amazonas, onde o solo formava uma bela e uniforme floresta primitiva.

A última escala de Porto Velho a Manaus permitiu-me admirar, por entre as nuvens, o belo traçado do Rio Madeira. O delicado contorno do Rio e suas praias imaculadas me encantaram.

A 3ª Fase do "*Projeto Rio-Mar*", ainda em aberto, tem as seguintes opções; a Descida do Madeira, de Porto Velho até sua Foz no Amazonas e daí até Itacoatiara, ou a descida de Manaus até Santarém, no Pará. A definição dependerá do apoio que recebermos para a execução da jornada.

A chegada em Manaus, depois de nove horas de voo, seria antecipada em oito minutos, o que poderia ser considerado um recorde, considerando o número de escalas. A natureza, mais uma vez, resolveu mostrar quem governa o destino dos homens, e uma chuva torrencial forçou o piloto a arremeter.

O sobrevoo permitiu, mais uma vez, observar os gigantes aquáticos que teimavam em não misturar suas águas, as extensas praias que se estendiam preguiçosamente ao longo das margens e as feridas provocadas por uma das mais sérias estiagens que assolou a região nas últimas décadas.

Meu grande amigo, o Coronel Ebling, esperava-me como havia prometido, no aeroporto, e me conduziu até o 2° Grupamento de Engenharia (2° Gpt E), onde eu ficaria alojado até seguir para São Gabriel da Cachoeira.

Manaus (17.12.2009)

O trajeto que eu pretendia percorrer possuía um complexo insular de cerca de duas mil ilhas o que dificultaria muito a orientação, deslocamento e contato visual com a equipe de apoio. Com o intuito de sanar este problema, procurei ajuda nas unidades especializadas do Comando Militar da Amazônia (CMA). Uma viatura do 2° Gpt E me conduziu até a 4ª Divisão de Levantamento (4ª DL), onde pretendia confirmar algumas coordenadas e obter outros dados sobre o Rio Negro.

Infelizmente, o Tenente-Coronel Clóvis Gaboardi, Chefe da 4ª DL, me informou que os dados ainda estavam sendo processados por uma empresa terceirizada e que os mapas digitalizados da Bacia do Rio Negro só estariam disponíveis a partir de 2016.

Tentei, então, obter estas informações com o Centro de Embarcações no Comando Militar da Amazônia (CECMA). Graças ao Subtenente James de Magalhães Melo e aos Sargento Solis Rodrigues e José Maurício Oliveira da Silveira, chefiados pelo Major Rommel Valério Menezes Brito da Silva, conseguimos transferir os dados do trajeto utilizado pelas embarcações do CECMA para o meu GPS. No grupamento, após a instalação do programa do GPS, baixei o trajeto completo e, comparando com as fotografias aéreas, fui locando as referências mais importantes.

Interrompi minha labuta apenas para cumprimentar o General-de-Brigada Lauro Luís Pires da Silva, novo Comandante do 2° Gpt E, que estava recebendo a apresentação de seus comandados. O General Lauro é um velho amigo do tempo em que éramos instrutores do Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA).

2° Grupamento de Engenharia – 2° Gpt E

Narrar a história da Engenharia Militar na Amazônia é falar do 2° Grupamento, com sede em Manaus/AM e suas Unidades de Engenharia de Construção, pois as duas histórias estão amalgamadas pelos objetivos de seu idealizador, o General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos, que já nos idos de 1970 vislumbrava a importância fundamental de uma infraestrutura viária para o desenvolvimento da Amazônia. A Engenharia Militar tem como missão promover meios para a defesa da região e, ao mesmo tempo, sua integração estratégica à vida brasileira. Desta forma, a Engenharia Militar aplica, diuturna e permanentemente, a sua peculiar dualidade: adestrar sua tropa operacional e tecnicamente e, simultaneamente, cooperar com os programas de desenvolvimento regional. As grandes distâncias, as dificuldades do apoio logístico, a impenetrabilidade da floresta, as características fisiográficas do terreno e o vulto das operações são desafios vencidos ombro-a-ombro, com a determinação e a perseverança peculiares do soldado-engenheiro. Desde que iniciou suas atividades até os dias atuais, um grande acervo de obras e realizações se alinha entre as missões cumpridas pela Engenharia Verde-Oliva, destacando-se a construção de 90% das estradas federais existentes na Amazônia, a implantação de aeródromos, portos fluviais e construção de

aquartelamentos. Além da execução de tão importantes trabalhos, a Engenharia Militar busca soluções tecnológicas para ultrapassar as dificuldades impostas pelas condições locais, participa ativamente da qualificação de jovens que prestam o Serviço Militar, facilitando sua reinserção no mercado de trabalho e coopera com o desenvolvimento das Comunidades, visando ao uso sustentável dos recursos locais e o fortalecimento da região onde atua, o que resulta em maior benefício social e segurança para a população. (Comunicação Social do 2° Gpt E)

Passagem de Comando do 2° Gpt E (18.12.2009)

Meu amigo e parceiro de jornada, Coronel André Flávio Teixeira, chegou à tarde e o acomodamos no alojamento de oficiais superiores do Grupamento. O 2° Gpt E realizou, às 19h30, a solenidade de Passagem de Comando do Coronel Carlos Alberto Borges Teixeira (meu ex-Cadete) para o General-de-Brigada Lauro Luís Pires da Silva. O General Lauro servia no Departamento Geral de Pessoal em Brasília/DF. Foi emocionante participar de uma cerimônia militar em um Quartel de Engenharia, escoltado por tantos e tão queridos amigos. O General-de-Divisão Marco Aurélio, embora não seja oriundo da arma de Engenharia, cantou a canção do Engenheiro com um entusiasmo e uma perfeição de fazer inveja aos camaradas da arma de Vilagran Cabrita.

Tive a grata oportunidade de encontrar, neste dia, dois grandes amigos: o General Lauro e o General José Cláudio Fróes de Moraes. A Expedição pelo Rio Negro dava sinal, desde o início, de que as coisas transcorreriam de acordo com o planejado e com as bênçãos do Grande Arquiteto do Universo.

Romance da Piracema II
(Elson Farias)

[...] O Rio brilha de peixes
Como um bloco de alumínio,
Ao longo longe das margens
Se espalha aberta na aragem
A melodia das águas
Cumuladas de cardumes,
A fuga dos Lagos grandes
Para os Rios e afluentes,
Das estreitas cabeceiras
P'ras embocaduras largas.

É tempo de muito peixe,
Fartura de festa, a fome
Deixa o corpo de quem come.

Não há casa que não tenha
O fogão cheio de lenha,
Em qualquer casa que se entre
Há na trempe peixe-sempre.

Vale viver dia a dia
Esses dias de alegria.

Projeto Sargento Agrário

Mais do que um simples plantador de hortaliças e criador de pequenos animais na área do Quartel, ele tem de ser um técnico em assistência e extensão rural destinado a incentivar as Comunidades no entorno dos Pelotões Especiais de Fronteira (PEFs) a estabelecer uma produção rural continuada e permanente.
(Gen Div Marco Aurélio Costa Vieira)

No dia 19.12.2009, de manhã, eu e o Coronel Teixeira fomos até o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) onde se realiza, quinzenalmente, a Feira de Produtos Regionais, para encontrar o estagiário *"16"*, Coronel da PM Luiz Cláudio Leão, companheiro do Curso de Operações na Selva, em 1999.

Feira de Produtos Regionais

Além da grata oportunidade de rever o velho amigo, pude, através do General Marco Aurélio e do Tenente Coronel Lauro Pastor, conhecer de perto este projeto de iniciativa do Comando da 12ª Região Militar, que visa possibilitar a inclusão de produtos regionais no cardápio das Organizações Militares do Exército Brasileiro sediadas em Manaus e a comercialização desses produtos junto à população manauense, sem intermediários. Desde fevereiro de 2008, a Feira vem estimulando o consumo de produtos oriundos da agricultura regional, beneficiando os pequenos e médios produtores do Estado do Amazonas. A parceria, inédita no País, conta com mais de sessenta expositores, que comercializam carnes, peixes, mel, queijos, ovos, frutas, hortaliças e artesanato por preços bem mais acessíveis, beneficiando mais de três mil e quinhentas famílias ligadas à agricultura familiar.

Os Sargentos Agrários comparecem à feira com a missão de verificar a qualidade e o preço dos produtos.

Relatos Pretéritos – Atividades Agrárias

Paul Marcoy (1846)

Soldados brasileiros, daqueles que apunhalam seus chefes a pretexto de tirania, haviam-se refugiado nesse lugar e viviam conjugalmente com mulheres Ticunas que haviam escapado de alguma missão. Esses guerreiros foragidos, encontradiços nos Canais e Igarapés do Amazonas onde a sentença de uma Corte Marcial não os alcança, têm às vezes nos recebido com grande hospitalidade e nos causado surpresa com o quadro pacífico da sua vida doméstica.

Todos cultivam alguma mandioca e bananas, caçam e pescam para prover sua mesa, negociam com os comerciantes do Rio a salsaparrilha e o cacau que coletam nos bosques, e desses pequenos comércios obtém um pouco de dinheiro com que compram pano de algodão para se vestir e ornamentos para enfeitar suas mulheres. (MARCOY)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Na manhã de 28.09.1928, mandei formar o Destacamento para o hasteamento da bandeira [cerimônia que recomendei se fizesse diariamente], aproveitando a ocasião para transmitir aos praças a nossa impressão da visita ao Destacamento; expliquei-lhes a nobre missão da guarda da nossa fronteira e dos deveres que lhes assistem como soldados e como cidadãos. Procurei levantar-lhes o moral, despertando as suas virtudes cívicas, os seus deveres como chefes de família e encorajá-los para a luta no

extremo rincão do Norte do Brasil. Aconselho a que trabalhem com coragem, sem desfalecimento, não se deixando dominar pelo desânimo e o isolamento em que se encontram.

Sobretudo é preciso se emanciparem da tutela dos regatões que vendem por preços exagerados as escassas mercadorias que lhes trazem de mês em mês. Para isto é preciso lavrar a terra, abrir grandes roças, criar aves domésticas, caçar e pescar constantemente. (SOUSA)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

As hortas de Cucuí são todas suspensas em caixas feitas com paus roliços ou caixotes, algumas diretamente sobre o Rio. Disseram-me que a pobreza do solo e o grande número de saúvas eram responsáveis por tal medida. Aliás, já venho observando isso desde Barcelos acima. Nestas caixas, colocam apenas solo mais humoso, retirado do sub-bosque da mata. Aqui em Cucuí até as bananeiras são cercadas e, no seu pé, também é amontoada terra do sub-bosque. [...] Assim é que um pé de feijão germina e cresce assustadoramente em poucos dias. Daí em diante, qualquer Sol ou chuva mais forte, causa queima de suas folhas ou tombamento de sua haste. Chegado o momento de produzir, a planta já exauriu grande parte de suas reservas, sendo, dessa forma exígua a produção. Pensei também nessa lei natural tantas vezes observada na fazenda de meu pai, quando criança. Uma planta em solo muito favorável a seu cultivo, nem sempre era a que produzia mais. Assim é que, nos arrozais plantados em terreno virgem, cresciam assustadoramente e, na época do cacheamento, soltavam apenas uns poucos cachos raquíticos aqui e acolá, logo tostados pelo Sol ou mantidos sem granar por efeito das chuvas.

Acredito que, no Amazonas, o fenômeno seja o mesmo, não tanto em relação ao adubo, porém em se considerando, sobretudo, a umidade e o calor. (CARVALHO)

Amazônia! O Eterno Desafio!

O inusitado de servir e trabalhar na Amazônia é que, passados séculos, muitos dos desafios praticamente permanecem, a despeito de toda tecnologia, apesar dos novos conhecimentos que deveriam facilitar o dia a dia e em que pese o imenso esforço despendido pelos nossos antecessores. Na verdade, a renovada vontade de conduzir esforços, projetos e programas, quase sempre tem sido vencida pela perversa solução de continuidade decorrente da democrática mudança de governos, em todos os níveis. Assim que inúmeras das iniciativas jamais saíram da fase embrionária, ou se perderam totalmente mesmo depois de concretizadas, pela falta de recursos dos planejamentos irreais, ou pelo desinteresse daqueles dirigentes que elegeram suas próprias prioridades, criando-se assim várias ruínas de belos empreendimentos, abandonados ao longo de sucessivas administrações.

No campo militar não foi diferente, e os valorosos militares que nos antecederam também tiveram de contabilizar muitas frustrações, ainda que em menor escala, também frutos dessa descontinuada gestão através dos tempos. Mesmo os Pelotões Especiais de Fronteira [PEFs], cujas Comunidades do entorno sempre contaram com a organização, hierarquia e disciplina castrenses, a natural alternância periódica de pessoal ocasionou significativos hiatos administrativos, com profundos reflexos nas ações de subsistência e infraestrutura, principalmente quanto aos sistemas de geração de energia, sistema viário e de saneamento básico!

Imagem 26 – 2° PEF – Querari, SGC, AM

Cientes do sofrimento dos nossos antecessores, louvando-se da experiência, do esforço e do exemplo incansável dos soldados que conquistaram e souberam manter a Amazônia, os militares da atualidade entendem que tem de mudar esse quadro.

Hoje, sabe-se que assegurar a permanência de recursos e a continuidade dos projetos são a certeza da garantia de uma qualidade de vida mínima para o militar e sua família, <u>além de um desenvolvimento humano necessário à Comunidade do entorno das Organizações Militares da Fronteira</u>, aspectos fundamentais ao bom desempenho na missão constitucional do exército para a defesa da Pátria.

Neste sentido, o exército vem implementando projetos empreendedores de longo prazo junto aos Grandes Comandos Operacionais da Amazônia Ocidental com responsabilidade sobre as Unidades na fronteira, observando como condição básica a característica de disporem de mecanismos de defesa contra a solução de continuidade.

Um deles, justamente o pioneiro, apesar das dificuldades iniciais, já começa a fincar as suas raízes. Trata-se do chamado "*Projeto Sargento Agrário*", fruto de uma ideia simples de aproveitamento de profissionais egressos da Escola Agrotécnica Federal de Manaus para o trabalho junto aos PEFs.

[...] Estrategicamente, o Sargento Agrário vai cumprir a sua missão quando obtiver a sustentabilidade do Pelotão e da Comunidade, que inclusive poderá passar, em curto espaço de tempo, a fornecer gêneros para os militares e suas famílias. Este é o desafio do Sargento Agrário. (General-de-Divisão Marco Aurélio Costa Vieira)

Vida, Combate e Trabalho!

O Pelotão Especial de Fronteira [PEF] é uma Organização Militar com características diferenciadas. A missão de um PEF não se limita ao campo da atividade militar [Combate], mas inclui, necessariamente, atividades ligadas à sobrevivência [Vida] e à prestação de serviços diversos [Trabalho] em favor da Organização Militar e da Comunidade Civil, indígena ou não, das imediações do aquartelamento.

Pela sua localização em plena área de floresta Amazônica, os PEFs buscam desenvolver seus trabalhos observando fielmente o chamado tripé da sustentabilidade, a fim de garantir a preservação da floresta, da biodiversidade e da cultura local, quer seja ele indígena ou ribeirinha.

Amparado no tripé da sustentabilidade, a Missão do PEF pode ser expressa pelo seguinte viés: VIDA, COMBATE E TRABALHO! [...] (Tenente-Coronel R/1 Lauro Pastor)

Cucuí

O Historiador é uma peça fundamental em todo o tipo de cultura. Ele retira e preserva os tesouros do passado, interpreta a História, aprofunda o conhecimento do presente. Um povo sem História, e sem o Historiador, é um povo sem memória. (LAMEGO)

A "Cidade do Rio" publicou também outra carta de um dos desterrados de Cucuí, expondo as circunstâncias da sua monstruosa perseguição, os vexames e os sofrimentos que curtiam, os perigos a que estavam sujeitos no cumprimento da ordem desse abominável degredo.

(PACOTILHA, N° 157, 05.07.1892)

Mais uma vez tive meu projeto alterado. A determinação, por parte das entidades de ensino do Exército, de que a Descida do Negro fosse realizada somente no período de férias, impossibilitou-me de realizar aquele que eu reputara como o percurso mais belo, mais arrojado e mais importante da jornada.

A Pedra de Cucuí onde os Marechais Rondon e Boanerges haviam feito importantes observações, a Povoação de Marabitanas, os Rios Xié, Içana e Uaupés eram alguns dos pontos que desejava observar e percorrer para poder reportar pessoalmente.

Já que isso não foi possível, utilizarei textos de exploradores do passado, citados anteriormente, que tiveram a oportunidade de conhecer cada um desses locais. Pretendo, um dia, realizar este trecho de Cucuí até SGC, penetrando nos três primeiros afluentes brasileiros do Negro e, principalmente, escalando a Pedra de Cucuí e comparar a visão que tiveram, há mais de oitenta anos, Rondon e Boanerges com a minha.

Cucuí

Cucuí é uma pequena Cidade, às margens do Rio Negro, encravada no sopé de uma magnífica montanha de pedra na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela. É um Distrito do Município de São Gabriel da Cachoeira, AM, dista, em linha reta, 150 km da sede do Município e a 850 km de Manaus.

A Montanha

(Olavo Bilac)

Ardes, num holocausto de ternura...
E abres, piedosa, a solidão bravia
Para as águias e as nuvens, a acolhê-las;
E invades, como um sonho, a imensa altura,
Última a receber o adeus do dia,
Primeira a ter a bênção das estrelas!

A Pedra de Cucuí possui uma altitude relativa de 365 m e absoluta de 472 m acima do nível médio do Mar. Do topo, é possível avistar o Pico da Neblina e a Serra do Imeri. A Serra, do lado brasileiro, se assemelha a um rosto fitando o firmamento. Os indígenas brasileiros da etnia Baré veem a Serra como uma chuva de flores, enquanto seus irmãos venezuelanos veem nela a boca do Criador.

Lenda

Na face Norte da Serra do Cucuí, existem cavernas naturais e, em uma delas, teria morado o Cacique Cucuí. O Cacique tinha várias esposas e, à medida que elas envelheciam, eram engordadas e sacrificadas para servirem de repasto ao Cacique canibal. Cucuí buscava, imediatamente, uma substituta que era escolhida dentre as mais belas da Aldeia.

Colônia Penal – Desterrados de Cucuí

No dia 23.04.1892, o STF negou "*habeas corpus*" impetrado por Rui Barbosa em favor de políticos, militares e cidadãos, presos ou desterrados para Tabatinga e Cucuí, em virtude de Decretos expedidos pelo Vice-Presidente da República Floriano Peixoto. Tais Decretos foram expedidos em decorrência dos protestos que aconteceram na Capital e determinaram a declaração do estado de sítio e a suspensão das garantias constitucionais. José C. do Patrocínio, após a Proclamação da República, passou 18 meses na Europa e, ao retornar, escreveu um manifesto contra Floriano Peixoto que resultou na sua deportação para Cucuí. José Joaquim Seabra, Deputado Constituinte, foi preso e exilado em Cucuí. Seabra governou a Bahia de 1912 a 1916 e de 1920 a 1924. Relatos orais de antigos moradores informam que nenhum dos condenados chegou a cumprir sentença na Colônia Penal.

Relatos Pretéritos – Cucuí

Reproduziremos as impressões de alguns dos pesquisadores que percorreram a região. O objetivo desta digressão histórica é identificar nestes registros o que há de importante a ser observado e, principalmente, observar as mudanças ocorridas desde Wallace.

Alfred Russel Wallace (1851)

> No dia 01.02.1851, alcançamos a Serra de Cucuí, que determina o limite entre o Brasil e a Venezuela. Trata-se de uma rocha granítica muito escarpada, formando como que um tronco de um prisma quadrilátero de cerca de mil pés ([54]) de altura.

---

[54] Mil pés: 305 m.

O Monte ergue-se bruscamente do solo plano recoberto pela mata, sendo ele próprio, no seu cume nas partes menos alcantiladas ([55]) dos flancos, recoberto por densa vegetação florestal. Nesse ponto, fomos atacados pelos piuns, umas mosquinhas que nos encheram o corpo de picadas, não nos permitindo descansar em paz. (WALLACE)

Richard Spruce (1853)

Saí às seis da manhã ([56]) de um sítio brasileiro situado na margem esquerda do Rio Negro, logo abaixo da Foz de um largo Igarapé. Tomamos ([57]) por um estreito curso d'água que leva até perto da Serra, levando duas horas nesse percurso a montante. Foi difícil empurrar a canoa ao longo desse Igarapé, por causa dos galhos de árvores que se entrelaçam a pouca altura de nossa embarcação. Com mais duas horas de caminhada, aproveitando o ensejo para herborizar ([58]), chegamos ao sopé da Serra.

A vegetação era bastante parecida com a que existe ao redor da Serra de São Gabriel: os mesmos fetos ([59]) comuns e, sobre os grandes blocos espalhados junto ao sopé, as mesmas delicadas Selaginellas ([60]) que crescem em suas bordas escarpadas. [...] (SPRUCE)

---

[55] Alcantiladas: escarpadas.

[56] 19 de julho de 1853.

[57] Tomamos: seguimos.

[58] Herborizar: coletar plantas.

[59] Fetos: Pteridófitas: samambaias, avencas, xaxins...

[60] Selaginellas: pertencem à família Selaginellacea e surgiram há mais de 300 milhões de anos. As selaginelas são plantas rastejantes ou ascendentes com folhas simples, semelhantes a escamas em caules ramificados dos quais surgem também as raízes. Estes tipos de plantas não produzem flores, sementes, nem frutos. Estas plantas geralmente crescem em florestas sombreadas, sobre rochas úmidas, próximas de Rios, cachoeiras ou sobre penhascos úmidos e sombreados.

Boa parte da vegetação é constituída de caatinga do tipo mais alto. A Pedra de Cucuí não tem mais que mil pés de altura acima do nível do Rio. O lado que defronta o Rio é destituído de vegetação quase até o topo, com a vertente rochosa se projetando quase verticalmente de cima até embaixo, sem quaisquer sinais de sulcos ou fendas. Sua parte côncava é raiada de branco, amarelo e rosa, talvez em resultado de decomposição das rochas da superfície, ou quiçá devido ao fato de que o granito local possua uma proporção anormal de mica. Como muito pouca água escorre sobre esse trecho, diferente do que se vê na maior parte da encosta, ele não é encoberto pelas Conferveae ([61]) escuras que revestem as vertentes graníticas dessa Serra.

O cume é recoberto por uma floresta. Nele, sobressaem duas rochas desnudas, como se fossem dois bicos que constituem os ápices de dois morros separados por uma profunda fenda, que já se avista desde um pouco a montante do Rio. Subindo pela encosta, vê-se que o pico esquerdo é dividido em dois, e que a montanha, em seu conjunto, possui o formato de uma pirâmide truncada com ápice tridentado. Olhando-se da base, a vista da imensa mole ([62]) granítica é bem imponente. Abre-se diante do espectador um amplo panorama quando ele se volta em direção a uma ravina situada mais abaixo, e vê o Rio recém-formado a emergir sob espessas camadas de rochas, sendo a que fica por cima de todas um imenso paralelepípedo, que talvez iguale em magnitude o edifício da Bolsa de Valores de Londres. Fechando a paisagem, destaca-se a montanha sombria, sobressaindo-se por entre uma delgada faixa de floresta.

---

[61] Conferveae: algas.
[62] Mole: massa.

Fraldeamos ([63]) a base da montanha e atingimos o lado oposto, no qual se sucedem morrotes cada vez mais baixos, até se nivelarem com a planície. Aqui a floresta se estende pela rocha íngreme acima até quase um terço da altura da montanha, e as rochas apresentam um aspecto singular, visto estarem recobertas por raízes de árvores tangentes à superfície.

Elas se dispõem em extensíssimas linhas quase paralelas, no sentido do comprimento, sendo sua direção a mesma dos fluxos d’água que descem da montanha a cada chuvarada, provenientes do topo da elevação, e que fatalmente iriam arrastá-las, caso não houvesse a protelação desse denso revestimento de raízes, que deixa exposta à investida da torrente a menor superfície rochosa possível.

Quando alcançamos a borda superior da vegetação, num trecho em que a inclinação da rocha é de pelo menos 45°, verificamos que a planta que, dada a sua resistência à força da torrente, ajuda a sustentar todas as que ficam abaixo dela é uma Bromeliácea cujas folhas lembram as do abacaxi, embora sejam menos rígidas, e cujo caule morto tem 6 pés ([64]) de altura.

Abaixo dela se veem extensas manchas de uma Orquidácea, a Sobralia dichotoma, cujos caules tufosos, dísticos e folhosos atingem de 5 a 6 pés ([65]) de altura e trazem no topo umas poucas flores grandes, belas e aromáticas, quase inteiramente brancas, exceto quanto ao labelo ([66]), que é amarelo e listrado de encarnado por dentro.

---

[63] Fraldeamos: costeamos.
[64] 6 pés: 1,83 m.
[65] 5 a 6 pés: 1,52 m a 1,83 m.
[66] Labelo: pétala modificada das orquídeas.

Em torno das raízes dessa orquídea viam-se moitas de um musgo [Calynoeres] que ostentava frutos, aparentemente da mesma espécie frequente na floresta baixa que ocorre nos trechos de solo arenoso existentes ao longo do Alto Rio Negro. [...]

Acima desse trecho, vê-se uma grande extensão de rochas desnudas proeminentes, inteiramente secas, exceto em dois locais, onde a água escorre e forma sulcos rasos. À primeira vista, parecia impossível escalar essa encosta. Mesmo assim, tentei fazê-lo, vindo a descobrir que as asperezas da superfície permitiam que meus pés descalços encontrassem apoio, sem resvalar ou escorregar. Subi apenas a uma altura tal que me permitisse obter uma vista nítida da região, pois a descida era arriscada, tendo em vista ser efetuada usando-se as mãos e os pés, e mantendo o rosto voltado para cima.

Sem demonstrar receio, meu índio, ágil como um símio, subiu até o primeiro cinturão de vegetação, mais ou menos metade da altura da montanha, trazendo-me de lá uma porção de orquídeas do tipo supracitado [Sobralia dichotoma], juntamente com outras espécies da mesma ordem: uma, com grandes flores vermelhas e delicadas, mas que me chegaram às mãos inteiramente murchas, em razão do calor; outra, um epidendro ([67]) com pequenas flores cor-de-rosa e folhas arredondadas, quase tão polpudas como as do Mesembryanthemum.

Disseram-me que era possível subir até o topo, apesar de se tratar de uma encosta tão íngreme, mas teria de ser bem cedinho, antes que o orvalho tivesse evaporado, pois o calor tornava a rocha escorregadia, além de esquentá-la a ponto de chamuscar os pés.

---

[67] Epidendro: pidendrum spp – Orquídea-crucifixo, Orquídea-estrela.

Do ponto que atingi, onde uma ligeira concavidade da rocha permitiu sentar, pude contemplar a sequência montanhosa da Serra Pirapucu, que se estendia de Sul-Sudeste para Leste, e cujo prolongamento estava oculto pela floresta existente no sopé da Pedra Cucuí. [...]

Entretanto o acidente topográfico mais notável era mesmo a montanha que se erguia às minhas costas. Quando me levantei e volvi meu olhar para ela, o que avistei me pareceu compor o cenário mais belo para um desenhista que eu, até então, tinha visto na América do Sul. É impossível fazer jus à cena apenas com palavras. Os dois picos se salientavam com toda a nitidez, sendo o da direita – ou seja, de Leste – ligeiramente mais alto e tendo a forma exata de um pão de açúcar. Era inteiramente destituído de vegetação, a não ser numa exígua nesga do cume. Esse pico me pareceu absolutamente impossível de ser escalado. Já o pico da esquerda apresentava topo mais largo, além de um belo revestimento florestal, em meio ao qual penso ter divisado duas palmeiras, provavelmente inajás ([68]), pois meus índios tinham visto uma delas no ponto mais alto que conseguiram atingir, e eu, de outras feitas, já havia visto essa palmeira crescendo em trechos bem elevados. (SPRUCE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Pousamos neste dia (23.09.1928) no sítio Floresta, já no Estirão de Cucuí, onde reside uma velha

[68] Inajá (Maximiliana maripa): palmeira oleaginosa que pode atingir 20 m de altura. Possui excelente palmito, frutos e amêndoas das quais se extrai um óleo que é utilizado na indústria alimentícia, cosméticos, produtos farmacêuticos, rações e geração de energia. As folhas são aproveitadas na construção de paredes e coberturas de malocas; o pecíolo, na fabricação de flechas e a espata transforma-se em assento, em recipiente para transportar água e em cesto.

paraguaia de nome Maria de Jesus, que tem diversas filhas casadas com praças do Destacamento de Cucuí. No Povoado deste nome, desembarcamos às 08h00, quando fomos recebidos pelo Cabo Comandante interino do Destacamento.

Cucuí ou Fronteira, nome por que é mais conhecido na região, compõe-se de 23 casas, inclusive a do comando e o barracão que serve de alojamento aos praças solteiros. As casas são espaçadas umas das outras e em uma só fila, acompanhando o barranco, todas de pau a pique, barreadas, caiadas a tabatinga, piso de chão batido e cobertura de palha. Foram construídas pelos próprios praças do Destacamento e constituem propriedade delas. [...]

A largura do Rio em frente ao Destacamento é de 740 metros; a jusante da ilha São José é de 1.020 metros e, na Foz do Xié, é de 1.230 metros. Mandamos chamar dois venezuelanos empregados na firma "*Bastos&Fontes*", com barracão à margem direita do Rio Negro, em frente aos marcos fronteiriços e que serviram de guias à Expedição Melo Nunes, para nos acompanharem na excursão que projetávamos no dia 26 ([69]) ao Cerro Cucuí. Ao amanhecer desse dia, parti em companhia do Dr. Luetzelburg, do fotógrafo Louro, dos práticos referidos, Soldados Bruno e Neto e um praça do Destacamento de Cucuí.

Subimos o Rio no nosso motogodile, passando já em território venezuelano para as ubás que nos aguardavam à Boca do Igarapé donde atingimos o caminho por terra que iniciamos às nove horas da manhã, alcançando, com uma hora e meia de marcha, por entre mata de Igapós, o sopé da montanha.

---

[69] 26 de setembro de 1928.

Imagem 27 – Boanerges, Dr. Felipe e o grupo que escalou Cucuí

Às 13h30, alcançamos o cume do cerro cuja altitude determinamos por observações barométricas simultâneas com o auxílio do Dr. Glicon, encontrando 440 metros. Os dois picos que lhe ficam ao lado, para Sul e para Norte, como se fossem agulhas que apontassem para o céu, têm aproximadamente 35 e 50 metros, respectivamente, o que eleva para 473 e 488 metros as altitudes dos dois citados picos. Extraio do meu diário as seguintes notas. Começamos a subir o cerro. Uma formidável rocha granítica de 50° de aclive. Os homens sobem descalços. Mandei colocar o cabo [corda de ¼″ com 60 m] de que me preveni. Os dois práticos escolhem um ponto da rocha em que se apoiam e atiram para baixo uma das pontas do cabo, firmando a outra. Subo pelo cabo que vou colhendo até o fim. Mais um lance, outro, mais outro. Marchamos agora pelo cerro acima, amparando-nos nos galhos, ramos e arbustos que encontramos. Às 12h00, iniciamos a marcha por entre pedras e desvãos do mais difícil e complicado acesso.

A todo momento é preciso recorrer ao cabo ou à ajuda dos práticos para se passar de uma pedra para outra. O granito úmido, coberto de musgo, escorrega como sabão! Às 12h30, atingimos uma gruta que nos forneceu água fresca e cristalina. Descansamos meia hora, dividindo entre os 11 excursionistas uma lata de goiabada que levávamos. Prosseguindo, fomos assaltados por dezenas de morcegos que irrompiam da escuridão por onde nos arrastávamos às apalpadelas. Meia hora após, estávamos no dorso da montanha, contemplando o belíssimo panorama que de lá se descortina: o Rio Negro espalhando-se, para o Sul e para o Norte na planície verde e indefinida que irmana os três países lindeiros. Para o Sul, as Serras de Curicuari e de Dimiti. As de Tunuí no Içana para Sudeste; o Cerro Caparro para Este, e para Nordeste, azulando no horizonte, as Serras do Cabori e a Tapirapicó, da Cordilheira Parima.

Às 14h20, iniciamos o regresso, alcançando às 18h40, o Igarapé onde retomamos as ubás. Às 20h20, aportávamos, sem novidade, ao nosso acantonamento de Cucuí.

No dia 27 ([70]), visitamos a Coletoria Estadual instalada em uma modesta casa na linha de fronteira. É seu encarregado o Senhor João Carneiro da Cunha, funcionário zeloso e competente. Encontramos sua repartição em boa ordem. O Senhor Carneiro nos acompanhou na visita que então fizemos aos dois marcos existentes – um, colocado à margem esquerda do Rio Negro e o outro para o interior, distante 100 metros do primeiro. De regresso, fizemos em nosso motogodile uma volta em torno da ilha de São José, vértice da fronteira dos três países limítrofes. Para Leste, a Venezuela; para Oeste, a Colômbia; para o Sul, o Brasil. (SOUSA)

[70] 27 de setembro de 1928.

Cândido Mariano da Silva Rondon (1930)

Era minha intenção seguir, desta vez, pelo interior do Brasil, para ganhar em Belém do Pará a navegação do Amazonas, em demanda da fronteira da Venezuela, em Cucuí [...]

A 16 ([71]), chegamos a Cucuí. Receberam–nos os Chefes da Comissão Mista de Limites: Comandante Braz de Aguiar, por parte do Brasil; Dr. Duarte, por parte da Venezuela e Dr. Braulino de Carvalho, médico da Comissão. Diversas providências a tomar. Deveria a Comissão de Limites prover a todas as necessidades da fiscalização da fronteira; não existia, porém, uma só embarcação que pudesse reprimir qualquer desacato à soberania nacional, por parte dos bandoleiros que frequentavam a linha limítrofe.

Inspecionando o equipamento do Contingente, examinando o arquivo, encontrei-os nas condições dos destacamentos das fronteiras das Guianas, mergulhados no caos do abandono, sem tradições militares, sem condições que lhes permitissem funcionar com eficácia. Havia uma turma estudando a linha "*Marco da margem esquerda do Rio Negro – Salto Huá do Criaboi*".

A 17 ([72]), escalamos a Pedra de Cucuí, de onde poderíamos obter fotografias da formidável planície Amazônica e da linha da fronteira assinalada pela crista da Cordilheira Parimã. [...] Foi proveitosíssima a exploração sob todos os aspectos e voltamos com rica messe de observações, fotografias, filmes. O Major Reis abriu, a buril, no como do mamelão superior, a seguinte inscrição: "*Inspeção de Fronteiras – General Rondon – 1930 (17.01.1930)*". (VIVEIROS)

---

[71] 16 de janeiro de 1930.
[72] 17 de janeiro de 1930.

Imagem 28 – Pedra do Cucuí (Arquivo Nacional – AN)

Imagem 29 – Rondon e equipe no cume da Pedra do Cucuí (AN)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Chegamos a Cucuí esta manhã (10 de julho de 1949), um domingo do qual não tínhamos conhecimento. Às 08h00, atracamos no barranco em frente ao Destacamento, sob os olhares indiferentes de um grupo de soldados que ali descansavam. Ao perguntar pelo Tenente, um soldado levou-me ao Cabo da guarda e este a um Sargento que dava ordens no momento, o qual, por fim, me levou ao Tenente. Achei interessante essa série de tabelas aqui neste mato, onde tudo poderia ser simplificado, porém a disciplina militar não conhece clima e não posso censurá-los. Fui bem recebido pelo Segundo-Tenente Pedro Everdoza Bastos, um brilhante e esforçado jovem, filho do Pará.

Já havia tido ótimas referências suas desde Uaupés. Alojaram-me numa casa onde residiam um Cabo e um Soldado. Serviram-me, a seguir, café com biscoitos. Pude reabastecer-me, em seguida, comprando arroz, carne enlatada, um pouco de feijão e tabaco para meus companheiros. [...]

Cucuí foi criada no Governo de Floriano para servir como colônia de reclusão para os políticos conspiradores. Hoje, somente resta a lembrança e algumas histórias, não existindo, no local, pessoa alguma ligada a isso. Funciona aqui um posto de fronteira de nosso Exército, no momento com 18 homens. Nestes últimos anos, parece que o Destacamento tem passado por muitas agruras, estando, atualmente, atravessando um período de reconstrução. Fica o lugarejo um pouco abaixo da linha de fronteira, do lado esquerdo do Rio Negro, ao Sul da Serra de Cucuí, um pouco acima, já em território Venezuelano. Numa ilha bem no meio do Rio, existe um marco delimitando as fronteiras do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. Dali para cima, a Colômbia fica à direita, e a Venezuela à esquerda.

A Serra é muito visível, tendo em grande parte de sua seção mais elevada, nua ou apenas recoberta por vegetação crescente sobre a pedra.

Acabamos de regressar ao Destacamento [11.07.1949], após uma excursão à Serra, onde quase perco a vida por duas vezes, tendo da última estado muito perto de ir apresentar-me a São Pedro. De canoa, rumamos para a fronteira. Dali, após conseguirmos que dois práticos da região nos seguissem, embrenhamo-nos por um Igarapé, já em território venezuelano, pelo qual se vai até quase ao pé da Serra. Deixando o Igarapé, tivemos de andar uma hora pela mata, passando por Igapós, onde só mesmo descalço era possível andar.

O sapato, que comprara em Manaus, molhou-se e rompeu a sola. Com isso, meus pés ficaram doloridos de pisar nas raízes dentro d'água. Mesmo assim caminhamos rapidamente, até atingir a rocha do lado Sul da Serra.

Acompanhando os guias, subimos um pequeno trecho, agarrando-nos em troncos de árvores e arbustos, até que vimos à nossa frente um longo trecho de rocha nua muito escarpada. Ao tentarmos escalar essa rocha, quase na vertical, com uns 60 m de extensão, deparamos com uma séria barreira, devido ao limo escorregadio que cobria a pedra. O Sol não fora bastante para secar a superfície da pedra. Somente após ter subido uns 30 m é que reconhecemos a impossibilidade de ir além. Meus guias resolveram, então, soltar a língua e dizer que, nesta época, ninguém sobe a Serra e já houve quem subisse por lá e ficasse preso, devido às chuvas no período da tarde. Fiquei bastante revoltado com aquela declaração tardia que, se demorasse mais um pouco, poderia ter-nos custado a vida.

Meus pés começaram a sangrar devido às muitas arestas cortantes da pedra e mal conseguíamos nos manter sentados sobre a rocha, com pés, mãos e nádegas colados à superfície. Passei o primeiro susto após uns 20 m de escalada, quando perdi o contato das mãos com a pedra. Não fosse ter um dos pés bem firme, ter-me-ia precipitado no abismo. Um dos meus companheiros, o Graciliano, viu-se, também em má situação, ao tentar segurar-se numa moita de bromélias, que se desgarrou. Por sugestão de um dos guias, decidimos não ir adiante.

Já podíamos descortinar, muito além do local onde nos achávamos, e o tempo continuava ameaçador. Estaríamos arriscados a não poder descer e apenas tínhamos conosco algumas bananas e uma cuia de farinha, que ficara sob os cuidados do Plácido, nas fraldas ([73]) da Serra. Nesse local, ficamos algum tempo, tendo eu obtido algumas fotografias e observado a região em torno, uma mata pujante e sem limites. A nossa descida, pelo menos a minha, foi trágica. Meus pés já doíam bastante e, se fora difícil subir, como descer agora? O menor deslize, e iríamos parar no abismo. Nesse momento é que se podia ter noção exata da gravitação dos corpos. [...]

Foi só então, num esforço sobre-humano, com o coração batendo mais apressado, que pude associar pés, mãos e nádegas de tal forma, que progredi um pouco à esquerda, onde havia uma pequena depressão deixada pelo desgaste da rocha. Desse ponto em diante, cada movimento era estudado, e não foi sem muito trabalho que nos agarramos aos primeiros arbustos da mata. Ao pé da Serra, a mata é magnífica, muito alta e rica em espécies vegetais. Existe um sem número de orquídeas de rara beleza.

---

[73] Fraldas: sopé, parte inferior.

Existem, junto às primeiras elevações, gigantescos blocos de granito, dispostos sobre o solo, com faixas ou sulcos verticais uniformes dos lados, como se fossem talhados pela mão do homem. [...] Notei que os soldados recentemente chegados a Cucuí estão com feridas, devido às constantes picadas dos piuns. Nos primeiros dias, estas picadas coçam muito e tendem, por esse motivo, a se transformarem em feridas. Depois de algumas semanas, o organismo já tem reação diferente, não persistindo mais esse perigo. Wallace parece ter sofrido com esses insetos pois, ao chegar a Cucuí, disse: "*aqui os piuns, mosquitos pequenos que dão picadas dolorosas, e que eram em grande quantidade, atormentaram-nos bastante o resto do dia*". (CARVALHO)

Petrônio Naia V. do Nascimento e Sá (1952)

O Correio da Fronteira

Não se trata de história, mas registros de memória, de mais de meio século, de como ocorria a vida na então 8ª Região Militar [8ª RM], que englobava, àquela época, toda a área da atual 12ª RM e do Comando Militar da Amazônia [CMA], inclusive suas fronteiras, transportes, abastecimento, vida social, após o advento do avião militar da FAB – o "*Catalina*". Os "*Catalinas*" – aviões anfíbios usados na 2ª Grande Guerra na ação anti-submarina – operavam na Amazônia, fazendo o patrulhamento do Mar territorial, a cargo da 1ª Zona Aérea, isto é, voando Mar a dentro, onde também eram adestrados seus pilotos, em sua iniciação militar. [...]

1° Voo Cucuí – Vila Bitencourt

Encontrando-se inspecionando o Pelotão de Fronteira Cucuí, em 1952, O General Comandante da 8ª RM – General Eudoro Barcelos de Morais – deliberou permitir, para os nativos residentes na região da

fronteira, a não observância da estatura mínima de 1,60 m, para sentarem praça [situação da família Caixeiro, de pequena estatura]. [...] Ocorre que, àquela época, os Catalinas, devido à falta de proteção ao voo, voavam sempre seguindo o curso do Rio, aquatizando em caso de perigo ou necessidade, sendo comum em mau tempo, fazerem voo rasante, em cima do Rio, dado que a navegação era a olho nu. [...]

Voos Rasantes

O "*Catalina*" tem na parte traseira duas bolhas de Observação, por onde se entra para o interior do avião. Dali, se observa bem a rota do voo, a paisagem e se tinha a sensação – tão baixo e acoplado às copas das árvores se voava – que se estivesse numa prova de hipismo a todo galope, por cima da mata, subindo e descendo conforme seu traçado. Impressionante também, ver o esforço do piloto e copiloto na condução do avião enfrentando os obstáculos que se sucediam, empunhando os manchos [...] No "*Catalina*", existem duas camas de lona em seu interior e, como estivéssemos cansados, assim que decolamos, nos deitamos e dormimos, só acordando ao chegarmos a Manaus. Esperando o Comandante e o copiloto saírem primeiro, surpreendem-nos os dois, molhados de suor, como se estivessem numa sauna. Diz o Comandante: bom é não saber e vir dormindo... Acabamos de enfrentar dois CB's ([74]) fechando a entrada de Manaus, quase em cima do escurecer e felizmente conseguimos chegar antes... (SÁ)

[74] CB's: abreviatura de Cumulus Nimbus. Os CB's são nuvens que se desenvolvem verticalmente até grandes altitudes, podendo chegar a mais de 15 mil metros. Têm a forma de montanhas ou torres e são formadas por gotas d'água, cristais de gelo, gotas superesfriadas, flocos de neve e granizo. Há, em seu interior, violentas correntes de vento, ascendentes e descendentes.

O Estado de Sítio e o Habeas-Corpus

(Ruy Barbosa)

[...] O recurso de que me valho pelos pacientes, não representa uma conveniência particular. É um instrumento do ordem pública. Os meus constituintes não são os presos da Lage, ou os Desterrados de Cucuí. Detrás deles, acima deles, outra clientela mais alta me acompanha a este tribunal. A verdadeira impetrante deste "habeas-corpus" é a Nação. Conforme a decisão, que proferirdes, ela saberá se a República Brasileira é o "regimen" da liberdade legal, ou o da liberdade tolerada. E não esqueçais que a liberdade tolerada é a mais desbriadora e, portanto, a mais duradora das formas do cativeiro; porque é o cativeiro sem os estímulos que revoltam contra ele os povos oprimidos. Das vítimas dos decretos de 10 e 12 de abril não trago procuratura. O meu mandato nasce da minha consciência impessoal de cidadão. Estamos num desses casos, em que cada indivíduo é um órgão da lei. E, se, para casos tais, a lei não instituiu uma função obrigatória, urna curatela especial, preposta à reclamação da justiça e à promoção do "habeas-corpus", é porque legisladores de povos livres não poderiam conceber que o executivo desterre e prenda cidadãos em massa, sem que do seio da sociedade lacerada por essas explosões brutais da força se levante espontaneamente ao menos uma voz de homem, um coração, uma consciência lutando pela restituição do direito suprimido. [...] Está em vossas mãos reparai a falha da barranca, por onde a corrente indisciplinada irrompeu do leito, e transborda sobre o País. É restabelecerdes a confiança na justiça, firmardes por um aresto inolvidável a jurisprudência da liberdade, mostrardes resplandecente acima de todos os poderes da força a supremacia desta autoridade desarmada e espiritual: o direito. Será o maior dos serviços à causa da Ordem, enfraquecida pela intemperança do governo. Em nome da conservação da República, a bem de todos os interesses conservadores, eu vos suplico, senhores juízes. Eles dependem todos deste "habeas-corpus". E, se o não concederdes, como a lei quer, – que milagre salvara o País das misérias deste milagre?

Desterrados de Cucuí

Imagem 30 – José Carlos do Patrocínio

A longínqua Cucuí, à margem esquerda do Rio Negro, guarda nas suas entranhas uma chaga gerada na nascente República que nos obriga à fazer uma digressão temporal muito especial em virtude de sua relevância histórica. As origens do desterro de José do Patrocínio e de seus companheiros de infortúnio merecem ser aqui ampliadas repercutindo textos de jornais da época, mas antes, porém, façamos uma breve apresentação deste ícone do movimento abolicionista pela pena do médico, escritor, poeta, biógrafo e historiador Augusto Victorino Alves Sacramento Blake que nos apresenta José do Patrocínio no seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro:

> **José Carlos do Patrocínio** – Filho de João Carlos Monteiro, nasceu em Campos, antiga Província do Rio de Janeiro, a 8 de outubro de 1854. É um dos mais hábeis e distintos jornalistas que o Brasil tem produzido. Os primeiros anos de sua juventude foram cheios de espinhos, e foi-lhe preciso dedicar-se ao magistério particular para obter os meios de subsistência.

Começou a praticar na farmácia do Hospital da Misericórdia com 14 anos incompletos, e ai conservou-se até que a farmácia passou a ser dirigida pelas irmãs de caridade, sendo então empregado na casa de saúde do Dr. J. Baptista dos Santos, hoje Visconde de Ibituruna. Com a prática naquele estabelecimento, começou a preparar-se para o curso farmacêutico da faculdade de medicina onde matriculou-se, em 1872, e recebeu o grau em 1874. Em 1877, entrou para o jornalismo, fazendo parte da redação da "*Gazeta de Notícias*", e em 1881, falecendo um dos proprietários da "*Gazeta da Tarde*", o Dr. Ferreira de Menezes, adquiriu por compra essa empresa.

Lutador esforçado pela abolição da escravatura e um dos instituidores da Confederação Abolicionista fundada a 12 de maio de 1883, foi por essa associação incumbido, com o Dr. André Rebouças, de escrever o manifesto que foi dirigido ao corpo legislativo, e foi nomeado, com o Dr. Joaquim Nabuco, seu delegado na Europa, onde conquistou em breve as simpatias de vultos notabilíssimos do velho mundo. Em sua viagem à Europa, ao passar por Lisboa foi alvo de ovações por parte dos jornalistas e correligionários políticos; e em Paris, tendo escrito uma memória sobre a total libertação do elemento servil no Ceará, reuniu num banquete Senadores, Deputados e Jornalistas, com os quais comemorou e glorificou por esse modo a epopeia de luz que irradiou pelo País inteiro.

Foi um dos deportados para Cucuí, Estado do Amazonas, por causa da sedição de 10 de abril de 1892, fato este que, apenas conhecido na França, levou a imprensa da grande capital do mundo a dirigir ao Congresso Brasileiro uma petição, em que a primeira assinatura era a do célebre Vacquerie, para que fosse concedida a anistia ao distinto jornalista do Brasil. (BLAKE, SACRAMENTO)

Jornal do Commércio, n° 172
Desterro, SC, Sexta-feira, 19.09.1890

Política
José do Patrocínio

Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal

Candidato a uma das cadeiras do Congresso Nacional, convocado para 15 de novembro, solicito dos Srs. eleitores do Distrito Federal a honra dos seus sufrágios para Deputado do povo brasileiro nesta fase delicadíssima de nossa história.

Já mereci, em escrutino prévio, a honrosa indicação do altivo eleitorado de São Cristovão e do Centro Federativo 15 e Novembro. Influências políticas desta cidade, legítimas porque, representam inteireza e trabalho, já me deram inestimável prova de confiança, fazendo do seu prestígio patrono da minha candidatura. Não sou, portanto, um intruso no pleito eleitoral, nem a minha aspiração pode ser classificada entre as sugestões de vaidade injustificável.

Tenho um nome que é mais a colaboração generosa do povo do que o fruto do meu sacrifício, mas desvaneço-me de haver correspondido a tão extraordinária distinção conservando, intato, o depósito de patriotismo e de sentimento democrático, que a civilização brasileira confia ao espírito e ao coração de seus filhos. Nunca estive senão ao lado da justiça e do direito e, desde que emergi da obscuridade do meu nascimento à flor das revoltas ondas políticas, nadei sempre na direção dos ideais de meu século, por mais violentas que fossem as correntezas de ódios e de preconceitos a vencer.

Poucas individualidades têm sido tão discutidas em nossa Pátria, mas o desencontro da opinião contemporânea no julgamento da minha conduta, não surpreende a mim, nem surpreenderá o futuro. Por uma fatalidade, desde o início da minha vida pública, fui obrigado a assumir posições singulares.

Republicano, tive de combater, desde logo, a maioria do meu Partido com a mesma veemência com que de 1877 a 1888 dei batalha ao Império. O meu ideal político impunha-me a sagrada conscrição nas fileiras do abolicionismo. Considerei esta a preliminar de probidade republicana; a igualdade política deve ser a integrante da igualdade individual e civil, de que está barbaramente espoliado mais de um milhão de homens. Esta orientação, de que dissentiram ([75]) alguns chefes e a maioria dos meus correligionários, constitui-se beligerante contra o meu próprio Partido.

O ódio escravista, Protheus sinistro, ventríloquo hediondo, que toma todas as formas e imita todas as vozes, data de 13 de maio a minha dissidência. A verdade, porém, é que minhas relações com o Partido Republicano foram sempre as mais melindrosas, e romperam-se de todo em 1881, quando qualifiquei a palavra do Sr. Quintino Bocaiuva sussurro de cafezal e neguei-lhe o caráter de candidato simbólico do Partido Republicano, porque S. Exª recusou-se a assumir responsabilidade direta e real no abolicionismo.

Capitulado como insubordinação o meu culto à verdade, fui desde então considerado díscolo ([76]) e apesar de reiteradas provas de fidelidade aos ideais republicanos, os meus correligionários nunca se prestaram a honrar no meu trabalho a dedicação à causa comum.

---

[75] Dissentiram: divergiram.
[76] Díscolo: dissidente.

Na história da propaganda republicana de 1877 a 1888 a minha cooperação, já fundando escolas e clubes, já expondo-me na imprensa, na tribuna ou na praça pública, não pode ser negada.

Enquanto, depois do desastre da República, os atuais mártires glorificados escondiam as suas ideias na imprensa, para facilitar a pena do jornalista a colaboração neutra nos interesses dos capitalistas, que fundavam jornais; eu, ao receber a herança de glória e de honra do imortal Ferreira de Menezes, declarava que, apesar de emancipada do cativeiro de Partido, a "*Gazeta da Tarde*" era republicana.

Como única recordação do reconhecimento do meu Partido aos serviços que então prestei à propaganda republicana, guardo a coleção do "*Corsário*", cicatriz de ferimento traiçoeiro e fratricida, porque esse infame pasquim era notoriamente colaborado por mais de um conhecido e fez de mim uma das suas vítimas prediletas.

A propaganda abolicionista cresceu; dominou as consciências; impôs-se no governo tornou-se o ambiente político da nossa Pátria; organizou e condenou o Ministério "*6 de Junho*", presidido pelo benemérito Senador Dantas e forçou o impacto a desmascarar-se perante o mundo pela lei reacionária de 28 do setembro de 1888.

Era chegado para nós outros, republicanos abolicionistas, o momento de entregar ao nosso Partido a nossa gloriosa tarefa, para que ele a usufruísse como bem comum. Convoquei o Partido republicano e reunido este, sob a presidência do Sr. Campos Salles, então Deputado, combinamos em reunir uma Constituinte para o Partido Fluminense e de acordo com o resultado desta, confederar os esforços do Partido em todo o território brasileiro.

A boa vontade do Sr. Quintino Bocaiuva foi nessa ocasião inexcedível. S. Exª queria a reconciliação geral e que o Partido, unido e forte, assumisse a responsabilidade da propaganda abolicionista.

Mas, nem todo o seu prestígio e toda a sua sinceridade, nem a valiosa cooperação do Sr. Campos Salles bastaram para impedir que o "*Jacobinismo*" incorreto de alguns sacrificasse ao desabafo inglório do seu ódio o interesse máximo da honra republicana.

A sombra do Ministério Cotegipe parecia eclipsar a estrela da abolição, e, sob o pretexto de que o abolicionismo vencido queria repartir a vergonha da sua derrota com o Partido Republicano, conspiração sorrateira desfez a conciliação por nós lealmente contratada. Chefes do Partido Republicano haviam acreditado que o melhor viveiro de correligionários era a massa dos senhores de escravos, ameaçada pela abolição.

A medida que o Império cedesse à propaganda abolicionista, ir-se-iam quebrando os vínculos conservadores e o Partido Republicano seria o "*Tertius Gaudet*" ([77]) da ruptura da aliança, que devia ser perpétua entre a Monarquia e a escravidão.

Contra semelhante política, imoral e cínica, protestou desde logo, em S. Paulo, o lendário Luiz Gama, e aqui, como em muitos lugares do Brasil, os republicanos abolicionistas.

Em 1884, pareceu-nos haver debelado completamente a loucura raciocinante do nosso Partido, que pretendia dar como base da República a leva reacionária dos inimigos da liberdade da raça negra: mas o advento o Ministério Cotegipe nos provou que a moléstia moral continuava e era de todo incurável.

---

[77] Havendo dois litigantes, o terceiro é que se beneficia.

Anno 5 — Rio de Janeiro, 1880. — Nº 222

REVISTA ILLUSTRADA

CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
á Rua da Assemblea 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada

PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso $500

Projecto de uma estatua equestre para o illustre chefe do partido liberal. Esta estatua deve fazer pendant com a de Pedro I. e será collocada no dia 7 de Setembro de 1881
A' iniciativa dos illustres fazendeiros de Cebolas é que devemos mais esse monumento das nossas glorias.

Imagem 31 – Revista Illustrada, n° 222, 04.09.1880

A dissidência continuou. O grosso do Partido perseverou no erro inqualificável, no crime premeditado no seu pacto secreto com escravistas, e o abolicionismo prosseguiu resignado e altivo no seu combate sem tréguas e sem misericórdia. Estávamos nesta situação, quando: se travou a primeira Questão Militar e, entre os principais diretores desta e a propaganda abolicionista, celebrou-se tal aliança que o Presidente da Confederação Abolicionista, o imortal João Clapp, foi convidado a organizar popularmente a Revolução que devia então derrubar o Império.

Descoberto assim o enorme prestígio conquistado pelo Partido Abolicionista; verificado que a chefia do Partido Republicano Revolucionário passava às mãos do chefe abolicionista, que havia sido reconhecida pelo próprio Exército supremo diretor da opinião nacional: quer os chefes republicanos, quer os escravistas entenderam que o primeiro passo a dar era desprestigiar os homens, que, se triunfassem, condenariam ao mais ridículo malogro os mútuos interesses.

Felizmente, para eles, a revolução planejada pelo grande Senna Madureira não vingou, mas para acentuar a aliança com o abolicionismo, o Exército praticou um ato, que servia de penhor da sua lealdade: negou-se a capturar escravos fugidos. Ficou assim patente que a Revolução Abolicionista era apenas questão de oportunidade.

Ninguém pode negar que neste período da propaganda abolicionista, ela desarraigou completamente as instituições monárquicas. O historiador reconhecerá que o Império não podia mais resistir depois do embate violento contra a vontade da tropa, que não só o obrigava a capitular, quanto a Questão Militar, como ainda lhe rasgava à ponta de baioneta um dos artigos do Estatuto Negro de 1885.

Desde então, o Império já não era senão a sombra de si mesmo e só do seu antigo poder guardava as insígnias.

A demonstração desta realidade não se fez esperar: o Império viu-se obrigado a homologar a deposição do Ministério Cotegipe, e, nesta hora de humilhante agonia, sentiu a necessidade de prestigiar-se por um grande feito para subtrair-se ao influxo crescente da vontade do Exército e da Armada, na direção política do país. A abolição impôs-se naturalmente como a única fonte de prestígio real e foi decretada. (JDC, N° 172)

Jornal do Commércio, n° 173
Desterro, SC, Sábado, 20.09.1890

Política
José do Patrocínio

Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal

O Partido Republicano havia assistido a toda essa enorme agitação política – mudo, frio e indiferente. Só se sabia da sua existência pelo ronco da enxurrada negra, que vinha encachoeirada e lamacenta, inundar o leito evolucionista da corrente republicana, aberto pelo manifesto de 1870.

Não obstante, eu conservei-me republicano.

No dia 13 de maio – invoco a memória desta população, – dava-se o seguinte contraste: na fachada da "*Cidade do Rio*" viam-se os retratos dos heróis populares da abolição: na fachada d'O Paiz, órgão redigido pelo Sr. Quintino Bocaiuva, chefe do Partido Republicano, havia um só retrato: Izabel, a Redentora.

Anno 5 | Rio de Janeiro, 1880. | Nº 229

REVISTA ILLUSTRADA

CORTE		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI	PROVINCIAS	
Anno	16$000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas	Anno	20$000
Semestre	9$000	á Rua da Assemblea 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada	Semestre	11$000
Trimestre	5$000		Avulso	$500

Uma nuvem que cresce cada vez mais.

Imagem 32 – Revista Illustrada, n° 229, 06.11.1880

Afirmei por outro fato a minha intransigência de princípios políticos. Por dever de meu cargo de orador da Confederação Abolicionista, fui a palácio cumprimentar a princesa regente; as minhas palavras, porém, foram bastante expressivas. Disse à angélica criatura, a quem naquele momento eu já devia a liberdade da minha raça, a troco de um punhado de flores, que nós lhe dávamos e de uma coroa, que ela perdia:

> Senhora, entrei aqui como entrarei em qualquer ocasião, com a cabeça erguida, seguro do meu direito, como povo que sou; a minha alma, porém, está de joelhos, perante a loura mãe dos cativos, que acaba de coroar a maior das revoluções de nossa terra com o diadema herdado a seus maiores.

Ninguém julgou incorreto o procedimento: a princesa não se molestou, porque sabia quem lhe falava; o povo continuou a vitoriar-me porque sabia o motivo que me fizera transpor os umbrais do ócio para cumprimentar a herdeira do trono.

A nossa heroica e intransigente companheira, a Escola Militar, entregava-me depois o uma pena "*com que eu devia escrever a segunda parte da propaganda da libertação da Pátria*". Estas palavras, se não me falha a memória, foram do Saturnino Cardoso. A caixa que guarda a pena simbólica, tem na tampa um barrete frígio. Um dos oradores, chamando-me a atenção para o emblema, acentua que era a primeira vez que a Escola Militar se incorporava por voto unanime para render homenagem a um paisano.

No meio desta efervescência de entusiasmo, quando a "*Gazeta de Notícias*", neutra nas lutas políticas, consagrava-me uma página de honra e colocava na sua fachada o meu retrato; chefe do Partido Republicano, redator d'O Paiz, mostrou-se alheio ao papel que tinham representado e deviam escutar na história do País dois correligionários seus, João Clapp e eu, e aos quais cabia grande quinhão da vitória.

Como explicar tão misterioso retraimento? Até o dia 13 de maio eu era republicano: porque razão não se celebrou neste dia o pacto de uma ação leal, para tirar da lei libertadora todas as consequências sociais, que naturalmente dela decorriam?

A razão de imperícia política foi a mesma que levou o Partido Republicano a não fazer a propaganda abolicionista; esperava o reforço dos fazendeiros. A obstinação que se negava a fazer sua a campanha pelos escravos cegou tanto O Partido Republicano, que ele acreditou renascido o Império depois de 13 de maio e que para destruí-lo cumpria-lhe prosseguir na antiga política tortuosa com relação ao abolicionismo.

Calo aqui vários incidentes, que demonstram esta proposição, e entro no episódio capital. A escravatura estava extinta pela grande lei; mas o escravismo continuava de pé, intacto, sinistro, ominoso.

Desapropriado da raça negra, o escravismo pediu indenização ou reparação. Queriam-na em dinheiro, ou politicamente pela queda do trono.

Semelhante atitude de pretoriano, que julgava a idoneidade das instituições pela derrama de ouro corruptor, não podia de certo atrair republicanos abolicionistas. Ao contrário, era confirmação do que tínhamos afirmado: que além da extinção da escravatura, que era pouco, tínhamos por dever extirpar o escravismo, que era tudo, porque era a oligarquia, a corrupção política, a prodigalidade administrativa em favor de castas privilegiadas.

Ninguém se enganou a respeito do novo levante negro: o Barão de Cotegipe justificou-o com a frase de Machiavel: "*perdoa-se a quem mata o pai, mas não a quem rouba a herança*".

De feito, vendo obstruído o caminho direto para a indenização, o escravismo pediu, como transação, leis coercitivas que obrigassem o liberto a ficar nas fazendas dos seus ex-senhores. Para dissimular a violência de semelhante arbítrio, aconselhou ao governo que mandasse tropa para o interior, a fim de impedir o êxodo dos libertos, visto que podiam dele resultar mortes e latrocínios.

Esta proposta, despida de anfibologia ([78]) parlamentar, queria dizer: uma vez que não nos quereis, por dever de coerência, indenizar diretamente, fazei-o indiretamente, obrigando o liberto a trabalhar sem receber salário.

O governo repeliu a transação.

Levantou-se então o grande uníssono: "*guerra ao Terceiro Reinado*".

O velho Imperador estava moribundo, ninguém esperava o calamitoso milagre que o ressuscitou. Que haviam de fazer os abolicionistas republicanos: acompanhar os seus correligionários na promiscuidade com os ex-senhores de escravos, que pediam indenização, em dinheiro, ou em trabalho gratuito da raça negra? Assim entenderam e, porque nos negamos a acompanhá-los, aferretaram-nos ([79]) com o estigma da apostasia ([80]).

Para justificar a sentença, disseram que uma vez proclamada a república entraríamos em regime equitativo e o governo faria respeitar a lei libertadora, em todas as suas consequências. Não acreditamos que a simples Proclamação da República tivesse força para tanto.

---

[78] Anfibologia: confusão.
[79] Aferretaram-nos: marcaram-nos com ferro em brasa.
[80] De ter abandonado os princípios defendidos pelo Partido.

A oligarquia, que explorava o Império, continuaria a ocupar as posições políticas e seria ela o legislador republicano, portanto, não se condenaria ao sacrifício de prejudicar-se por escrúpulos de princípios. Na história do Brasil havia a prova de que a consciência do feudalismo territorial não tinha susceptibilidade e melindre, com que a prestigiavam. Apesar de abolido o tráfico, a pirataria achou meio de tornar legal o gozo e o fruto negro daquele e convenceu-se tanto da legitimidade que, ao ser desempossada, julgou-se com direito à indenização.

Além da nossa história, tínhamos o exemplo da União Norte Americana, onde a abolição da escravidão em nada modificou os preconceitos e a ganancia dos ex-senhores de escravos, que, formando o Partido Democrático, até hoje perturbam a vida e o progresso da raça infeliz. Todos sabem que, após a abolição, os fazendeiros norte-americanos continuaram a roubar o trabalho dos emancipados. À reescravização indireta era fatal; estava implícita nos costumes agrícolas e até certo ponto era lógica para conjurar a desorganização absoluta do trabalho, consequente à superposição de duas revoluções sucessivas.

Cooperar na Proclamação da República, dirigida por ex-senhores de escravos e pelos republicanos seus aliados de sempre, era deserdarmo-nos do nosso passado e fazer de ex-escravo mísera vítima de enganosa liberdade. Defendendo o homem contra a escravidão, o trabalho contra a sucção parasitária do feudalismo territorial, a monarquia nesse momento era a guarda da democracia. Tendo de governar-se por uma landocracia ([81]) incompetente e vingativa, que procurava remediar a sua falência com cargos públicos e com o roubo do salário; a república seria a mais baixa e a mais repelente das tiranias.

---

[81] Landocracia: aristocracia rural exploradora da raça negra.

Que os republicanos não tinham integridade moral, nem autonomia para servir de fiança à organização de uma república democrática e limpa, ficou provado nas eleições que seguiram à lei de 13 de maio.

Sem guardar sequer o decoro para com a história do seu país, eles escolheram os seus candidatos entre os neorrepublicanos, para dar assim arras ([82]) de abnegação, com que estavam deliberados a entregar o governo da nação aos convertidos de 13 de maio.

Na lista senatorial do Rio de Janeiro figuraram dois fazendeiros, que não tinham nenhum outro título a consideração dos seus novos correligionários, além do despeito pela perda de centenas de cativos.

Esta capital foi afrontada pela candidatura de um negreiro apoplético, representante de uma família, que é uma das mais daninhas pragas oligárquicas da terra fluminense.

Súbita mutação converteu os clubes de lavoura em clubes republicanos, e o Partido que nunca teve meios para custear uma imprensa próspera para a defesa de suas ideias, teve logo meio de organizar uma caixa para comprar armas. (JDC, N° 173)

Jornal do Commércio, n° 174
Desterro, SC, Domingo, 21.09.1890

Política
José do Patrocínio

Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal

[82] Arras: sinais.

De onde saíam esses recursos? Quem os improvisava? Não era necessário ter argúcia extraordinária para reconhecer que o saldo do cativeiro era o que estava subvencionando a propaganda da vingança sob a bandeira da fraternidade.

<u>O Partido Republicano tornou-se o mercenário do escravismo</u>.

Edificar a república sobre estes caracteres decompostos, sobre esses sentimentos conspurcados, sobre este patriotismo embotado, sobre toda a podridão renascente do espólio escravismo, era erro igual dos nossos maiores, que levantaram esta capital sobre um pântano aterrado com lixo. Como desta construção, resultou o nosso cativeiro às epidemias, que dizimam a população; dessa república resultou a peste da oligarquia e do feudalismo territorial, irredutível que devastaria a evolução democrática do País.

Devíamos, pois, resistir aos republicanos em nome da república; para salvar a revolução cumpria dar combate aos revolucionários. Não era só o nosso reconhecimento à Isabel a Redentora, o motivo da Nova Aliança; ela firmava-se pela fatalidade mesma das coisas.

O governo, negando-se à indenização, serviu à moral; defendendo a inviolabilidade do salário, honrava o trabalho e salvava o direito, completando assim a nossa obra: a incorporação moralizada de mais de um milhão de proletários à sociedade brasileira.

O Partido Republicano aliando-se de novo ao escravismo, que ele galvanizava com o mágico poder do seu nome, adiava a questão social, complicava-a e escurecia para sempre os horizontes da Pátria.

O abolicionismo não era só a supressão do escravo; era a noção da oligarquia e do feudalismo territorial. Só a ignorância ressupina dos diretores do Partido Republicano, a má fé impenitente, com que agora nos perseguem, não compreendia o nosso programa, que ainda hoje está de pé.

Achei-me, depois de 13 de maio, na mesma posição dos Gracos diante dos oligarcas e landocratas dirigidos por Cipião Nasica; nada mais natural do que sucumbir como eles, que, entretanto, são a maior glória da Roma Democrática.

Chamaram a minha altitude coerente – apostasia. Eu já não era um republicano, mas um "*isabelista*", porque exaltava, como até hoje exalto, como exaltarei sempre essa heroína da abnegação, que lembra Codrus, o grego, suicidando-se para salvar a liberdade de Atenas.

Como foram bastantes covardes para sacrificar o negro às suas ambições partidárias, os meus detratores fazem agora crer que, eu sacrifiquei na última hora a minha aliada, que a entreguei a voragem da revolução, com o sangue frio hediondo com que os traficantes alijavam a carga viva de mártires, quando viam perto o cruzeiro da Inglaterra.

Eu não fui "*isabelista*", não porque não me julgasse com o direito de sê-lo, mas porque fazendo política experimental não julguei o ato de 13 de maio, que eu já expliquei, uma prova suficiente para acreditar democraticamente o Império.

Emprazei a minha consciência para julgar o Império na questão capital da indenização. Leal, estive ao lado do Ministro João Alfredo, que presidido por um modelo de honra, soube viver e morrer abraçado a sua bandeira da não indenização.

Dado o golpe de estado de 7 de junho recebi o Ministro Ouro Preto com a pena em riste, e, apesar de isolado, apesar de injuriado por meus correligionários, mantive-me nos meus princípios, dando combate ao restaurador do Império, que os abolicionistas haviam destruído moralmente.

Para confundir os meus caluniadores, transcrevo para aqui o artigo, que publiquei em 20 de agosto de 1889 na Cidade do Rio:

> Conhecemos o Sr. Conde d'Eu. É um grande talento e excelente caráter. Pai extremoso e marido exemplar; chefe de família que alimenta com os seus carinhos a pira de castidade do seu lar. Educado no exílio, adquiriu hábitos de simplicidade burguesa e daí vinha a sua despreocupação por tudo que não é a sua tranquilidade doméstica.
>
> Sua alteza é, porém, Orléans; isto é, descendente de uma família, que se pode chamar a dos judeus dinásticos, pela sua força de expansibilidade, pela tática excepcional com que tem sabido assenhorear-se do mundo inteiro.
>
> Os Orléans são perigosos pela facilidade com que se apropriaram das armas democráticas, e com que assimilam o meio em que vivem, para voltá-las, em seguida, contra o povo. Família de conspiradores seculares, eles são conhecidos desde as proximidades da guilhotina até as cadeiras da Academia Francesa.
>
> São povo quando é necessário, votando como Felippe Egalité, ou resignando-se à profissão de mestre-escola, como Luiz Felippe, ou sendo um dos Quarenta Imortais como o Duque d'Aumale.
>
> Tudo lhes serve, o parlamento, a espada, ou o livro. Sobre todas as famílias reinantes, os Orléans têm a vantagem da superioridade intelectual. A maioria dos reis e dos príncipes escritores são da família deles.

> Essa estirpe de Ashaverus coroados, sempre alerta para o exílio, têm como se sabe, um grande tino comercial. Substituiu, por assim dizer, a Companhia de Jesus na criação dos monopólios de exploração de minas e navegação. Esse conjunto de qualidades pessoais é o que torna os Orléans perigosos.
>
> Uma vez no governo, eles fazem dos povos uma empresa, e fecham os olhos a tudo que não saia o dividendo da lista civil.

Eis como era "*isabelista*" antes de 15 de novembro.

A verdade é esta: se a monarquia tivesse tido o braço forte de Luiz XI para esmagar o feudalismo, eu conservar-me-ia ao seu lado, procurando faze-la evoluir para a mais completa democracia republicana.

No dia 7 de Junho, porém, o Império declarou solenemente, que ele tinha errado em 13 de maio e voltando a ser o que era antes desse dia glorioso, rompeu o pacto que tinha com o abolicionismo e eu deixei-o entregue ao seu inglório destino.

Não é tão fácil enganar a história como às paixões do dia e por isso nunca os inimigos das minhas ideias, que são a liberdade honesta mesma, poderão macular meu nome em um tribunal de imparcialidade e de honra.

Declaro ainda uma vez: não retiro uma só das palavras, nem renego um só dos atos que pratiquei durante o período que vai de 13 de maio a 15 de novembro de 1889.

Se a república, em vez de ter sido precipitada pelo movimento militar triunfante, houvera sido pela conciliação Paulino-Quintino, se ela considerasse um crime a minha veneração por essa mulher adorável, e pelas ideias pelas quais eu a adoro, o meu País

havia de registrar nas suas páginas um episódio igual ao dos Girondinos, que subiam à guilhotina cantando a Marselhesa.

Do alto do patíbulo, eu proclamaria, como a honra de toda a minha vida, haver contribuído para que uma princesa julgasse mais preciosa do que a sua coroa a liberdade de uma raça e a reabilitação moral da sua Pátria, e as minhas últimas palavras seriam estas:

> Abençoada sejas pelos séculos, heroína da fraternidade humana, modelo de patriotismo, protótipo de interesse, que, para dar Pátria a mais de um milhão de homens, te condenaste a exílio perpétuo.

É assim, Srs. eleitores, falando-vos do pórtico da história, com a cabeça erguida e a consciência tranquila, que eu solicito a honra dos vossos sufrágios. Relembrado o meu passado não preciso de falar-vos sobre, o meu presente.

Tendo tido comunicação de que se preparava um movimento militar, de que devia surgir a república, procurei no dia 15 dar à revolução o seu verdadeiro cunho: uma elaboração popular chegada a termo pela intervenção patriótica da Força Armada.

Conduzindo o povo à Câmara Municipal para proclamar a república e, no dia seguinte, obtendo do Sr. Dr. Benjamin Constant que o Governo Provisório fosse àquela única instituição popular sobrevivente celebrar o pacto de bem servir à Nação, eu quis deixar bem claro que, para mim, a revolução de 15 de novembro deixaria de ser legítima, se não quisesse respeitar a organização democrática de nosso País.

Estes dois atos significavam o protesto prévio contra qualquer pretensão de trocar pelo militarismo a Constituição civil do governo brasileiro. (JDC, N° 174)

Jornal do Commércio, n° 175
Desterro, SC, Terça-feira, 22.09.1890

Política
José do Patrocínio

Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal

(Conclusão)

Tornei mais claro o meu pensamento, quando combati pela imprensa o meu honrado amigo e ilustre ex-Ministro da agricultura, Sr. Demétrio Ribeiro, que preconizou oficialmente as excelências da ditadura.

Quero a República, como fórmula de progresso e não para satisfação demagógica de ambições dos poderosos.

Não me julgo obrigado a dizer qual será a minha atitude no Congresso. Se for eleito, continuarei lá o combate aos erros, que tenho profligado ([83]) na imprensa.

Considero dever de patriotismo aprovar desde logo a Constituição, para que seja restituída ao cidadão a liberdade individual de que foi iniquamente privado, atentatória que ainda neste momento sequestra as urnas, a imprensa e a própria palavra dos candidatos. Não reconheço, porém, ao Governo Provisório o direito de impedir que se façam modificações essenciais na parte da Constituição, que, aprovada, mesmo provisoriamente, desonraria a república.

[83] Profligado: criticado severamente.

Cito entre outras a que priva os sacerdotes do direito de elegibilidade e bem assim os comandantes dos Corpos.

Se o Estado é leigo, não pode conhecer da religião dos cidadãos e por isso mesmo não pode de nenhum modo limitar direitos, baseado na profissão religiosa deles.

O Estado não é ateu, nem positivista, como o preparador constitucional faz crer; o Estado é somente neutro em matéria de fé religiosa. Acresce que o Estado não é uma abstração, mas uma síntese da sua civilização, e esse caráter tira ao legislador o direito de substituir as suas, às ideias da maioria da coletividade.

O legislador não pode inventar reformas; deve realizar as que estão feitas na consciência da opinião pública.

Nem semelhante estatuto se conforma com a essência federal do regime republicano. O Congresso não dá poderes; reconhece os que o representante recebe do Estado que o elegeu. Como poderá a União impedir que um Estado católico procure, por meio de seus representantes, influir para que as leis gerais tenham o cunho da filosofia social do catolicismo?

Ha, além disso, contradição entre o que prega o positivismo e o falso espírito positivista que presidiu à preparação constitucional!

Se o positivismo quer reorganizar por intermédio da ação eficaz de seu sacerdócio, reconhece que o sacerdócio tem sido sempre o fator mais poderoso das civilizações, e deve ser constituído pela escolha mental da humanidade; se ao sacerdócio quer ele incumbir a direção espiritual do governo, como pode negar ao sacerdócio existente o direito de influir na

orientação social e, sobretudo, privar o crente de se fazer representar pelos homens, reputados os mais competentes.

A não elegibilidade dos comandantes de Corpos é também questão de alta monta, porque entende diretamente com a paz pública e com a estabilidade das instituições. Todo aquele que não tem o direito de representar, tem o de conspirar.

Além deste princípio irredutível, há a desigualdade de direitos e a prevenção injustificável.

A Constituição para ser lógica devia começar por impedir que o Presidente da União fosse militar. Não se compreende, porém, que investido de poderes ditatoriais o chefe do poder executivo, e permitindo que ele seja militar, não tenha receio de que ele tiranize, ou seja atraído pelo espírito de, classe e, entretanto, receie que os comandantes de Corpos monopolizem a representação nacional.

A vigência de semelhante artigo constitucional será semente invasora do militarismo, por isso que dá implicitamente ao Exército e à Armada caráter de potência à potência diante do povo, que é aliás o soberano e a quem a Força Armada deve obediência.

Os Exércitos só podem derrubar instituições já condenadas pelo povo; não têm força para destruir aquelas que estão vivas na consciência nacional. O soldado é cidadão, ou inimigo; se é inimigo é preciso eliminá-lo, se é cidadão deve ter iguais direitos e deveres.

Para supor que a Força Armada pode ter indevidamente o monopólio da representação, é preciso pressupor que a nação está desfibrada e desbriada ao ponto de permitir, que os seus funcionários armados a desapropriem dos seus direitos.

Neste caso, não vai o paliativo da não elegibilidade; o despotismo se realizará por não encontrar resistência cívica.

Carece também de estudos profundos a responsabilidade do poder executivo. Parece que o preparador Constitucional nem sequer compreendeu o assunto, a respeito da qual projetava a lei, e a prova está em conservar todas as funções e dignidades do ministério responsável e isentá-lo de cumplicidade nos atos políticos e administrativos do chefe do poder executivo.

É de presumir que o patriotismo do governo provisório permita emendas para salvar pontos capitais da doutrina republicana, comprometida pelo projeto da Constituição. Se o Congresso, porém, for constrangido a votar sem emendas, nem por isso deve sacrificar o mais pelo menos.

Antes de tudo é preciso reaver a liberdade individual. Todo o povo que sabe usar da liberdade de imprensa e usar dentro dos seus direitos e dos seus deveres pode sempre manter a sua autonomia e a sua independência.

Srs. eleitores, eu não me rebaixaria a solicitar vossos sufrágios, se desconfiasse de vosso civismo. Sufrágios de escravos só desejam os que são mais indignos que eles – os seus senhores.

Acredito que estais deliberados a reorganizar a Pátria e vos sentis com a coragem, a força e a independência para este grande empreendimento.

Não me desencoraja a passividade aparente da nossa Pátria. Não há nada mais passivo do que a terra. Ela permite que rasguemos as entranhas com

o alvião ([84]) e a charrua ([85]), que lhe destrocemos as matas e as flores; que lhe mudemos o curso dos rios, que lhe arrasemos as montanhas, que aterremos parte dos seus mares. Podemos, impunemente, condená-la a receber nas suas entranhas as fezes das cidades e arrancar-lhe os metais preciosos, condenando a mina à esterilidade, ao passo que nos aproveitamos do seu produto para todos os nossos gozos.

Entretanto, um dia, a terra se comove agitando-se, como nos boléus de uma luta com a humanidade, reproduz a imagem bíblica de Sansão, e sepulta cidades, povos, civilizações porque a sua passividade terremoto e a sua indiferença fez-se lava.

Eu creio na dignidade do povo brasileiro: espero na própria força da sua índole pacífica.

Tenho tido uma vida barométrica; tenho sentido todas as pressões da sociedade em que vivo. Sei, portanto, quando o espirito público está em bonança e quando se prepara para a tempestade.

Todos nos sentimos calmos, confiando na honra e no patriotismo do venerando chefe do governo provisório. Sabemos todos que ele não permitirá que a banda dos generais se converta em corda de carrasco, e por isso mesmo seria impossível implantar-se o militarismo sob o seu governo, caso não houvesse debaixo de cada farda um cidadão cioso da liberdade da nação, como da sua própria.

Toda a nação brasileira agradece ao velho soldado o serviço inestimável de haver conservado a Pátria unida e amiga, e de ter conseguido que se tivesse poupado o sangue brasileiro em todo o período revolucionário.

---

[84] Alvião: enxadão.
[85] Charrua: arado.

Atribuo ao sentimento de justiça do povo a sua atitude até hoje. Não foi por estar bestializado, mas por ser justo que o povo não reagiu contra a revolução de 15 de novembro.

Não é preciso estar bestializado para receber perplexo o dom súbito da liberdade.

Não foi o povo brasileiro que pegou em armas para fundar a república, porque os chefes republicanos nunca o convidaram lealmente para fazê-lo; eles queriam, apenas, como os generais covardes, que os soldados sem direção, se batessem, vencessem e lhes viessem trazer os louros do triunfo para que eles egoisticamente os cingissem.

Vimos o que fizeram tais chefes em 15 de novembro. Em vez de virem para a praça pública agitar a opinião e conduzir o povo a confraternizar com a tropa, foram colocar-se no estado-maior dos generais, como a julga vaidosa na cabeça do elefante e gabarem-se assim de que também venceram.

Triunfadores sem cicatrizes e sem memória de perigos, insultam hoje o povo, sem se lembrar de que a história lhes perguntará pelo que sofreram e eles só poderão responder que não foram mais do que deputados de enxurrada e pretendentes satisfeitos de privilégios.

Eu creio no povo brasileiro e por isso peço-lhe que me dê, a honra de ser, por intermédio do eleitorado deste Distrito, seu representante. Comprometo-me a honrar-lhe os sentimentos democráticos e morrer, se for necessário, para salvar os seus direitos e garantir a sua liberdade.

José Carlos do Patrocínio (JDC, N° 175)

O Combate, n° 34
Rio de Janeiro, RJ, Domingo, 21.02.1892

José do Patrocínio

Deve chegar hoje ao Rio de Janeiro, de volta da Europa, José do Patrocínio. O grande fundador da "*Cidade do Rio*", cuja pena formidável tem sido sempre vibrada contra todas as tiranias e contra todas as injustiças, vem encontrar a sua Pátria conflagrada e dividida pela guerra civil, a República restituída e ameaçada de morte, a Federação destruída a Constituição calcada aos pés. E, quando ele pisar o território brasileiro, há de, por certo, sangrar o seu coração e hão de chorar os seus olhos, vendo o resultado de tanto sacrifício, de tantos anos de combate, de tanto sangue, de tantas aspirações e de tantos esforços, anulado pela política antipatriótica do governo.

Verá de perto o estado a que reduziu o País o Vice-presidente da República, que se dizia chamado ao poder para restaurar o domínio da Legalidade. Encontrará a lei constitucional da Nação violada em todos os seus parágrafos por essa legalidade de deposições e de dissoluções; encontrará os Estados invadidos e dominados pela prepotência do Governo Federal; encontrará a vida dos cidadãos ameaçada pelo governo, que forja e inventa conspirações, para se ver livre da oposição; encontrará a imprensa perseguida, e verá a polícia secreta, assalariada do Itamarati, inutilizar em plena rua edições inteiras dos jornais que se não prestam a incensar a tirania burlesca do Sr. Floriano Peixoto. E, onde supõe encontrar um livre regime republicano, encontrará o regime do terror.

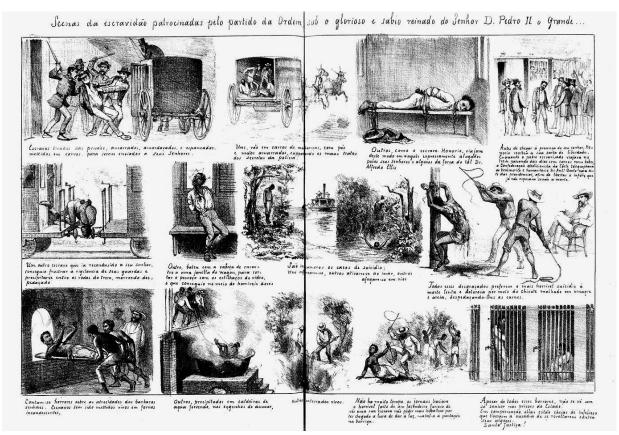



Imagem 33 – Revista Illustrada, n° 427, 18.02.1886

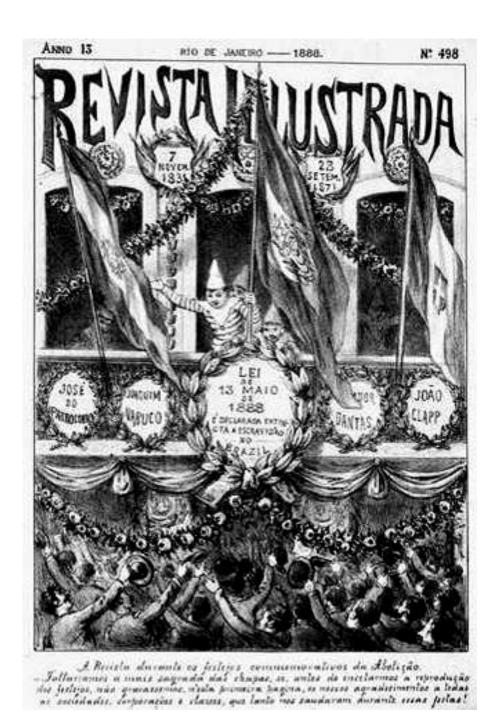



Imagem 34 – Revista Illustrada, n° 498, 13.05.1888

Imagem 35 – Revista Illustrada, n° 498, 13.05.1888

Imagem 36 – Foto dos Desterrados de Cucuí

Ainda assim, ao patriota ilustre que chega, dá "*O Combate*" as boas-Vindas.

Mais nas horas tristes da desgraça do que nas horas serenas da paz, carece a Pátria da dedicação e do trabalho dos seus filhos, quando esses filhos são como este que chega, e cujo nome glorioso já, é uma tradição e um exemplo vivo do quanto pode o talento, aliado ao patriotismo. Ao seu grande colega da "*Cidade do Rio*" abraça a redação d'O Combate. (O COMBATE, N° 34)

O Combate, n° 37
Rio de Janeiro, RJ, Quarta-feira, 24.02.1892

Mais Sangue

Insaciável o Sr. Floriano. Bebe sangue, há três meses e, ainda anteontem, reacendeu-se-lhe a vesana ([86]).

Recife recebia em triunfo o herói do Ceará. Era justo: aquele banido da legalidade tem uma história. Fez-se ao molde da fileira, fundido pelo fogo das batalhas. Abriram-lhe as baionetas as linhas da fisionomia marcial; as balas alisaram-lhe os traços. Branco como uma vela de jangada e falando baixo como uma onda verde, por tardes sem vento. E modesto, ele que aprendeu na ciência o segredo do aço, espada para honrar a Pátria, charrua para enriquecê-la. E tremendo, dessa destruição fria da avalanche, merecia bem que a terra de 17, a terra de 24, honrasse na sua pessoa uma aspiração de Pátria emancipada e de Constituição, que representasse as núpcias ao povo com a liberdade.

[86] Vesana: loucura.

Fevereiro é mês tradicional de crimes da tirania no Recife. O trono matou Nunes Machado. O Ajudante-general de 15 de novembro lembrou-se dessa tradição. E mandou matar, porque lembrou-se de que no zodíaco do Império havia como signo desse mês um cadáver.

Respeita-se o direito do povo nesta legalidade, que escreve a lei com alfabeto do metralha. Mas, no Recife, dizia-se alto o que está na consciência de todos: que é belo, muito belo mesmo, ver através da fumaceira da artilharia, por entre o nevoeiro quente do bombardeio, surgir um homem ferido, com a calma espectral do Mário lendário, sobre um pedestal de ruínas. Que é belo, muito belo mesmo, vê-lo, atordoado pelo desmoronamento, oscilar, como um pêndulo que medisse as horas do despotismo.

A multidão estava desarmada. O imposto dá a ideia de garantia. O suor nos países civilizados, faz-se bala que responde pela liberdade de pensamento. O olhar do trabalhador rompe a fortificação do direito. O operário sabe que a lima não nivela só o ferro, mas a igualdade perante a lei. Por este amanhecer socialista sabe porque trabalha, que o seu resfolego, como um sopro de fole sobre o carvão da forja, inflama-se e constela-se.

E estava desarmada a multidão. É fácil ser herói contra o que não se pode defender. O mar é útil: liga as civilizações. O rochedo é estéril, estira-se da ilha, dissimula-se na vaga e unido com o ruído da vaga, prepara o naufrágio. É uma emboscada da morte. E a onda recua diante do rochedo. Tal o povo diante da espada homicida, da espada que sai da lei, que se embainha na cobardia – porque é cobarde quem ataca o direito – e se desembainha pela traição, porque é traidor quem rasga a lei em nome da legalidade.

A esta hora, há no Recife muito véu negro a flutuar, aceno do túmulo ao déspota que nos insulta. Há órfãos que pedem pão, há viúvas que talvez enxuguem com a mesma toalha a mácula da desonestidade e a lágrima sagrada de criancinhas famintas.

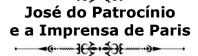
Belo governo: impassível como um animal de jardim zoológico, diante do qual a multidão estatela e come a sua ração de carne sangrenta, sem saber se o povo tem fome e se a honra do País, que o sustenta, corre perigo diante do mundo.

Sangue, mais sangue. Sobre os montes a artilharia cega, faz a patrulha da morte. Ri-se do direito e faz-se da bala o ponto final dos cérebros, que ousam pensar alto.

Sangue, mais sangue. É preciso que o Sr. Floriano beba. Os anêmicos dão-se bem na atmosfera dos matadouros, e o Brasil é um boi manso, que tanto serve para tirar a zorra do trabalho, como para nutrir os tiranos.

José do Patrocínio (O COMBATE, N° 37)

O Combate, n° 113
Rio de Janeiro, RJ, Quarta-feira, 11.05.1892

José do Patrocínio
e a Imprensa de Paris

A prisão do José do Patrocínio, o precursor da República pela lei de 13 de maio, ecoou dolorosamente em Paris, arrancando da imprensa francesa vivos sarcasmos contra este governo criminoso que infelicita a nação.

O Sr. Floriano Peixoto, ao preparar a revoltante cilada do 10 de abril, certamente não pensou ver esse seu ato de tirania tão antipaticamente comentado, a ponto de fazer baixar os títulos brasileiros na Europa.

Le Figaro, L'Autorité, La Justice, Le Temps, Le Rappel, Le Petit Journal e outros, quase que sob um título unânime, foram uníssonos em verberar a atrocidade hedionda das deportações do 13 do passado.

O Sr. Marechal Floriano, que ainda, para a Europa, era um incógnito, ficou amplamente descoberto, com a sua calva de tirano à mostra, ao passo que o glorioso José do Patrocínio, que soube impor à crítica europeia a sua individualidade extraordinária, elevou-se ainda mais no conceito da capital intelectual do mundo, como mártir da liberdade da sua Pátria.

A "*Cidade do Rio*" de ontem traduziu alguns desses artigos e nós pedimos-lhe vênia para transcreve-los em nossas colunas:

A Prisão de José do Patrocínio
Por Charles Boss
Paris, 19.04.1892

A prisão do nosso diretor José do Patrocínio, pelos agentes de um governo, que vale menos do que aquele que o precedeu, produziu uma viva emoção e provocou uma surpresa dolorosa no seio desta imprensa parisiense que conhece o heroico campeão da abolição dos escravos, que o ama e aprecia grandemente o seu talento, a sua lealdade, os seus sentimentos cavalheirescos.

Foi um grito. Pois que! Exclamou-se, Floriano Peixoto, é mais ditador ainda do que Deodoro! Agarra os melhores cidadãos condena-os sem julgamento, deporta-os para longe, sem importar-se com as menores formalidades judiciárias! Mas o Brasil está assim nessa balburdia?

Peço-lhes que acreditem que o meu amigo José do Patrocínio, foi defendido muitíssimo aqui. Dois jornais monarquistas, Le Figaro e L'Autorité prestaram homenagem à honorabilidade desse homem amabilíssimo e distinto. Julguem por isso, o que poderiam ter escrito os órgãos republicanos.

Quanto a mim, sabendo que José do Patrocínio fora preso à ordem de Floriano Peixoto, comigo mesmo pensei como a população permitiu que se executasse uma coisa tão iníqua. Com certeza ela ficou aterrorizada por todos esses militares que me recordam a guarda pretoriana.

Os imensos serviços, pois, prestados ao Brasil por José do Patrocínio, tais como a abolição da escravidão, a Proclamação da República, um devotamento de todos os instantes à causa republicana, não deveriam aconselhar a prudência a Floriano Peixoto, que nada fez por seu País, que eu saiba pelo menos, a não ser as dificuldades em que o lançam e no meio das quais ele se debate, a não ser a insurreição contra o direito, a destruição da justiça e o estrangulamento da liberdade?

Assim, esse bando de soldados que, de surpresa, se apoderou do poder, depois de ter feito cair a República numa enxovia ([87]), imita com mais crueldade os processos da República ateniense. Em Atenas, os cidadãos que prestavam serviços relevantes à República eram punidos com o exílio pela lei do ostracismo.

[87] Enxovia: masmorra.

No Rio de Janeiro, para mostrar que, depois disso, a civilização tem crescido, são deportados esses patriotas para Cucuí ou metidos em fortalezas.

Esta medida arbitrária, terá a meu ver, duas consequências que certamente não foram previstas pelo Sr. Floriano. Primeira, José do Patrocínio sendo adversário político que ele teme, há de tirar disso maior popularidade ainda. Segunda, o Brasil, vergonhoso de se deixar conduzir à baioneta, protestará contra os militares antes que estes possam triunfar completamente.

Eu desejava contar-lhes, hoje, o que se passou em França, há duas semanas, mas a prisão brutal do meu amigo José do Patrocínio vale mais do que qualquer outra coisa.

Na próxima mala lhes enviarei o que eu tinha intenção de escrever.

Balbúrdia Brasileira
Por Jacques St. Cére
(Do Figaro, 18.04.1892)

Os negócios vão de vez a pior no Brasil! O banimento de pessoas como o Sr. Patrocínio que nós todos conhecemos aqui e que é um homem amável e pacífico, demonstram em que estado achasse a segurança individual na nascente República: a maneira pela qual a Província do Mato Grosso separou-se da Federação prova a natureza de sentimentos do povo, e entretanto as legações brasileiras afirmam que a ordem e a tranquilidade presidem os destinos desse rico País.

Ao mesmo tempo o telégrafo anunciamos o decreto de Estado do Sítio, isto é, a ditadura.

O Brasil está governado pela forma republicana depois do 15 do novembro de 1889, e desde então cabia abertamente sob a ditadura militar até 23 de novembro de 1891; tomando conta do governo o General Floriano Peixoto, ao em vez de exterminá-lo, continuou. Parece que no Brasil, como em todos os países sul-americanos, o estado normal é o de sítio – o que é verdadeiramente uma maneira singular de compreender a tranquilidade.

O atual Presidente, o General Peixoto, tem ideias muito pessoais neste assunto. Outrora foi monarquista. No dia da revolução, em 1889, comandava a guarnição do Rio e achava-se com o ministério no principal quartel da cidade.

Assegurou aos ministros, até o último momento, todo o seu apoio, e descendo as escadas tomou o comando das tropas e... entregou resolutamente os soldados ao General Deodoro, ao qual se ligou, abandonando os seus amigos.

A atual crise começou por um pretendido manifesto de treze generais [o número é fatídico!] apresentado ao Presidente para movê-lo à eleição presidencial que, segundo a Constituição, é obrigatório.

Mas o General Peixoto não quis correr os riscos dessa eleição e preferiu conservar o seu lugar, o que foi talvez prudente, mas certamente – ilegal.

O General Peixoto teve a felicidade de chegar ao poder por um movimento de Insurreição e não admite que os militares se ocupem de política e, por isso, reformou os treze generais indiscretos no seu amor pelo sufrágio universal.

Eu não desejo criticar os americanos do sul, que são pessoas amabilíssimas, mas a sua política, perdoe-me, não pode ser levada a sério, tem alguma coisa

de opereta – e desgraçadamente, por vezes, também sangue!

Desta vez é bem possível que tenha sangue e, enquanto ele não se derrama, a anarquia impera com todos os seus horrores.

O papel-moeda está depreciado de uma maneira fantástica. O franco que valia, durante a monarquia, 353 réis vale hoje 870, o que quer dizer que a fortuna pública privada está reduzida à metade.

Todos os ramos da administração estão desorganizados, o Exército e a Armada acham-se em desinteligências, os bancos fecham-se.

A febre amarela lavra, não unicamente nos portos como também no interior, o que não é por culpa do governo, é exato, mas cuja responsabilidade pesa sobre o ministério que não toma medidas higiênicas; e como se não bastasse tudo isso, o governo pratica o anticlarismo ([88]) – tiram as cruzes que se acham nos lugares públicos, e quebra-se, com assentimento da polícia, os crucifixos que existiam nos tribunais.

Faz-se, em uma palavra, tudo quanto pode exasperar uma população ainda crente!

Como terminará esta balburdia?

Ninguém sabe. A restauração monárquica é impossível, mas a constituição do atual estado das coisas é mais impossível ainda; e se a República dos Estados Unidos do Brasil quer viver, é preciso que reinem a ordem e a tranquilidade não unicamente nos despachos oficiais comunicados às agencias telegráficas por seus representantes na Europa.

---

[88] Anticlericalismo: movimento que condena a influência de instituições religiosas, especialmente do clero católico, sobre aspectos sociais e políticos da vida pública.

Balbúrdia Brasileira
Por C. B.
(Do Rappel, 15.04.1892)

O terror reina no Brazil. O governo de Floriano Peixoto, ainda um General que terá uma triste página nos anais brasileiros, pôs de parte todo o pudor. Os melhores cidadãos, os republicanos mais sinceros, os patriotas mais convencidos são presos o encarcerados por suas ordens.

É assim que o nosso amigo José do Patrocínio, o diretor do valente jornal "*Cidade do Rio*", o heroico campeão do abolicionismo, o eloquente tribuno que proclamou a República no Rio de Janeiro, quando D. Pedro acabava de ser deposto, e seus vencedores não sabiam que fazer do poder, o adversário irreconciliável do militarismo, em uma palavra, o homem que melhor serviu à causa republicana, foi preso há dois dias com um de seus confrades e um General e embarcados com destinação a Cucuí nas fronteiras da Venezuela, e sob o clima mais mortífero da América do Sul.

Os telegramas dizem que José do Patrocínio tentou sublevar a população contra Floriano Peixoto a favor de Deodoro da Fonseca. Uma proclamação oportuna do Estado do Sítio, permitiu aos soldados de Floriano Peixoto porem a mão no seu braço. É impossível saber se o movimento dirigido por José do Patrocínio tinha por fim levar ao poder o velho Marechal Deodoro. Se assim fosse é necessário que o governo atual seja detestável para que o nosso amigo tenha preferido o primeiro Presidente da República. Acreditamos que os brasileiros não vão querer suportar por mais tempo, um ditador que escraviza o que há de melhor entre eles. (O COMBATE, N° 113)

Jornal do Brazil, n° 156
Rio de Janeiro, RJ, Domingo, 05.06.1892

A Conspiração e os Desterrados

O Correio Paulistano de ontem publica uma correspondência desta capital, contendo revelações sobre a sedição de "*10 de abril*" e notícias dos deportados, obtidas mediante um *interview* que teve o correspondente com um dos oficiais que os acompanharam até Manaus. Deixando ao correspondente do jornal paulista, que insinua ter obtido as suas informações dos documentos presentes à Comissão do Senado, toda a responsabilidade de suas asserções, julgamos interessarão aos leitores essas notícias, que, feita esta reserva, transcrevemos:

A revolta havida em janeiro na Fortaleza de Santa Cruz havia sido fomentada pelos principais protagonistas que figuram nos acontecimentos do dia "*10 de abril*". Não aparece ali o nome de Wandenkolk. Em compensação menciona-se o de outro Almirante, hoje amigo do governo. Também o deputado pernambucano José Mariano figura ali como um dos chefes do malogrado plano.

Parece que a moralidade do governo em reprimir aquela tentativa foi interpretada como fraqueza pelos chefes da conspiração. A audácia desses foi crescendo na exata proporção da moderação do governo e assim conceberam o plano de depor violentamente o vice-presidente, e mesmo de o assassinarem, no caso de resistência. Para esse fim, por intermédio de um ex-empregado de polícia, residente agora na estação da Piedade, tentaram subornar praças da guarda do Marechal Floriano Peixoto.

Mais tarde, no dia "*10 de abril*", foi tomado de um homem do povo, que conseguiu evadir-se, um revólver com o qual ele apontara sobre o Vice-presidente da República.

O manifesto assinado pelos treze generais, e que, no plano dos conspiradores, deveria tê-lo sido por quase toda a oficialidade superior do Exército e da Armada, significava o Movimento Revolucionário.

Era o sinal dado aos comparsas da conspiração para a revolta nos estados.

Entretanto, a energia do governo, decretando a reforma dos autores daquela audaciosa intimação, coibiu as manifestações que se aguardavam na Bahia e em Pernambuco.

O efeito do incidente, foram o inverso do que esperavam os conspiradores, totalmente favorável à causa do governo.

Exasperados com esse imprevisto resultado, lembraram-se de atrair ao interesse da revolução alguns comandantes de Corpos.

Assim segundo afirmam, tinham razões para contar com a cooperação do Brigadeiro Solon e do Coronel Olympio Ferraz: o que é duro de acreditar-se porque ambos haviam sido promovidos naqueles dias pelo Marechal Floriano Peixoto.

Entretanto, esse ponto é objeto de insistente e constate afirmação dos deportados, os quais na viagem até ao Pará foram discretos e reservados e daí por diante comunicaram-se expansivamente com os oficiais que os conduziam; fizeram-lhes revelações da maior gravidade.

A revolução dispunha de vastos recursos pecuniários, fornecidos pelo Conde de Leopoldina e pelos destroços da Companhia Geral de Estradas de Ferro do Brasil.

É muito importante, entre outros, o depoimento do Coronel Tamarindo, já pela gravidade do caráter da testemunha, aliás muito amiga do General Deodoro, já pela explicação que dá de vários pontos que tem sido propostos como enigmas pelos adversários do governo, para insinuarem o absurdo de que a conspiração não existiu e as arruaças de "*10 de abril*" não passaram de uma hábil maquinação do governo, para comprometer seus adversários.

Se bem que tal defesa seja simplesmente inepta, de tão extravagante que é, todavia encontra papalvos; que repetem – Stultorum infinitus est numerus ([89])...

Tendo projetado uma saudação ao Marechal Deodoro pelo restabelecimento de sua saúde, exatamente quando mais precária ela se tinha tornado desde alguns dias, os cabeças da projetada conspiração outro intuito não tiveram a não ser o de congregar, sem suscitar suspeitas, os adversários mais encarniçados do governo e pondo em ação os elementos de força que supunham preparados, substituírem o governo moralizado do Marechal Floriano Peixoto por uma junta governativa que entregasse o tesouro ao assalto dos agiotas e especuladores.

Um Capitão reformado, de nome Miranda Carvalho, foi o incumbido de obter para a simulada manifestação a banda do 24° Batalhão.

Para esse fim, dirigiu-se ele ao quartel daquele Batalhão e pediu ao respectivo comandante a necessária licença para contratar a banda de música do mesmo, acrescentando que, a despeito de ser simpá-

[89] O número dos tolos é infinito (Eclesiastes, I, 15).

tico ao Batalhão o objeto da manifestação, entretanto, o serviço da música seria pago com muita generosidade.

Respondeu-lhe o comandante, Coronel Tamarindo, que daria a impetrada autorização unicamente no caso de consentimento expresso do Ajudante-general.

Tendo que ir ao Palácio Itamarati agradecer ao Presidente da República sua promoção dada na véspera, aproveitou o ensejo para consultar S. Exª sobre se devia ou não consentir no serviço que era pedido a banda de música de seu Batalhão.

Teve resposta negativa.

Voltou ao quartel, porém já não achou aí a banda de música; pois tinha vindo em sua ausência a autorização escrita a que se referira e, na conformidade de ordem dependente dessa condição, havia sido dada a licença para sair a banda de música do Batalhão.

Soube nessa ocasião o Coronel Tamarindo por um oficial de seu comando que a manifestação ao Marechal Deodoro era um mero pretexto, e que o fim do ajuntamento era a deposição violenta do vice-presidente da República, que para esse fim os autores da conspiração esperavam o concurso de quase todos os corpos da guarnição da capital.

Que, mesmo no 24° Batalhão havia sido feito trabalho secreto nesse sentido, e que o próprio oficial de que se trata havia sido convidado para a conspiração por José Elysio dos Reis e outros cidadãos, reunidos em um grupo de paisanos e militares numa confeitaria da rua do Ouvidor.

As forças se congregariam primeiramente sob o comando do General Clarindo de Queiroz, mas depois assumira o comando em chefe o Marechal Almeida Barreto.

Este desde o princípio declarou aos chefes da conjuração que para o serviço de angariar adesões no exército não contassem com ele. Quando, porém, estivessem reunidas as forças revolucionarias, então, sim, pôr-se-ia à frente das tropas e mandaria [essa particularidade é característica!] avisar ao Floriano Peixoto que reunisse sua gente... "*É assim que sei brigar!*", concluía o General Almeida Barreto.

Esse dito é, com efeito, um traço característico da alma ingênua e nobre do valente militar. Que lástima ter-se transviado por tal modo, abraçando uma causa fatal, brasileiro tão notável, que poderia prestar à Pátria os mais assinalados serviços!

Não lembraremos, por ter sido consignado em todas as folhas fluminenses do dia "*11 de abril*", os desatinos praticados na véspera pelos Srs. Seabra, Pardal Mallet e Menna Barreto.

No inquérito figuram todos esses fatos e ainda outros que não tiveram igual publicidade.

No interesse de dar ao leitores do Correio notícia autentica dos deportados, tivemos um *interview* com um dos oficiais que seguiram com eles a bordo do "*Pernambuco*" até Manaus.

Eis o que coligimos:

Em geral, os desterrados eram pouco comunicativos. E, por sua vez, os oficiais, por natural delicadeza, evitavam encetar conversa sobre assunto político, especialmente sobre a malograda conspiração.

A viagem costeira foi próspera, e todos gozaram saúde, tendo adoecido no Pará o Tenente Gonçalves Leite.

Era crença geral, entre os presos, que ao chegarem a Belém receberiam a notícia de terem sido anistiados... Malograda essa esperança, mostraram-se abatidos, impressionados alguns, outros exasperados. Entre estes, Pardal Mallet, Campos da Paz, Lavrador e José Carlos de Carvalho.

Em geral os presos não manifestaram queixa ou irritação contra o Vice-presidente da República, mas antes contra seus Ministros, especialmente os Srs. Serzedello e Custódio de Mello.

O Dr. Pardal Mallet declarou por vezes que considerava excelente o tratamento dado aos presos; por isso que, a ter triunfado a revolução, os membros do governo e seus amigos não teriam sido desterrados para Cucuí, mas sumariamente passados pelas armas!

Que humanitários instintos os do ex-redator do Combate!

E nós, que ingenuamente imaginávamos que não passava de inocente retórica o estribilho de que aquela folha fazia a sua "*Delenda est Cartago*" ([90]) nos dias que precederam o "*10 de Abril*", que o Sr. Marechal Floriano Peixoto havia de demitir-se ou seria "*suprimido*" [sic]!

O Dr. José Carlos de Carvalho, acusado, entre outros fatos, de ter fomentado a revolução separatista do sul de Minais, exibindo cartas e telegramas apócrifos do Vice-presidente da república e do Ministro do interior, protestava, a princípio, de sua inocência.

---

[90] Cartago deve ser destruída! Era o grito furioso do Império Romano contra o seu inimigo cartaginês.

Depois deixou de ser tão absoluto em suas negações, afirmando, porém, como seus companheiros, que outros mais culpados do que ele tinham ficado no Rio do Janeiro e até haviam sido promovidos pelo governo.

Referia-se claramente aos Srs. Solon e Olympio Ferraz, que, segundo dizem os desterrados, estavam coniventes no plano revolucionário e haviam recebido, para as despesas necessárias, o primeiro quarenta contos e o segundo trinta e seis.

O Dr. Campos da Paz conversava muito com o comandante, porém a respeito de seus concursos na escola de medicina, de sua campanha sobre vinhos falsificados e de seus serviços à causa abolicionista e à propagando republicana.

Sobre os acontecimentos de "*10 de abril*" geralmente não se enunciava, ou limitava-se a ligeiras e lacônicas referências.

O Dr. Lavrador era igualmente discreto; dizia, entretanto, por vezes que – se ele tivesse sido ouvido pelo governo, certamente não teriam ficado na capital federal, alguns traidores que recuaram à última hora depois de haverem comprometido seus companheiros, alentando neles esperança de sucesso.

O Conde de Leopoldina conversava muito, mas geralmente sobre empresas e negócios; encantava a todos por sua amabilidade.

Em Belém e Manaus fez grande provisão de gêneros finos, que conduziu, a expensas suas, em doze grandes volumes, com destino a Cucuí. Era extremamente obsequiador para com seus companheiros e a comitiva em geral.

O General José Clarindo, que levou família até Manaus, mostrou-se sempre extremamente reservado.

O Dr. Thaumaturgo e o negociante Piá também levaram família até Belém e Manaus, onde tem parentes.

O primeiro dissertava muito sobre seu governo no estado do Amazonas.

José do Patrocínio gostava de conversar com os moços oficiais e frequentemente com eles bebia cerveja.

Quanto ao Dr. Seabra, esse, durante toda a viagem mostrava-se pensativo e melancólico. Não recusava-se, porém, a palestrar sobre os mais variados assuntos, captando as simpatias gerais. Era afável e revelava-se possuído de variada e profunda instrução.

O General Almeida Barreto, apesar de sua indomável energia d'alma, não podia disfarçar os sentimentos opostos que lhe iam n'alma. Ora parecia revoltar-se pela sorte que lhe era reservada, ou mostrava-se queixoso para com os autores da conspiração: "*Abusaram de mim, dizia, abusaram do meu nome e de minha lealdade!*"

Os desterrados, uma vez chegados ao lugar de seus destinos, serão postos em liberdade cessando toda a prisão, e mesmo toda a guarda ou vigia.

Nenhum d'eles, porém, tentará evadir-se das longínquas paragens para onde foram conduzidos. Essa tentativa seria extremamente perigosa.

Além d'isso, eles esperam, de um momento a outro, a concessão da anistia; momento depois de terem sido anistiados seus companheiros da Conspiração de S. Paulo.

Essa solidariedade ficou, com efeito, perfeitamente estabelecida entre a Conspiração tramada no estado de S. Paulo e a do dia 10 de abril. Algumas das testemunhas que depuseram ultimamente perante o Chefe de polícia da Capital Federal estabeleceram de modo completo essa conexão.

Felizmente, vieram tarde esses depoimentos. Sem o que, provavelmente não seria concedido *habeas-corpus* aos conspiradores paulistas, nem tão pouco a anistia de 21 de abril.

E assim, o bom do Sr. Camarano, caminhando para o desterro, estaria ainda sob a apreensão aterradora de uma barbaridade que receava: "*Governo puó prendé* [dizia ele em seu dialeto original], *puó matá, Macapá!..: non! é bárbaro!!!*" (JDB, N° 156)

Diário do Commércio, n° 455
Curitiba, PR, Quarta-feira, 20.07.1892

José do Patrocínio

É do teor seguinte a mensagem que os jornalistas franceses vão dirigir ao Congresso, pedindo a anistia para José do Patrocínio e seus companheiros de desterro:

> Paris, 31 de maio de 1892.
>
> Ao Sr. Presidente do Congresso brasileiro no Rio de Janeiro. Os diretores dos jornais parisienses abaixo assinados receberam com dolorosa impressão a notícia da prisão e da deportação, sem julgamento, para Cucuí, do seu eminente confrade brasileiro José do Patrocínio. Pensam eles que o governo militar do Brasil devia tratar de outro modo o homem que fez dar a liberdade a um milhão de escravos e que proclamou a República no Rio de Janeiro.

Em nome da justiça e do direito pedem ao Presidente do Congresso que faça votar a anistia em favor de José do Patrocínio e dos seus companheiros presos com ele. Aos honrados Presidente e membros do Congresso apresentam os protestos de sua solidariedade republicana.

Augusto Vacquerie, diretor político do Rappel.

Paul Maurice, diretor literário do Rappel. [...]. (DDC, N° 455)

Commércio do Espírito Santo, n° 563
Vitória, ES, Sábado, 23.07.1892

Manifesto do Conde Leopoldina

Nação – Não posso deixar passar em silêncio e sem protesto a injustiça do governo do Sr. Floriano qualificando-me, no Decreto que me desterrou, de mau cidadão e inimigo da República.

O meu proceder, a minha conduta suportam qualquer exame de sindicância e desafio a quem quer que seja descobrir um ato meu, quer como negociante, quer como industrial, banqueiro ou cidadão, que me desonre ou que me faça merecer semelhantes epítetos. Minha vida e atos são bastante conhecidos. Nascido na Escócia, de pai inglês e mãe brasileira, vim aos seis anos de idade para o Rio de Janeiro, onde fui educado.

Aos treze anos, entrei para a vida comercial no Rio de Janeiro, e, em 1880, tinha então 19 anos, segui para o Pará, onde continuei a dedicar-me ao comércio. Aí casei-me com uma senhora brasileira; em 1885, regressei ao Rio e segui a vida industrial, dedicando-me mais tarde, com a fortuna adquirida na indústria, a operações bancárias, conseguindo acumular honestamente grande fortuna.

Minha vida foi largamente comentada pela imprensa da capital e quem a ela recorrer nada encontrará de desairoso à minha individualidade. Tenho consciência de ter contribuído na medida de minhas forças para o bem do meu País, e o bairro de S. Cristovão, no Rio de Janeiro, aí está para o atestar. Nesse bairro construí vastas oficinas e fábricas de indústrias inteiramente novas neste País e edifiquei em larga escala. Orgulho-me de ter assim contribuído para a subsistência, por meio do trabalho honesto, de muitos milhares de famílias.

Mau cidadão não é por certo aquele que emprega os seus capitais na Pátria que adotou como sua, como eu o fiz, pois só em bens de raiz empreguei no Brasil quantia superior a oito mil contos de réis; confiei às indústrias brasileiras, ainda nascentes, cerca de vinte e um mil contos de réis; mandei construir na Europa paquetes para sulcarem o Oceano, arvorando a bandeira brasileira.

Protesto, portanto, contra o tratamento de inimigo da República que me é dado pelo governo e o repilo com altivez.

Compatriotas! Fiz e faço oposição ao atual governo do Sr. Floriano Peixoto, não pelos meios que os seus amigos inventam, mas pelos meios legais, combatendo fracamente pela imprensa, não só aqui como no estrangeiro, não me tendo poupado mesmo a quaisquer sacrifícios em favor de jornais que combatiam o governo, que eu julgo o mais pernicioso e fatal de quanto o Brasil tem tido.

E para provar que tenho razão, aí estão patentes os resultados da política nefasta de semelhante governo; a anarquia lavra em todos os Estados; o câmbio desceu à taxa a que nunca chegou, nem no tempo da guerra do Paraguai; a indústria, que, triunfante, principiava a levantar a cabeça, curva-se arquejante

diante da oposição e má vontade que o governo manifesta; o povo geme debaixo da carestia de tudo quanto lhe é indispensável à vida; o crédito do País está inteiramente arruinado.

Compatriotas! O governo que eu julgo necessário no meu País é outro: um governo civil, prestigiado e escoimado da influência militar, composto de cidadãos conhecidos no velho mundo. Só assim este País se elevará à altura a que tem direito pelas imensas riquezas naturais de que dispõe; os capitais estrangeiros serão atraídos pela confiança e fomentarão o desenvolvimento das estradas de ferro, das fábricas e da navegação fluvial, melhorando assim as nossas condições financeiras e o bem-estar geral pela exploração de suas incalculáveis riquezas.

Conseguido isso, o Brasil se colocará em condições de facilmente atrair a imigração e prosperará pela exploração de suas imensas fontes de riqueza e facilidade de transporte de seus produtos, de modo a saldar em pouco tempo a sua dívida. Tanta confiança tenho no que afirmo que, ainda que considere o País agora inteiramente arruinado pela política da atual administração, disse ao repórter do "*New York Herald*", com quem tive um *interview* no porto do Pará que:

> Apesar do péssimo estado financeiro atual da nação, a riqueza do Brasil era tal, que eu acreditava possível, desenvolvida a imigração nos Estados do Pará e Amazonas, pagar em pouco tempo a dívida nacional, só com a renda desses dois Estados criteriosamente dirigidos por uma boa política.

Compatriotas! Eu não compreendo a razão, ou antes não quero compreendê-la, mas afirmo-vos que tenho sido atrozmente perseguido pelo governo do Sr. Floriano Peixoto. Apesar de serem do domínio público os atos violentos e arbitrários que visavam minha individualidade, não é demais entre outros salientar:

1° A ruína de uma das mais belas joias do escudo da República, a "*Companhia Geral de Estrada de Ferro do Brasil*". Essa estrada tem três vezes a extensão quilométrica da "*Estrada de Ferro Central*". Sobrevindo complicações na gerência financeira dessa empresa, à qual o meu nome estava ligado como negociador do empréstimo bem iniciado na praça de Londres. O governo pretendeu atingir a minha pessoa esmagando e arruinando essa empresa, e só conseguiu patentear ao público a minha nenhuma responsabilidade nos negócios dessa empresa, para o auxílio da qual aliás concorri com avultadas somas;

2° Voltou-se então o governo para o ataque à minha fortuna particular, adquirida à luz do dia por meios lícitos, pois nem mesmo especulei arriscando no jogo da Bolsa quantias superiores aos meus recursos. Esse atentado à minha fortuna particular está no domínio público e devia ter sido liquidado se houvesse justiça e desinteresse nas autoridades do País no dia em que o juiz "*por despacho*" levantou o embargo dos meus bens, embargo esse feito pelo Banco da República em virtude de uma fiança de dívidas de terceiros; assim porém não aconteceu, pois a falência foi levada a efeito pela justiça federal contra a vontade dos meus únicos credores com quem eu tinha contas correntes garantidas e não vencidas;

3° Fui destituído do posto de Tenente-coronel da Guarda Nacional sob o pretexto de ter perdido os direitos de cidadão brasileiro pelo fato de ter aceitado título estrangeiro, quando é certo que fui agraciado pelo governo português, com o título de Visconde, que usava com a devida licença do governo provisório antes que a lei atual o proibisse, e depois dessa proibição não aceitei título algum, pois o que se deu foi acesso de hierarquia de um título que legalmente usava;

4° Não obstante o procedimento do governo destituindo-me do posto de Tenente-coronel, o que implicava o reconhecimento da nacionalidade inglesa para mim, fui desterrado para Cucuí no alto Rio Negro, pena que só poderia ser aplicada a cidadão brasileiro, o que bem prova a parcialidade e a paixão com que tem o governo procedido em relação à minha pessoa. Essa pena de desterro foi aplicada com preterição de todas as regras processuais, pois preso e metido a bordo um navio de guerra, daí fui conduzido para o desterro, sem que ao menos o mais ligeiro interrogatório verificasse a minha culpabilidade.

O destino do meu desterro, Cucuí, na fronteira da Venezuela, a dois mil e trezentos quilômetros da foz do Amazonas, pode sem grande esforço ser considerado como uma tentativa de assassinato, pois, é sabido e consta até de documentos oficiais que a viagem para Cucuí é cheia de perigos por causa das inúmeras cachoeiras, mais perigosas agora no tempo da enchente, demandando no mínimo 40 a 50 dias de viagem por lugares desertos, sem pouso nas margens do rio, obrigado a dormir ao relento, exposto ao tempo, aos insetos, aos répteis e às feras, sem que tivesse havido prevenção de espécie alguma da parte do governo.

Aqui mesmo em Santa Isabel, onde me conservo à espera de ser conduzido para Cucuí, apesar de estar ainda ligado com a capital do Estado por uma linha mensal de vapores, já sinto os efeitos da desconsideração do governo, pois Santa Isabel é constituída por duas palhoças e um barracão desabitado, com umas vinte almas de população, e essas mesmas em sua quase totalidade doentes do impaludismo crônico.

Chegando aqui, ficaria com os meus companheiros de desterro ao relento se não fosse o barracão vazio em que nos instalamos, generosamente cedido por

um habitante do lugar. Esse barracão, cercado de bambu está à beira do rio, situado num terreno alagadiço e é coberto de palha, tendo por assoalho o próprio chão e esse mesmo esburacado e infiltrado pela água do rio e aí nos instalamos de promiscuidade com praças de pret que nos acompanham. Por mobília conseguimos, por empréstimo, uma pequena e velha mesa e cinco cadeiras em péssimo estado. O lugar é paupérrimo; quase nada há que se possa comprar, salvo cachaça e alguns objetos próprios de comércio com os índios, sendo insuficiente o rancho que nos foi fornecido pelo governo.

Esse mesmo barracão que habitávamos teve de ser abandonado pelos desterrados por ter sido invadido pela enchente do rio, estando no meio de virgem mata a algumas léguas acima de Santa Isabel tendo por habitação uma palhoça.

Assim mesmo, na opinião de pessoas que conhecem Cucuí, estamos aqui melhor do que lá, quando pudéssemos lá chegar com vida, pois nesta quadra nem mesmo os que tem lá os seus interesses arriscam a viagem. Não tenho que agradecer ao governo o estar ainda aqui, porque esforços ele não poupou para alugar, comprar ou tomar canoas e arranjar tripulação indígena para nos fazer seguir, tendo sido baldados todos esses esforços.

Compatriotas! Este governo que nos desterrou para semelhante lugar, pondo em risco nossas vidas, mandou-nos dizer que nos permitia trazer nossas esposas e filhos!

Compatriotas! Concluindo entrego-me ao sagrado tribunal da opinião pública que julgará todos os atos da minha vida, e, desprezando as calúnias e intrigas que os inimigos tiverem levantado contra mim, me fará justiça.

Quanto ao governo do Sr. Floriano, devem estar abertas as Câmaras, e confiando na justiça e retidão que sempre lhes tem servido de norma, espero pedirão contas o provas dos seus atos, diante dos quais não poderá deixar de cair um governo que tanto tem prejudicado o Brasil.

Santa Isabel, Alto Rio Negro, 2 de junho de 1892.

Conde de Leopoldina. (CDES, N° 563)

Minas Gerais, n° 106
Ouro Preto, MG, Segunda-feira, 08.08.1892

Anistia
05 de agosto de 1892

O Sr. Vice-presidente da República expediu o seguinte decreto:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1° – É concedida anistia:

1° A todos os cidadãos implicados nos acontecimentos que motivaram o Decreto executivo de 10 de abril deste ano, declarado em Estado de Sítio a Capital Federal.

2° A todos os que direta ou indiretamente tomaram parte na revolta das fortalezas da Lage e Santa Cruz, em 19 do janeiro deste ano, quanto aos crimes somente que estiverem ligados a este movimento.

Capital Federal, 5 de agosto de 1892, 4° da República – Floriano Peixoto – Fernando Lobo.

Logo depois da sanção o Sr. Vice-presidente da República, por ofícios e por telegramas, mandou que fossem postos em liberdade todos os detidos, providenciando de modo que fossem fornecidas lanchas para o transporte dos que estavam em fortalezas e

telegrafou ao Governador do Amazonas quanto ao transporte dos que estavam em Cucuí, Tabatinga e S. Joaquim. (MINAS GERAIS, N° 106)

Diário de Manáos, n° 38
Manaus, AM, Sexta-feira, 19.08.1892

Chegada dos Desterrados

Ontem, cerca das 9½ da manhã, no vapor "*Madeira*", da companhia do Amazonas, procedente do rio Negro, chegaram à esta capital os ilustres brasileiros que se achavam em S. Joaquim por não terem podido subir até o Cucuí, desterrados para aquelas remotas paragens como autores da fantasiada sedição ou revolta de "*10 de Abril*".

Estes eminentes cidadãos a quem anistia do Poder Legislativo acaba de restituir à Pátria e à família, são os Sr. Marechal Almeida Barreto, Coronel Jacques Ourique, Capitão Miranda, Dr. J. J. Seabra, Campos da Paz, M. Lavrador, José do Patrocínio, e Conde de Leopoldina.

Com quanto a chegada deles no vapor da linha do rio Negro não fosse esperada pela nossa população, que sabia ter seguido há 3 dias para trazê-los à esta cidade um outro vapor, o "*Solimões*", da companhia de Manaus, fretado especialmente por uma casa comercial da nossa praça; mal o "*Madeira*" surgiu no nosso porto, todo embandeirado e soltando foguetes, principiou o povo a correr para o cais, certo de que a bordo estariam, senão todos, alguns dos ilustres patriotas, e desejosos de vê-los e de saudá-los ao porem os pés no solo de Manaus, interditado pelo despotismo do governo àquelas vítimas gloriosas, quando por aqui passaram em caminho do desterro.

E estavam efetivamente à bordo os desterrados do Cucuí; todos, sem exceção de um só, graças à Providência Divina, que não permitiu em sua alta misericórdia que pagasse com a vida, em satisfação aos votos secretos da tirania, quem unicamente cometera o crime de ser brasileiro e de querer, sobretudo, a liberdade da sua Pátria.

Rápido foi o desembarque, pois que, desembaraçado imediatamente o navio, às 10¼ os preclaros cidadãos recolhiam-se acompanhados por imensa multidão de todas as classes sociais ao vasto prédio da rua do Espírito Santo, esquina da rua Quintino Bocaiúva, destinado à alojá-los durante a sua estada entre nós. Só um deles, o Sr. Conde de Leopoldina, tomou alojamento diferente, hospedando-se no "*Hotel de França*".

Vitoriados constantemente pela multidão durante o trajeto e dentro da própria casa, cujas vastas salas e compartimentos foram invadidos e ficaram literalmente cheios, agradeceram pela voz eloquente e naquele momento verdadeiramente inspirada de José do Patrocínio, o exímio jornalista e grande patriota, aquela brilhante e espontânea manifestação que lhes fazia o povo amazonense das suas simpatias e do seu alto apreço.

Pesa-nos sinceramente não podermos registrar nestas colunas a brilhantíssima oração do grande apóstolo da redenção dos cativos, a quem a ditadura do Sr. General Floriano, acaba de sagrar, e aos seus gloriosos companheiros, mártires das liberdades públicas.

Mas nem por isso a esquecerão nunca aqueles que a ouviram, os quais, ao contrário, guardarão bem vivas e profundamente gravadas no coração, mais como uma promessa do que como consolação as palavras de conforto que por si e por seus companheiros ele

dirigia nessa soleníssima ocasião a este nobre e generoso povo amazonense, que também geme, que também não é livre, apesar de tão digno de sê-lo.

Por ocasião do almoço, que foi servido à 1 hora da tarde e ao qual assistiram numerosos cavalheiros das classes mais elevadas da sociedade, foram erguidos muitos brindes, quer por estes, quer pelos ilustres hóspedes.

Nessa ocasião o Sr. Marechal Barreto, o glorioso soldado que tantas vezes tem exposto a sua vida nos campos de batalha, defendendo a honra e a integridade da nossa Pátria, disse com voz comovida que agradecia, as manifestações de que era alvo com seus companheiros, porque elas eram um solene desmentido ao telegrama que daqui enviaram para a Capital Federal dizendo terem sido recebidos com frieza e que é um dos muitos que ali circulam com o dístico – adulação.

Oraram durante o almoço o Dr. Seabra, Coronel Jacques Ourique, Lemos Bastos, Marechal Almeida Barreto, Capitão Miranda e S. da Costa.

Às 5 horas da tarde saíram de carro em passeio pela cidade, no decurso do qual tiveram as redações desta folha e dos nossos ilustrados colegas – "*Estado*" e "*Commércio do Amazonas*". À hora em que escrevemos [7 da noite] começa a iluminar-se a cidade.

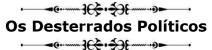
Não podemos encerrar estas linhas destinadas a dar ao leitor ausente uma ideia da recepção que tiveram entre nós os eminentes brasileiros que, primeiros, regressam do cruel desterro, sem consignar dois fatos extremamente condenáveis:

- O Sr. Ten José dos Santos Barbosa comandante da escolta incumbida de vigiar os desterrados do Cucuí, pretendeu opor-se ao embarque deles no vapor "*Madeiras*", sob pretexto de não ter recebido ordem do Sr. Governador para deixá-los partir. A energia do digno Comandante 1° Ten M. de Azevedo, venceu essas dificuldades [...] que muito honra os brios e o patriotismo d'aquele ilustre oficial da nossa Armada.
- Nas manifestações populares aos eminentes brasileiros não compareceu um só indivíduo filiado à situação dominante, nem o Sr. Eduardo Ribeiro dignou-se de mandar alguém cumprimentá-los em seu nome, felicitando-os pela sua boa vinda.

Em vez desse ato de cortesia, o que S. Exª fez foi mandar ao ilustre Gen Almeida Barreto o seguinte ofício, que parece deveria ter sido dirigido a cada um dos ilustres ex-desterrados. Não nos consta que até o presente algum deles tenha aceitado os oferecimentos do Vice-presidente da República. O Sr. Conde de Leopoldina seguiu ontem mesmo com passagem própria:

> Palácio do Governo – Manaus, 18.08.1892.
>
> Sr. Marechal José de Almeida Barreto.
>
> Comunico-vos que de acordo com as ordens do Governo da União expedi nesta data as necessárias providências às agências das Companhia do Amazonas Limitada e Lloyd Brasileiro no sentido de vos ser dada passagem e aos vossos companheiros anistiados até o Pará ou Capital Federal.
>
> Saúde e Fraternidade – E. Gonçalves Ribeiro. (DIÁRIO DE MANÁOS, N° 38)

Commércio do Espírito Santo, n° 625
Vitória, ES, Sexta-feira, 23.09.1892

Os Desterrados Políticos

Chegaram ontem, à capital do Estado do Espírito Santo, os desterrados de Cucuí, a bordo do paquete nacional "*Pernambuco*". Logo que o vapor largou âncoras em frente à cidade, grande número de cavalheiros distintos da sociedade vitoriense seguiram em lanchas e escaleres para bordo do "*Pernambuco*", a fim de saudar os nossos eminentes compatriotas e conduzi-los à terra, onde o povo aglomerado em compacta massa aguardava cheio de ansiedade as ilustres vítimas da cilada de "*10 de abril*".

Acedendo aos desejos do povo, os desterrados resolveram desembarcar, sendo alvos de brilhantíssima manifestação popular ao chegarem à terra, manifestação que tocou a meta do júbilo, desde às 3 horas até às 7 da noite.

O pessoal governista mostrou-se de uma intolerância condenável por ocasião das expansões das simpatias populares aos heroicos defensores dos brios e dignidades Pátrias que regressaram ilesos do cemitério em que a "*Legalidade*" pretendeu sepulta-los vivos. O povo, porém, cheio de nobre altivez cívica, soube repelir com energia os esbirros que pretendiam desvirtuar aquela manifestação e macular o bom nome do povo espírito-santense obrigando-os a guardar respeitosa distância.

Obsequiados com um lanche por cavalheiros da melhor sociedade, reinou, por essa ocasião, a mais perfeita ordem e comunhão de ideias entre os: desterrados e as pessoas presentes, sendo erguidos calorosos vivas à prosperidade da Pátria, aos desterrados e ao brioso povo espírito-santense.

Às 7 horas da noite de ontem regressaram para bordo do "*Pernambuco*" os ilustres viajantes acompanhados de grande massa popular que não cessava de vitoriar os desterrados.

O “*Pernambuco*” saiu hoje pela madrugada do porto da Vitória, devendo amanhecer amanhã neste porto.

O nosso ilustrado colega do “*Commércio do Espírito Santo*” teve a gentileza de transmitir o seguinte telegrama, no qual relata as ocorrências, que acima nos referimos, provocadas pela imprudência do partidarismo selvagem de que estão contaminados os governistas daquele Estado.

> Vitória, 14 – O Marechal Barreto, os Deputados Ourique e Seabra e o Capitão Miranda Carvalho foram aqui alvo de manifestação brilhantíssima [...]
>
> Lanche profuso foi-lhes oferecido pelo povo, sendo interrompidos pelos governistas: oficiais de polícia fardados provocaram o povo, sendo repelidos. À bordo do “*Pernambuco*”, o comandante de polícia, Capitão do Exército Olympio Moreira Castro invectivando com insultos os anistiados, foi repelido por passageiros, que mostraram-se incomodados pelo vexame e susto que o dito capitão, acompanhado de dois oficiais de polícia, causou às famílias, não as respeitando.
>
> O Capitão Olympio, que tinha tomado passagem, foi forçado a desembarcar.
>
> Quando os manifestantes voltaram à terra, foram surpreendidos por um Capitão de polícia de sabre em punho, acompanhado de soldadesca, querendo espaldeirar um respeitado negociante.
>
> Esse mesmo Capitão já tinha sido enxotado de bordo pelos passageiros. O presidente e o chefe de polícia assistiram a todos esses atos reprovados a bordo e aos conflitos em terra.
>
> Os passageiros indignados bem podem informar, louvando a prudência do comandante Ripper. Seguiram todos na madrugada do dia 15. (Redação do Commércio)

Dos ilustres desterrados recebemos igualmente o seguinte despacho:

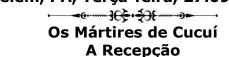
Vitória, 14 – Aqui chegamos e fomos alvo de grande manifestação popular. Em terra a polícia procurou perturbar a ordem e constranger os desterrados, sem no entanto, consegui-lo. À bordo o chefe de polícia e o Comandante Olympio tentaram provocar tumultos, insultando os desterrados.

Repelidos pelos passageiros, incomodados com tão indigno procedimento, retiraram-se para terra, donde enviaram uma força de 20 praças, igualmente repelida por todos.

O Comandante e o pessoal de bordo do paquete portaram-se corretamente nesta emergência, impondo respeito pelos passageiros.

Serenos, calmos, resistimos à todas as violências e agressões mandadas fazer pelo chefe de polícia. Sempre a tirania! (Da "*Cidade do Rio*") (CDES, N° 625)

Correio Paraense, n° 124
Belém, PA, Terça-feira, 27.09.1892

Os Mártires de Cucuí
A Recepção

À bordo do paquete americano "*Segurança*" chegaram ontem à esta capital os Srs. Conde de Leopoldina, Dr. Campos da Paz e o nosso querido chefe e amigo José do Patrocínio, que faziam parte da turma dos beneméritos desterrados para Cucuí, por Decreto ditatorial de "*10 de abril*".

Cerca das 7 horas da manhã largou do cais "*Pharoux*", em direção à barra o confortável vapor "*Ruy Lowndes*", festivamente embandeirado e levando a seu bordo mais de 200 pessoas, que todas ansiosas, iam ao encontro dos ilustres cidadãos que regressavam do desterro.

Imagem 37 – Vapor "Ruy Lowndes" (1891)

Saindo à barra o "*Ruy Lowndes*" fez rumo para o Norte, e às 8 horas, achando-se com as ilhas de Maricá, foi avistado o "*Segurança*".

A alegria que então apoderou-se de todos era indescritível. O paquete americano, impelido pela sua máquina possante, desenvolvia grande velocidade, achando-se dentro de poucos minutos com os portalós ao "*Ruy Lowndes*", que já havia retrocedido em procura da barra. Ao passar o "*Segurança*" pelo pequeno vapor, trocaram-se muitos e, entusiásticos vivas de bordo das duas embarcações, e cumprimentos por meio dos pavilhões e dos apitos das máquinas, conforme o uso do cerimonial marítimo.

Às 9½ horas o "*Segurança*" largou ancoras no fundeadouro ao lado da ilha das Enxadas, zarpando em seguida de bordo do "*Ruy Lowndes*" em direção ao paquete americano a lancha a vapor "*Tijuca*", que recebeu e transportou para aquele vapor o benemérito Conde de Leopoldina e o nosso querido amigo José do Patrocínio, tendo o Ilustre Sr. Dr. Campos da Paz seguido imediatamente em outras embarcações, com pessoas de sua família e amigos, em direção à S. Cristovão.

A Bordo do "Ruy Lowndes"

Não se descreve com precisão a cena comovente da recepção dos dois ilustres brasileiros que acabavam de ser restituídos à Pátria, às alegrias de suas famílias e à veneração dos patriotas e dos amigos sinceros pelas pessoas que se achavam a bordo do "*Ruy Lowndes*".

Todos procuravam à porta ser os primeiros a receber o abraço consolador e eletrizante dos dois ínclitos patriotas, vendo-se estampado na fisionomia daquela multidão metida no apertado bojo do confortável vaporzinho, a expansão da mais franca alegria, ungida pelas lágrimas de muitos que não puderam vencer a forte emoção produzida com a vista dos dois ingentes defensores da verdadeira causa de nossa Pátria e da República.

Depois desta cena tocante, em que os distintos compatriotas nossos puderam aquilatar a intensidade da estima pública que os acerca e ampara, foi servido champanhe, trocando-se muitos brindes entre aqueles que regressavam do desterro mais heroico, mais puros e mais amparados pelo conceito da opinião nacional e os amigos que os foram saudar à boca da barra.

Em Terra

De bordo do "*Ruy Lowndes*" zarpou para o cais Pharoux a lancha "*Tijuca*", conduzindo a seu bordo o grande apóstolo da honra e das liberdades Pátrias, José do Patrocínio, o nosso companheiro Serpa Júnior, o heroico chefe da gloriosa Confederação Abolicionista João Clapp e o pessoal desta folha.

No cais Pharoux foi José do Patrocínio recebido por grande massa popular, que o vitoriou freneticamente, sendo ai abraçado por muitos amigos, que não podendo alcançar a partida do "*Ruy Lowndes*" aguardavam em terra a chegada do ilustre brasileiro e grande patriota.

Para evitar maiores demonstrações de simpatias por parte do povo, que, a despeito do tempo frio e chuvoso, começava cada vez mais aglomerar-se ao longo do cais e na praça, o nosso chefe, acompanhado dos nossos amigos Serpa Júnior, João Clapp e Orozimbo de Muniz Barreto, tomou um carro descoberto, destinado por seus amigos para conduzi-lo à cidade, puxado por uma soberba parelha de cavalos de raça, sendo acompanhado em outro carro pelo pessoal da "*Cidade do Rio*".

Dirigindo-se todos para a residência do nosso companheiro Serpa Júnior, na rua do Marques de Olinda, foi ali Patrocínio carinhosamente recebido, sendo depois servido o almoço.

Durante o dia José do Patrocínio permaneceu em casa do Serpa, onde recebeu crescido número de amigos que o foram visitar, retirando-se à noite para a casa de sua residência, à rua do Riachuelo.

A "*Cidade do Rio*" veste hoje rigorosa gala para festejar o regresso do seu querido pai espiritual. [da Cidade do Rio] (CORREIO PARAENSE, N° 124)

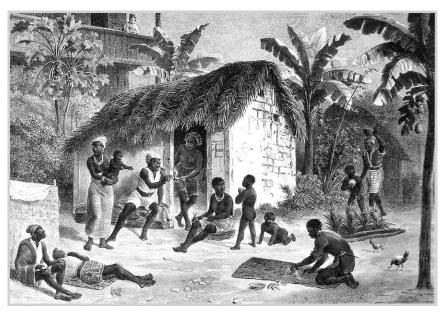



Imagem 38 – Senzala (Johann Moritz Rugendas)

A Canção do Africano
(Castro Alves)

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o Sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!"

"O Sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!"

"Aquelas terras tão grandes,
Tão compridas como o Mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar..."

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

....

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do Sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

Marabitanas/São Gabriel da Cachoeira (SGC)

Relatos Pretéritos – Marabitanas

Depois que os portugueses tomaram conhecimento da existência do Cassiquiare, que possibilitava o acesso à Bacia do Rio Negro através da Bacia do Orenoco, resolveram imediatamente diminuir a vulnerabilidade da região construindo os Fortes de São Gabriel da Cachoeira e São José dos Marabitanas. As construções foram determinadas pelo Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Manuel Bernardo de Melo e Castro.

O Capitão Phillip Sturm, Engenheiro Militar alemão a serviço de Portugal, logo depois de ter iniciado a construção do Forte de São Gabriel da Cachoeira, em janeiro de 1763, subiu o Rio com o objetivo de escolher o melhor local para a construção de um outro forte.

O objetivo da construção do novo Forte era confrontar o "*Fortín de San Carlos*" e o "*Fortín de San Hernando*", erguidos por forças espanholas logo acima de Cucuí, no território que hoje pertence à Colômbia, além de proteger a navegação portuguesa naquelas águas e reprimir os ataques indígenas.

O local escolhido por Sturm, na margem direita do Rio Negro, cerca de quinze quilômetros a jusante de Cucuí, foi uma pequena ponta de terra que avançava Rio adentro e permitia vigiar o Rio tanto a montante quanto a jusante. No local existia um aldeamento dos Marabitanas, e as obras foram iniciadas ainda no ano de 1763.

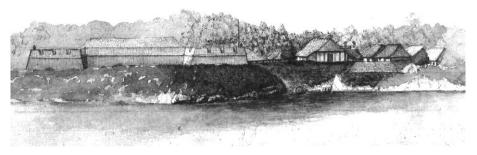



Imagem 39 – Marabitanas (Alexandre R. Ferreira, 1783)

Existe no "*Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*" uma planta colorida assinada pelo Capitão Phillip Sturm – "*Planta da nova Fortaleza dos Marabitanas, 1767*".

José Monteiro de Noronha (1768)

193. Navegando-se mais nove léguas, se chegará à Fortaleza de São José dos Marabitanas, fundada na margem Austral do Rio Negro em 59°22'20" de Latitude Boreal. Neste sítio está também uma Povoação de índios das nações Arihini e Marabitana, chamada comumente por corrupção, Marabitena. Esta Povoação é a última colônia dos domínios portugueses no Rio Negro. Entre ela e a Barra do Ixié não há Rio ou Riacho algum na margem Austral do Negro. Na do Norte, deságuam o Riacho do principal Beturu, o Rio Demiti, e os Riachos Uibará e Bonité, quase fronteiro à Fortaleza. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Pelas 11h00 deste dia ([91]), cheguei à Fortaleza de São José de Marabitanas, situada na margem Austral. Foi fundada no princípio da Povoação, sobre uma barreira de argila bem avermelhada, entremea-

[91] 14 de novembro de 1783.

da de pedras que a fazem mais firme. Tinha de largura quatro braças escassas. Defronte da porta da Fortaleza, está situada a Matriz com frente para o Rio entre a residência do Reverendo Vigário e do defunto índio o Capitão Agostinho, o qual faleceu das sezões que trouxe do Rio Uaupés. [...] Desenhou a Fortaleza [...] o Capitão Engenheiro Filippe Sturm. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar sujeito à jurisdição da Vila de Thomar e assentado em um cotovelo de terra que pouco boja ([92]) na margem direita do Rio Negro nove léguas acima da Foz do Rio Xié, e 245,5 léguas acima da Embocadura do Rio Negro. Este Lugar é o que está mais contíguo ao final Termo do Rio Negro e não é tão salubre como o de São Gabriel da Cachoeira. A sua posição geográfica é o paralelo aquilonar ([93]) 01°38', cortado pelo Meridiano ([94]) **309°40'**. [...] Chegou a ter 1.580 fogos, hoje só patenteia 22.

O Dr. Iran Carlos Stalliviere Corrêa, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), faz uma minudente explicação a respeito

> **Antes de Greenwich**: como se sabe, o Meridiano de Greenwich é usado como ponto de partida para a contagem dos graus de Longitude. Mas nem sempre foi dessa maneira. Em seu Tratado de "*Geographia Universal, Physica, Historica e Política*", publicado em 1858, Balbi descreve a contagem a partir do Meridiano de Greenwich como:

---

[92] Boja: se salienta.

[93] Aquilonar: Norte.

[94] Meridiano: as Longitudes partiam de 0° – do Observatório de Coimbra ou Lisboa – até 360° no sentido crescente do Ocidente para o Oriente.

> Os graus de Longitude, contados de um Meridiano de convenção, a que chamam primeiro Meridiano, apresentam dois modos de contagem, a saber: ou até 360° começando do primeiro Meridiano para o Oriente até o encontrar pela parte Ocidental, ou até 180° para a parte Oriental, e até outros 180° para a parte Ocidental, e em caso tal é mister que se declare expressamente se a Longitude é Oriental ou Ocidental.

Quanto a um Meridiano de convenção, convém saber, que Ptolomeu adotou o Meridiano das ilhas Afortunadas ou ilhas Canárias, por estas ilhas se acharem no limite Ocidental dos países conhecidos naquele tempo. Entretanto Luís XIII, Rei de França, determinou por Decreto aos geógrafos franceses de referirem as Longitudes ao Meridiano da ilha de Ferro, que é a ilha mais Ocidental do arquipélago das Canárias.

Os holandeses, por sua vez, adaptaram o Meridiano do Pico de Tenerife; enquanto que Gerardo Mercator, célebre geógrafo, escolheu o Meridiano da ilha do Corvo no Arquipélago dos Açores, porque observou que nesta localidade a declinação magnética era igual a zero. Outros países estabeleceram, como Meridiano de referência, o Meridiano que passava por seus observatórios. Os franceses reportam-se ao Meridiano do observatório de Paris, os ingleses ao de Greenwich, os espanhóis ao de Cádis, e os portugueses ao de Coimbra ou ao de Lisboa. ([95])

Como se vê, era uma tremenda confusão, naquela época, para se determinar que Meridiano deveria ser considerado para a contagem dos graus de Longitude.

Após Greenwich: Apesar da confusão em relação ao Meridiano principal, já no ano de 1884 mais de um terços dos navios usavam o Meridiano de

---

[95] Os brasileiros, por sua vez, optaram pelo Meridiano do Observatório do Rio de Janeiro.

Greenwich como referência de Longitude. No mês de outubro de 1884, sob os auspícios de Chester A. Arthur, então Presidente dos Estados Unidos, 41 delegados de 25 nações se encontraram em Washington, DC, para a Conferência Internacional do Meridiano. Esta Conferência selecionou o Meridiano de Greenwich como Meridiano principal, devido à sua popularidade.

Votaram em favor do Meridiano de Greenwich o Império Austro-Húngaro, o Chile, a Colômbia, a Costa Rica, a Alemanha, o Reino Unido, a Guatemala, o Hawaii, a Itália, o Japão, a Libéria, o México, os Países Baixos, o Paraguai, a Rússia, a Espanha, a Suécia, a Suíça e a Turquia. O Brasil e a França, todavia, abstiveram-se do voto [por várias décadas ainda, os mapas franceses permaneceram usando o Meridiano de Paris como Meridiano zero] e a República Dominicana votou contra. Os representantes dos Estados Unidos, da Venezuela e de El Salvador faltaram à votação. (CORRÊA)

A Igreja foi dedicada a São José pelos missionários Carmelitas, e constituída Matriz daquele Distrito. Acha-se metade dela desmembrada pelo pouco desvelo no culto divino, que é quem tolera o mofino e indecoroso estado dos edifícios destinados aos atos públicos de religião devidos por gratidão e esperança a um Deus ordenador do imenso globo do universo. Na falta de Vigário nas Vilas de Barcelos a de Thomar e nos lugares do Alto Rio Negro, e nos do Rio Branco, foi incumbido o Vigário deste Lugar de Marabitanas de pastorear todas as Igrejas de Poiares inclusive para cima e as do Rio Branco; e note-se que a Igreja de Marabitanas está alongada ([96]) da de Poiares 167,5 léguas e da de São Joaquim do Rio Branco 287,5.

[96] Alongada: distanciada.

Os silvícolas Marabitanas, que povoaram esta terra de fogo morto ([97]), deram na ocasião a tomar deles este vocábulo, o qual a enunciação vulgar transmitiu em Marabitanas. As terras manifestaram todos os sinais de não serem infernais, e o grande corpo de casas que já teve o prova.

Quase circundado por este lugar está um Forte de madeira replenado ([98]) de terra de igual denominação à do mesmo lugar cuja figura é um quadrado, do qual o lado sobre o Rio tem dois baluartes com seu terrapleno e doze cachoeiras; o resto do perímetro é um muro dividido em seteiras para a espingardaria ([99]), e o lado oposto ao dos baluartes faz no centro um redente ([100]). Externamente tem quatro baterias: a 1ª de São Pedro, a 2ª de São Luiz, a 3ª de São Simão e a 4ª de São Miguel; destas, a 2ª e a 3ª não podem faltar no tempo da enchente do Rio porque ficam imersas.

Esta Fortificação foi mal concebida; e está mais mal conservada, exceto o Quartel e a casa da pólvora; o seu mesmo armamento era artilharia, que consta de 19 peças de ferro dos calibres de 4, de 3, de 2½, e de 1½, só apresenta quatro capazes de laborar. Dentro deste Forte há um poço de pedra, que tem notável curiosidade de água nativa. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1851)

No dia seguinte ([101]), chegamos a Marabitanas, uma Fortificação fronteiriça brasileira. Aí só restam atualmente os remanescentes de uma muralha de barro e um pequeno Destacamento de soldados.

---

[97] De fogo morto: onde não havia uma só moradia.
[98] Replenado: repleto.
[99] Espingardaria: gente armada de espingardas.
[100] Redente: entricheiramento em forma de ângulo saliente.
[101] No dia seguinte: 31.01.1851.

Como o Comandante não se encontrava nesse local, paramos aí apenas o tempo suficiente para comprar algumas bananas. [...] Como a corrente era fortíssima, viajamos muito rapidamente, tanto que percorremos em três dias uma distância que nos custou nove dias na ida, ou seja, de Tomo ([102]) a Marabitanas. Nesta última, passei uma semana [abril de 1851] em companhia do Comandante local, o qual tinha feito esse convite quando nos encontramos pela primeira vez em Guia.

Minhas coleções não aumentaram grande coisa durante a estada em Marabitanas. Não havendo trilhas na floresta, não consegui apanhar insetos e quase não encontrei pássaros que valesse a pena abater. Trouxeram-me, contudo, alguns interessantes roedores de pelos artiformes, e um bonito passarinho que tem no corpo uma curiosa mancha branca, sendo por isso chamado "*ciuci-uera*", que significa pássaro estrela. [...]

Os habitantes de Marabitanas são famosos pelas suas festas. [...] Nessas ocasiões eles consomem enormes quantidades de aguardente destilada de cana ou de mandioca. Assisti a uma dessas festas enquanto aqui permaneci e constatei que de fato eles consumiram cerca de um barril dessa fortíssima bebida. [...] A gente praticamente não parava de beber pois, quando acabava de sorver um gole, lá vinha outro índio com sua garrafa, e começava tudo de novo. E a coisa continuava desse modo por dois ou três dias seguidos. Quando a festa termina, voltam todos para os seus sítios, mas aí já começam os preparativos para a próxima comemoração na qual será consumida a aguardente que em poucos dias já começará a ser armazenada.

---

[102] Tomo: Vila de Thomar.

Mais ou menos uma ou duas semanas antes de cada festa – que sempre coincide com um dia Santo da Igreja Católica Romana – um grupo de dez ou doze moradores sai de canoa pelos arredores, visitando todos os sítios e aldeias indígenas situadas num raio de 50 a 100 milhas, levando consigo a imagem do Santo a ser homenageado, diversas bandeiras e alguns instrumentos musicais. O grupo é bem recebido em cada casa por que passa. Os moradores fazem questão de beijar o Santo e dar algum presente para sua comemoração. O presente pode ser um frango, ou alguns ovos, ou um cacho de bananas, ou até mesmo dinheiro. É comum reservarem animais ainda vivos para servirem de presente a um determinado Santo. Aconteceu-me muitas vezes chegar a um sítio para comprar provisões e receber respostas como "*aquele porco é o de São João*", ou "*esses frangos pertencem ao Divino Espírito Santo*", etc.

Depois de despedir-me do Comandante, Senhor Tenente Felisberto Correia de Araújo, pelo qual fui tratado com a maior cortesia e hospitalidade, segui para Guia, onde cheguei no final de abril. (WALLACE)

Richard Spruce (1853)

No dia 8 de março de 1853, deixamos Panuré e, após uma viagem de treze dias chegamos a Marabitanas às nove horas do dia 21. Encontrei poucas plantas em flor, mas algumas estavam com frutos. A vegetação do Alto Rio Negro me pareceu semelhante à do Uaupés. Na floresta, aqui e ali, aparecia um japura ([103]), ostentando sua rubra copa larga e redonda apinhada de frutos.

[103] Japura (Erisma japura Spruce ex Warm): árvore da família Vochysiaceae, conhecida como: guaruba-branca, japorá, Japurá ou quaruba-branca. Árvore de porte médio a alto, de tronco bem desenvolvido, ramos jovens de secção quadrangular e algo deprimidos

A água apresentava considerável mistura de lodo, sem dúvida devido ao fato de o Rio estar subindo depressa, mas possivelmente, também, devido à proximidade da Foz do Cassiquiare.
Começamos aqui por ser visitados, por volta do pôr do Sol e, enquanto havia clarão de luar, por um mosquitinho preto quase silencioso, mas que picava violentamente. Por sorte, não era grande o número desses insetos.

Em Marabitanas vi uma árvore de retama ([104]), plantada próxima à casa do Comandante.

Os índios costumam perfurar os endocarpos duros, que têm o mesmo formato das drupas, amarrando-os em torno dos tornozelos, para que eles fiquem chocalhando durante as danças.

Em Marabitanas, bem como em vários outros locais, notei que as galinhas ficavam vigiando os mamoeiros-machos, aguardando que suas flores caíssem numa espécie de chuva, pondo-se então a devorá-las. Essa chuva de flores ocorria especialmente no final da tarde.

A tribo dos Macus é uma das poucas de índios nômades existentes na floresta da Amazônia. Eles são encontrados em quase toda a extensão do Rio Negro, especialmente em sua margem Ocidental. Duas meninas Macus aprisionadas numa Expedição

---

nos entrenós. O cheiro do fruto é desagradável e persistente. (FERRÃO)

[104] Retama: Thevetia nerrfolia, Juss. Retama (Thevetia nerrfolia): planta da família das Apocynaceae. Todas as partes da planta são tóxicas. A toxicidade do vegetal se deve, principalmente, aos glicosídeos cardioativos (tevetina, tevetoxina e neriifolina). O contato do látex com a mucosa digestiva produz dores e queimação na boca, náuseas, vômitos, cólicas e diarréia. O contato do látex com a mucosa ocular, causa irritação com lacrimejamento, fotofobia e congestão conjuntival. Podem ocorrer, com menor frequência, distúrbios cardíacos após ingestão de grandes porções da planta.

de pilhagem, realizada nas cabeceiras do Içana, tinham sido recentemente compradas pelo Comandante de Marabitanas quando o visitei, em julho de 1853.

Os poucos homens pertencentes a essa nação que eu tinha visto eram, em sua maior parte, representantes tão miseráveis da espécie humana, que fiquei extremamente surpreso por constatar, no semblante da mais velha, um dos traços faciais mais finos que vi, levando-me a supor que, apesar de sua tez bronzeada, deveria correr sangue branco em suas veias. [...]

Enquanto estive aqui, encontrei um jovem natural de Uruana, no Orenoco. Foi nesse local que Humboldt disse ter visto gente que comia terra. Esse sujeito, porém, disse nunca ter presenciado tal fato, demonstrando incredulidade quanto a sua veracidade Não obstante, no Alto Rio Negro, especialmente nesta localidade de Marabitanas, os índios ocasionalmente comem a argila branca [aqui chamada de tabatinga] que costuma ficar exposta em alguns trechos das margens dos Rios durante a estação seca.

Essa argila é rodada nas mãos até se transformar em pequenas bolas, e depois assada no fogo até começar a avermelhar, podendo então ser comida, sem necessidade de ser mergulhada em água. Trata-se de uma prática ocasional, pois os índios não consideram que a argila constitua alimento capaz de sustentar a vida.

As crianças do Rio Negro têm o mau hábito de comer terra, e por causa disso muitas delas vêm a morrer. Para curá-las desse vício, algumas são dependuradas no teto dentro de cestas, somente podendo descer em determinadas horas, especialmente nos horários das refeições. (SPRUCE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Partimos de São Felipe no dia 23 ([105]), às onze horas. Às 13h45, passamos à margem esquerda pela Foz do Içana; na madrugada do dia seguinte ([106]) pela do Xié; às 13h00 pela do Dimiti, chegando, às 16h00, a Marabitanas ([107]), povoado à margem direita com 13 casas das quais só uma estava ocupada, pelo venezuelano Félix Martins, que nela reside há dois anos com a sua família.

Visitamos a antiga Capela e o povoado cujas casas abandonadas só se abrem por ocasião das festas religiosas, para receberem os moradores da redondeza. Nosso operador José Louro filmou o povoado e o local onde existiu o antigo Forte, que foi construído ao mesmo tempo que o de São Gabriel, de ordem do Governador do Pará. No dizer de Baena, "*foi mal concebido e pior conservado*". Possui quatro baterias, de nome: São Luís, São Paulo, São Pedro e São Miguel. Era armado com 19 canhões de ferro. (SOUSA)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Deixamos Cucuí às 09h12 da manhã (13.07.1949). Levo comigo o Graciliano, meu companheiro desde Uaupés. A viagem de descida foi ótima. Ao passar por Marabitanas, mostraram-me o lugar do antigo Forte dos portugueses. Aqui por perto deve ter existido o Arraial de Avidá, onde o jesuíta Manoel Romão, superior das missões espanholas do Orenoco, aportou em 1744, trazido por Xavier de Morais.

---

[105] 23 de setembro de 1928.
[106] 24 de setembro de 1928
[107] Marabitanas: São José.

Foi ele o primeiro castelhano a penetrar nestas paragens, demonstrando grande surpresa por não ter encontrado aqui os gigantes que povoaram a região, conforme crença geral entre os índios e espanhóis da Venezuela. (CARVALHO)

Relatos Pretéritos – São Marcelino (Foz do Xié)

Situado na margem direita do Rio Negro, margem esquerda da Foz do Xié.

José Monteiro de Noronha (1768)

192. Quatro léguas acima da dita Povoação, sem deixar qualquer outro Rio ou Riacho nas duas margens do Negro, deságua na Austral dele o Rio Uexié, a que os brancos chamam comumente Ixié, e a que o Senhor de Condamine deu, no seu mapa, o nome de Ijié. O curso deste Rio é paralelo ao do Içana e Negro. Entre ele e o Içana há uma grande Serra chamada Tunuí. Todo o Rio é habitado de índios das nações Baniwa, Capuena, Warekena, Mendó e outras. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Eram 05h30 da manhã de 6 ([108]), quando naveguei Rio acima; e pelas 16h00 cheguei à Povoação de São Batista do Mabé. [...] Saí dela ao amanhecer do dia 7 ([89]), atravessei para a margem Austral e, pelas 10h00, entrei na Povoação de São Marcelino, situada na Foz do Rio Ixié. Foi fundado no ano de 1784 pelo Comandante da Fortaleza de São Gabriel. Fundou-se por ordem que de V. Ex.ª. recebeu, a qual lhe foi participada em carta de 09.10.1785, para com este novo estabelecimento guarnecer a Boca do Rio [...]

---

[108] 6 e 7 de novembro de 1783.

Amanheceu o dia de 8 ([109]), e cada partida seguiu o seu rumo: principiei a subir pelo Ixié, pelas 06h00, e de cada margem observei três roças plantadas de maniba, incluídas nelas a do comércio, a sétima se havia dado ao principal.

A água do Rio é clara, o seu curso paralelo ao do Içana, mas a largura é menor, e em partes é tão estreito que nenhuma diferença tem de qualquer Igarapé; vi algumas, por ambas as margens, mas raras, são as pedras e os baixios; tratei de subir a cachoeira sem demora, e cheguei a ela pelos três quartos às 10h00 de 10 ([90]).

Apenas saltei na praia ([110]), que lhe ficava inferior, reconheci na areia os rastros das onças de que abundam; queria logo proceder aos meus exames, quando me advertiu o índio piloto, que antes deles destacasse sentinelas precisas, porque o gentio Uerequena as tinha sempre avançadas neste passo, para ser informado das canoas que chegavam, e segundo as forças, que nelas reconheciam, e de que davam parte as espias, assim se resolviam a abalroá-las ou não.

Destaquei as duas, que tinha, e retirei-me da beira do Rio, passando a fundear entre as duas praias descobertas, para não sermos surpreendidos de chofre. Passei o dia e a noite sem novidade. Reconheci à minha vontade a dita cachoeira, a qual atravessava o Rio com bastantes saltos e não tem Canal vazante. Então é preciso descarregar as canoas e varar por cima das pedras por qualquer das duas margens; outro tanto não é preciso na enchente, porque sobem e descem pelo Canal da margem Austral.

[109] 8 e 10 de novembro de 1783.
[110] 29 de janeiro de 1851.

As pedras são de um saxo esverdinhado; dela para cima há bastante piaçaba; e os que continuarem a subir navegarão pelo espaço de oito dias, e concluídos eles entrarão por um Igarapé da margem Boreal; seguem por ele acima com demora de dia e meio até dois dias, de onde fazem por terra o trajeto de dia e meio para seguirem acima de São Carlos. O gentio, que os habita, são os Banibas, Xapuenas, Uerequenas, Mendós e outros.

Entrei e sai do Ixié dentro de seis dias. Pelas 07h00 de 13 ([111]), deixei a Povoação de São Marcelino, e os primeiros roçados que vi no Rio Negro foram os que mandou fazer e plantar o sobredito Alferes ([112]), a saber, dois na margem Austral e três na Setentrional; tinha intenção de desmanchar em fevereiro passado. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar sujeito à jurisdição da Vila de Thomar, e situado sobre terra prominente ([113]) à ribeira esquerda da Foz do Rio Xié, que jaz na margem Austral do Rio Negro 234,5 léguas acima da sua Foz. Fazem a sua população dois mamelucos, cinco mamelucas, 20 índios e 13 índias. Fogos 6: remanescente de 400, que teve. A Igreja, que era dedicada a São Marcelino, jaz lançada por terra: dela ainda há vestígios. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1851)

No dia 29 ([114]), por volta do meio-dia, ultrapassamos a barra do Rio Xié, um curso de águas negras de largura razoável e não muito longo. Desenvolve-se

[111] 13 de novembro de 1783.
[112] Alferes Basílio José de Almeida.
[113] Prominente: elevada.
[114] 29 de janeiro 1851.

nele um incipiente comércio. Os indígenas que habitam suas margens são pouco conhecidos e selvagens. (WALLACE)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Passamos por São Marcelino às 14h00 ([115]). Fundado por Lobo d'Almada em 1784, com o fito de evitar excursões espanholas para o Sul, é um lugarejo com cinco casas de palha ou barro, todas abandonadas no momento. Vimos sinais de festas ou fogueiras de São João e São Pedro. Existe ali uma Capela com sino e um altar de madeira. Após colhermos alguns abios ([116]), atravessamos o Xié, penetrando num Paraná-mirim e ganhando novamente o Rio Negro. Passamos por baixo de uma árvore com frutos, dos quais se alimentavam dois anambés azuis ([117]). (CARVALHO)

Relatos Pretéritos – Mabé

Margem esquerda do Rio Negro entre a Foz do Rio Xié e do Içana.

José Monteiro de Noronha (1768)

191. Segue-se à Barra do Rio Içana, na distância de 12 léguas, a Povoação de São João Baptista do Mabé, também habitada por índios da nação Baniwa e fundada na margem Setentrional do Rio Negro [...]. (NORONHA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar situado dentro do Termo da Vila de Thomar sobre um campo largo e sobranceiro na margem esquerda do Rio Negro 229,5 léguas acima da sua Foz.

---

[115] 14h00: 07 de julho de 1949.
[116] Abios: Pouteria caimito – frutos do abieiro.
[117] Anambés azuis: Cotinga cayana.

31 índios e 38 índias fazem a população deste Lugar, cuja situação é idônea ([118]) para a saúde e deleitável aos olhos. Teve 480 fogos, restam quatro. São João Batista é o Orago ([119]) da Igreja. Acha-se esta derruída ([120]) pela incúria; o mato lhe tolda o sítio onde esteve. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1851)

No dia 27 ([103]), saímos de Guia, remando contra a corrente. A canoa fora calafetada recentemente, mesmo assim, fazia muita água. Isso fez com que eu ficasse o tempo todo ocupado em esvaziá-la com um balde. À tarde, quando paramos para jantar, examinei-a detidamente até descobrir a causa do vazamento. A pesada carga era suportada por um pequeno estrado, que consistia numa plataforma apoiada sobre vigas cruzadas, no fundo da canoa. As extremidades dessas vigas haviam sido cuidadosamente encaixadas numa junta da embarcação, de modo que o peso da carga tendia a forçar o fundo, produzindo consequentemente o vazamento. Em vista disso, fui obrigado a descarregar todas as bagagens e recolocar as vigas de modo mais apropriado. Feito isso, o vazamento diminuiu consideravelmente.

No dia 28 ([121]), à tarde, arribamos no Vilarejo de Mabé. Não poderíamos ter escolhido melhor hora, pois os moradores acabavam de voltar de uma Expedição de pesca, trazendo consigo grande quantidade de peixes que haviam obtido envenenando as águas de um Igarapé vizinho. Compramos bastante para o jantar e o almoço do dia seguinte.

---

[118] Idônea: favorável.
[119] Orago: Santo da invocação.
[120] Derruída: arruinada.
[121] 27 e 28 de janeiro de 1851.

Diversos desses peixes eram-me inteiramente desconhecidos. Entre eles havia um pequeno espécime muito curioso, aparentado com o Centrarcus. Disseram-me que se chamava peixe-borboleta ([122]), em virtude do extraordinário desenvolvimento de suas nadadeiras e das belas faixas coloridas que ornavam seu corpo. (WALLACE)

Relatos Pretéritos – Nossa Senhora da Guia

Povoação a montante da Foz do Içana e margem direita do Rio Negro.

José Monteiro de Noronha (1768)

190. Na Barra, e margem Setentrional do Içana, está situada a Povoação de São Miguel do Iparana, habitada de índios da nação Baniwa e, na margem Austral do Rio Negro, imediatamente superior ao Içana e mui vizinha à Povoação de São Miguel, está a de Nossa Senhora da Guia, habitada dos mesmos Baniwas. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Foi-me preciso esperar que chegasse o soldado que eu havia destacado para a Povoação de Nossa Senhora da Guia, incumbido de nela fazer aprontar-me a montaria de que necessitava. Chegou pelas 11h00 ([123]), e tendo-me eu resolvido a dividir em duas partidas o corpo da minha Expedição, no desígnio de ambas a um tempo se empregarem em diversos trabalhos, desta minha resolução fiz participante ao desenhador José Joaquim Freire, em carta datada do mesmo dia [...].

---

[122] Peixe-borboleta: Carnegiella strigata.
[123] 11h00: 29 de outubro de 1783.

Pelas 11h00, principiei a subir pelo Içana, e pouco mais clara me pareceu a sua água do que a do Rio Negro; a sua entrada mais larga é do que a sua continuação; e do seu curso está escrito, que desce de Leste para Oeste, paralelo ao Uaupés e Ixié; é mais estreito do que o Uaupés e por isso, a meu ver, mais sombrio e veloz que ele. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar pertencente ao Termo da Vila de Thomar, e assentado sobre um outeiro ([124]) próximo da Boca do Rio Içana na margem direita do Rio Negro 217,5 léguas acima da sua Foz. Moram ali 09 mamelucos, sete mamelucas, 46 índios, 65 índias. A Igreja é consagrada a Nossa Senhora da Guia; ela é coberta com folhagem e desordenadíssima; foi erguida pelos moradores pouco depois de ter caído a primeira. O número de 600 fogos, de que se compunha, reduziu-se a 8. Junto ao portelo ([125]) deste Lugar jaz a décima sexta ([126]), que é a derradeira na parte superior do Rio. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

No dia 24 de outubro, nas primeiras horas da manhã, alcançamos a Vila de N. Srª da Guia, onde residia o Sr. Lima, que me convidou a permanecer ali em sua companhia por quanto tempo quisesse. A Povoação está situada em terreno alto e inclinado que descamba subitamente na direção do Rio. As casas não passam de cabanas de barro cobertas de folhas de palmeira. Algumas são caiadas enquanto que outras conservam a cor natural da terra. Logo atrás dela, estendem-se terras baixas e arenosas, recobertas de vegetação arbustiva, atrás das quais descorti-

---

[124] Outeiro: pequena elevação de terreno.
[125] Ao portelo: à angostura, à garganta.
[126] Décima sexta: cachoeira.

na-se a floresta. A residência de Lima era dotada de portas de madeira e persianas nas janelas. Só mais uma ou duas casas possuíam tais melhoramentos. O fato é que Guia já fora outrora uma Vila populosa e florescente. Agora, porém, reduzira-se à mesma situação de decadência e pobreza que caracterizava todas as outras Povoações deste Rio [...]
Um pouco abaixo da Vila, entramos no Rio Içana, que tem cerca de meia milha de largura. À tarde alcançamos a Barra do Riacho Cubate [nome de um peixe], na margem Meridional, pelo qual subimos. Até então, as margens eram todas revestidas por densa floresta, avistando-se aqui e ali umas colinas baixas inteiramente recobertas por árvores enormes. Neste ponto, a região passou a mostrar-se arbustiva e cerrada.

Alguns trechos arenosos, quase inteiramente desnudos, eram planos e davam indícios de ficar inundados durante as cheias mais altas. A água era mais negra do que nunca, fluindo rapidamente num leito de menos de 50 jardas de largura. O curso do Rio era todo cheio de meandros, fazendo com que nosso avanço fosse tão difícil como tedioso. À noite, paramos numa clareira arenosa e tivemos de fincar estacas no chão para que pudéssemos pendurar nossas redes. [...]

Fiquei deveras impressionado com uma das moradoras desse local, uma velha índia cuja pele consistia em uma densa massa de profundas rugas, e cujos cabelos, inteiramente brancos, revelam seguramente uma avançadíssima idade, visto que sua raça dificilmente encanece. Pelas informações que obtive, ela deveria ter mais de cem anos de idade!

Morava ali também uma jovem mameluca, muito bonita e simpática, com uma expressão particularmente inteligente e serena, raramente encon-

trada nas pessoas desse tipo racial. Logo que a vi, fiquei imaginando se não seria ela a jovem de quem o Senhor Lima me falara, dizendo tratar-se da filha que o célebre naturalista alemão Natterer tivera com uma índia. (WALLACE)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Chegamos à Boca do Içana hora e meia após a partida da Povoação ([127]). Paramos na casa onde reside o encarregado do Posto Indígena do Içana, Senhor Alcides que, no momento, acompanhava um regatão colombiano subindo o Rio, com o destino ao Cuiari ([128]). Neste trecho o Rio tem longos estirões, com mata alta e grossa. [...] É muito mais agradável descer o Rio do que subir ([129]). O esforço é menor, sem que tenha aquela preocupação de atingir o pouso certo ou se arriscar a dormir na mata. Até o humor dos remadores é sensivelmente melhorado. Deixamos Piraiauara com o tempo muito carregado. A chuva veio logo até o meio-dia. Andamos largo trecho do Içana, acocorados na canoa, despidos. O pequeno encerado que tínhamos, mal dava para cobrir nossas malas e objetos de uso. (CARVALHO)

Relatos Pretéritos – São Felipe

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Pelas 13h00 (28.10.1783), segui viagem, costeando a margem Austral e, às 16h00, deixei na do Norte o Lugarejo de Santana: ainda estavam em pé quatro palhoças desertas: com as diligências do Uaupés, ausentaram-se para o mato os índios que a povoavam: o mesmo fizeram os da outra Povoação de São Felipe, aonde aportei para pernoitar.

---

[127] Povoação: São Felipe.
[128] Cuiari: 22 de junho de 1949.
[129] 03 de julho de 1949.

Está situada ao longo de uma vistosa praia da margem Austral [...] Na praia dessa Povoação, achei enterradas as pontas das flechas que faziam de pedra os gentios de outro tempo. Em todas as suas imediações, há bastante ibirapiranga ([130]), ou pau-vermelho ([131]), e nelas se corta a maior parte dos toros, que se trabalham na Capitania. [...] não basta que haja as madeiras de estima, mas é também preciso que as haja e se conservem nos lugares mais próximos, e que pela sua proximidade facilitem a sua condução: de outro modo vem a impossibilitar-se pelo tempo adiante a sua extração. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar pouco arredado da Foz do Rio Içana, e situado na margem direita do Rio Negro 213 léguas acima da Foz. Conta 09 mamelucos, 07 mamelucas, 19 índios e 27 índias. Remanescem 04 fogos de 320, que teve. Boa escolha fizeram os Missionários Carmelitas desta situação para fundarem uma Igreja que dedicaram a São Filipe. A dita Igreja inexiste há muito tempo e raros apontam o plano do sítio, que ela ocupou. (BAENA)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Às 13h00 de 22 ([132]), chegamos a S. Felipe, Povoado à margem direita, pouco abaixo da Foz do Içana. Floresceu no tempo do Sr. Germano Garrido, falecido em 1921. Pertence, hoje, aos seus herdeiros, irmãos Valentim, Fortunato e Hildebrando. Pavoroso incêndio devorou, em 1925, quase todas as casas do povoado e 3.000 quilos de balata ([133]) que estavam ar-

[130] Ibirapiranga: Caesalpinia echinata.
[131] Pau-vermelho: Pau-brasil.
[132] 22 de setembro de 1928.
[133] Balata: látex retirado da balateira ou maparajuba – Manilkara bidentata.

mazenados.
Os irmãos Garrido, apesar do grande prejuízo que sofreram, já reconstruíram 5 casas. [...]
Na manhã de 07 ([134]), aportamos novamente em São Felipe, aproveitando o resto do dia para organizar a Expedição ao Rio Içana. Partimos de São Felipe às 08h45 do dia 08 ([115]), depois de despacharmos o nosso motogodile para São Gabriel, com o rádio operador Barbosa, a fim de substituir o eixo que se quebrara em Cumati-cachoeira, no Rio Xié. Viajamos no motogodile do S.P.I., levando a reboque uma canoa.

Às 11h00, entramos no Içana, cuja largura na Foz é de 530 metros, sendo aí, suas águas escuras como as do Rio Negro. Suas margens são baixas; mais para o fundo, são altas e firmes, a julgar-se pela mata que se apresenta densa e alta. (SOUSA)

Relato Pretérito - Santa Anna

Situada à margem esquerda do Rio Negro entre a Foz do Rio Uaupés e do Içana.

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar sujeito à Vila de Thomar, e situado sobre terreno agradável e fecundo na margem esquerda do Rio Negro 208 léguas acima da sua Foz. Os moradores são em número 20 índios e 25 índias. Tem 09 fogos: resto de 290 que teve. Falta-lhe Igreja; uma casa térrea ordinária sem adorno a supre. (BAENA)

Relatos Pretéritos – São Joaquim do Cauné

Margem direita da Foz do Rio Uaupés e margem direita do Rio Negro.

[134] 07 e 8 de outubro de 1928.

José Monteiro de Noronha (1768)

183. Logo acima da Fortaleza de S. Gabriel estão os cachopos ([135]) chamados Caldeirão, e mais adiante outros a que dão o nome de Paredão ([136]), os quais, e os demais que vão continuados e seguidos, se hão de vencer para chegar à Povoação de São Joaquim do "*Coané*", habitada por índios das nações Uaupé, e Koewana e situada na margem Austral do Rio Uaupés, uma légua por ele acima. O nomeado Rio é de água branca e tem a sua Barra no Meridional do Rio Negro, dez léguas superior à Fortaleza de São Gabriel, espaço este em que também desembocam, na mesma margem, dois pequenos Riachos [...]

184. O verdadeiro nome do Rio Uaupés é Ucaiari, que no idioma dos índios Manaos e Barés significa Rio de Água Branca porém, como o gentio que povoa o principal tronco do Ucaiari é da nação Uaupé, atribuíram-lhe os demais índios o mesmo nome, que os brancos verteram em Goaupé. Ele mostra ser o mesmo a que o Senhor de Condamine chamou Quiquiari na página 69 do seu Diário, e Iquiari no seu mapa, tanto pelo lugar em que o aponta como pelas circunstâncias que declara na dita página 69. O seu curso é do Ocidente para o Oriente, paralelo aos Rios Negro, Içana e Ixié [...]. Do seu nascimento, diz o Senhor de Condamine, na mesma página, que é na Serra do Novo Reino de Granada. Há contudo notícia participada por índios de que o Ucaiari ou Uaupés nasce e é ramo de um Rio de água branca, grande, e caudaloso, que corre para Leste procurando o Mar do Norte, o qual se supõe ser o Rio a que os índios do Negro chamam Auiyári, ou Uauiyari [...] (NORONHA)

---

[135] Cachopos: rochedos à flor da água.

[136] Paredão: naquele lugar, se levanta em forma de parede, uma alta penedia, que continua por um bom espaço [...] (FERREIRA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

[...] pelas seis horas da manhã de 19 ([137]); vencida uma légua, quando muito, desembarquei na Povoação de São Joaquim do Cauné. [...] Leio nos diaristas, que o verdadeiro nome do Rio Uaupés é Ucaiari, que quer dizer na língua dos Manaos e dos Barés Rio de Água Branca, e que do nome do gentio, que principalmente o povoa, se deriva o de Uaupés, que hoje conserva. Do lugar de onde nasce, direção total que segue, e Rios que nele deságuam, só pode e deve informar a V. Exª quem tem subido, e por ele se tem internado até as suas cabeceiras: um e outro trabalho acaba de fazer o Coronel, de subir e informar dele. Para com o que ele viu V. Exª o que anda escrito pelos diários, transcreverei o do Reverendo Vigário geral José Monteiro de Noronha, que escreveu assim:

> Mostra ser o mesmo o que Mr. De La Condamine chamou Quiquiari na página 69 do seu diário, e Iquiari no seu mapa, assim pelo lugar, em que o aponta, como pelas circunstancias que declara na dita página 69. O seu curso é de Ocidente para Oriente paralelo ao Rio Negro, Içana e Ixié, de que se trata mais adiante. Do seu nascimento, diz La Condamine, que é na Serra do novo reino de Granada. [...]

O que vi, e experimentei desde a entrada do Uaupés até a primeira cachoeira grande, é que, com efeito, deságua por duas bocas, que lhe forma a interposição de uma ilha triangular. Os ares que nele sopram são mais agudos ([138]); a sua água é clara, e mais fria que a do Rio Negro; a largura ordinária é de até um quarto de légua.

[137] 19 de outubro de 1783.
[138] Agudos: violentos.

Tem muitas e vistosas praias, e coroas que se descobrem na vazante, e delas se escavam infinitos ovos de tracajás; não deixam de embaraçar seu curso as ilhas e ilhotes, que têm pelo meio cercados de rochedos; observei por uma e outra margem diversos outeiros; contei na do Sul até quinze, e três na do Norte; dos que houverem demais não dei fé; são uns outeiros pela maior parte modicamente elevados, alguns deles compostos de saibreiras, ordinariamente aparecem aos pares, em distância pouco sensível um de outro outeiro, porém cada par sensivelmente distante entre si. [...]. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar pertencente ao Distrito da Vila de Thomar, e plantado na margem direita da Foz do Rio Uaupés jacente ([139]) na aba direita do Rio Negro 206 léguas acima da sua Barra. É profícua a sua situação pela abundante fartura de pescado, e graciosa pelos plainos povoados de verdes, viçosas plantas que se estendem em torno. São moradores deste Lugar 64 índios e 58 índias. Já teve 780 fogos; hoje tem 12.

Esta gente quando é estipendiada ([140]) pelos brancos, extrai da espessura ([141]) breu, crajuru, salsaparrilha e fabrica farinhas, e também faz obras de pena ([142]) a seu modo e ralos de pedra, os quais consistem em uma prancha de pau com pedrinhas engastadas e seguras por meio de um grude vegetal nas pequenas cavidades, que abrem simetricamente na mesma prancha; estes ralos nunca se desmancham. [...]

---

[139] Jacente: situado.
[140] Estipendiada: assalariada.
[141] Espessura: mata.
[142] Oras de pena: arte plumária.

Não obstante esta falta, os indianos Uaupés quando têm notícia da aparição de algum Ministro do culto da religião em qualquer dos lugares da circunvizinhança de São Gabriel da Cachoeira querem conjungir-se ([143]) com as suas concubinas, partem logo em demanda do Presbítero conduzindo a elas e os filhos e pedem que estes sejam metidos no redil da Igreja com as águas do batismo e que o amor que une seus pais seja autorizado pelos vínculos sagrados do matrimônio. Tudo isto é o efeito do que contraíram da Santa Cristandade. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

Na manhã seguinte ([144]), passamos pela confluência do extenso e mal conhecido Rio Uaupés, que se divide em dois braços na Foz, formando um delta. Durante nossa viagem, eu muito ouvira falar desse Rio. O Senhor Lima já o subira por diversas vezes, em viagens de negócios, estando bem familiarizado com as numerosas tribos de índios selvagens que vivem em suas margens e com as incontáveis cataratas e rápidos que tornam a navegação tão arriscada e fatigante. (WALLACE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Conviria prolongar-se a estrada de rodagem até Carapanã [cerca de 28 km acima de São Gabriel]. Só assim ficaria resolvido o problema do transporte para a fronteira. Em Tatu-Rapecuma ou São Pedro da Foz do Uaupés, o Rio apresenta uma de suas menores larguras. Nossos "*fleuriais*" deu-nos 500 metros. Está situado pouco abaixo da linha equatorial e da Cuia-Capoama, a grande ilha de cerca de 10 km em sua maior dimensão, que defronta a Foz do Uaupés, dando lugar à formação de duas bocas. (SOUSA)

---

[143] Conjungir-se: unir-se.
[144] Na manhã seguinte: 23 de outubro de 1850.

Relato Pretérito – Santa Bárbara

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar situado a pouca distância do de São Miguel do Iparana, na esquerda do Rio Negro, 205 léguas acima da sua Foz sobre terra sobranceira ao Rio e amena em vista. Consta a sua população de 71 índios, 50 índias e um mameluco. A Igreja é dedicada a Santa Bárbara. Os moradores a fabricaram depois que as ruínas da primeira tocaram o ápice ([145]). (BAENA)

Relato Pretérito – São Miguel do Iparama

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar dependente da Vila de Thomar, e assentado na margem esquerda ou Setentrional do Rio Negro, 203 léguas acima da sua Foz sobre um outeiro contornado de campos de viçoso pasto que, ao longe, se rematam em Serras coroadas de arvoredo esbelto.

Onze mamelucos, sete mamelucas, 36 índios e 44 índias formam a população deste Lugar, que deve a sua iniciativa aos missionários Carmelitas. Eles também fundaram a Igreja, dando-lhe por Orago São Miguel. Já não subsiste esta Igreja. E 800 fogos, que chegou a ter este Lugar, estão reduzidos a 4. Em rosto ([146]) do mesmo Lugar, patenteia-se a décima terceira cachoeira apelidada Caldeirão, que tem este nome pelo remoinho da água, que parece sorvê-la e depois a expele com ímpeto. Por este teor bem lhe cabia a denominação de Charide. (BAENA)

---

[145] Tocaram o ápice: atingiram o mais alto grau.
[146] Rosto: frente.

Desterrados de Cucuí
(Celso de Menezes)

Em meio a saudação ardente, delirante,
Que agita de alegria a viva multidão,
Não é demais – UM BRAVO! – à ideia triunfante!
Não é demais – UM VIVA! – aos bravos da nação!

Não é demais o quando os d'almas e de pés tortos,
De tirania atroz fazendo-lhes cativos,
Desejaram-lhes ver assassinados, mortos,
Enquanto lhes conserva a Providencia vivos!

Parabéns, parabéns, a vós as saudações
Que sois da pátria augusta o lábaro imortal;
Vencendo com a razão as mil maquinações
Do cérebro falaz do Cezar marechal!

E quando o Cesarismo em lei for transformado
E quando a lei surgir matando o cesarismo,
Ensinai a essa fera a ser um bom soldado
E dizei-lhe – que a pátria precisa de heroísmo.

Dizei-lhe outra verdade urgente, e com vigor:
– que para ser-se grande e para ser benquisto,
– Não é preciso ser, UM TRÍPLICE TRAIDOR!
– Tiranizar a pátria e nem depor a Cristo!

Em meio a saudação ardente, delirante,
Que agita de alegria a viva multidão,
Não é demais – UM BRAVO! – à ideia triunfante!
Não é demais – UM VIVA! – aos bravos da nação!

Partida para São Gabriel da Cachoeira

No domingo (20.12.2009), participamos do almoço de despedida do General-de-Divisão Marco Aurélio, realizado na Companhia de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). Feitos os discursos de costume, pudemos perceber o carinho e o respeito dos oficiais e praças para com o notável e empreendedor Comandante. Na segunda-feira, assistimos a uma palestra do General Marco Aurélio, em que ele mostrou às inúmeras autoridades políticas e militares os diversos projetos do COGEAC (Comitê Gestor de Ações Conjuntas), desenvolvidos em parceria com órgãos dos governos Federal, do Estado do Amazonas e do Município de Manaus. Depois da apresentação e dos discursos de praxe, o General apresentou-me e pediu que eu expusesse, aos presentes, os objetivos do Projeto Desafiando o Rio-Mar. O General é um grande incentivador do mesmo e, quem sabe, se na sua nova função como Diretor de Formação e Aperfeiçoamento (DFA), ele possa encontrar um meio de o Exército apoiar mais efetivamente nossa missão.

Susto no Embarque

Após a palestra, fomos até o 2° Gpt E pegar a bagagem e, em seguida, dirigimo-nos ao aeroporto. No *"chek-in"* fui surpreendido com a notícia de que o remo talvez não coubesse no compartimento de carga da aeronave. Embarcamos sem ter maiores notícias sobre o mesmo. A chuva deu uma trégua depois que nos afastamos de Manaus, permitindo, em algumas oportunidades, admirar as belas praias do Rio Negro, que começa pouco a pouco a ganhar volume.

Os majestosos afluentes da margem direita do Negro serpenteavam preguiçosamente pelo infindo manto verde. Os Lagos em forma de ferradura e os inúmeros furos davam um encanto especial ao sutil traçado que mais parecia obra de celestial rendeira.

Depois de duas horas de viagem, as nuvens se dissiparam e avistei o Rio Negro, a uns 70 km a Este de São Gabriel da Cachoeira. Pude observar as pequenas Comunidades indígenas às margens do Rio, as suaves corredeiras que encrespavam as negras águas, a enorme ilha de Aracabu que dominava um pequeno, mas belo, complexo insular, o Rio Marié cuja Foz acariciava a margem Meridional da grande ilha e as imaculadas praias ornamentadas de majestosas rochas.

Uma sensação mágica tomava conta de mim, uma estranha sensação, como se eu já tivesse singrado aquelas revoltas águas acompanhando um Alexandre Rodrigues Ferreira, Boanerges Lopes de Sousa ou Cândido Mariano da Silva Rondon. Com eles eu já arrastara canoas pelas traiçoeiras corredeiras, aprendera com os antigos Pajés e Tuxauas e demarcara fronteiras assinalando a presença brasileira nessas terras sem Brasil.

Quando descemos do avião, o Coronel Teixeira avistou o remo entre as bagagens, tranquilizando-me. O General Rosas, Comandante da 2ª Brigada de Infantaria de Selva (2° Bda Inf Sl), havia determinado uma equipe de apoio que nos levou até o Círculo Militar do Alto Solimões. O hotel, do alto de um barranco, à margem esquerda do Rio, permite que se avistem extraordinárias imagens do Rio Negro emolduradas ao fundo pela Serra da Bela Adormecida.

São Gabriel da Cachoeira

Localizado no extremo noroeste brasileiro, o 3° maior Município do país, apresenta uma série infindável de problemas de ordem social frutos de uma infraestrutura precária que os governos republicanos teimam em ignorar. O Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal (ICOTI), informa-nos:

> Dista 852 quilômetros da capital do Estado, Manaus. Situa-se na Bacia do Alto Rio Negro. Limita-se ao Norte com a Colômbia e a Venezuela; ao Sudeste com o Município de Santa Isabel do Rio Negro; ao Sul com o Japurá e com a Colômbia. Boa parte do seu território é abrangido pelo Parque Nacional do Pico da Neblina. O Município é considerado um ponto estratégico pelo país, e por essa razão a Cidade é classificada como área de segurança nacional, pela Lei n° 5.449.
>
> Foi o primeiro Município brasileiro a escolher Prefeito e Vice-prefeito indígenas já que, em outubro de 2008, foram eleitos Pedro Garcia, da etnia Tariana, para prefeito; e André Baniwa, da etnia Baniwa, para Vice-prefeito. No Município, nove de cada dez habitantes são comprovadamente indígenas. É o Município com maior número de indígenas no país. O Município também é conhecido como Cabeça do Cachorro por seu território ter forma semelhante à da cabeça deste animal.
>
> Em um caso único na Federação Brasileira, foram reconhecidas como línguas oficiais, ao lado do português, mais três idiomas que foram aprovados pela Lei Municipal 145/2002, de 22.11.2002: o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa, línguas tradicionais faladas pela maioria dos habitantes, dos quais 85% são indígenas.

A economia do Município baseia-se na agricultura de subsistência, nomeadamente a mandioca, a banana, o abacaxi, o abacate, a batata-doce e o limão. No Município encontra-se sediada atualmente a 2ª Brigada de Infantaria de Selva [2° Bda Inf Sl], o 5° Batalhão de Infantaria de Selva [5° BIS] e a 21ª Companhia de Engenharia de Construção [21ª Cia E Cnst] do Exército Brasileiro. (Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal – ICOTI)

Histórico

1761 - Fundação do Povoado e do Forte de São Gabriel da Cachoeira pelo Capitão português José da Silva Delgado.

1833 - Elevação do Povoado de S. Gabriel da Cachoeira a sede de Freguesia com a mesma denominação, conforme Decreto do Governo do Pará de 25.06.1833, ainda pertencente a Barcelos.

1891 - Elevação da Freguesia de São Gabriel da Cachoeira à categoria de Vila, dando-se a criação do Município com sua área territorial desmembrada de Barcelos, conforme Lei Estadual n° 10, de 03.09.1891, recebendo nova denominação: São Gabriel do Rio Negro.

1893 - Instalação da Vila de S. Gabriel da Cachoeira do Rio Negro, em 13.05.1893.

1908 - Extinção do Forte São Gabriel, no local, conforme descrição de Dom Frederico Costa, "*somente ruínas, pedras espalhadas, resto de muralhas e algumas peças de artilharia inutilizadas*".

1926 - Criação da Comarca de São Gabriel conforme Lei n° 1.223, de 04.01.1926.

1930 - Extinção da Comarca e do Município de São Gabriel do Rio Negro que foi integrado a Moura juntamente com Barcelos, conforme Ato n° 45, de 28.11.1930.

1931 - Com a restauração do Município de Barcelos, o território Municipal de São Gabriel do Rio Negro foi desmembrado de Moura e anexado novamente a Barcelos, conforme Ato Estadual n° 33, de 14.09.1931.

1935 - Restabelecimento definitivo do Município de São Gabriel da Cachoeira readquirindo sua autonomia com a reconstitucionalização do Estado do Amazonas.

1936 - Restabelecimento da Comarca de São Gabriel do Rio Negro, conforme Lei n° 92, de 31.07.1936 que se reinstalou em 14.11.1936.

1938 - Elevação a categoria de Cidade conforme Decreto n° 68 de 31.03.1938.

1941 - Extinção pela segunda vez, da Comarca de São Gabriel de acordo com Decreto n° 663, de 19.12.1941, passando a Termo de Barcelos.

1943 - O Município recebeu nova denominação: Uaupés de acordo com a Lei Estadual n° 226, de 24.12.1952.

1952 - Restabelecimento definitivo da Comarca de Uaupés de acordo com a Lei Estadual n° 226, de 24.12.1952.

1953 - Reinstalação da Comarca de Uaupés, em 07.04.1953.

1966 - O Município recebeu nova denominação: São Gabriel da Cachoeira, conforme Lei Estadual n° 526, de 06.12.1966.

1968 - Conforme Lei Federal n° 5.449, o Município de São Gabriel da Cachoeira foi enquadrado como "*Área de Segurança Nacional*".

1990 - Aprovação da Lei Orgânica do Município de São Gabriel da Cachoeira, em 05.04.1990.

1991 - Comemoração dos 100 anos de emancipação política do Município de São Gabriel da Cachoeira.

2007 - Comemoração dos 116 anos de emancipação política do Município e 246 anos de criação do então Povoado de São Gabriel da Cachoeira.

Terras Indígenas

As Terras Indígenas abrangem cerca de 80% do Território Municipal. A Terra Indígena Balaio, cujo relatório antropológico foi publicado no DOU, sobrepõe-se ao Parque Nacional do Pico da Neblina sob responsabilidade da Fundação Chico Mendes.

São Gabriel da Cachoeira é o terceiro maior Município do país: 109.185 km². Sua área é maior do que os Estados de Pernambuco - 98.311,6 km², Santa Catarina - 95.346,2 km², Paraíba - 56.439,8 km², Espírito Santo - 46.077,5 km², Rio de Janeiro - 43.910 km², Alagoas - 27.767,6 km² e Sergipe - 21.910,5 km². (ICOTI)

Demografia

Durante a década de 1990, a taxa geométrica de crescimento anual da população de São Gabriel da

Cachoeira foi de aproximadamente 4%. Em 2009, essa população é estimada em 41.885 habitantes, segundo o censo demográfico do IBGE.

A maior parte desses habitantes é constituída por várias etnias indígenas como, por exemplo, os Arapaço, Baniwa, Barasana, Baré, Desana, Hupda, Karapanã, Kubeo, Kuripako, Makuna, Miriti-tapuya, Nadob, Pira-tapuya, Siriano, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wanana, Werekena e Yanomâmi.

São Gabriel da Cachoeira é o Município com maior concentração de diferentes etnias indígenas do país. As diversas Comunidades indígenas distribuem-se nos Bairros da sede municipal, no núcleo urbano de Iauaretê e ao longo dos Rios que cortam o Município como, o Uaupés, Içana, Xié, Tiquié e Negro. São mais de 400 pequenas Comunidades que vivem em Terras Indígenas. (ICOTI)

Relatos Pretéritos – São Gabriel

José Monteiro de Noronha (1768)

182. Da Povoação de Nazaré navega-se, por entre os mesmos cachopos, até a Fortaleza de S. Gabriel situada na margem Setentrional do Rio, sobre a Cachoeira grande chamada Crocobi e superior à Povoação de Nossa Senhora de Nazaré légua e meia. A sua Latitude Austral é de 44’31”45’’’1½ ([147]).

No mesmo sítio da Fortaleza há uma Povoação de índios da nação Baré. Entre esta e a de Nossa Senhora de Nazaré só há, na margem do Sul, um Riacho em que habitou o principal Curiana e, na margem do Norte, o Riacho Ionutá e mais outro de nome desconhecido. (NORONHA)

---

[147] 00°07’48’’.

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Antes de São Gabriel e na distância de um quarto de hora de viagem para baixo da Praia-Grande, está situada a Povoação de Nossa Senhora de Nazaré de Curiana sobre a margem Setentrional.

Constava de nove casas ao longo dela: dirigia os índios, que aponta a divisão sétima, o Soldado José Severino, cultivavam maniba e o anil: é Povoação tão antiga como a Fortificação, que algum dia se fez, e existiu na ilha de São Gabriel, a qual lhe fica fronteira: fundou-a o Capitão José da Silva Delgado no ano 1761, que foi quando erigiu uma casa Forte, para guarnição da referida ilha. Em 1784 desceram os principais Miguel da Silva e Miguel de Menezes, com o Soldado Ponciano José de Lima, 19 almas do gentio Passé, das quais faleceram dez.

Vencida a enseada de Curiana, segue-se montar o salto da primeira cachoeira do Crocobi, que existe na chamada Praia Grande, situada na margem do Norte, e acima da referida ilha de São Gabriel. Nela principia a Povoação deste nome, e nela desembarcam os que se não querem arriscar na cachoeira, havendo estrada por terra até o centro da Povoação. Um ilhote fronteiro à praia coangusta ([148]) o Canal por onde passam as canoas que sobem para os dois portos superiores. [...]

Dali por diante é tanta a sua elevação que, para montar-se ao cimo do povoado, onde estão situadas a Igreja Matriz, a Fortaleza, e os quartéis da residência do Comandante, e o da tropa da guarnição, é forçoso subir por uma escada de madeira, a qual tem por toda a sua altura 16 degraus sensivelmente distantes um do outro. (FERREIRA)

[148] Coangusta: estreita.

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar subjacente ao círculo equinocial na Longitude 309°57’ sobre a aba de um morro alcantilado ([149]) da margem esquerda do Rio Negro 199 léguas acima da Foz. Formam o número de seus moradores 03 brancos, 10 mamelucos, 08 mamelucas, 53 índios, 68 índias e 02 mestiços livres. É quanto aparece de uma Povoação longeva ([150]), que se compunha de duas compridas ruas, das quais uma terminava na praia grande. A boa Igreja, que os Missionários Carmelitas inauguraram em São Gabriel, está assaltada de ruínas que tendem a fazê-la baquear. [...]. Abaixo do mesmo Forte, defronte da praia grande, demoram a décima e undécima cachoeira, das quais a de maior corpulência chama-se Crocobi, e vulgarmente do Bento. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

Nas primeiras horas da tarde ([151]), alcançamos o povoado de São Gabriel, junto às quedas principais. Nesse trecho, o Rio torna-se mais estreito, possuindo no meio uma ilha que o divide em dois canais. O fundo do leito é formado por uma extensa laje inclinada, sobre a qual despenham-se as águas com tremendo ímpeto. Logo abaixo da corredeira, elas parecem ferventes, sucedendo-se, um após os outros, formidáveis e perigosos cachões ([152]). Mais abaixo, surgem vórtices ([153]) e redemoinhos igualmente perigosos. Para passar por tais obstáculos, era necessário descarregar a canoa quase completamente, e depois puxá-la pelo Rio acima, o mais próximo possível da margem, por

---

[149] Alcantilado: íngreme.
[150] Longeva: antiga.
[151] Nas primeiras horas da tarde: do dia 21 de outubro de 1850.
[152] Cachões: cachoeiras altas e volumosas.
[153] Vórtices: turbilhões.

entre as águas espumejantes ([154]). Tão logo isso foi feito, o Senhor Lima e eu nos arrumamos e subimos a encosta, rumo à casa do Comandante, sem cuja permissão não seria possível passar adiante do Forte.

O Comandante era amigo do Senhor Lima. Eu trazia para ele uma carta de apresentação. Tratava-se de um senhor educado, que nos convidou para tomar café, depois do que ficamos palestrando sobre as novidades do Rio e da Cidade durante uma ou duas horas. Quando nos despedimos, fez-nos prometer que voltaríamos a vê-lo pela manhã, antes de seguirmos viagem, a fim de que pudéssemos tomar um café reforçado. Dali seguimos para a casa de um velho comerciante português que eu conhecera em Barra. Ali jantamos e pernoitamos. Na manhã seguinte, depois de tomarmos café com o Comandante, reiniciamos a viagem. Acima de São Gabriel, os rápidos tornam-se ainda mais numerosos do que antes. (WALLACE)

Richard Spruce (1852)

Apesar de ser São Gabriel [julho de 1852] uma boa estação de coleta em virtude de sua interessante vegetação, suas desvantagens eram tão consideráveis que, se eu tivesse começado aqui minhas coleções Sul-americanas, talvez houvesse desanimado de prosseguir com tal trabalho. [...] Além desses aborrecimentos, tenho enfrentado um outro aqui em São Gabriel, com o qual até então ainda não me havia defrontado. Refiro-me aos moradores. Quase toda a população local se restringe aos soldados da guarnição. Pois bem: sabe como é que no Brasil se recrutam os soldados?

[154] Espumejantes: que lançam espuma.

Vou contar. Quando alguém comete um crime punido com a pena de degredo, é recrutado e despachado para um dos postos de fronteira. Assim, dos catorze homens que compõem a guarnição de São Gabriel, não há um que não tenha cometido algum crime grave, e pelo menos a metade é de assassinos. Imagine com que sensação de segurança eu deixo minha casa e fico fora alguns dias!... Durante minha ausência, já por duas vezes ela foi assaltada, e dois galões de aguardente, além de frascos contendo melado, vinagre e outros mantimentos, simplesmente desapareceram. [...] São Gabriel é infestada por vampiros, e minha casa, que tem um velho teto já meio arruinado, também dispõe de uma boa cota desses animais. Quando entrei nela, o chão estava cheio de manchas de sangue ressecado, que tinha sido extraído de meus predecessores por esses chupa-sangues da meia-noite. Já na primeira noite meus dois homens foram atacados por eles. Um dos índios apareceu com feridas nas pontas dos quatro dedos, sendo três de um dos pés. [...] Suas vítimas preferenciais são as crianças. [...]

Depois que aqui cheguei, ocorreu fato curioso com a família que mora na casa ao lado. As crianças de lá eram atormentadas pelos morcegos-vampiros, exibindo no corpo, a cada manhã, novas marcas de mordidas. Certo dia, ao anoitecer, uma gata apareceu junto à porta de entrada, e ali mesmo demonstrou uma perícia especial na caça de morcegos. Na noite seguinte, atraíram-na para dentro de casa e deixaram que ela ficasse no quarto das crianças. Ela se postou diante das redes e, cada vez que um morcego ali pousava, ela imediatamente se arremessava sobre ele, dando cabo ao agressor. Pela manhã, viram que nenhuma das crianças tinha sido mordida, sendo a gata promovida ao posto fixo de guarda noturno da casa. (SPRUCE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Às 15h40 chegamos a Camanaus, a grande cachoeira que é o primeiro degrau da garganta atravessada pelo Rio Negro e que se estende até Carapanã, 49 quilômetros acima. As lanchas encostaram no porto de cima, confronte a uma casa velha de telha em que reside Elpídeo Dias. Fizemos nosso bivaque à sombra de árvores, a jusante da cachoeira. Toda a carga foi baldeada para o porto a montante, cerca de 200 metros. Os batelões foram arrastados a espia, através da cachoeira, que as lanchas desbordaram pela esquerda, contornando a ilha que lhe fica fronteira. Só no dia seguinte às 13h00 deixamos Camanaus. [...]

Às 18h00 [12.09.1928], desembarcamos em São Gabriel, cujo casario se descortina do longo Estirão dominado pela colina em que está assente a Vila. Hospedamo-nos em uma casa em construção, da firma "*Gonçalves & Irmão*", alojando-se os praças numa outra gentilmente oferecida pelo Chefe da firma, Coronel Rodolfo.

No dia seguinte, pela manhã, recebemos a visita da Missão, representada pelos Padres Noé e Francisco, com os quais mantivemos animada palestra. Recebemos, também, a visita do Tenente de polícia, Oliveira, Delegado local, responsável pela Prefeitura, na ausência do serventuário efetivo Major Pessoa. Retribuímos, à tarde, a visita dos missionários Salesianos, cujo estabelecimento visitamos demoradamente. Tivemos oportunidade de constatar que a Missão cuida com devotamento da educação e da instrução dos meninos e das meninas indígenas, tratando-os com muito carinho e bondade. À instrução imprimem acentuado cunho patriótico, revelado no garbo com que os meninos e meninas cantaram o Hino Nacional e o da Bandeira e a

presteza com que responderam às perguntas que lhes fizemos sobre datas e fatos da história do Brasil. Notamos que o mesmo tratamento era dado às crianças indígenas como aos contribuintes da Vila São Gabriel e arredores. [...] Visitamos as oficinas de carpintaria, sapataria e alfaiataria que ainda necessitam de melhor aparelhamento, sobretudo a primeira para atender às necessidades do estabelecimento e do preparo profissional dos alunos. Há, também uma pequena oficina de ferreiro ao lado da carpintaria. [...]

Visitamos a Santa Casa dirigida pelas irmãs de Maria Auxiliadora onde vimos uma bem montada farmácia de que é encarregada uma irmã, que acumula as funções de farmacêutica e de enfermeira. A sala de cirurgia dispõe de aparelhamento satisfatório, em quase sua totalidade doado pelo Dr. Hamilton Rice ([155]).

Ao lado da classe dos meninos, vimos uma sala de armas com cabides e fuzis para a instrução militar dos adolescentes. O Padre Noé, que é reservista, era o encarregado da respectiva instrução. Subvencionada pelo Governo Federal, há uma Escola Agrícola e Pecuária, dirigida pelos Padres Salesianos e que funciona no próprio terreno da missão. (SOUSA)

---

[155] Dr. Hamilton Rice: nascido em Boston, em 1875, Alexander Hamilton Rice era neto do primeiro Prefeito republicano de Boston. Formado pelo Harvard College e pela Harvard Medical School, o Doutor "*Ham*" Rice foi um dos fundadores do Institute for Geographical Exploration na Universidade Harvard, servindo como Presidente da instituição de 1929 até sua extinção, em 1952. [...] O Doutor Rice era um grande desbravador do Alto Amazonas e organizou sete expedições à região. Eleanor acompanhou o marido em diversas delas. Ao contrário de Fawcett, Rice acreditava na mais recente tecnologia. Para a Expedição de 1924/25, levou consigo um hidroavião, o Eleanor II; adotou a tecnologia de rádio de ondas curtas e filmava suas atividades. As expedições que liderava contavam com especialistas em Botânica, Zoologia, Astronomia, Geografia e Medicina. (Kenneth Maxwell)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Acabamos de chegar a Uaupés ([156]). São 10h00 e chove torrencialmente, fazendo lembrar Noé e sua arca, pois até para descer do batelão tivemos dificuldade, tal volume d'água no momento. [...] Chegando a Uaupés, fomos levados para a Missão Salesiana, onde os Padres nos receberam muito cordialmente. Deram-me um quarto com cama, mesa, jarro e bacia de metal e uma bilha com água potável. Barbeei-me, coisa que não fazia há dias, indo a seguir "*dar uma olhadela*" na Missão. [...]

O nome Uaupés é proveniente de Uaupé ou Boapé, antigo Tuxaua residente com seu grupo na Foz desse Rio, no local onde hoje se ergue a Povoação de São Joaquim. Esse nome ficou conhecido desde a metade do século XVIII, quando ali chegaram os primeiros Bandeirantes do Pará. Uaupé é também o nome de um pássaro, a jaçanã, em língua geral. [...] Fiz curta visita a São Gabriel, hoje Uaupés. Comprei alguma coisa que me faltava, linha, agulhas, etc [...]

Em Uaupés, existem algumas cabeças de gado, sendo digna de nota a ausência absoluta do berne e o número diminuto de carrapatos. Por outro lado, é grande a quantidade de micuins existentes no capim da Povoação. [...]

Subi até o Morro de São Gabriel. Descortina-se, a perder de vista, um belíssimo panorama. Existem, ali, grandes blocos de granito, com profundos sulcos verticais em seu contorno, o que os torna muito característicos. [...]

Serviço espetacular é a subida das embarcações na cachoeira de São Gabriel.

---

[156] 1º de junho de 1949.

> Cada embarcação é amarrada com três ou quatro grossas cordas de piaçaba, de cerca de 100 a 200 metros de comprimento. A extremidade é atada em árvores das margens. Várias pessoas [geralmente 15 a 20, para motores de mais de oito cavalos] vão puxando a embarcação, enquanto o motor é acelerado no máximo. Nessa árdua tarefa são gastas várias horas antes que seja feita a atracação no porto de cima. (CARVALHO)

2ª Brigada de Infantaria de Selva

Na manhã do dia 22.12.2009, apresentamo-nos ao General-de-Brigada Ivan Carlos Weber Rosas, atual Comandante da 2ª Brigada de Infantaria de Selva, e já nomeado para a Chefia do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia. O General nos levou até o local, de formatura da Brigada de onde se tem uma bela vista do Rio Negro. Neste local estavam em posição de destaque, apontados para o Rio, três dos dez canhões que guarneciam o Forte São Gabriel.

A meu pedido, o General Rosas, gentilmente, enviou por e-mail, um pequeno relato de sua vivência na área que transcrevemos abaixo:

> Caro Hiram
>
> Estamos, eu e minha mulher, há um ano e oito meses aqui na região da Cabeça do Cachorro. Confesso que chegamos um pouco assustados em 22.04.2008, mas de imediato pudemos constatar que ter vindo para cá foi um maravilhoso presente que recebemos. A Cidade, embora pequena e distante, é bastante acolhedora e não nos falta nada; até chimarrão tomamos com erva comprada aqui. A equipe de oficiais e praças de toda a Brigada é excelente, o que facilita muito o trabalho.

Nossa principal missão é vigiar os cerca de 900 km de fronteira com a Colômbia e os mais de 600 km com a Venezuela e para isto nos valemos de 6° PEF [Iauaretê, Querari, São Joaquim, Cucuí, Maturacá e Pari-Cachoeira] além de um Destacamento [futuro PEF] em Tunuí-Cachoeira, num total de mais de 400 homens e mulheres dedicados diuturnamente à vigilância da linha de fronteira. Como tropa de retaguarda, temos o Comando de Fronteira/5° BIS em São Gabriel da Cachoeira com cerca de 500 homens.

O maior desafio, sem dúvida, é manter uma logística eficiente que apoie nas melhores condições os PEF, pois lá não pode faltar nada, uma vez que as condições de vida são difíceis e não há opções para compra de qualquer tipo de artigo, ou seja, o que não for remetido pela sede, não existirá no PEF.

Agora em fevereiro próximo estarei passando o comando da Brigada e assumindo a chefia do Estado-Maior do CMA, de onde tentarei continuar apoiando as ações de vigilância na Cabeça do Cachorro, que compreende os Municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, numa área maior que os Estados de Rio de Janeiro e São Paulo somados, e maior que alguns países da Europa. Mas vamos cumprindo a missão e espero que as coisas continuem tranquilas nesta imensa faixa de fronteira da nossa querida Amazônia.

Um forte abraço, Ivan Rosas, SELVA!!!.

Depois de um longo e agradável bate-papo, fomos até a 21ª Companhia de Engenharia de Construção, comandada pelo Major Vidal, onde conversamos longamente com os irmãos de arma e fizemos questão de verificar o estado de nosso caiaque "*Cabo Horn*", que estava no almoxarifado da Companhia.

Meu fiel parceiro de jornada do Solimões aparentemente estava em condições de enfrentar as águas pretas do Rio Negro. Chequei o material de reparo, resina, fibra e malha, doadas pelo Cel Ebling. Solicitei ao Major Vidal que, tão logo fosse possível, encaminhasse o "*Cabo Horn*" ao Hotel de Trânsito para que eu pudesse fazer os devidos ajustes e consertos necessários. Guiados pelo motorista do Comandante da Companhia, realizamos um "*tour*" pela Cidade. Na delegacia, paramos para fazer contato com o Comandante do Destacamento da Polícia Militar, Capitão PM Lamonge.

O Capitão encontrava-se em Manaus e o Destacamento estava sob o comando do Soldado PM Heleno. O Heleno encarregou-se de estabelecer os contatos necessários para conseguir uma "*voadeira*" para o deslocamento do Coronel Teixeira que embarcou na viatura policial com o Heleno enquanto eu continuava, com o motorista da Companhia de Engenharia, no meu reconhecimento. Fomos, então, até a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).

FOIRN

> FOIRN: é uma Associação civil, sem fins lucrativos, sem vinculação partidária ou religiosa, fundada em 1987, para lutar pela demarcação das terras indígenas na região do Rio Negro, Estado do Amazonas; promover ações na área da saúde, educação e autosustentação. Tem ainda como objetivos centrais lutar pela autonomia dos povos indígenas, valorizar as culturas, a medicina tradicional, e outras atividades culturais visando à melhoria das condições de vida dos Povos Indígenas da Bacia do Rio Negro.

> Compõe-se de mais de 40 organizações de base, sendo que cada uma delas representa um número variável de Comunidades indígenas distribuídas ao longo dos principais Rios formadores da Bacia do Rio Negro. São cerca de 750 aldeias, onde habitam mais de 30 mil índios pertencentes a 22 grupos étnicos diferentes, representantes das famílias linguísticas Tukano, Aruak e Maku, numa área de 108.000 km² no Noroeste amazônico brasileiro. É reconhecida como de utilidade pública estadual, Lei n° 1831/1987. A FOIRN é uma aliança de cooperação e colaboração mútua, que respeita a diversidade cultural e religiosa da região. (Fonte: FOIRN)

A esplêndida construção de madeira guarda no seu interior belas peças de artesanato de diversas etnias indígenas do Alto Rio Negro. Mais que utensílios ou simples peças de adorno, os artefatos indígenas são elaborados não só atendendo a requisitos técnicos ou estéticos mas, sobretudo, simbólicos ou ritualísticos.

Admirava extasiado cada uma das peças e vinha-me à mente os relatos dos antigos pesquisadores a respeito de sua manufatura e emprego no cotidiano e em rituais místicos. Um conjunto de cestaria, em especial, me chamou a atenção: Baniwa, cuja harmonia de formas e cores se destacava dentre todas as demais. Os instrumentos musicais e adornos das diversas etnias guardavam um encanto especial não só em relação à sua beleza mas, sobretudo, pela aura de espiritualismo que carregavam. Mais tarde, durante nossa descida, ouvimos, dos nativos, muitas reclamações sobre falta de atuação da Federação (*FOIRN*) em relação a diversas Comunidades e privilégios oferecidos a outras.

Cestaria Baniwa

As grandes cestas são, originalmente, usadas para armazenar alimentos e roupas. Para fins comerciais, são enfeitadas com grafismos coloridos que os Baniwa afirmam terem sido gravados pelos seus antepassados nas pedras (petróglifos), para que jamais fossem esquecidos. A cestaria de arumã ([157]) é manufaturada pelos homens. As fibras com a casca, sem qualquer tratamento, são usadas na confecção de cestas mais resistentes. O colmo da planta, depois de descascado, raspado e areado, permite a manufatura de cestas coloridas; o árduo processo inclui o uso de fixadores extraídos da entrecasca do Ingá e de outras árvores, que é misturado aos pigmentos desejados.

> Fazer cestaria de arumã com esmero é tornar-se adulto, atestado de como sobreviver no mundo. No mito de Kowai, filho do criador Nhiãperikuli, três rapazes iniciandos são devorados porque transgridem regras alimentares. Kowai, transformado em monstro, vomita seus restos em balaios e tipitis, como se fossem massa de mandioca, colocando-os na Praça da Aldeia, defronte à casa ritual, simbolizando suas "*mortes*" como crianças. No ritual de iniciação, os meninos Baniwa em reclusão aprendem a fazer cestaria de arumã, cujas peças serão o-fertadas às kamarara, suas amigas rituais. No mesmo mito, a cestaria de arumã aparece também ligada à iniciação das meninas, que recebem o benzimento final da reclusão pisando num balaio e tendo outro cobrindo a cabeça, os quais serão removidos depois que as regras de convivência social forem transmitidas pelo benzedor. (socioambiental)

[157] Arumã ou guarumã (Ischnosiphon spp.): planta da família das marantáceas, ocorre em regiões semialagadas. Espécie de cana de colmos lisos, retos e flexíveis. O arumã é utilizado pelos povos indígenas amazônicos, a partir do Maranhão.

Tipos de Cestaria

Urutu (oolóda): são grandes cestos, sem desenhos marchetados, usados para guardar massa de mandioca ou para guardar farinha, beiju e roupa.

Balaio (waláya): usados nos rituais de iniciação Baniwa. Os meninos aprendem a fazê-los com o intuito de ofertá-los às suas companheiras de ritual, no término do período de clausura. Os waláya makapóko (balaios grandes) são usados para recolher a massa de mandioca ou para servir beiju e farinha nas refeições.

Jarro (kaxadádali): o termo kaxadádali, em Baniwa, refere-se ao formato barrigudo de uma cesta ou cerâmica, palavra que também se aplica às pessoas (mulheres grávidas, por exemplo) e aos animais. Consta que, para os Baniwa, este tipo de cesta tem o formato do universo. Antigamente eram feitos de cipó e usados para guardar miudezas e iscas para pescar.

Peneira (dopítsi): artesanato feminino de uso diário. São de formato platiformes, circulares, com talas afastadas, usadas para peneirar a farinha, suspensas, por cordas, servem como suporte para empilhar o beiju seco.

Simbolismo dos Adornos Indígenas

Relata de Luis Aguiar da Etnia Tariana:

Os adornos indígenas das várias tribos ou dos grupos étnicos que residem na Bacia do Alto Rio Negro, incluindo os afluentes Uaupés, Tiquié e Papuri, foram criados pelo Deus Trovão, o Deus da origem que, com seu poder, os fez aparecer desde a origem da humanidade.

Não existem dúvidas de que, ainda quando se encontravam no Lago de Leite – ventre materno de todos os povos, localizado no Rio de Janeiro – todos nossos ancestrais já possuíam esses adornos. De lá, foram trazidos pela canoa da transformação através do Oceano Atlântico e pelos Rios Amazonas e Negro.

Nesse percurso, os ancestrais adentraram nas malocas sagradas que ficavam à beira do Oceano e dos Rios. Nessas malocas, que hoje são as Serras, Lagos, pedras e lajes, os ancestrais dançaram usando adornos que lhes foram presenteados pelo Deus Trovão. Todos os grupos de nossa região possuem nomes específicos em suas línguas para o Trovão.

Para os índios, os adornos representam riqueza, vida, alegria. Eram usados para fazer festas de danças tradicionais ou rituais, organizadas pelo líder da maloca ou pelo Bayá, conhecedor dos cantos tradicionais. O uso dos adornos e as danças eram também uma forma de agradecimento. Sem eles, é como se não existisse mais vida sobre a terra. Isso foi o que sentiram nossos antepassados quando tiveram que entregar seus adornos aos missionários, como aconteceu no século passado na região do Alto Rio Negro.

Alguns grupos da região ainda são conhecedores de todas as danças, outros as esqueceram completamente. As danças tradicionais são as seguintes: dança de lugar cerrado, dança macaco-da-noite, dança do bicho preguiça, dança abelha grande preta, dança wapiri, dança galho de taboca, dança do chocalho pequeno, dança de maracá, dança da vara, dança do camarão, dança da máscara, dança do cacho-de-inajá, danças dos peixes, dança do bastão de ritmo, cantos fora da maloca, cantos de brincadeira.

Essas são danças deixadas pelo Criador e constituem uma riqueza imensa dos povos indígenas desde o início de sua existência. Sob os cuidados dos Bayá e dos Kumua, os especialistas nos cantos e nas encantações, essas danças eram executadas de acordo com um calendário cerimonial, e serviam para afastar os males do mundo.

A caixa de adornos dos antigos é, para nós, a alma da maloca, assim como outros instrumentos cerimoniais, tais como: bancos, lança-chocalho, suporte de cuias, forquilhas de cigarro, Ipadu, caapi, cera de abelha.

O caxiri também é a alma da maloca. Os Bayá e Kumua de antigamente transmitiam seus conhecimentos aos mais jovens oralmente, não se praticava nenhum tipo de registro por escrito. Ao entardecer, reuniam-se na maloca para conversar. Ouvindo a fala dos mais velhos, os jovens aprendiam as cerimônias. No dia da festa, ninguém precisava de orientação.

Os Tukanos reunidos no Distrito de Iauaretê construíram uma maloca com a finalidade de receber de volta os adornos e manter a cultura viva.

Dança da Máscara

Como não tivemos a oportunidade de presenciar as danças típicas indígenas que, na Cidade de São Gabriel da Cachoeira, são uma das mais importantes manifestações do *"Festival Cultural das Tribos Indígenas do Alto Rio Negro" – Festribal* – reproduzimos, então, o texto redigido pelo Major Boanerges Lopes de Souza, em 21.11.1928, que relata a dança das máscaras pelos Uananas.

Encontramos os Uananas em franca atividade nos preparativos para a festa. As máscaras recebiam as pinturas e os que as tinham prontas, desfiavam a casca de matamatá ([158]) para o preparo das franjas com que se confeccionam as saias. Outros entretinham-se no arranjo dos enfeites para a dança da "*acangatura*" e as "*cunhãs*" e as "*cunhamucus*" davam a última demão no preparo do "*cachiri*".

O Tuxaua nos comunicava, constantemente, a marcha dos preparativos. Concluídos estes, foi marcada a festa para a manhã de 21 ([159]). Às nove horas, teve ela início, com a dança das máscaras. Nesta, só os homens e alguns "*curumins*" tomam parte. Metidos na vestimenta feita de entrecasca de tururi ([160]) e casca de matamatá, levando aquela a pintura e a máscara que representavam os bichos da floresta, marcharam os índios em uma só fila rumo à grande maloca. Ao aproximarem-se desta, correram para ela e, num vozerio infernal, batiam os paus que empunhavam de encontro ao revestimento de palha da parede, penetrando, em seguida, no vasto salão.

A onça marchava na frente e parecia ser o personagem mais importante. O sapo, o papagaio, a borboleta, o rouxinol, o aracu, o araripirá e o tapuru formavam-lhe o cortejo. Não consegui interpretar os detalhes dessa interessantíssima dança, em que, ora os papagaios, ora as borboletas, marchavam solenemente, entoando cânticos alusivos às cenas que se desdobravam. O sapo, o rouxinol e os outros bichos revezam-se nas danças e cânticos; mas,

[158] Matamatá (Eschweilera coriácea): árvore de 15 a 35 metros de altura. A madeira, pela sua resistência e durabilidade, é usada na construção civil. As sementes são usadas para o tratamento nas infecções das vias urinárias.

[159] 21 de novembro de 1928.

[160] Tururi: fibra vegetal, resistente e flexível que envolve os frutos da palmeira ubuçu, muito utilizada na confecção de artesanatos.

incontestavelmente, os papagaios e as borboletas [dois a dois ou um papagaio e um borboleta], eram as figuras que mais predominavam. A onça, de vez em quando, aparecia e fazia um estardalhaço interessante.

Nos intervalos, grupos diversos divertiam-se com a dança do carriço, alegrando a assistência. Ela é assim chamada porque os rapazes, ao mesmo tempo que dançam, arrastando, uma mulher, tocam a flauta de pan, composta de quatro, cinco ou seis carriços. Estes são feitos de talos de bambu cujos comprimentos variam de 6 a 20 centímetros, de grossura de 0,5 a dois centímetros. Os índios empunham a flauta com as duas mãos e correndo o beiço pela escala de carriços, conseguem emitir desde os mais graves, aos mais agudos sons. A música é pobre: só distingui dois temas que se revezavam. Grupos de três ou quatro pares formando fila dançavam incessantemente num canto da maloca ou no pátio; ou então, formavam roda e a dança passava a ter novo tema. (SOUSA)

Música do Diabo – Jurupari

Jurupari – Moisés Tapuio

Segundo Batista Caetano, y-ur-apá-ri pode significar "*ser que nos vem à rede, o pesadelo, o sonho mau*". Teodoro Sampaio, no entanto, é de opinião que iurú-pari significa "*boca fechada*, *segredo*"; conceito semelhante ao do Padre Constantino Tastevin: iuru-pari = máscara na boca ou no rosto. Para Coudreau o significado de jurúpará-i é "*saído da boca do Rio*"; e o sábio Stradelli dá a seguinte etimologia: iurú, boca, e pari, grade de talas com que se fecha a saída dos Igarapés. Veja-se, também, Couto de Magalhães, para quem "*Jurupari é corruptela de Jurupoari*", que significa "*tirar da boca*".

Jurupari é uma denominação Tupi para um demônio particular, mas foi usada com exclusividade pelos missionários para designar qualquer demônio; até assumindo o lugar do diabo cristão nos trabalhos de catequese dos íncolas. Aparece em outras tribos, como os Baniva, como Kowai ou Kóai, todavia possui um opositor, uma evidente criação catequética, que incorpora os conceitos religiosos do Bem; é Inapíri-Kúri ou Jesus Cristo. Os Uaupés chamam-no de Wáx-Ti ou "*espíritos maus*".

A lenda diz que Jurupari é um deus que veio do céu em busca de uma mulher perfeita para ser esposa de Coaraci, o Sol, mas não diz se ele a encontrou e, segundo Orico, essa missão é inatingível. Jurupari foi o maior legislador que os indígenas conheceram, assemelhando-se a Quetzalcoaltl, a "*Serpente Emplumada*", deus reformador e legislador Maia.

Enquanto conviveu com os homens, estabeleceu uma série de normas de conduta e leis morais; instituiu a monogamia, a higiene pessoal através da depilação corporal, restituiu o poder aos homens que viviam em um regime matriarcal; promoveu modificações nos costumes e na lavoura; e especialmente deve-se-lhe as festas de colheita. Tão grande foi a sua influência e tão importante seus ensinamentos que o Dr. Hurley, com muita propriedade, definiu-o como o "*Moisés Tapuio*". Algumas das leis do Jurupari permanecem validas até hoje e são as seguintes:

- ✧ O Chefe cuja mulher for estéril poderá tomar outras para si, sob pena de perder o trono para o mais valente;
- ✧ Ninguém cobiçará a mulher de outro, pagando a desobediência com a vida;
- ✧ A mulher deverá permanecer virgem até a puberdade e jamais prostituir-se;

- ✧ A mulher casada deverá permanecer com o marido até a morte sem traí-lo;
- ✧ O marido deve permanecer em repouso durante uma lua, após o parto da mulher;
- ✧ O homem deve sustentar-se com o trabalho de suas mãos;
- ✧ É punida com a morte a mulher que visualizar o Jurupari, e o homem que revelar seus segredos e seus rituais.

Segundo a lenda, a mãe do Jurupari era uma índia virgem chamada Ceuci, "*filha de Tupã e Zuacacy*", conforme Ernesto Cruz, e instigada pela curiosidade foi espionar os rituais, contrariando assim a lei instituída pelo filho. Para servir de exemplo de que as leis do Jurupari não podem ser transgredidas, foi condenada à morte.

A cerimônia do Jurupari tem seu ritual em fins de março, que coincide com o período em que as águas diminuem e prenunciam o verão, que começa em maio. Na verdade, na Amazônia não existe inverno e verão, o que chamamos inverno e verão é caracterizado pelas chuvas, abundantes num e escassas noutro período.

Na Europa, esse período coincide com o equinócio solar, que determina o início da Primavera, durante a qual se realizava antigamente – e ainda hoje – muitos rituais pagãos.

O Jurupari é um arquétipo presente em diversas culturas, não é um privilégio Tupi, mas por ser essa a maior família índia, espalhada por grande extensão territorial, e por ser a língua Tupi-Guarania mais difundida, os pesquisadores antigos concentram nela os seus trabalhos. (PEREIRA)

Paxiúba

Os índios da região do Alto Rio Negro consideram a palmeira paxiúba ([161]) como símbolo máximo de sua liturgia e que ela representa o próprio Jurupari [Filho do Sol]. Do caule da exótica palmeira são fabricadas trombetas e flautas das quais se extrai um som harmonioso através do qual o Filho do Sol se comunica com seus devotos.

Alfred Russel Wallace (março de 1851)

> Foi também aqui que vi e ouvi pela primeira vez o Jurupari, isso é, a "*música do diabo*". Aconteceu durante uma festa em que havia caxiri. Um pouco antes de escurecer, ouviu-se um som de trombones e fagotes que vinham do Rio em direção à Aldeia. Pouco tempo depois, eis que surgem 8 índios, todos soprando um certo instrumento muito parecido com um fagote de grandes dimensões. Havia 4 pares de tamanhos diferentes. O som que produziam, conquanto primitivo, era bem agradável de ouvir-se. Os instrumentos eram tocados simultaneamente, todos executando a mesma melodia simples. Com isso, esses índios revelavam um gosto mais apurado para a música do que os de qualquer outra tribo que conheci. Os instrumentos são feitos de cascas de árvores enroladas em espiral, tendo boquilhas de folhas.

[161] Paxiúba (Socratea exorrhiza): palmeira da família das palmáceas. Conhecida popularmente como: castiçal, baxiúba, zancona, bombom. Alcança até 20 m de altura, com estipe solitário, de 10 a 18 cm de diâmetro, cilíndrico, anelado, suportado por um cone de até 25 raízes adventícias acuneadas, amplamente espaçadas e que podem chegar a atingir 02 m de comprimento. Cresce em diversos habitats, sendo mais comum na floresta tropical úmida, em áreas inundadas ou em terra firme. Por ter o lenho muito resistente, é usada como ripas em construções rústicas, sendo empregada até mesmo na confecção de mastro de navios e bengalas. É uma espécie ornamental, além de seus frutos serem muito apreciados pelas aves.

> Ao anoitecer, seguimos para a maloca. Lá dentro, dois velhos tocavam dois instrumentos maiores, movendo-se de maneira curiosa, ou para cima e para baixo, ou de um lado para outro, acompanhando esses movimentos com análogas contorções corporais. Por longo tempo ficaram tocando a mesma melodia, acompanhando-se uns aos outros de modo harmonioso e correto. Desde o momento em que se escutavam esses instrumentos pela primeira vez, desaparecem por completo todas as mulheres, sejam novas ou velhas. Trata-se de uma exótica superstição dos índios Uaupés. Segundo seus costumes, às mulheres é vedada a simples visão de um desses instrumentos. Caso contrário, será punida com a morte, e geralmente por envenenamento. Mesmo no caso de que a visão dos instrumentos tenha sido absolutamente fortuita, ou então quando houver apenas uma suspeita de que a mulher tenha visto os instrumentos proibidos, não há clemência. Dizem já ter havido casos de pais que executaram suas próprias filhas e de maridos que também fizeram o mesmo com suas esposas, tudo por causa desse crime.
>
> Obviamente, fiquei ansioso para comprar esses instrumentos, especialmente em virtude da superstição relacionada com eles. Assim, fui falar com o Tuxaua. Ele prometeu vender-me alguns na minha viagem de volta, mas com a condição de que fossem embarcados a alguma distância da Aldeia, a fim de que não houvesse perigo de serem vistos pelas mulheres. (WALLACE)

Morro da Fortaleza

Após a visita à FOIRN, fomos até o Morro da Fortaleza. O Morro guarda uma história que se confunde com a própria criação de São Gabriel e, por isso mesmo, vamos reportá-la.

Após a assinatura do Tratado de Madrid, em 13.01.1750, e da criação da Capitania de São José do Rio Negro (1755), foram organizadas diversas expedições com a finalidade de patrulhar e fortificar o Alto Rio Negro visando demarcar os domínios portugueses na área e de controlar os descimentos indígenas. O Governador da Capitania, Tenente-Coronel Gabriel de Souza Filgueiras (1760/1761), enviou para a área o Capitão José da Silva Delgado à frente de um pequeno Destacamento que se instalou na Aldeia de Curucui, erguendo um Fortim em uma das ilhas e, logo após, prosseguiu tomando posse de diversas aldeias a montante do Negro. A Povoação viria a ser elevada a Vila, em 1833, com o nome de São Gabriel, em homenagem àquele Governador (Gabriel de Souza Filgueiras).

Logo que assumiu o Governo, no dia 24.12.1761, o Coronel Valério Correia Botelho de Andrade, preocupado com a precariedade das instalações do Fortim construído pelo Capitão José da Silva Delgado, solicitou ao Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Manuel Bernardo de Melo e Castro (1759-1763) a construção de um novo Forte. A missão foi confiada ao Capitão Phillip Sturm, Engenheiro Militar alemão a serviço de Portugal.

Sturm condenou, de imediato, a localização da posição fortificada na ilha e recomendou sua mudança para uma posição dominante em terra firme, o que facilitaria ao mesmo tempo a construção, manutenção, defesa e eventual reforço em caso de ataque. A construção teve início em janeiro de 1763. Em 28.07.1763 do mesmo ano, Sturm enviou ao Governador o seguinte relato:

> No que respeita à formadura desta Fortaleza, conforme a primeira planta que enviei a V. Exa., mudei inteiramente aquela primeira ideia da estrela, na qual apliquei quatro baluartes, proporcionados e regulados para o pequeno terreno e forçada guarnição que a defenda. Tudo vai ser feito em boas madeiras em que tenho especial cuidado. Não remeto por ora a V. Exm.ª a planta e o perfil desta obra, por falta de tudo o necessário, tanto papel como tinta.

A construção de madeira deteriorou-se rapidamente e, em 1770, o Governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, o Capitão-General Fernão da Costa de Ataíde Teive Sousa Coutinho, determinou sua reconstrução em pedra. Os trabalhos iniciaram-se em 1775, e a nova estrutura foi assim descrita por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1783:

> No vértice da colina cavalga a Fortaleza. O que é ela verdadeiramente é um reduto construído de pedra e barro, com dois meios baluartes na frente e as cortinas que o fecham pelos lados e pela retaguarda. Guarnece-o exteriormente um tal ou qual fosso, que o não circunda, mas cinge o lado da frente para o Rio e o da parte da Povoação. A parede da porta é a cortina da frente. Contei dez peças de ferro, montadas nas suas carretas, a saber, seis de calibre de 4" e quatro de calibre de ½". Há dentro dele um Quartel para a guarnição, um Parque d'armas e mais petrechos de guerra, uma pequena casa de pólvora, um calabouço etc., e todas estas casas, excetuando a da pólvora, são cobertas de palha. Pela retaguarda do reduto se levanta um outeiro ([162]) que o domina e é um temível padrasto que se corresponde com ele a tiro de peça.

---

[162] Outeiro: Morro da Boa Esperança.

Necessita-se, por esta parte, de um contrarreduto que cubra a retaguarda do primeiro. Pela parte do Rio, é bem defensável, porque o Rio se coangusta ([163]) de modo que o que apresenta é uma estreita garganta, defendida pelos meios baluartes superiores, ficando a Povoação entre a primeira cachoeira da praia grande e a segunda sobre que está levantado o reduto. Constava o seu Destacamento de 60 praças. O ordinário costuma ser de 30 e nunca existem juntos, porque já escrevi que, da guarnição se destacam os praças precisos para a direção das povoações subalternas; outros se empregam nas diligências do serviço.

Sabe-se que os espanhóis pretenderam introduzir-se neste Lugar antes de ser fortificado, e foi preciso prevenir as suas costumadas usurpações. O primeiro que o fortificou pela nossa parte foi o Capitão-de-granadeiros José da Silva Delgado. Veja-se o que a este respeito consta do seu assento [...]:

> O Capitão José da Silva Delgado foi destacado para o Distrito das cachoeiras deste Rio, a fundar uma nova Povoação, em 23.05.1761. Apresentado em 6 de novembro do dito ano, depois de concluir uma casa forte na ilha de São Gabriel; um armazém na Cachoeira Grande e tomar posse das aldeias dos índios nas terras de Marabitanas, que são: São José, São Pedro, Santa Maria e Santa Bárbara, como também criar as aldeias de São João Batista, na Boca do Rio Ixié; a de Santa Isabel, Rainha de Portugal, na Boca do Rio Uaupés; do Senhor da Pedra, na Cachoeira Grande, da parte do Sul; a de Nossa Senhora de Nazaré, na enseada da dita ilha, da parte do Norte; a de São Sebastião, na cachoeira chamada do Vento, da parte do Norte; a de São Francisco Xavier, na mesma cachoeira, da parte do Sul, e a de S. Antônio, na Boca do Rio Mariá.

[163] Coangusta: aperta.

Donde não só se vem no conhecimento do primeiro que guarneceu este passo, ainda que por então não fez mais que uma casa forte, erigida na ilha, mas também que algumas aldeias se estabeleceram, as quais já hoje não subsistem. Sucedeu-lhe o outro Capitão Miguel de Siqueira Chaves, o qual foi destacado em 12.10.1761 e apresentou-se em 09.01.1762, por causa de doença.

Seguiu-se o Capitão Simão Coelho Peixoto Lobo, destacado em 13.01.1762 e apresentado em 14.12.1763. Por todos eles foi informado o Ilm° Senhor Manoel Bernardo de Melo e Castro que, no lugar em que está situada a residência dos comandantes, se podia erigir um reduto que defendesse o passo, Rio acima e pela margem do Norte, o que não se podia esperar da casa forte estabelecida na ilha. Por ordem sua, subiu a erigi-lo, em 30 de janeiro do dito ano, o alemão Filipe Strum, Capitão engenheiro. Construiu-o de pau-a-pique, com dois baluartes na frente para o Rio, e esta foi a fortificação que fez e subsistiu até ao ano de 1765.

Comandaram-na oficiais distintos em patentes, talentos e serviços, entre os quais os Capitães Filipe Strum, Inácio de Castro Morais Sarmento, João Batista Mardel e Domingos Franco de Carvalho. Distinguiram-se particularmente o primeiro e o terceiro. Alguns deles comandaram mais de uma vez e o Capitão Simão Coelho, que tinha saído a comandá-la pela primeira vez em 13.01.1762, tornou a ser destacado para o seu comando em 02.02.1767. O citado Capitão Filipe Strum, que subiu a fundar o reduto em 30.01.1763, voltou a Comandante em 13.11.1763. Pelos fins de 1775 se deu princípio ao que hoje existe: desenhou-o o Capitão Engenheiro, mas não o concluiu, porque se retirou para a diligência do Rio Branco. Passaram a comandantes os oficiais subalternos que dantes eram menos; não

que deixassem de ser para lá destacados, como foram alguns de que faço menção, mas não encarregados do Comando.

Tais foram o Alferes Manoel Porate de Morais Aguiar, em 05.11.1761, e passou a fazer um descimento em 26.03.1762; o Alferes Crispim Lobo, duas vezes destacado, a primeira em 24.12.1762 e a segunda em 30.12.1773; o Alferes Luís da Cunha d'Eça, em 01.07.1764; o Alferes Custódio de Matos Pimpin, em 09.02.1765; o Alferes José Henriques da Costa, em 19.02.1766; o Alferes Antônio de Seixas, em 26.01.1772, etc. Da patente de Tenentes, dou fé do Tenente Miguel Ângelo Ferreira, em 29.07.1763; do Tenente Inácio Soares de Almeida [destacado para Comandante] em 19.02.1762, do Tenente Manuel Lobo de Almeida, em 19.09.1770, etc.

Comandaram-na depois, de entre os que lembram, o ajudante auxiliar Cleto Antônio Marques, o Alferes Joaquim Manoel da Maia Melo; o outro Alferes Francisco Rodrigues Coelho, que concluiu o novo reduto, e o Tenente Marcelino José Cordeiro, que é pela segunda vez seu Comandante atual. Eu injuriaria o seu merecimento, se pretendesse informar dele; os seus serviços são as suas informações; pelo seu zelo foram estabelecidas as povoações das Caldas, no Rio Cauaburi, e de São Marcelino, no outro Rio Ixié; a de São Gabriel tem sido aumentada, a fronteira guarnecida; as ordens de V. Exm.ª executadas, a Expedição de Limites socorrida de farinhas e o novo encargo do anil desempenhado.

No dia 03.05.1784, chegou à fortaleza o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, na qualidade de Comandante Geral, da parte superior do Rio Negro; aquela foi a primeira vez, que subia a comandá-la um oficial da sua patente. (FERREIRA)

O Governador da Capitania do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo d'Almada, também fez sérias críticas à guarnição do Forte:

> As suas guarnições, fracas em dois sentidos, porque são diminutas e compostas pela maior parte de muito maus soldados do país, uns que são puramente índios, outros extração ou mistura deles, gente naturalmente fugitiva e indolente, falta de honra, de experiência, de capacidade necessária para uma defesa gloriosa.

A informação mais detalhada sobre o Forte, porém, é a de Antônio Ladislau Monteiro Baena e data de 1839:

> Contíguo a este Lugar, há um Forte que se apelida como ele e que foi construído em 1763 de ordem do General do Pará, Manoel Bernardo de Mello e Castro, contra as pretensões dos Hispano-Americanos. Ele é de figura pentagonal irregular, da qual o maior lado, que defronta com o Rio, é uma cortina, que prende dois meios baluartes; no meio está a porta, que simultaneamente serve ao Forte e ao Quartel, o qual, com o calabouço, corpo de guarda e armaria, abraça toda a cortina. Os lados menores não têm flanqueamento ([164]); eles são uma singela parede de pedra e argila que é o material de toda aquela Fortificação.

> Falta-lhe o fosso, esplanada, e obras exteriores; não tem canhoneiras para mais de 16 peças de artilharia, e ainda essas hão de ser de calibre inferior ao meridiano, e portanto incapazes de contrabater ([165]). As guaritas são três, e de tijolo cobertas de telha. O

---

[164] Têm flanqueamento: são defendidos por torres.
[165] Contrabater: destruir as baterias inimigas.

estado das peças, das carretas e de tudo o que são anexas do Forte, como o Quartel, armazéns e ribeira, é lastimoso; e o armazém da pólvora é uma pequenina casa de pedra coberta de telha e enterrada no meio do recinto sem segurança nem resguardo.

Quanto ao exterior do Forte, na sua espalda, surge perto uma Serra ([166]), que é um ponto dominante sobre o mesmo Forte, cuja situação parece apta para defender o passo ao inimigo por entestar com a duodécima cachoeira, que ali atravessa o Rio formando um boqueirão, que a veia d'água passa arremessando-se com máximo ímpeto fremente; cuja cachoeira por certo de algum modo embaraça um inimigo inexperto ([167]) em passar estes obstáculos; porém ele pode iludir esta arduidade ([168]) saindo em terra sem risco por cima do Lugar chamado o Caldeirão, e dali descer embuçado ([169]) ao abrigo da espessura ([170]). Ora este Lugar do Caldeirão nunca teve, nem tem um reduto de "*fachina*", que o defenda; porquanto o Forte de São Gabriel, sem esta obra fica insuficiente, bem como no tempo da defensa é muito preciso levantar uma bateria no já referido ponto dominante, do qual se descobre o interior do Forte até à raiz do muro, e se divisam os defensores, que em tais circunstâncias estão como nus de anteparo. Há ainda outra razão de conveniência para se dever ocupar o dito ponto dominante, e é que dele se descortina uma grande extensão do Rio, e por isso é um ótimo lugar de atalaia ([171]). (BAENA)

---

[166] Serra: Morro da Boa Esperança.
[167] Inexperto: inexperiente.
[168] Arduidade: dificuldade.
[169] Embuçado: protegido.
[170] Espessura: mata.
[171] Atalaia: vigia.

Os únicos vestígios do Forte, atualmente, são os de seus alicerces em forma de ferradura encravados na rocha. É voz corrente de que as antigas pedras do Forte foram usadas na construção da Missão Salesiana. As dez peças de artilharia originais se encontram assim distribuídas: quatro peças de ½" estão na frente Fórum da Cidade de SGC, três peças de 4" no 5° Batalhão de Infantaria de Selva e as outras três no pátio de formatura da 1ª Brigada de Infantaria de Selva. O Morro da Fortaleza, como hoje é conhecido, encontra-se ocupado pela Companhia de Saneamento do Amazonas (COSAMA).

No Morro também se encontra uma das atrações locais conhecida como Pedra da Anta, com seus estranhos desenhos em relevo: um pernil, víceras de animais e uma pegada humana. Acompanhado do Coronel Teixeira, subi na caixa d'água da Cosama e lá do alto desfrutamos de uma posição privilegiada e uma vista singular para tirar fotografias.

Antevéspera de Natal (23.12.2009)

O Major Vidal providenciou para que o caiaque fosse trazido até o Círculo Militar, onde eu e o Teixeira iniciamos sua manutenção. O Teixeira notou um pequeno dano no casco do compartimento de popa, que reparei com o material doado pelo Coronel Ebling. Para evitar os problemas que enfrentei no Solimões com o nome do caiaque, Opium, e suas cores azul e amarelo que lembram a bandeira colombiana, resolvi raspar o "*O*" de Opium e agora navego com a marca "*pium*" mais adequada ao contexto amazônico. Na hora do almoço, o Soldado PM Cavalheiro acertou com o Teixeira o deslocamento da sua "*voadeira*" pilotada pelo, índio Baré Osmarino, de São Gabriel até Manaus.

Morro da Boa Esperança

Ali há um morro chamado Monte Serrat ou da Boa Esperança, serpenteado por um caminho de terra com marcos situados a cada 100 metros. Estão decorados com mosaicos que lembram os 15 mistérios do Rosário. Foram colocados ali em 1965 em comemoração ao cinquentenário da Prelazia do Rio Negro. De lá de cima, podem-se ver belas praias de areia branca e, ao fundo, a silhueta escura e misteriosa do maciço das Guianas. (MAUSO)

O Morro de aproximadamente 230 m de altitude, a 10 min do centro da Cidade, era conhecido antigamente como Morro de São Gabriel, depois chamado de Monte Serrat e, finalmente, Boa Esperança. Os Padres Salesianos construíram uma trilha que permite que se chegue ao topo, sem muito esforço.

No alto, foram construídas as capelas de Nossa Sª Auxiliadora e a do Cristo Crucificado de onde se tem uma vista privilegiada da Cidade e do Rio Negro. Na trilha, foram implantados, em 1965, ano do cinquentenário da Prelazia do Rio Negro, de cem em cem metros, pequenos monumentos decorados com artísticos mosaicos, representando as ***14*** *estações da Via Sacra*. Neste local, são realizadas as procissões mais importantes do calendário litúrgico.

Lenda da Serra da Bela Adormecida

Dois jovens enamorados, da tribo Baré, passeavam pela mata quando foram atacados por um grupo rival. O guerreiro enfrentou ferozmente os adversários dando oportunidade de a jovem fugir. A bela índia, escondida entre as folhagens, viu seu amado ser morto pelos algozes e, apavorada, se embrenhou mais e mais na mata, se perdendo, vindo, dias depois, a falecer de inanição.

Tupã, compadecido com o destino do casal, moldou a montanha de modo a representar o contorno da jovem deitada esperando eternamente pelo seu amado.

Missão Salesiana

A Congregação Salesiana tem as glórias, no século XX, que no período colonial se atribuíram aos Jesuítas. Como os continuadores do pensamento de Inácio de Loiola, os Filhos de D. Bosco seguem o programa do Santo amigo das crianças, ampliando-o na conversão dos primitivos da Amazônia e na irradiação da fé e da civilização. São, assim, na atualidade, sem nenhum favor, os mais legítimos realizadores da grande jornada de conquista espiritual.
(Arthur Cézar Ferreira Reis)

Os primeiros missionários a percorrer as Bacias do Rio Negro e do Uaupés foram os Carmelitas e, logo em seguida, os Franciscanos, ambos rechaçados pelo isolamento e as doenças tropicais. Somente os estoicos Salesianos enfrentaram o desafio. A presença Salesiana na Amazônia foi cogitada, a partir de 1908, por Dom Frederico Costa, após viagem pelo Alto Rio Negro, que encaminhou uma solicitação à Santa Sé neste sentido.

Foi criada, então, em 1910, a Prefeitura Apostólica do Rio Negro e, em 18.07.1914, através da Bula "*Christianae Religionis*", o Papa Pio X entregou aos Salesianos a catequese do Rio Negro. Em 1915, chegaram os primeiros Padres Salesianos: Bálzola, José Canudo e José Solari. A sede escolhida para a nova missão foi São Gabriel da Cachoeira. Atualmente, os Salesianos, na Amazônia brasileira, estão presentes em três Arquidioceses (Manaus, Belém e Porto Velho) e em três Dioceses (São Gabriel da Cachoeira, Humaitá e Ji-Paraná).

> A ação dos Salesianos acontece, hoje, através de três Comunidades Salesianas: Iauareté, São Gabriel-Maturacá e Santa Isabel-Marauiá. São 19 Salesianos (dos quais seis tirocinantes) e dois voluntários leigos. [...] O atual projeto Missionário animado pelos Salesianos incrementa o protagonismo dos povos indígenas e contempla três objetivos principais. O primeiro é interagir com os Ianomâmi [Maturacá-Marauiá] em vista do apoio à educação e ao desenvolvimento sustentável das Comunidades, apoiando a formação de Professores indígenas através do magistério indígena, construindo uma escola comunitária, intercultural, bilíngue, específica e diferenciada. (ISMA)

No tope da fronteira à sobredita escada, está fundada a Igreja Matriz. É uma Igreja grande construída como barraca de madeira, coberta de palha, interiormente pintada com decência precisa. (FERREIRA)

Na Missão, entrevistei o Bispo Emérito Walter Ivan de Azevedo. Nascido em São Paulo, trabalhou durante oito anos em Santa Catarina e São Paulo em colégios, desenvolvendo trabalhos com a juventude. O Bispo fez de bom grado o seguinte relato:

> Sempre tive intenção e desejo de trabalhar como Missionário. Os superiores, então, me mandaram para a Europa fazer o curso de Missionário que é antropologia cultural aplicada à evangelização. Permaneci dois anos e, mais tarde, um ano me doutorando nessa matéria em Roma, na Pontifícia Universidade Gregoriana e doutorado na Urbaniana. Fui então para as missões e foi bom porque, além de ter um pouco de experiência em visitas com jovens junto às tribos no Mato Grosso, tinha também esse cabedal teórico ou, digamos assim, fundamental e científico para abordar as missões.

Imagem 40 – Catedral de São Gabriel, SGC, AM

A multiplicação das reservas indígenas, exatamente sobre as maiores jazidas minerais, usa o pretexto de conservar uma cultura neolítica (que nem existe mais), mas visa mesmo à criação de uma grande Nação Indígena. Agora mesmo assistimos, sobre as brasas ainda fumegantes da Raposa-Serra do Sol, o anúncio da criação da reserva Anaro, que unirá a Raposa/São Marcos à Ianomâmi. Posteriormente a Marabitanas unirá a Ianomâmi à Balaio/Cabeça do Cachorro, englobando toda a fronteira Norte da Amazônia Ocidental e suas riquíssimas Serras prenhes das mais preciosas jazidas.
(Gelio Augusto Barbosa Fregapani)

Vim para cá, primeiro como simples Missionário em Rondônia, por quatro anos, a partir de 1976. Depois desse período me fizeram Inspetor Provincial dos Salesianos da Amazônia. Visitando as casas paroquiais do Pará, Amazonas e Rondônia, pude conhecer bem a Amazônia. Depois de seis anos de Inspetor, me fizeram Bispo dessa região [SGC] que é uma região onde os habitantes são 90% indígenas e a maior parte dos outros caboclos, de modo que eu estava no meu ambiente mesmo.

> Trabalhei aqui como Bispo Diocesano e depois como Bispo Emérito durante 20 anos. Nesses últimos três anos, estou trabalhando com seminaristas em Manaus que são os futuros missionários. Quando eu tenho tempo, uma vez por ano, eu fujo para cá para continuar minhas visitas a aldeias, principalmente a "*Tribo*" Ianomâmi, digo, a "*Nação*" Ianomâmi que é a mais primitiva ou seja, aquela que teve contato mais recente com os civilizados.

O Bispo Emérito Walter, graças a um pequeno "*escorregão*" durante sua explanação, deixa bem claro de como o conceito de "*Nação Indígena*" é recente e que ainda não foi inteiramente absorvido pelos clérigos mais antigos.

O Bispo editou diversos livros, dentre os quais "*Pinceladas de Luz na Floresta Amazônica*". O livro, como ele próprio diz: é tudo aquilo que ele conheceu de bom e de belo na natureza, mostrando, principalmente, o homem da Amazônia.

Hidrelétrica de São Gabriel

Em 1966, a revista "Américas", da OEA, publicou um artigo do oficial reformado da marinha uruguaia, Homero Martínez Montero, que apresentava essa ideia em detalhes e acrescentava o interesse de conectar a Bacia do Prata com a do Amazonas e esta, pelo canal do Cassiquiare. (MAUSO)

Há uma grande apreensão, por parte dos moradores de SGC, em relação à construção de obras que facilitem a navegação e gerem energia na região das cachoeiras. O texto abaixo relata esta antiga preocupação e mostra a dinâmica das relações internacionais já que, naquela época, os interesses dos EUA e Venezuela não eram tão conflitantes como os de hoje.

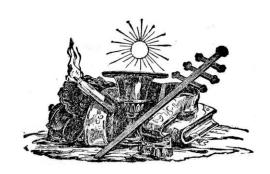
> Há uma antiga pretensão Norte-americana de fazer desaparecer as cachoeiras de São Gabriel através de obras de engenharia hidráulica relativamente simples, estabelecendo a navegação franca entre Manaus e a Foz do Orenoco, no Caribe, com a utilização do Canal de Cassiquiare. Essa ideia vem sendo esposada pela Venezuela, naturalmente por influência dos Norte-americanos.
>
> O General Tasso Villar de Aquino, uma das maiores autoridades em geopolítica, considera que essa solução não interessa ao Brasil, quer sob o ponto de vista econômico, quer sob o militar. No primeiro caso, o fluxo comercial internacional entre Manaus e Belém praticamente desapareceria.
>
> O Atlântico seria alcançado bem mais ao Norte, reduzindo substancialmente a distância Brasil-Estados Unidos e isolando por completo o porto de Belém. No segundo caso, abrir-se-ia uma via de acesso direta ao coração da Amazônia brasileira – Manaus – o que as cachoeiras de São Gabriel impedem. (BRASIL, 1987)

Véspera de Natal (24.12.2009)

A população, na sua maioria de origem indígena da etnia Tucano, estava totalmente entregue à celebração "*natalina*" que, longe de se caracterizar como evento religioso, mais parecia uma festa profana. O consumo exagerado de bebidas alcoólicas, acompanhado por músicas nordestinas em alto volume eram complementadas pelos convivas que dançavam o forró alegremente. A quantidade de bêbados perambulando pelas ruas ou caídos nas valetas davam mostras de como o alcoolismo continua minando a saúde e os costumes aborígines.

A Cidade expande-se a olhos vistos, mas este crescimento não é acompanhado por ações apropriadas por parte da prefeitura.

As melhorias vistas, principalmente viárias e de saneamento, são apenas as implementadas pela 21ª Companhia de Engenharia de Construção do Exército Brasileiro. Visitamos duas "*Casas de Apoio*" aos indígenas que vêm à Cidade buscar algum tipo de atendimento e, apesar do Prefeito e o Vice serem de origem indígena, o que vimos nos deixou chocados. As péssimas instalações estão imundas e não apresentam as mínimas condições de higiene. A limpeza urbana, o estado do calçamento da Cidade também deixam muito a desejar.

À noite saímos a passear pela praia e avistamos diversos motivos natalinos com pisca-piscas. A iluminação, porém, estava colocada incorretamente de maneira que nunca se podia visualizar a figura completa. Uma hora piscavam as luzes dos chifres de uma rena, outra um quarto traseiro outra ainda o focinho... O descaso com a iluminação natalina é um pequeno reflexo de como as coisas públicas são tratadas pela administração pública.

Soneto
(Tenreiro Aranha[172])

Se acaso aqui topares, caminhante,

Meu frio corpo já cadáver feito,

Leva piedoso com sentido aspeito ([173])

Esta nova ao esposo aflito, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante

Me viste por fiel cravado o peito,

Lacerado, insepulto, e já sujeito

O tronco fêo ao corvo altivolante: ([174])

Que d'um monstro inumano lhe declara,

A mão cruel me trata d'esta sorte,

Porém que alívio busque à dor amara, ([175])

Lembrando-se que teve uma consorte, (176)

Que, por honra da fé que lhe jurara,

À mancha conjugal prefere a morte.

---

172 Tenreiro escreveu este Soneto em homenagem à Srª Maria Bárbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, por não querer cometer adultério.
173 Aspeito: semblante.
174 Altivolante: que voa a grande altura.
175 Amara: amarga.
176 Consorte: cônjuge.

Lendas de São Gabriel

É na tradição, nas antigas narrativas, nesses arquivos universais chamados erroneamente de lendas, é nos velhos contos que o homem poderá encontrar a sua verdadeira identidade mágica. (Mario Mercier)

São inúmeros relatos de avistamentos de OVNIS (Objetos Voadores Não Identificados) na região de São Gabriel da Cachoeira e do Alto Rio Negro em geral. A memória ancestral indígena aliada à ignorância e à ingestão de narcóticos como o Ipadu por parte dos nativos fazem com que alguns fenômenos naturais sejam transformados em supostos avistamentos de extraterrestres.

OVNIs

Nos Caminhos da Coca

Pedro Tucano contou-me que, certa época, quando ainda jovem, esteve visitando a Missão de Maturacá, em companhia de dois amigos. [...] Certa noite, estava semiadormecido quando notou uma claridade fora do normal e ouviu um barulho semelhante a uma rajada de vento. Abriu bem os olhos e assistiu, então, a um espetáculo jamais imaginado: ao Sul do Pico Guimarães Rosa, na Serra do Imeri, o terreno abriu-se em uma fenda de tamanho descomunal. Parecia uma casamata encravada na encosta da montanha, da qual partia uma intensa claridade azulada. Pela porta gigantesca, de repente, começaram a sair esquadrilhas de discos voadores, que desapareciam na escuridão da noite. Quando já haviam saído centenas desses objetos, inexplicavelmente a porta se fechou, voltou a escuridão da noite e tudo retornou ao normal. [...]

Contou tudo aos Padres que não lhe deram importância. [...] Pedro Tucano confessou que chegou a um ponto que já andava desconfiado de sua sanidade mental. Seis meses depois, resolveu pôr a prova aquela incômoda situação de loucura. [...] Não mais resistiu e, sem dizer nada a ninguém, retomou o caminho de Maturacá. Na Missão conseguiu um casco velho de jatobá e remou novamente Rio Caubari acima. [...] Uma noite, outra depois, e, afinal, nada apareceu. [...]

Felizmente, como tivesse consigo boa reserva de pelotas de Ipadu, pôde aguentar mais alguns dias sem comer. Mas a viagem de volta foi trágica. Picado por morcegos hematófagos, o seu corpo cobriu-se de chagas. Os voadores acabaram por constatar a sua debilidade e passaram a atacá-lo vorazmente, até que Pedro caiu desmaiado, entregando-se à fúria invencível dos vampiros.

Pedro Tucano disse então que, nessa oportunidade, teve um sonho que me foi descrito detalhadamente:

> Apareceu-lhe um ser esquisito, com forma de gente, mas com cabeça de lagarto, de olhos vivos e radiantes. Em vez de cabelo, ele era dotado de antenas, e a sua boca era luminosa. Expressando-se fluentemente no idioma tucano, o mostrengo deu uma série de explicações e recomendações. Confirmou ter ele – Pedro, realmente, descoberto a boca da caverna mais secreta do planeta Terra: a porta de entrada de uma Cidade subterrânea, cujos habitantes eram física, intelectual e espiritualmente mais evoluídos que os terrenos. O bicho afirmou que aqueles viventes dominavam a energia cósmica, a comunicação telepática e eram donos do espaço sideral, onde viviam e pregavam o amor. Interessante era o fato de Pedro utilizar um vocabulário erudito, inconcebível para um índio. Assim prosseguiu ele:

> O vulto assegurou que os habitantes da Terra estão longe de compreender aquele mundo evoluído; que devem sofrer muito ainda, antes de desvendar os segredos da natureza, e aceitar as maravilhas da vida espiritual.

Antes de desaparecer, o extraterreno ainda insistiu em tom Professoral:

> Vocês não estão aptos a compreender os segredos das galáxias! Pedro, volte para o seu Lugar. Nunca mais se refira a este episódio. Desminta tudo. Se insistir nesse assunto, morrerá! (BRASIL, 1989)

Mistérios do Brasil

Se transplantarmos essas teorias à região de São Gabriel da Cachoeira, chegamos à conclusão de que ela foi e está sendo visitada por muitos OVNIs e extraterrestres [...]

> – Nestes últimos dias, apareceu um deles no quintal da casa do vizinho. Eles pensaram que era alguém com uma lanterna, mas notaram que a luz era muito mais forte e de cor vermelha, ficando parada no ar por muito tempo [...]
>
> – Sim, já vi. Ele é, como disse antes, do tamanho de uma lamparina e parece com uma lanterna que foca para baixo, de cor vermelha como o fogo. [...]

Instantaneamente tive um "*insight*", uma espécie de eureca. Tinha diante de mim uma prova irrefutável de como os conteúdos culturais podem dar roupagem particular ao fenômeno OVNI, como alguns psicólogos, ufólogos e sociólogos haviam especulado. (MAUSO)

Relâmpagos Globulares

As explicações científicas, para a maioria dos casos, entretanto, não são do conhecimento dos nativos.

Dentre elas mencionaremos apenas a que, certamente, é mais comum na região do Alto Rio Negro.

> São os relâmpagos de bola, também conhecidos como relâmpagos globulares, bolas de fogo ou relâmpagos raros. No interior do Brasil, eles são chamados de mãe do ouro e, segundo a lenda, seu aparecimento indicaria a existência desse metal no subsolo daquela região. Ainda se sabe muito pouco a respeito dos relâmpagos de bola. Eles têm tempo de duração de aproximadamente quatro segundos [em média], forma quase sempre esférica [diâmetros entre 10 e 40 cm] e cores que variam entre branco, amarelo e azul. Têm brilho semelhante ao de uma lâmpada fluorescente, emitem um som sibilante ([177]) e desprendem um odor forte ([178]), terminando numa explosão ou desaparecendo repentinamente. Dizem que ele é capaz de atravessar as paredes e janelas das casas e a fuselagem dos aviões. Esses relâmpagos muitas vezes são confundidos com OVNIs ou fantasmas e, até meados do século passado, eram considerados ilusão de óptica ou uma interpretação errada de outros fenômenos naturais. (Universidade Federal do Pará – UFPA)

Vamos citar apenas duas das diversas formas mais conhecidas para a geração de relâmpagos-bola que, pelas características geológicas locais, têm maior possibilidade de ocorrer na região de São Gabriel da Cachoeira:

1) A movimentação das placas tectônicas gera uma enorme pressão provocando, no subsolo, a ionização de gases, que podem chegar à superfície através das falhas geológicas. Os relâmpagos realizam movimentos aleatórios e, rapidamente, se desfazem;

---

[177] Sibilante: som muito agudo, como um forte assobio.
[178] Odor forte: geralmente de enxofre.

2) O atrito dos ventos nos picos das montanhas carregam eletricamente todo o maciço. O efeito elétrico do poder das pontas, no pico, gera uma bola ionizada que pula até o outro morro, em um movimento em forma de um arco, neutralizando-se.

Relatos antigos de Lobo d'Almada e do Dr. Antônio Escallón mencionam um terremoto que foi sentido na região do Rio Uaupés e Santa Fé de Bogotá, atual Bogotá – Colômbia, na manhã de 12.07.1785, reforçam a teoria da formação de relâmpagos globulares em virtude da movimentação das placas tectônicas.

Tremores de Terra (SGC) – 1785

Lobo d'Almada

A parte Ocidental da fronteira do Rio Negro e a Setentrional da fronteira do Solimões, em diversos tempos, têm sido combatidas por tremores de terra. Não se sabe o tempo em que eles acontecem, nem se eles têm Lugar depois de grandes calmas, ou logo depois da quadra das chuvas. O que no ano de 1785 sentiu o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada andando no reconhecimento da comunicação mais alta do Rio Uaupés, o Japurá, foi na manhã de 12 de julho pelas 08h10; teve três minutos de duração, e foi muito forte ao princípio; referiu às dez horas e com menos força. Em dezembro de 1827, houve outro em toda a fronteira do Solimões que durou cinco minutos com grande impulso. (BAENA)

Dr. Antônio Escallón

Excelentísimo Señor

Muy Señor mío: Habiendo-se experimentado en esta capital el día 12 del que sigue, como a las siete y tres cuartos de la mañana ([179]) un terrible Terremoto

[179] Siete y tres cuartos de la mañana: 07h45.

cuya duración sería de tres a cuatro minutos, ha ocasionado daños considerables en casi todos los Edificios de esta Ciudad, Torres, y Conventos principalmente el de Santo Domingo, cuya Iglesia ha quedado arruinada en la mayor parte; por cuyo motivo pasé prontamente a la Administración Principal de Aguardientes acompañado del Comandante de Artillería Don Domingo Esquiaqui, como sujeto dotado de tan bellas luces para discernir cualquiera Daño que hay se hubiese padecido; y aunque después de un prolijo reconocimiento se advirtieron algunos, no causaron cuidado, ni impiden las maniobras de la fábrica, en la que continúan las destilaciones y demás operaciones a ella anexas, pero si se han dado las providencias que se han tenido por oportunas, para que sin pérdida de tiempo se proceda a hacer los reparos necesarios.

Lo que participo a vuestra excelencia en cumplimiento de Mi obligación.

Dios guarde a V.E: muchos años como deseo.

Santa Fe, 19 de julio de 1789

[...] su más atento servidor

Dr. Antonio Escallón.

Excelentísimo Sr. Don Antonio Cavallero y Góngora

[Aviso del Terremoto, primera publicación periódica del país, Santafé, julio 12 de 1785. Imprenta Real de Antonio Espinosa de los Monteros. Biblioteca Nacional de Colombia, Bogotá]

Círculos Entalhados na Rocha

Um pouco mais abaixo, na margem do Rio, chamoume a atenção um grupo de rochas lisas sobre as quais pescavam algumas pessoas. Aproximamo-nos e vi sobre elas vários círculos perfeitamente talhados, cujo diâmetro variava entre dez e no máximo

> trinta centímetros, com uma profundidade não maior que três centímetros. Vários deles apresentavam protuberâncias centrais. Obra da natureza? Não, junto a eles apareciam sulcos profundos, perfeitamente talhados e polidos, dispostos em feixes em forma de leque, geralmente em grupos de três ou quatro e de comprimento variável.
>
> – Ah! Isso aí é coisa da época em que a pedra era mole seu moço ... (MAUSO)

Se o escritor Pablo Villarrubia Mauso tivesse lido as "*Notas de um botânico na Amazônia*" de Richard Spruce, não se entregaria a divagações surrealistas a respeito da autoria das tais panelas, vejamos o que disse Spruce:

> [...] diferente do que ocorre com as panelas, que são orifícios cilíndricos frequentemente encontrados nas rochas das cachoeiras dos Rios Negro e Uaupés, os quais resultam obviamente da ampliação de buraquinhos produzidos acidentalmente por seixos, em decorrência dos grãos de areia que neles se entranham e ali dentro passam a girar, impelidos, pelo vaivém das ondas que se formam nos trechos encachoeirados durante as cheias. (SPRUCE)

São Tomé ou Sumé

Pegada de Sumé no Morro da Fortaleza

– No alto dessa colina, o chão é de pura pedra. Ali estão gravadas umas figuras que o povo diz serem as partes do boi ([180]).

– Também tem a marca de uma pegada na pedra, onde as pessoas deixam flores, velas e fazem preces. O povo diz que é a pegada de um anjo.

[180] Boi: anta.

– Ora, acho que isso deve ser algo relacionado com as famosas pegadas de Sumé ou Pai Tomé! Exclamei admirado. (MAUSO)

O Profeta Andarilho

Vi com meus próprios olhos, quatro pisadas muito significativas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o Rio quando enche.
(Manuel da Nóbrega)

Sumé, por sua vez, aparece citado pelo Padre Manuel da Nóbrega em suas Cartas do Brasil [1549]. É uma figura misteriosa, que surgiu "*antes do Descobrimento – informa o Mestre Câmara Cascudo – e ensinou aos índios o cultivo da terra e as regras morais*". Uma curiosidade especifica de Sumé é ele ser um branco e ter desaparecido "*caminhando sobre as águas do Mar*", em direção à índia.

As características apontam para um Pajé de raça branca. A tradição tupi-guarani fala de um homem sábio e milagreiro que veio até eles há muito tempo: um provável precursor dos missionários, a quem chamou Sumé [tupi] ou Pay Zumé [guarani]. É possível que seja uma corruptela de Tomé, o apóstolo incrédulo. Tomé foi designado para levar o Evangelho de Cristo aos gentios, aos selvagens. (PEREIRA)

O mito Sumé é um enigma que abrange todo o Continente Americano. Possui muitos nomes: Sumé, Xumé, Pai Abara entre nossos índios, Quetzalcoatl na América do Norte, Sommay entre os Caribas; no Haiti era Zemi, na América Central era Zamima, e muitos outros, mas a figura é sempre a mesma, homem branco, longa barba, portando uma "*borduna trovejante*", saía das águas para mostrar aos nativos

como construir casas, a se organizar, a cultivar frutas, verduras e legumes e outras técnicas.

> Eles têm lembrança de São Tomé [...] Queriam mostrar aos portugueses pegadas de São Tomé no interior do país. Quando falam de São Tomé, chamam-no de pequeno deus, mas dizem que havia outro deus maior [...]. [anônimo europeu – 1514] O Pastor calvinista Jean de Léry pregou para os Tupinambás nas cercanias do Rio de Janeiro na década de 1550. Um velho agradeceu a Léry as explicações que ele dera sobre as maravilhas do cristianismo, mas disse:
>
> > Seu sermão me fez recordar aquilo que ouvimos tantas vezes nossos avós relatar, isto é, há muito tempo – há tantas luas que já não conseguimos mais contá-las – um mair ([181]) vestido e barbudo como alguns de sua gente veio a esta terra. Ele esperava conduzir nossos ancestrais à obediência de seu Deus e dirigiu-se a eles na mesma língua que vocês empregam conosco hoje. No entanto, conforme ouvimos dizer de pai para filho, eles se recusaram a acreditar. Chegou, então, outro homem que, como sinal de maldição, deu-lhes de presente uma espada. Como resultado, desde aquela época sempre nos matamos uns aos outros [...] a tal ponto que [...] se agora abandonássemos esse costume e desistíssemos, todas as tribos vizinhas zombariam de nós. (HEMMING)
>
> Também da vinda do Apóstolo São Tomé à América e que os ensinara o modo de cultivar as suas sementeiras, que todas se cifram na mandioca e farinha-de-pau, e poucas outras. (DANIEL)
>
> [...] "*o antigo*", cabeleira ruiva e estatura maior que a dos outros homens, anda à tona nas águas ou sobre as nuvens. Essa criatura portentosa ensinou os

[181] Mair: forasteiro heróico.

> homens a servirem-se da natureza, "*inventou*" o bodoque e as danças e fere com flecha invisível, o coração dos inimigos. (RAMOS)

> [...] disseram que, de acordo com a informação que possuíam, era um homem alto com roupa branca que chegava até seus pés, e que sua veste tinha um cinturão, e trazia o cabelo curto com uma tonsura na cabeça, à maneira de um Padre, e que carregava na mão uma certa coisa que parecia lembrar o breviário que os Padres trazem nas mãos. (BETANZOZ)

O profeta andarilho era estimado por todos, até que resolveu estabelecer normas moralizadoras; condenando a antropofagia e a poligamia, provocou a ira dos indígenas. Tentaram matá-lo por diversas vezes, mas Sumé sempre conseguia escapar ileso. Por fim cansado das atitudes traiçoeiras dos seus protegidos, retirou-se, andando sobre as águas de onde havia surgido. Prometeu que voltaria para cumprir a missão que recebera.

> Misterioso personagem que veio do Mar [...] e nessa direção desapareceu depois que, molestado por alguns, se desgostou e deu por terminada a sua missão de legislador e Mestre de todos eles. (STADEM)

> [...] pregou-lhe a palavra do bem e censurou sua imoralidade. Furiosos por verem seus excessos censurados, os camponeses se apoderaram de Tonapa, flagelaram-no e amarraram-no a três pesadas pedras. Subitamente, três magníficas águias desceram dos céus; com o bico serrado, cortaram as amarras e libertaram o prisioneiro. Tornou à praia, estendeu seu manto sobre as ondas e, vagando nele, como num barco, rumou para a praia... (HUBER)

Foram vistas por Nóbrega, Montoya e muitos outros, pegadas em rochas, que dariam o testemunho da passagem e das viagens do apóstolo São Tomé pelas Américas. Estas pedras, gravadas em baixo relevo e sobrepintadas, identificam pontos importantes do caminho pré-histórico. Inscrições idênticas são encontradas na Bolívia e Peru, atestando a presença do herói mítico, que teria partido do Brasil em direção aos Andes.

A lenda caía como uma luva para os missionários religiosos. Ao mesmo tempo que levava os nativos a acreditar que os pregadores ali estavam para dar prosseguimento à obra do apóstolo, facilitava sobremaneira seu contato com os indígenas que associaram a eles a imagem de São Tomé.

Relato Pretérito - Sumé

Padre João Daniel (1752)

O haver tradição de ter evangelizado a Fé na América, o Apóstolo São Tomé é já hoje, sem controvérsia de dúvida porque, além de outros muitos fundamentos, de que cremos vendo pelo discurso desta obra alguns, há e se conserva em alguns tapuias esta tradição; pois perguntados por alguns outros fundamentos quem lhos ensinou, respondem que um homem chamado Sumé, cuja resposta com os mais fundamentos claramente convence desta verdade.

Chamaram-lhe Sumé, e não Tomé, é pequena corrupção do vocábulo, que nos índios é muito desculpável pela falta de livros e memórias que não têm, porque criados à lei da natureza, sem aprenderem a ler e escrever; e também os desculpa o longo tempo de tantos séculos.

Por isso, se não deve estranhar em gente tão rude a pequena mudança do "*T*" para o "*S*", especialmente ficando tão semelhante o som das duas palavras "*Tomé*" e "*Sumé*"; quando nos mesmos europeus, e nos mais literatos homens se estão achando a cada passo estas corrupções de vocábulos, como se vê na palavra "*Portugal*", que antes era "*Portus Calis*", Setuval – "*Coetus Tubalis*", Santarém – "*Santa Iria*", e em milhares de outras palavras.

Acresce mais para confirmação de que os índios na palavra "*Sumé*" querem dizer "*Tomé*", a pronúncia do "*T*" ou "*Taf*" dos hebreus, a que estes lhe dão o distinto som de "*T*", como nós os portugueses, mas uma pronúncia muito semelhante a "*S*", ou mais propriamente entre "*T*" e "*S*". De sorte que, com serem os caracteres os mesmos em todas as nações, nem em todas as línguas têm o mesmo som; seja prova, além de outras, a pronúncia do mesmo "*T*" na linguagem inglesa, porque não o proferem os seus naturais com o som de "*T*", mas de "*D*"; ou um meio entre "*T*" e "*D*", mais parecido a D; e o mesmo sucede a outros caracteres. Da mesma sorte na língua hebraica tem o "*Taf*", uma pronúncia, como média entre "*T*" e "*S*", antes mais semelhante e parecida a "*S*"; e como São Tomé, de quem o ouviram era hebreu, lhe daria a sua própria pronúncia muito semelhante a "*S*"; e por isso na tradição dos índios ficou perpetuada como Sumé.

É certo que há ainda outros muitos fundamentos desta verdade, e não são pequenos. A imagem da Virgem Senhora Nossa com o Santo Menino Jesus nos braços, que se achou no Império do México, por certo que naquele Império não consta que entrasse alguém, como em toda a mais América primeiro que os castelhanos e portugueses; logo não há fundamento para atribuir a outrem o levar àquela tão distante região a notícia e conhecimento da Senhora

senão a algum Santo Apóstolo, porque – In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum ([182]). Que os espanhóis fossem os primeiros intrusos na América também parece ser evidente, porquanto nas histórias não se acha notícia alguma de todo aquele Novo Mundo, antes deles; razão por que alguns cuidaram ser ele a ilha Atlântica, de que falam as histórias.

E se alguém repara o como podia São Tomé correr tanto mundo em tão distantes regiões, como são Partos, Medos, Persas, Hircanos, hindus e Chinas, e depois vir a evangelizar outro Novo Mundo na América, quando só para o correr apenas chega a vida do homem, segundo a grande distância que vai do México ao Brasil. Respondo que assim é naturalmente; mas por virtude divina, não só podia correr todas as sobreditas províncias, mas todo o mundo uma, e muitas vezes. Que isto não só era factível "*virtute ex alto*" ([183]), mas que, na verdade assim sucedeu aos Santos Apóstolos, consta das histórias eclesiásticas e ainda das Divinas Escrituras; e do mesmo glorioso São Tomé o contam os índios na sua tradição, dizendo que lhes apareceu aquele varão Santo; e pregou, mas vendo que eles o não queriam acreditar, nem ouvir, se apartou deles caminhando a pé enxuto pelo Mar, como, além de outros, refere o grande Padre Vieira, escrevendo esta tradição dos índios do Brasil. Mas para que se veja quão grandes, e muitos são os fundamentos que solidam ([184]) esta verdade, continuarei em apontar outros, que ainda existem, talvez para memória dos vindouros, e para abono dos índios.

---

[182] In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum – Por toda a Terra espalhou-se o som de sua voz, e sua palavra pelos confins do planeta.
[183] Virtute ex alto: por virtude do alto.
[184] Solidam: confirmam.

Seja o primeiro a Capela do Bom Jesus no Rio São Francisco. Entre as cousas mais notáveis que acharam os portugueses naquele Rio, foi uma Capela cavada, e lavrada em um rochedo nas margens do Rio; descobriu-se por ocasião de um ermitão, que saindo do povoado para buscar algum deserto, onde fazendo rigorosa penitência de seus pecados, cuidasse só na sua salvação eterna, deu com uma paragem, que lhe pareceu bem acomodada ao seu intento, e chegando a ela, viu um côncavo por modo de Capela, ou Templo, entrou dentro, e indo a pôr uma imagem do crucifixo no altar, achou feito nele um buraco, como se tivera sido aberto de propósito para o intento. Divulgou-se o caso, e principiando a concorrer já romeiros, e já moradores, se começou a povoar, e desde então está servindo de Igreja, e cuido que também de freguesia, porém ainda no Distrito do mesmo Amazonas temos mais templos.

Deságua no mesmo Rio Xingu o Rio Jaracu da banda de Oeste, e por ele dentro cousa de 15 dias de viagem, já pelo Rio, e já por terra nas terras, e sítios dos índios Averãs, se admira outro templo, que segundo algumas circunstâncias, não é obra da natureza, mas artifício, ou natural, ou sobrenatural, porque afirmam aqueles índios que tem valvas de pedra com suas dobradiças, como os nossos portais, e que sempre estão fechadas. Perguntados pelo que tem dentro, respondem que nem sabem, nem podem saber; porque assim que alguém intenta abrir aquelas portas, sai ou vem de dentro um grande resplandor ([185]) tão respeitoso, que obriga a fechar não só os olhos, mas também as portas; por esta razão carecemos de saber as suas miudezas, e que respeitoso resplendor seja aquele, donde sai, ou de que se origina.

---

[185] Resplandor: resplendor – claridade intensa.

Nem posso deixar de estranhar aos missionários daquele Rio o descuido de não procurarem averiguar pessoalmente as circunstâncias e miudezas daquele templo; e talvez que aquele resplandor seja misterioso, e para se manifestar, só espere algum Ministro evangélico, que com a sua pregação faça idôneos, e capazes aqueles miseráveis selvagens de que Deus lhes manifeste os seus mistérios, e o misterioso daquele resplandor.

No Rio Coroa está uma grande concavidade por modo de templo, e Igreja; tem um grande portal bizarreado com seus frisos, e por cima arquitetado com seus arquitraves ([186]), que representam um frontispício ([187]). Fora da porta de um, e outro lado tem uma grande pedra, e ambas rematam com uma cabeça alguma cousa, toscas de modo, e feitio de cabeças de pretos, e representam duas estátuas das quais só permanece uma, porque uns índios mansos, que costumavam ir àquele Rio ao provimento do cravo, degolaram a outra; mas nem eles, nem os brancos que iam por cabos tiveram a curiosidade de o medirem, segundo as suas proporções, e mais miudezas, ou ao menos de o delinearem com algum rascunho. Mais curiosos foram os que mediram outra semelhante no Rio Tapajós, que com grande cabedal ([188]) deságua acima do Rio Coroa. Entre os mais Rios, e Ribeiras, que recolhe o Tapajós é um o Rio Cuparis, a pouca mais distância de três dias, e meio de viagem da banda de Leste no alegre sítio chamado Santa Cruz; é célebre este Rio, mais que pelas suas riquezas, de muito cravo, por uma grande lapa feita, e talhada por modo de uma grande Igreja, ou Templo, que bem mostra foi obra de arte, ou prodígio da natureza.

---

[186] Arquitraves: parte da trave que repousa sobre os capitéis.
[187] Frontispício: face principal.
[188] Cabedal: caudal.

É grande de cento e tantos palmos no comprimento; e todas as mais medidas de largura, e altura são proporcionadas segundo as regras da arte, como informou um Missionário jesuíta, dos que missionavam no Rio Tapajós, que teve a curiosidade de lhe mandar tomar bem as medidas. Tem seu portal, corpo de Igreja, Capela-Mor com seu arco; e de cada parte do arco uma grande pedra por modo de dois Altares colaterais, como hoje se costuma em muitas Igrejas; dentro do arco, e Capela-Mor tem uma porta para um lado, para serventia da sacristia. O Missionário que aí quiser fundar missão, já tem bom adjutório ([189]) na Igreja, e não o desmerece o lugar, que é muito alegre. Bem pode ser que nos mais Rios e Distrito do Amazonas, e seus colaterais haja algumas outras Igrejas, ou Capelas; nestes três Rios Tapajós, Coroa e Xingu se descobriram estas, por serem mais frequentados. Mas quando não haja outros sinais, bastam estes para se inferir ser moralmente certa a pregação de São Tomé na América. Nem é pequena conjectura, e congruência a fruta das bananas, chamada na Ásia figos, e na América pacovas de São Tomé, como também a mandioca, ou farinha-de-pau, que é o pão usual de todos os americanos, nos quais se conserva alguma tradição, de que também da vinda do Apóstolo São Tomé à América e que os ensinara o uso dela, talvez porque antes só comiam frutas do mato, à maneira de feras, como ainda hoje fazem muitos. (DANIEL)

Espada de Ouro

Acontece que perto desse morro foi descoberta há vários anos uma magnífica espada de ouro. Parece que foram uns técnicos do projeto RADAM que encontraram a tal espada com um detector. Eles a levaram e nunca mais ouvimos falar dela.

[189] Adjutório: auxílio.

> Estava debaixo de uma lápide de mármore. Podia ser dos espanhóis. O mais esquisito é que até o momento em que a espada esteve lá, todos os pequenos aviões que passavam lá em cima tinham suas bússolas reviradas, como se houvesse alguma imantação naquele morro. (MAUSO)

Estas são apenas algumas das lendas que colhemos junto aos nativos locais e que são confirmadas por diversos autores. Muitas possuem explicações científicas, outras nem tanto. O fato é que, quanto mais primitivas as culturas mais impregnadas de lendas e mitos que foram passados oralmente para as gerações atuais.

Estas narrativas foram sofrendo alterações de acordo com a imaginação de seus interlocutores, desprovidos de qualquer espírito crítico, que as aceitavam como verdadeiras. Por isso, encontramos, hoje, tantas divergências conceituais referentes a uma mesma lenda, supostamente ancestral, relatadas por indígenas da mesma etnia ou de outras raças.

Canoeiro
(Paulo Diniz)

Vai canoeiro vai canoar

Vai canoeiro canoeirar

Canoeiro a sorte se avista no Norte

Canoeiro o vento te leva pra lá

Canoeiro vai, Canoeiro vem

Tem um peito bronze queimado de Sol

E coberto de fé

Dá amor até a quem lhe negou.

Onde Acharei Lugar tão Apartado
(Luís de Camões)

Imagem 41 – São Gabriel da Cachoeira, AM

Onde acharei lugar tão apartado
E tão isento em tudo da ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitária, triste e escura,
Sem fonte clara ou plácida verdura,
Enfim, lugar conforme a meu cuidado?

Porque ali, nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente;

Que, pois a minha pena é sem medida,
Ali triste serei em dias ledos
E dias tristes me farão contente.

Frei José dos Santos Inocentes

Depois de visitar a Missão Salesiana e entrevistar o seu Bispo Emérito, constato, tristemente, o quanto os objetivos da Igreja Católica e da Força Terrestre se distanciaram nas últimas décadas. Os relatos do Major Boanerges deixam isso muito claro quando mostram, na época, um clero preocupado em fazer com que o nativo atingisse a plenitude da cidadania brasileira.

Recolhi em alguns fragmentos de minhas amazônicas leituras um personagem invulgar do clero que participou ativamente de movimentos políticos e sociais na região amazônica, o Frei Carmelita José dos Santos Inocentes.

Conflito de Lages

No dia 22.06.1832, foi articulada uma revolta popular contra a subordinação política do Rio Negro ao Grão-Pará, e proclamada a Província do Rio Negro. Um dos grandes articuladores do movimento foi o Frei Carmelita José dos Santos Inocentes. O movimento foi esmagado pelas armas, sem que o governo imperial atendesse às razões apresentadas pelos amazonenses, que tinham enviado ao Rio de Janeiro um Delegado, o Frei José dos Santos Inocentes que conseguiu, contudo, que fosse criada a Comarca do Alto Amazonas.

Pés de Chumbo

O Frei José foi enviado a Cuiabá, em março de 1833, acompanhando uma comitiva militar, como "*embaixador da insurreição*" que havia irrompido, em 07.12.1831, contra os "*pés-de-chumbo*" portugueses.

Questão do Pirara

O governo inglês havia contratado o alemão Robert Schomburgk, homem de ciência, geógrafo e naturalista, para realizar pesquisas na Guiana Inglesa e em terras Brasileiras. Schomburgk, em 1835, chegou até o Forte São Joaquim, no centro do Vale do Rio Branco, onde foi recebido com cortesia, sem que os brasileiros desconfiassem de suas reais intenções. Schomburgk regressou a Londres mas, em 1837, voltou à Guiana dando continuidade aos seus *"estudos geográficos"*. Em seus relatórios a Londres, Schomburgk informava que a soberania brasileira na região era fraca, precária, quase inexistente. Sugeriu que a Inglaterra deveria ocupar esses espaços *"vazios"* e demarcá-los para os domínios de sua majestade inglesa e até de ocupá-los em caráter permanente. A opinião pública britânica apoiou a ideia e o Missionário protestante Thomas Youd foi enviado para a região. Youd instalou-se na região do Pirara e iniciou a evangelização dos índios, o ensino do idioma inglês e seu aliciamento para o domínio britânico. A bandeira inglesa passou a tremular em território brasileiro. O Comandante do Forte Capitão Ambrósio Aires e o Frei José dos Santos Inocentes, cumprindo ordens do Presidente da Província do Pará, intimaram o *"Missionário"* a deixar o território brasileiro.

Wallace e o Frei José

O Frei José que Wallace encontra, no Rio Negro, em Nossa Senhora da Guia e depois nas proximidades de Pedreiro carrega consigo apenas uma vaga lembrança do homem que fora no passado. O ex-soldado trazia no corpo as marca do tempo e da rude vida que levara embora conservasse o espírito jovem.

Nossa Senhora da Guia (janeiro de 1851)

Enfim, o Padre chegou, ou melhor, o Frade: Frei José dos Santos Inocentes. Veio com ele o Comandante da Vila de Marabitanas, o Senhor Tenente Felisberto. Frei José era um homem alto, magro, precocemente envelhecido, inteiramente desgastado por uma vida de devassidão. Tinha as mãos deformadas e o corpo ulcerado. Não obstante, apreciava enormemente relembrar as proezas de sua juventude, sendo considerado o mais original e divertido contador de anedotas da Província do Pará. Para vir da praia à colina onde se situa a Aldeia, o Frade teve de ser carregado numa rede. Antes de iniciar os rituais religiosos, foram-lhe precisos dois dias de completo repouso. Fui visitá-lo muitas vezes, sempre acompanhado do Senhor Lima, divertindo-me enormemente com seu inexaurível estoque de anedotas. Ele parecia tudo saber acerca de todos os moradores da Província, tendo sempre algo de divertido e bem-humorado para contar a respeito de cada um. Seus casos eram, na maior parte das vezes, extremamente vulgares e fesceninos ([190]); mas ele os contava com tamanha graça, numa linguagem tão pitoresca e expressiva, ilustrando-os com engraçadíssimas imitações de vozes e maneiras, que eles se tornavam irresistivelmente hilariantes. Ademais, há um certo encanto particular no ato de se escutar uma boa anedota contada em uma língua estrangeira. O desfecho torna-se ainda mais interessante, já que a dificuldade de compreensão acentua a sua imprevisibilidade. Além de tudo, o conhecimento que se adquire das diferentes maneiras de se utilizarem os idiotismos ([191]) do idioma produz um prazer inteiramente distinto, somando-se ao causado pela própria anedota em si.

---

[190] Fesceninos: obscenos.
[191] Idiotismos: construções ou locuções peculiares a uma língua.

Frei José não repetiu um único caso durante toda aquela semana que passou conosco. Até o Senhor Lima, que já o conhecia há muitos anos, confessou que desconhecia boa parte das histórias que ele então nos contou. Quando jovem, ele fora soldado. Depois, entrara para o Convento, e fora ordenado Frade, sendo depois designado para a função de sacerdote paroquial itinerante. Dos seus tempos de Convento, guardava a lembrança de casos semelhantes aos que nos conta Chaucer ([192]) acerca de sua vida em circunstâncias idênticas. Don Juan era um inocente, comparado com Frei José! Todavia, ele fazia questão de frisar que tinha profundo respeito pelo seu hábito de Frade, e que não seria capaz de cometer qualquer ato vergonhoso que o desabonasse... durante o dia! (WALLACE)

Guerra Bacteriológica

O emprego, ritual ou criminoso, de agentes bacterianos é reportado por viajantes em diversos documentos antigos. Vamos reproduzir alguns desses trechos citados por: Alfred Russel Wallace (1851), Boanerges Lopes de Sousa (1928), Ettore Biocca (1944) e José Cândido de Melo Carvalho (1949).

Relatos Pretéritos - Agentes Bacterianos

Alfred Russel Wallace (1851)

Nessa mesma noite, alcancei a embarcação de Frei José, que seguia para Pedreiro ([193]) numa de suas tradicionais viagens pastorais e de negócios. Como paramos no mesmo local para o pernoite, fui a sua grande e cômoda canoa para conversar um pouco. A certa altura da palestra, passamos a falar sobre a epidemia de varíola que então assolava o Pará.

---

[192] Chaucer: escritor Geoffrey Chaucer.
[193] Outubro de 1851.

Aproveitando o ensejo, ele relatou-me um caso ocorrido consigo próprio e relacionado com o assunto, parecendo bastante orgulhoso de ter sabido utilizar-se "*diplomaticamente*" dessa terrível doença:

– Quando eu estava na Bolívia, havia diversas tribos belicosas instaladas ao longo do caminho de Santa Cruz. Os índios pilhavam e assassinavam os viajantes que por ali passavam. O Presidente vivia mandando soldados para o local, tendo gasto vultosas somas de dinheiro em armamentos e munições, mas sem conseguir com isso grandes resultados. Nessa época, grassava a varíola na Cidade. Para prevenir o contágio, ordenava-se que fossem queimadas as roupas das pessoas que morriam em consequência do mal.

Um dia, conversando com Sua Excelência acerca dos tais índios, sugeri-lhe um método prático e barato de exterminá-los, sem ter que apelar para tiroteios e vigilâncias. "*Ao invés de queimar as roupas*", disse-lhe, "*basta ordenar que elas sejam colocadas nos locais que os índios frequentam. Eles irão por certo apossar-se delas, e daí a pouco extinguir-se-ão como fogo-fátuo*". Pois bem: o Presidente seguiu meu conselho, e foi dito e feito. Em poucos meses, ninguém mais ouviu falar das atrocidades dos índios. Quatro ou cinco tribos foram totalmente dizimadas! A bexiga faz o diabo entre os índios! (WALLACE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

O General Dionísio verificou que os índios habitantes do Cassiquiare sofriam – em sua generalidade – de uma moléstia cutânea, a que dão no Amazonas o nome de Purupuru e que consiste – ora na perda do pigmento, deixando a descoberto as manchas brancas – ora adquirindo uma cor bronzeada. É a mesma doença dos índios do Içana e afluentes. (SOUSA)

Ettore Biocca (1944)

A difusão da espiroquetose discrômica ([194]) entre os índios da região do Alto Rio Negro é em grande parte relacionada a duas maneiras de transmissão: ritual e criminosa. Para tribos inteiras, as manchas do Puru-puru são quase um distintivo nacional. Nas festas mágicas, das quais podem participar os adultos e os moços depois da puberdade, é realizada a transmissão da infecção por meio de violentas fustigações recíprocas, feitas com um adabi ([195]), que, provocando o sangramento das lesões, funciona como meio de transmissão.

A transmissão ritual entre membros da mesma tribo é substituída pela transmissão criminosa contra os estrangeiros não queridos [índios ou brancos]. Os índios depõem gotas de sangue infectante, retirado da margem das lesões mais recentes, em alimentos, preferivelmente irritantes da mucosa bucal, para assim facilitar a penetração dos treponemas. Outros sistemas de transmissão criminosa são também usados, como a contaminação com sangue infectante de banquinhos de madeira, etc. (BIOCCA)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Tunuí é uma Povoação em Lugar alto, ao pé da Serra do mesmo nome, dominando amplamente a cachoeira e longo trecho do Rio (Içana). Do lado da Serra, há cinco casas, três do outro, e uma mais isolada junto às primeiras. Uma capelinha domina o ponto mais alto da Povoação. Os índios desse local – quase todos Baniwas – são numerosos e muito tímidos.

---

[194] Espiroquetose discrômica: Puru-Puru, Pinta, etc.
[195] Adabi: chicote ritual.

Conhecem mal o português. Muitos trazem claramente estampadas no corpo as marcas brancas da doença por eles denominada de Purupuru. Esse mal, ocasionado por um espiroqueta do sangue circulante, [Treponema carateum] parece ser responsável, além de outras coisas, por um desequilíbrio da pigmentação da pele, albina nuns pontos e inteiramente melânica em outros, notadamente em torno dos olhos e do nariz. (CARVALHO)

N. 1. Quarta feira 2 de Janeiro de 1833

IMPERIO DO BRASIL.

DIARIO DO GOVERNO. Vol. 21.

Libertate opus est, non hac, qua ut quisque......
..............................Da Liberdade
He necessario usar; mas não daquella
Pela qual cada hum faz o que quer.
Persio.

Rio de Janeiro. Na Typographia Nacional. 1833.

Diário do Governo, Império do Brasil
Rio de Janeiro, RJ – Quarta-feira, 02.01.1833
Typographia Nacional, 1833

Palácio do Rio de Janeiro em 15 de junho de 1833 – Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho

Ilm° e Exm°. Sr. – Tendo chegado ao conhecimento. da Regência, um Ofício, de 27 de Fevereiro do corrente ano, em que Frei José dos Santos Innocentes participa achar-se constituído Procurador das Câmaras Municipais da Comarca do Rio Negro, da Província do Pará, à fim de solicitar a aprovação,

de que, elas precisam, sobre a deliberação de formarem uma Província separada; sendo ele igualmente o portador dos respectivos Ofícios, que por motivo de dificuldade entregara ao Secretário desse Governo, Antônio Luiz Patrício da Silva Manso, a quem substabelecera os seus poderes para a sua pronta remessa, e segura entrega: Cumpre que V.Exª faça saber a esse Religioso que o Governo Imperial, não podendo aprovar um ato de rebelião, e um atentado tal como; o q foi o que cometeram algumas Câmaras do Rio Negro, desligando-se da Capital, e constituindo-se em Província separada, com escandalosa infração da Constituição do Império, ato que já se acha desfeito, como cumpria sê-lo, pelo Governo da Província, Manda estranhar-lhe severamente, por se haver encarregado de uma tal Missão, da qual, como Religioso, e por conseguinte respeitador da Constituição e das Leis, só se deveria ter encarregado, se ela fosse feita antes de cometido o crime, e para pedir pelos meios competentes à Assembleia Geral a criação da Comarca em Província; E que outrossim V. Exª lhe faça constar que este negócio se acha afeto à mesma Assembleia, para deliberar o que julgar conveniente; devendo aqueles Povos esperar pelas suas decisões, as quais são sempre tendentes ao bem geral.

Deus Guarde a V. Exª – Palácio do Rio de Janeiro em 15 de Junho de 1833 – Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho – Sr. Antonio Corrêa da Costa. (DIÁRIO DO GOVERNO, 1833)

Annaes do Parlamento Brasileiro

Rio de Janeiro, RJ – Quinta-feira, 16.06.1853
Typographia Parlamentar, 1876

Paço da Câmara dos Deputados, 16 de Junho de 1853 – Gomes Ribeiro – Mendonça Castello Branco.

A Comissão de Pensões e Ordenados, examinando atentamente o Decreto Imperial de 28 de Maio último com os competentes documentos, pelo qual se fez mercê ao religioso carmelita Frei José dos Santos Innocentes da pensão anual de 400$ em remuneração dos serviços relevantes que pelo seu ministério tem há longos anos prestado, e continua a prestar na Província do Alto Amazonas, de que lhe tem resultado moléstias graves e incuráveis, é de parecer que seja aprovada a referida pensão de 400$, porquanto vê-se das informações do Vice-presidente e Vigário Geral ser verdade tudo quanto alega o Rev. suplicante agraciado, isto é, que há longos anos é o único sacerdote que se tem achado à testa de todas as freguesias do Alto Rio-Negro em lugares doentios, superando todas as dificuldades, que grandemente têm concorrido para ficar quase inabilitado, como se acha presentemente; que seus serviços foram prestados com zelo e atividade, alguns dos quais são os mais relevantes que pelo seu ministério se podem prestar no meio dos gentios e de um povo selvagem; que o estado morboso do peticionário é verídico, mas que não o impede de servir ainda nas igrejas do Rio Negro.

Em sua petição alega o Rev. suplicante que nenhum vencimento tem, senão os que lhe provêm do serviço interno de vigário; que é pregador imperial; que há mais de 10 anos sofre as moléstias adquiridas; que de tempos em tempos o inabilitam para todo o serviço; que há 28 anos se entregou à vida paroquial, não se recusando a trabalho algum; que fora missionário, em 1826, no Rio Pacajá, por ordem do Presidente, que subira pelo dito Rio até às suas nascentes, através de imensas cachoeiras e furor dos índios bravios ainda não comunicados.

Mostra haver servido por diversas vezes de missionário em diferentes lugares e épocas, e encomendado em todas as freguesias do Rio Negro. Menciona a Comissão que lhe fora confiada pelo Presidente do Pará para missionar no Pixarará, no Rio Branco, pelo que merecera um aviso do Governo Imperial de 7 de julho de 1843 agradecendo-lhe.

Mostra além de tudo isto haver coadjuvado gratuitamente os reparos do Forte de S. Joaquim no Rio Branco, e do hospital de S. Vicente na Barra; que se acha servindo ainda de vigário de todas as freguesias do Rio Negro, infestadas de febres, percorrendo-as, não obstante suas enfermidades, levando seu sacrifício ao ponto de visitar o Rio Ipana, onde não consta ter ido sacerdote algum, atraindo como de fato atraiu os indígenas para terem relações comerciais com os habitantes da fronteira de Marabinas, onde em 1850 benzeu a reconstruída igreja matriz, e a igreja nova do Rio Xié. Alega serviços prestados nas desordens últimas do Pará, e finalmente o zelo e submissão com que tem sempre servido. Todas estas alegações se acham comprovadas por documentos autênticos acerca dos quais falou favoravelmente o Desembargador Procurador da Coroa; é, portanto, a Comissão de parecer que seja aprovada a seguinte resolução, que submete à consideração da Câmara:

A Assembleia Geral legislativa resolve:

Artigo único. Fica aprovada a pensão anual de 400$ concedida por decreto de 28 de maio deste ano ao religioso carmelita Frei José dos Santos Innocentes em remuneração de seus serviços prestados no Alto Amazonas, onde adquiriu moléstias graves e incurá-veis; revogadas para este fim quaisquer disposições em contrário. (ANNAES DO PARLAMENTO BRASI-LEIRO, 1876)

O Lázaro da Pátria
(Augusto dos Anjos)

Imagem 42 – Parábola do Rico e Lázaro

Filho podre de antigos Goitacazes,
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,
Deixa circunferências de peçonha,
Marcas oriundas de úlceras e antrazes.

Todos os cinocéfalos vorazes
Cheiram seu corpo. À noite, quando sonha,
Sente no tórax a pressão medonha
Do bruto embate férreo das tenazes.

Mostra aos montes e aos rígidos rochedos
A hedionda elefantíase dos dedos...
Há um cansaço no Cosmo... Anoitece.

Riem as meretrizes no Cassino,
E o Lázaro caminha em seu destino
Para um fim que ele mesmo desconhece!

O Mar
(Francisco José Tenreiro)

A voz branca que está no mato
Perde-se na imensidão do Mar.

Lá vai!

O Sol bem alto
É uma atrapalhação de cor.

– Abacaxi safo nona
Carregozinho do barco!...

Um tubarão passando
É um risco de frescura.

Lá vai!

O barco deslizando
Só com a vontade livre e certa do negro
Lá vai!

Imagem 43 – Kátia Maria – Etnia Tariana – SGC, AM

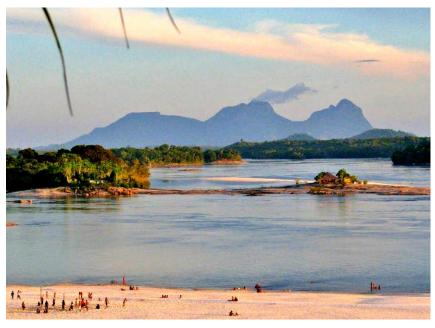



Imagem 44 – Serra da Bela Adormecida – SGC, AM

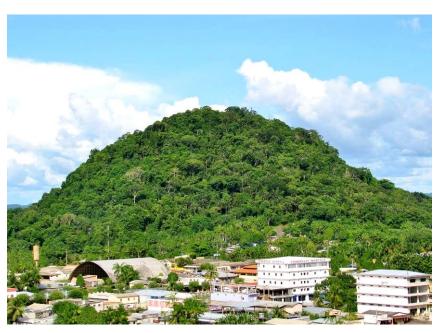



Imagem 45 – Morro da Boa Esperança – SGC, AM

Imagem 46 – General Rosas – Cmt 2ª Bda Inf Sl – SGC, AM

Imagem 47 – Rio Negro, SGC, AM

Imagem 48 – Rio Negro, SGC, AM

Imagem 49 – Rio Negro, SGC, AM

Imagem 50 – São Gabriel da Cachoeira, AM

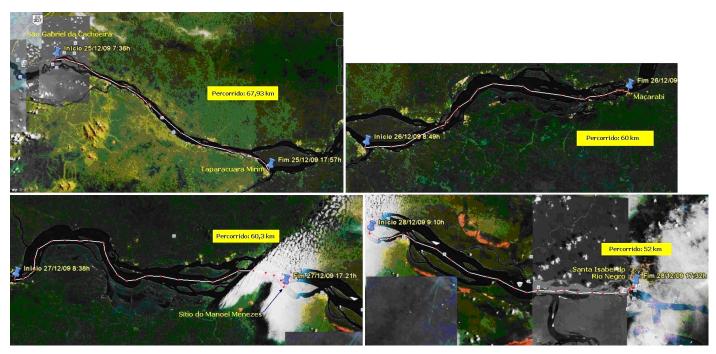
Imagem 51 – Partida do Porto de Camanaus – SGC, AM

Imagem 52 – Ilhas Paradisíacas – SGC, AM

Imagem 53 – Rio Negro – SGC, AM

Imagem 54 – Ilhas Paradisíacas – SGC, AM

Imagem 55 – Ilhas Paradisíacas – SGC, AM

Imagem 56 – Ilhas Paradisíacas – SGC, AM

Mapa 01 – SGC – S. Isabel (horário de verão – 2h+)

SGC/Tapurucuara Mirim

Houve um desencontro de informações com o pessoal da 21ª Cia Eng Cnst e tivemos de remarcar a saída do dia 24 para 25 de dezembro. Desde que o estado de saúde de minha esposa se agravou procuro ficar longe dos festejos de Natal e Ano Novo. O positivo desse atraso, porém, é que consegui fazer o *"upload"* das fotografias tiradas em São Gabriel da Cachoeira (SGC), fotografar a Missão Salesiana e, finalmente, mergulhar nas convidativas águas do Rio Negro.

Partida (25.12.2009)

Embora tenha deitado cedo, não consegui dormir o suficiente para enfrentar o primeiro dia de remada. Às 04h45, quinze minutos antes do horário marcado, a viatura da 21ª Companhia de Engenharia de Construção (21ª Cia E Cnst) estacionou na frente do nosso apartamento no Círculo Militar do Alto Rio Negro. Como o material já estava perfeitamente embalado, o carregamento foi rápido. O Coronel Teixeira embarcou na boleia do caminhão com os militares, e eu preferi cuidar do meu caiaque, viajando na carroceria.

O deslocamento foi rápido até o Porto de Camanaus, pois a estrada, asfaltada pela 21ª Cia E Cnst, estava em ótimas condições. Desembarcamos o caiaque, e carreguei, cuidadosamente, o material no mesmo. Parti às 05h36. O Sol ainda não havia aparecido no horizonte, mas a tênue claridade era suficiente para que eu pudesse avistar as rochas e desviar delas. Ficou combinado que a minha equipe de apoio, capitaneada pelo Coronel Teixeira, partiria no dia seguinte e nos encontraríamos, se tudo desse certo, a jusante da ilha de Aracabu.

O alvorecer no Negro era totalmente diferente do Solimões. Não havia a gloriosa sinfonia de pássaros acompanhada pelo soturno coral de guaribas ([196]) ao fundo. O Sol não demorou a surgir e, como a proa apontava diretamente para o astro-Rei, tive de colocar os óculos de sombra. O amanhecer silencioso do Negro lembrava o do Purus que eu percorrera um ano antes. As imagens perpassavam pela minha mente numa fantástica velocidade, e eu, ora mergulhando no passado, ora no presente, viajava ao sabor dos acontecimentos de outrora mesclados às cenas de agora. Minha memória recolhia fragmentos das passagens dos destemidos exploradores de antanho que singraram as desafiadoras águas do Alto Rio Negro.

No Solimões havíamos encontrado dificuldade em aportar em lugares adequados. A cheia do Rio, na época, forçava-nos, vez por outra, a descansar junto aos barrancos das margens, segurando galhos da vegetação ciliar ou equilibrando-nos nas margens íngremes de tabatinga húmida e escorregadia. Apesar de usarmos sistematicamente repelentes de mosquitos, os insetos não nos davam trégua, forçando-nos a retornar imediatamente para o talvegue do Rio, onde conseguíamos escapar da fúria sanguinária de carapanãs, muriçocas, piuns e mutucas.

No Negro, em contrapartida, os insetos não existiam e os locais de parada eram inúmeros, permitindo que se escolhesse a praia que se desejasse. As ilhas se sucediam, cada uma mais bela e convidativa que a outra. Regulei minhas paradas para descanso apenas pelo tempo já que eram inúmeras as opções apresentadas pelo maravilhoso caudal.

---

[196] Guaribas: bugios.

O trajeto, fornecido pela Companhia de Embarcações e transferido para meu GPS, estava funcionando perfeitamente, permitindo-me comparar o terreno com as fotografias aéreas copiadas do "*Google Earth*" sem qualquer problema. A primeira parada foi numa bela ilha de areias imaculadas, estiquei as pernas, bebi um pouco d'água e fiquei admirando a paisagem. Nenhuma viva alma, a madrugada natalina parece que havia entregado todos os nativos e ribeirinhos aos braços de Morfeu ([197]).

A segunda parada foi na margem direita do Negro, próximo à Foz do Curicuriari, onde se encontra a Comunidade Fonte Boa. Os Mapas que eu havia consultado tinham a informação que se tratava, erroneamente, de São José. Além de estar usando o GPS e as fotografias do "*Google Earth*" para me orientar, eu havia plastificado um mapa fornecido pelo Instituto Socioambiental (ISA), da agencia de SGC, que informava o nome correto de cada uma das Comunidades até Santa Isabel do Rio Negro bem como se elas possuíam telefone via satélite.

Em Fonte Boa, avistei o primeiro nativo desde que partira de SGC. Cumprimentei o simpático ribeirinho que se chamava Napoleão e que me informou que os demais indivíduos da Comunidade estavam dormindo depois da festiva noite de Natal. Depois de conversarmos sobre amenidades, parti. Do Curicuriari se tem uma bela visão, ao Sul, da Serra que lhe tomou o nome e que hoje é mais conhecida pelo nome de "*Bela Adormecida*". O relato mais belo e completo da bela Serra é, sem dúvida, o de Wallace que reproduzo abaixo, junto com o de Spruce e Boanerges.

---

[197] Morfeu: deus grego dos sonhos.

Alfred Russel Wallace (1851)

Saindo daí, passamos pela Foz do pequeno Curicuriari ([198]), onde pudemos enxergar um belo panorama, ao fundo do qual se destacavam as Serras que tinham o mesmo nome do Rio. Esses Morros eram os mais belos que eu jamais contemplara. A Serra consistia numa sequência de massas graníticas irregulares, de formato cônico, cuja altitude deveria ser de uns três mil pés, aproximadamente. As elevações eram denteadas e pontiagudas, tendo os flancos revestidos de florestas, exceto nas partes a pique. Nesses precipícios desnudos, destacavam-se extensos veios e enormes manchas de quartzo rebrilhante. Não pude deixar de associar esta visão à imagem que eu tinha dos Andes, com seus picos cobertos de neve. (WALLACE)

Richard Spruce (1851)

Essa manhã [10.01.1851], às 8 horas, o Senhor Palheta levou-me até a outra margem do Rio para me mostrar a linha de crista da Serra de Curicuriari, que fica logo atrás deste sítio, na Margem Oriental do Rio de mesmo nome; teoricamente, a um dia de viagem – se houvesse caminho até lá. [...] De onde nos encontrávamos, os Morros poderiam ser vistos nitidamente, não fosse a espessa névoa que havia no ar. Vê-se no Morro mais alto a presença marcante de uma rocha escarpada, mosqueada de ([199]) marrom e branco. O topo é inacessível pelo flanco Sul, mas talvez se consiga chegar lá tomando-se por um colo existente entre esse Morro e uma elevação de dorso achatado revestido por florestas, situada à direita. (SPRUCE)

---

[198] 19 de outubro de 1850.
[199] Mosqueada de**:** salpicada de manchas.

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

O Curicuriari representa papel importante porque dele se pode passar, por um varadouro, para Caraná-Igarapé, afluente da margem direita do Uaupés, remontando-se, assim, o trecho encachoeirado.

Foi antigamente reduto dos Macus e esconderijo dos índios Tucanos do Caiari [Uaupés] que deste Rio fugiam das perseguições e batidas do célebre Comandante de Cucuí.

Koch Grunberg fez a travessia, gastando dezessete dias para alcançar o varadouro. Subiu o Curicuriari em canoa, atingindo, com sete dias de viagem, três malocas de Tucanos fugitivos do Caiari. Mais dois dias, passou pelo Capauari-Igarapé, afluente da margem esquerda, com quarenta metros de largura, onde encontrou quatro malocas de Tucanos. Mais cinco dias, chegou à cachoeira Jutuiru, varadouro íngreme e perigoso.

Ainda mais três dias para chegar ao varadouro e, com uma hora de marcha por terra, alcançou, finalmente, o Caraná-Igarapé que desceu, saindo depois de um dia de viagem, no sítio Porto Alegre, à margem direita do Caiari. O Caraná-Igarapé é muito estreito e atravancado de paus. Gastou mais de um dia para passar a canoa pelo varadouro. Consumiu, ao todo, um mês, porque fez uma exploração à Serra Curicuriari, tendo verificado que ela apresenta três picos: um de 1.000 metros, outro de 900 e o terceiro mais baixo.

Os picos são rochas despidas de vegetação, mas a falda da Serra é ricamente vestida de mata alta e pujante. O Rio tem cem metros na Foz e, a partir do curso médio, encontram-se corredeiras e afloramentos graníticos. (SOUSA)

Povoados

Em todo o Rio Negro, existem Comunidades que simplesmente desapareceram ao longo dos anos ou tiveram seus nomes religiosos simplificados ou alterados para denominações nativas. Vamos citar, adiante, alguns relatos de historiadores que confirmam sua existência no trecho entre São Gabriel e Tapurucuara Mirim.

Relatos Pretéritos – N. Sr.ª de Nazaré do Curiana

Povoação na margem esquerda do Rio Negro, entre os Ribeirões Imutaí e Cauá, em frente do Ribeirão que toma o nome da cachoeira de Furnas.

José Monteiro de Noronha (1768)

Da Povoação de Nazaré navega-se, por entre os mesmos cachopos, até a Fortaleza de São Gabriel, situada na margem Setentrional do Rio, sobre a cachoeira grande chamada Crocobi e superior à Povoação de Nossa Senhora de Nazaré légua e meia. A sua Latitude Austral é de 44’31”45’’’1½. Entre esta e a de Nossa Senhora de Nazaré só há, na margem do Sul, um Riacho em que habitou o Principal ([200]) Curiana e, na margem do Norte, o Riacho Ionutá e mais outro de nome conhecido. (NORONHA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar pertencente ao Distrito da Vila de Thomar e plantado na margem esquerda do Rio Negro, entre São Bernardo de Camanau e São Gabriel da Cachoeira a 197 léguas acima da Foz do mesmo Rio, sobre uma planície grande e bela.

---

[200] Principal: Cacique.

Tem ali morada e contubérnio ([201]), 10 mamelucos, 13 mamelucas, 39 índios e 33 índias. Fogos, 06. Quando tinha 800 apareceram consideráveis lavras de anil e algodão, para as quais aquelas terras eram de grande aptidão. A Igreja descompaginou-se ([202]) até aos alicerces. O seu Orago era Nossa Senhora de Nazareth. Dentro do espaço, que medeia entre este lugar e a cachoeira Cojubi, demora ([203]) a 9ª cachoeira, chamada as Furnas, em razão do profundo covo que tem cada um dos três penedos de grande volume que a formam. (BAENA)

Relatos Pretéritos – São Bernardo de Camanau

Povoação na margem esquerda do Rio Negro, em frente da cachoeira Cojubi, e do Rio Curicuriari, entre o Miuá e o Ribeirão Caiari.

José Monteiro de Noronha (1768)

180. Vencendo-se mais doze léguas por entre continuados e perigosos cachopos ([204]) e duas cachoeiras, cujo trânsito depende necessariamente da direção de prático experimentado, se chegará à Povoação de são Bernardo do Camanau, fundada na margem Norte do Rio Negro e habitada por índios da nação Baré. Entre as Povoações de São João Nepomuceno e São Bernardo, fazem barra, na margem Austral do Rio Negro, os Rios Marié e Curicuriari habitados, este, pelas nações Mepuri, Maiapena e Maku, e aquele, pelas mesmas menos a Maiapena. Entre a margem Ocidental do Curicuriari e a Austral do Uaupés, declarado no parágrafo "*183*", há um Canal chamado Inebu, pelo qual se passa de um para outro Rio.

---

[201] Contubérnio: vida em comum.
[202] Descompaginou-se: ruiu.
[203] Demora: localiza-se.
[204] Cachopos: rochedos à flor da água.

Na margem do Norte, deságuam os Riachos Uacaburu [será talvez o que o Senhor De Condamine apontou no seu mapa, em sítio bem incompetente, com o nome de Catabuhu, porque deste nome não há Rio ou Riacho algum], Meruini, Uibará, Caçabu, e o Rio Miuá, abundante de salsaparrilha e, em outro tempo, habitado pelo gentio da nação Demacuri. (NORONHA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar situado sobre terras campinas medianamente altas na esquerda do Rio Negro, 193 léguas acima da sua Foz. Compõem a sua população 06 mamelucos, 02 mamelucas, 11 índios e 23 índias. Conta 07 fogos. Teve 390. A Igreja, que era dedicada a São Bernardo, existe desmoronada pelo desleixamento. Ante o portelo deste Lugar, acha-se a oitava cachoeira apelidada Cojubi: bastantes penhascos a cingem e a corrente impetuosa nelas faz rudo ([205]) estrondo. (BAENA)

Relatos Pretéritos – S. João N. do Camundé

Na margem esquerda da Foz do Rio Marié (margem direita do Negro) e fronteiro à ilha de Aracabu, existe o povoado de São João (hoje Tapurucuara Mirim).

José Monteiro de Noronha (1768)

179. No porto da Povoação de Santo Antônio há outros cachopos ([206]) que também se passam com dificuldade e cautela, depois dos quais, sem deixar qualquer outro Rio ou Riacho nas duas margens do Negro, segue-se em distância de três léguas a

[205] Rudo: rude.
[206] Cachopos: rochedos à flor da água.

> Povoação de São João Nepomuceno do Camundé, habitada pela nação Baré e situada na mesma margem Sul. (NORONHA)

Comunidade Tapurucuara Mirim

> *Ferreira menciona mais de 60 grupos indígenas, a que faltava até mesmo a identidade linguística, com os seus variados dialetos. E como as povoações nem sempre se constituíam de famílias da mesma origem, em cada uma delas se ouviam vozes poliglotas, interpretativas do linguajar de cada componente etnográfico. Depois, examina-lhes as superstições, os costumes, os ornatos, danças, instrumentos de toda espécie. (SILVA)*

A jornada era um verdadeiro show de imagens e, depois de mais duas paradas, avistei aquele que pretendia ser meu destino, desde que fosse acolhido pela Comunidade. Ao Sul da ilha de Aracabu, aportei às 15h57, na Comunidade Tapurucuara Mirim, na margem esquerda da Foz do Marié, depois de percorrer 68 km numa jornada de 10h21.

Os adultos me olhavam com certa desconfiança e logo descobri a razão – as inúmeras garrafas de cachaça atiradas pela Aldeia. As festividades de Natal antigamente regadas a caxiri ([207]), foram substituídas pelo produto manufaturado, pago regiamente aos regatões.

---

[207] Caxiri: para preparar o caxiri, deve-se descascar e lavar a macaxeira e cortá-la em pequenos cubos, que são colocados numa panela com água e cobertos com folhas de bananeira, para cozinhar. Após o cozimento, amassa-se bem a macaxeira com uma colher de madeira e deixa-se a massa esfriar. Depois, a macaxeira cozida é triturada até que adquira a consistência de uma pasta. Coa-se a pasta. Acrescenta-se um pouco de água, e a caxiri está pronta para ser consumida. O grau de fermentação depende do tempo destinado a isso; quanto maior o tempo, maior o teor alcoólico.

Depois de convencer o Vice-Cacique, José Vicente Pena, que eu não era um fiscal da FUNAI e sim um pesquisador, a desconfiança foi se dissipando até que ele resolveu me receber em sua casa, ordenando que o caiaque fosse transportado até ela, onde fiquei hospedado. Embora os líderes das diversas Comunidades que encontrei ao longo do percurso fossem de origem Tucana, cada uma delas guarda no seu seio diversas etnias, que acabam miscigenando entre si. Existe certo ressentimento das demais etnias em relação aos Tucanos já que, sendo maioria sempre, por votação, acabam ocupando cargos de liderança. Em SGC, eu havia contatado o encarregado da FUNAI, engenheiro Francisco, que havia me informado do grave problema do alcoolismo que atinge todas as Comunidades por mais distantes que estejam localizadas. Os traficantes de bebida chegam a cobrar R$ 70,00 (em 2009) pelo preço da garrafa nas Comunidades mais distantes.

Nada o faz, entretanto, esmorecer ou recuar, e, afrontando a própria morte, sobe aos últimos manadeiros para extorquir uma bola de borracha e vender algumas garrafas de cachaça. (MORAES, 1987)

Comprei um pedaço de carne de porco moqueada, e a esposa do Professor Agostinho, irmão do Vice-Cacique, preparou o jantar com um pouco de arroz e alguns pacotes de massa que forneci. Comprei do "*regatão*", estacionado na frente da Comunidade, um refrigerante de dois litros a R$ 5,00. Jantei com o Professor e, depois da refeição, fiquei conversando com o Vice-Cacique José Vicente Pena. Visivelmente embriagado, ele tinha dificuldade de estabelecer um diálogo coerente mas, mesmo assim consegui confirmar algumas informações a respeito das lendas e costumes tradicionais dos Tucanos.

Após o anoitecer, o gerador foi ligado e a televisão comunitária permitiu a todos assistir ao jornal da noite e à novela. A Comunidade, como um todo, era a imagem do desalento e da estagnação que cravara bem fundo suas garras nos corações e nas mentes de cada um de seus membros. A falta de entusiasmo e a lassidão eram a tônica. As bolsas "*esmolas*" (família e escola), oferecidas pelo "*desgoverno companheiro*" atendem às suas necessidades fundamentais e, além delas, diversas Comunidades "*firmaram contratos*" com os "*não índios*" para que explorem os recursos naturais de suas terras. O Vice-Cacique José Vicente Pena informou-me que a televisão dele, a da Comunidade e o gerador de luz eram presentes de "*não índios*" que tinham sua autorização para pescar no Rio Marié e seus Lagos. Este desvio de conduta permite-lhes abastecer os pequenos geradores "*presenteados*" pelos exploradores e comprar a cachaça que já substitui, há muito tempo, suas bebidas tradicionais.

Trabalho e Educação

As malditas bolsas poderiam ser oferecidas, sim, em troca de determinados serviços em prol das próprias Comunidades. As frentes de trabalho, certamente, permitiriam melhorar as condições de vida sem atentar contra a dignidade e a honra do ser humano. A alienada FUNAI só se preocupa com demarcações, como se elas fossem a solução para todas as questões que afligem os indígenas brasileiros. A educação e a saúde, atualmente, são simplesmente uma piada de mau gosto.

É necessária a criação e a instalação de Centros Integrados de Educação e Saúde nas Comunidades maiores para as quais seriam transportadas diariamente as crianças do entorno em barcos escolares a motor.

A centralização permitiria que se melhorasse a qualificação de Professores que, nos dias de hoje, é caótica. Reputamos que, ao se planejar estes Centros Integrados de Educação e Saúde, se projete, também, refeitórios para distribuição da merenda escolar, áreas desportivas e alojamento para Professores e profissionais da saúde que inevitavelmente terão de ser recrutados nos Municípios mais próximos. Os alunos retornariam, ao final do dia, às suas aldeias devidamente alimentados, monitorados pelos elementos de saúde e teriam à sua disposição uma educação que lhes permitiria alcançar o ensino do 2° e 3° graus.

A educação bilíngue recomendada pelo MEC terá de se adequar à realidade regional onde existem mais de vinte etnias e seria impraticável atender à demanda de tal diversidade. Para que não se estabeleçam privilégios, achamos que o ensino da língua geral, o "*nheengatu*", seria recomendado, permitindo estabelecer um laço de união entre os nativos da região que, há séculos, vêm mantendo uma salutar integração social e racial.

A falta de oportunidade e perspectiva provoca a evasão indígena das Comunidades para as cidades e se verifica justamente no universo dos indivíduos mais empreendedores, não precisando ser fomentada ou estimulada por quem quer que seja. O encarregado da FUNAI de SGC, engenheiro Francisco, havia me informado que este tipo de aliciamento estaria sendo feito pela prefeita de Santa Isabel do Rio Negro. Será que a Prefeita Eliete da Cunha Beleza precisaria usar de algum tipo de convencimento para que os nativos, totalmente desassistidos pelo poder público, procurassem melhorar sua qualidade de vida e almejassem criar novas oportunidades para seus filhos?

Adaga
(Jayme Caetano Braun)

[...] o sangue charrua

O mesmo que hoje flutua

Entremeado a fremir,

Nesta raça que ao surgir

Já trouxe da formação,

A sina de ser padrão

Enquanto um guasca existir!

Depois do bate-papo, fui para a minha barraca descansar, encantado com as paisagens do Negro que ainda cintilavam na minha memória e muito triste de verificar o desalento dos meus irmãos nativos. Digo irmãos porque trago com muito orgulho nas veias, como tantos outros gaúchos da fronteira, o sangue indômito dos Charruas.

Morte
(Arita Damasceno Pettená)

Quando em mim tudo for silêncio
E a própria vida esvair-se
Nas esteiras das águas flutuantes,
Hei de buscar, no primeiro ancoradouro,
O porto seguro para meus sonhos todos.

Que importa que haja ondas revoltas,
Ameaçando um casco acorrentando.

Quero respirar, no último momento,
A esperança diluindo-se em espumas,
Espumas desmanchando-se em esperanças.

Morte
(Guilherme de Almeida)

Uma sombra perpassa, toda vagarosa,
Pelo campo amargo do acônito e cicuta.
Ela abre largas asas de carvão e oculta
Um corpo cor de medo na veste ondulosa.

Todo o seu grande ser, belo como um lenda,
Tem perfumes subterrâneos de argila e avenca.
Nas suas mãos frias e embalsamadas de óleos
Há dez unhas agudas que vazam os olhos.
Ela traz asfódelos ([208]) e heléboros ([209]) em torno dos
Cabelos negros como víboras.
Ela ri sempre: e o seu riso de dentes alvos
Brilha como um punhal mordido entre as mandíbulas.

Os homens fortes sorriem quando ela chega:
Os poetas, à sombra ilustre da árvore grega;
Os heróis, sob as asas de ouro da vitória.
– Porque ela talha as estátuas e a engendra a glória!

---

[208] Asfódelo: Mundo Inferior.
[209] Heléboros: unguento das bruxas.

Tucanos

Os Tucanos, fugindo dos conquistadores espanhóis, chegaram à região através do vale do Rio Papuri, oriundos do vale do Madalena, Colômbia. Valendo-se de sua superioridade numérica, forçaram as demais etnias a refugiarem-se nas nascentes dos Igarapés ou no interior das matas para escapar à sua fúria sanguinária. Depois de tornarem-se senhores absolutos da região, dividiram-se, novamente, em grupos menores estabelecendo-se, principalmente, na Foz dos diversos afluentes do Rio Negro com o intuito de controlar o acesso às áreas sob seu domínio.

A divisão concretizou-se somente depois de terem subjugado as demais tribos do Alto Rio Negro e foi desencadeada em virtude de antigas rixas entre as lideranças tucanas e o receio destas de sofrerem represálias por parte de seus próprios pares.

Os Tucanos dividem-se em dois ramos linguísticos importantes: o ramo Oriental formado pelos que habitam a Colômbia e o Brasil, e o ramo Ocidental encontrado no Peru, Bolívia e Equador. Vivendo em pequenas Comunidades, evitam casamentos consanguíneos só permitindo que as uniões sejam realizadas com mulheres de outras etnias, que falam, consequentemente, língua diferente, princípio conhecido como "*exogamia linguística*". A miscigenação forçada, pela "*cultura*", coloca os Tucanos num patamar multilinguista sem paralelo no mundo, fazendo com que cada indivíduo fale no mínimo três línguas. A mulher, após o casamento, vai morar no clã do marido, passando a fazer parte dele. A identidade étnica dos filhos, portanto, é determinada pela etnia paterna.

Desde a mais tenra idade, as crianças aprendem a falar a língua materna além da língua Tucano. Segundo a FOIRN, a população dos Tucanos brasileiros é de 6.241 indivíduos, enquanto o número de membros da família linguística Tucano gira em torno de 12.650. Há pouco mais de seis décadas junto com os Tarianos e os Dessanos, eram os povos mais numerosos da região da Cabeça do Cachorro.

Uma das lendas dos Tucanos relata que eles foram, um dia, escravos dos "*Filhos do sangue do Trovão*" – os Tarianas, dos quais finalmente se libertaram e que até hoje lhes impõem certo respeito.

Com o passar do tempo, o seu dialeto, em virtude da "*exogamia linguística*", passou a ser a língua de grande parte dos povos da floresta dessa região. Nosso contato com os Tucanos, do Alto Rio Negro, nos faz concordar com as afirmativas do Padre Antônio Giacone a respeito de sua prepotência no trato com os demais povos indígenas.

> *Como sua língua passou a ser a língua de todos os habitantes dessa região, consideram-se superiores aos outros índios; porém, de fato, nem pelo físico, nem pelo moral, nem pelo poder, nada tem que justifique essa pretensão. (GIACONE)*

> A tradição reinante, entre eles, diz que vieram do território colombiano, em época muito remota, mas não sabem calcular quantas gerações se passaram. Parece que os conquistadores da Colômbia, à medida que avançavam no interior do país, obrigavam os silvícolas a se internarem cada vez mais, até chegarem às cabeceiras dos Rios Papuri e Tiquié, por onde entraram no Brasil, para aqui se fixarem definitivamente.

> Nesses Rios, encontraram os índios Macus e Dessanos, e os obrigaram a se internarem. Os Macus foram para o centro da mata, de onde nunca mais saíram, e os Dessanos foram para as cabeceiras dos Igarapés.
>
> No princípio da invasão, os Tucanos uniram-se para se defender mais facilmente; mas, quando cessaram as guerras, começaram a separar-se, por dois motivos: dificuldade de encontrar alimentos para todos e especialmente as discórdias que, também naqueles tempos, como agora, surgiram entre os homens. Separavam-se, também, por medo de serem envenenados uns pelos outros, o que explica a existência de vários núcleos tucanos em localidades diversas. (GIACONE)

A Origem dos Tucanos

Recolhemos diversos fragmentos de lendas sobre a origem da etnia Tucano, através da bibliografia que procuramos confirmar através de narrativas colhidas "*in loco*". Infelizmente há discrepâncias sensíveis em certos detalhes como lugares, nomes e, mesmo, no contexto em geral que, em diversas oportunidades, verificamos não só serem diversos, mas totalmente conflitantes.

Vamos reproduzir dois deles que achamos ter mais pontos em comum com a tradição oral do que os demais. No livro "*Os tucanos e outras tribos do Rio Uaupés, afluente do Negro – Amazonas*" do Padre Antônio Giacone, encontramos um relato, que reproduzo abaixo, cujo cenário, em geral, conseguimos confirmar nos relatos orais. A maior alteração que observamos é a substituição da "*canoa*" do texto do Padre Giacone pelo da "*Cobra Grande*", das versões orais.

Talvez o clérigo a tenha alterado tentando dar um pouco de mais racionalidade à lenda ou ainda o fato de diversas etnias compartilharem o mesmo espaço físico tenha feito com que estas lendas tenham sofrido, através dos tempos, a influência desta ou daquela etnia. Considerando que os casamentos ocorrem, via de regra, com membros de outros grupos, já que os indivíduos da mesma Comunidade são considerados "*irmãos*", a lenda oral sofre, com o tempo, a influência dos patriarcas da família que são os mantenedores do tronco étnico.

> Há muitíssimos anos, Deus subiu o Rio Negro e entrou no Uaupés, com uma grande "*canoa*" cheia de peixes e aves. Quando chegou à ilha do Jacaré, que dista uns 150 quilômetros da Foz, encostou a canoa a uma grande pedra, onde ainda se lhe vê a marca.
>
> Depois, tirou os peixes que levava e, com o seu poder, transformou-os em homens, e assim apareceram os Uaicanas ou Piratapuias [índios de peixes].
>
> Depois apanhou as aves e fez os Tucanos ou Dakceia, os Arapaços ou Cone [Picapaus] e os Dessanos ou Uiina [Filhos do Trovão]. Antes de dividi-los, Deus pôs em terra, a certa distância, uma velha espingarda, dizendo-lhes que o primeiro que a pegasse ficaria mais perto dos brancos e os outros deviam subir mais o Rio. Em seguida, deu o sinal.
>
> Todos correram, mas um Dessana foi mais esperto e a pegou primeiro. Por isso, muitos Dessanos estabeleceram-se abaixo da ilha do Jacaré, perto dos brancos, e outros no Rio Negro, até à Foz do Curi-curiari.
>
> Depois, Deus continuou a viagem até a grande cachoeira do Inapuré, onde colocou numa grande pedra a semente dos outros índios, que vivem no Uaupés e afluentes. (GIACONE)

Meu amigo e honorável Mestre Coronel Altino Berthier Brasil relata, por sua vez, no livro "*Amazônia, nos domínios da coca*", com que me presenteou, em 2009, outra das lendas ligadas à origem dos Tucanos que ele coletou por ocasião de sua peregrinação pela região da Cabeça do Cachorro, em 1988, e que nos foi possível identificar como a mais próxima dos relatos orais que conseguimos obter junto aos nativos.

> O Criador, em épocas imemoriais, subiu o Rio Uaupés, transformado em Cobra Grande. O ofídio engoliu todos os peixes que encontrou. Quando chegou a cachoeira de Ipanoré, não podendo transpor o obstáculo, devido ao peso de seu ventre, abriu a boca, e deixou saírem os peixes. Estes transformaram-se em índios de diferentes raças: Tucanos, Cubéuas, Desanas, Arapaçus, Pira-tapuias, Uananas, Cubevanas, Mirit-tapuias, etc.
>
> Os Tucanos foram os primeiros a sair, e a eles foi atribuído o domínio sobre os demais. [...] Transportados para o lado de cima da cachoeira, aqueles índios povoaram a região. (BRASIL, 1989)

Primeiro Tuxaua Tucano – Buopé ou Do-Étiro

Em outra de suas publicações, "*Amazônia, reino da fantasia*", o Coronel Berthier descreve a origem de Buopé, o primeiro Tuxaua Tucano, que infelizmente não pude confirmar através de relatos pessoais.

> Conta-nos a lenda que, em tempos imemoriais, lá pelas bandas do Caiari, em noite de lua cheia, certa tribo era obrigada a sacrificar uma criança, de até sete anos de idade, para satisfazer os caprichos de uma piraíba voraz que habitava o fundo das águas. Era a condição para que os índios pudessem exercer livremente a pesca e o trânsito pelo Rio. (BRASIL, 1987)

Eis, porém, que as crianças acabaram. Só restou o filho do Tuxaua. Não houve outra alternativa senão sacrificar também o curumim que seria o futuro Chefe daquele povo. O Tuxaua, porém, não se alterou. Durante muitos invernos, a conselho do Pajé, com o auxílio de uma pedra, ele vinha afiando os dentes do filho, tão pontiagudos como os da piranha vermelha que, naquele tempo se chamava "*boó*". Ensinou-lhe, também, a utilização das presas para romper cascas de árvores e couros de bichos. Assim, tão logo a piraíba acabou de engolir o garoto, este rompeu com os dentes os órgãos internos do bicho. Foi um rebuliço enorme. O céu ficou completamente escuro. A terra tremeu. Os trovões espocavam no céu, e os raios cruzavam em todas as direções. As águas subiram, e a terra foi ficando pequena. O povo, desesperado, sumiu engolido pelas águas tormentosas e, bichos e plantas, tudo o que era vivo desapareceu. A piraíba se debatia, esguichando água e fazendo um barulho surdo no fundo dos poções. Depois de muito, virou o seu ventre aberto para cima, e morreu.

Afinal o cataclismo terminou. O único a se salvar foi o filho do Tuxaua, que escapou pelo rasgo feito na barriga do monstro. Curiosamente, junto com o jovem, pelo mesmo buraco, saiu voando um casal de pássaros de cores vivas, papo branco e bicos enormes, chamado "*daxseá*". O menino cresceu e se tornou Buopé, o mais famoso de tantos Tuxauas quantos até hoje existiram. Seu nome correu todos os vales. O antigo Caiari passou a ser chamado de "*o Rio de Buopé*", hoje Uaupés. Os pássaros se transformaram em gente. As terras foram povoadas. A população aumentou. As tribos se multiplicaram. Os índios puderam se deslocar e pescar livremente no Rio, sem que nada os importunasse. Viveram felizes. Constituíram a insigne Comunidade "*Yepá Maxsã*", hoje conhecida como "*a grande nação Tucano*". (BRASIL, 1987)

Por sua vez, o Padre Eduardo Lagório, em seu livro "*100 Kixti Tukano*", dá o nome de "*Do-Étiro*" ao primeiro Tuxaua dos Tucanos e assim explica sua origem:

> A terra começou imersa no fogo. Chuvas torrenciais formaram o Mar, que os Tucanos denominaram "*Lago do Leite*". Certo dia, o Criador escolheu, no "*Lago do Leite*", uma porção de peixes destinados a transformarem-se em gente. Daí tomou um homem para modelo, à sua imagem e semelhança.
>
> Este homem chamava-se Do-Étiro. O Pai colocou Do-Étiro em uma canoa, e transmitiu-lhe a incumbência de povoar a terra. Do-Étiro "*alagou*" a canoa. Colocou os peixes, e tomou a direção da morada do Sol. Com muita dificuldade, a embarcação encantada subiu o "*Igarapé da vida*", hoje Rio Amazonas.
>
> Quando os peixes estavam com fome, Do-Étiro encostava a canoa na margem, e as frutinhas silvestres alimentavam-nos. Depois, tomou a direção Noroeste, navegando pelo Quiari, hoje Rio Negro. Do-Étiro estava cansado de tanto remar. Seguidamente se indagava:
>
> – Será que esta viagem não acaba mais? Será que esses peixes vão se transformar em gente boa? Uma voz do alto lhe dizia:
>
> – Tem paciência! rema um pouco mais...
>
> Como que por milagre, a canoa entrou no "*Rio do Leite*" – o Uaupés, o mais famoso afluente do Negro. Do-Étiro não comandava o leme. A direção era estabelecida pelo Criador. Passados 40 dias de viagem, a canoa chegou a uma imensa cachoeira. A voz celestial anunciou:
>
> – Ipanoré-cachoeira! Desembarca! Aqui começa a "*Mãe Terra*" da gente Tucana.

Do-Étiro desembarcou. Soltou os peixes. Contornou a cachoeira e estabeleceu-se do lado de cima. Os peixes saltaram a cachoeira e o acompanharam, numa festiva piracema. À medida que chegavam ao alto, se transformavam em gente: homens e mulheres. Ganharam as margens, desconfiados. Esparramaram-se e assim constituíram as primeiras sociedades indígenas do Alto Rio Negro e Uaupés. Do-Étiro foi escolhido seu primeiro Tuxaua, guia e protetor. (LAGÓRIO)

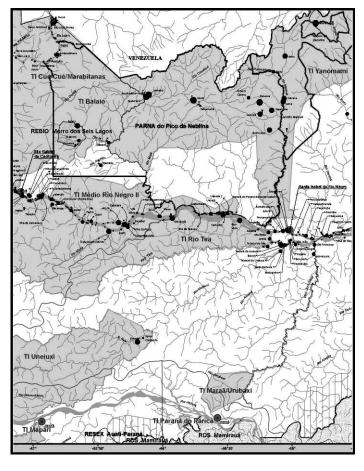



Imagem 57 – Alto Rio Negro (FOIRN)

Tapurucuara Mirim/Maçarabi

Acordei às 05h30 e comecei a desmontar o acampamento e arrumar os sacos de viagem. Carreguei o caiaque, sozinho, para a margem e encontrei praticamente toda a Comunidade fazendo a higiene matinal no Rio. Alguns homens adultos olhavam-me visivelmente constrangidos em virtude da bebedeira do dia anterior.

Despedimo-nos e deixei avisado que, se a equipe de apoio aparecesse por ali, eu pretendia pernoitar na Comunidade de Maçarabi e, a partir daí, seguiria por uma rota próxima à margem direita do Negro. Escolhi essa Comunidade pela distância (em torno dos 60 km) e em virtude do mapa, que eu conseguira com o Instituto Socioambiental (ISA), indicar que lá havia um telefone, que me permitiria falar com os familiares e as equipes de apoio em Porto Alegre e Bagé.

Parti às 06h49, dei uma parada rápida no posto da FUNAI, localizado na margem Meridional do Negro, poucos metros a jusante da Foz do Marié. O posto estava abandonado e, segundo o Vice-Cacique Pena, o representante da FUNAI mora com a família ao Norte da ilha de Aracabu e raramente desce até o posto.

Partida para Maçarabi (26.12.2009)

Ouvir Estrelas
(Olavo Bilac)

"Ora [direis] ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto... [...]

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

O deslocamento solitário nos remete à reflexão. Mergulhado, literalmente, na pujante selva tropical, eu ouvia somente o som ritmado das pás dos remos golpeando as serenas águas do dolente Negro. As paisagens se sucediam como numa caprichosa exposição pictórica em que entidades divinas competiam expondo suas mais extraordinárias obras. Tinha decidido parar somente nas mais belas praias mas a combinação das brancas e fluídas areias cantantes, com a muda solidez das rochas ornadas pela bela vegetação tornava a escolha extremamente difícil. As festas de Natal, regadas a muita bebida, tinham reservado, com exclusividade, para mim, aquela imensidão aquática. As Comunidades ainda se ressentiam das abjetas ressacas pagãs das comemorações cristãs. Eu sentia uma força enorme emanando das profundezas do Rio, da selva, das rochas e essa energia vital enrijecia e tonificava meus músculos afastando qualquer sinal de cansaço. Eu me sentia um ser sobrenatural ao navegar solitariamente por aquelas ermas e fantásticas paragens. Vez por outra enormes bancos de areia apontavam-me uma rota alternativa.

Relato Pretérito – Santo Antônio do Castanheiro

José Monteiro de Noronha (1768)

178. No porto de Maçarabi há uns cachopos e impetuosa correnteza, por cuja passagem é preciso Prático e descarregar-se a embarcação. Vencidos estes, depois de se navegar catorze léguas, se chegará à Povoação de Santo Antônio do Castanheiro, situada na mesma margem Austral do Rio Negro e habitada por índios das nações Mepuri, Baré e Maku. Entre Maçarabi e a nomeada Povoação deságuam, na margem do Sul, o Rio Maiuuixi e o Riacho Iteia. Na margem oposta não há Rio ou Riacho que seja de se notar.

179. No porto da Povoação de Santo Antônio há outros cachopos ([210]) que também se passam com dificuldade e cautela, depois dos quais, sem deixar qualquer outro Rio ou Riacho nas duas margens do Negro, segue-se em distância de três léguas a Povoação de São João Nepomuceno do Camundé, habitada pela nação Baré e situada na mesma margem Sul. (NORONHA)

Relatos Pretéritos – São Pedro

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar sujeito à jurisdição da Vila de Thomar, e situado na margem esquerda do Rio Negro, 180 léguas acima da sua Foz, sobre paragem vistosa, e pouco inferior à Boca do Rio Miuá, e fronteira ao sítio, que ocupou o Lugar de Santo Antônio de Castanheiro Velho. Consta a sua população de 11 mamelucos, 12 mamelucas, 32 índios e 41 índias. Tem 10 fogos depois de ali existirem 600. A Igreja foi dedicada a São Pedro; construíram-na os missionários Carmelitas quando estabeleceram este Lugar. Um incêndio fortuito a tragou. Os moradores levantaram outra de teto de folhagem, e destituída do necessário. Entre este Lugar e o intervalo dos sítios, em que estiveram assentados os Lugares de Santo Antônio do Castanheiro Velho e de São João Nepomuceno do Camundé, demora ([211]) a 7ª cachoeira. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

Dois dias depois, chegamos ao Vilarejo de São Pedro, onde o Sr. Lima alugou outra canoa, bem melhor e mais conveniente. Em virtude disso, tivemos de ficar esperando por mais um dia. [...]

---

[210] Cachopos: rochedos à flor da água.
[211] Demora: está localizada.

Saindo daí, passamos pela Foz do pequeno Rio Curicuriari, onde pudemos enxergar um belo panorama, ao fundo do qual se destacavam as Serras que tinham o mesmo nome do Rio. (WALLACE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Em condições análogas, divisamos mais acima, margem direita, São Pedro, o importante povoado do século XVIII, transformado hoje em sete ranchos de palha. No fim do Estirão São Pedro, a Serra Curicuriari destaca-se altaneira quebrando a monotonia da planície. (SOUSA)

Relatos Pretéritos – São José

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar situado acima do Sítio da Capela, na esquerda do Rio Negro, 172 léguas acima da sua Foz sobre terra pouco empolada, mas que oferece à vista tal prospecto que lhe dignifica a localidade. Compõem este Lugar 88 índios de um e outro sexo. De 800 fogos que ali existiram, restam 16. Os missionários Carmelitas levantaram a Igreja, cujo Orago é São José. Esta Igreja desabou e os moradores fabricaram outra de folhagem, e exígua, porque também são eles extremamente escassos de bens. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

No dia seguinte, desembarcamos em outro povoado, São José, onde tivemos de deixar nossa embarcação, trocando-a por duas menores. De fato, nossa embarcação grande não avançaria senão com extrema lentidão, já que daí por diante só iríamos encontrar correntezas muito fortes e velozes. Ademais, quando chegássemos às cachoeiras, veríamos que ali seria virtualmente impossível sua passagem por entre os

> estreitos canais do Rio. Ficamos em São José durante dois dias, enquanto se procedia à baldeação das cargas para as canoas. Tive muito o que fazer, capturando umas borboletas raras que encontrei aos montes, pousadas nas quentíssimas rochas à beira do Rio. (WALLACE)

Richard Spruce (1851)

Deixando Uanauacá para transpor as cachoeiras, Spruce pernoitou na Aldeia de São José, à margem esquerda do Negro, onde havia um inspetor Distrital meio-índio, que já tinha feito a viagem à Guiana através do Rio Branco. Preso na porta de sua casa havia, sempre à mão, um velho bacamarte, usado para assustar os índios Macus, que provocavam desordens por ali.

> No meio da noite, estando acocorado na tolda, espantei-me ao escutar um grito estridente de mulher, seguido do estampido de um tiro de fuzil, e logo depois o espocar de tiros disparados pelo bacamarte do Inspetor e por outras armas de fogo. O ruído durou durante alguns minutos, sempre acompanhado por gritos selvagens. Logo imaginei que se tratasse de um ataque dos índios Macus, e chamei meu piloto, que estava deitado perto da porta da cabine, indagando dele o que poderia ser aquilo. No primeiro instante, ele ficou sem saber do que se tratava, mas logo depois disse que o barulho não parecia provir de um combate corpo a corpo, mas sim de gritos e tiros destinados a espantar alguém. Talvez os Macus tivessem assomado na borda da floresta, assustando o povo, que se reunira para afugentá-los.
>
> De repente, voltando os olhos para o céu, ele explodiu numa gargalhada, levando algum tempo para se controlar e falar de maneira inteligível, dizendo: "*É a Lua, patrão! É a lua! Vem cá e olha*".

Logo pensei: "*Valha-me Deus! Devo estar diante de um novo gênero de sandice lunática, que afetou ao mesmo tempo todos os que estão nesta área!*" Assim pensando, saí da tolda para dar uma espiada na Deusa Diana, que naquela hora deveria estar bem no meio do céu. Porém, embora a noite estivesse clara e no céu houvesse apenas umas poucas nuvens esgarçadas, não se via a Lua! Logo vi que se tratava de um eclipse. Daí a um minuto, ela mostrou sua face, que naquele exato instante tinha estado escondida atrás de uma nuvenzinha.

Conversando pela manhã com os moradores, eles me confessaram ter receado que a Lua estivesse querendo abandoná-los de uma vez por todas, e que os tiros e gritos tinham por finalidade obrigá-la a desistir dessa ideia. Perguntaram-me se fazíamos o mesmo em nossa terra quando a Lua ameaçava sumir, ficando surpresos quando lhes respondi que não. Quanto a sua ruidosa demonstração, esta fora amainando aos poucos, cessando por fim após o término do eclipse. Fiquei sabendo ainda que, nessas ocasiões de eclipse, os índios costumam atirar flechas na Lua, e que pela manhã recolhem as flechas disparadas, acreditando que, se as usarem em suas caçadas, jamais errarão o alvo. (SPRUCE)

Relatos Pretéritos – N. Sr.ª do Loreto de Maçarabi

Alexandre Rodrigues Ferreira (1785)

Desenganado afinal que sem horroroso trabalho e sem evidentíssimo perigo me não podia transportar na canoa grande do meu transporte para cima da Povoação de Maçarabi, aproveitei a ocasião de portador certo para o Comandante da Fortaleza, a quem levava cartas de Vossa Excelência o soldado Joaquim Pinto e, na que lhe escrevi, em data de 14 do referido mês de setembro, pedi-lhe auxílio de

pequenas canoas para o meu transporte, supondo que de cima do Rio dos Uaupés ainda não tinha descido o Coronel Comandante geral Manoel da Gama Lobo d'Almada. Pelas 06h30 da manhã de 15 ([212]), segui viagem pela costa Setentrional; até às 16h45, venceram-se duas correntezas e, já naquele tempo, me foi preciso fazer três travessias para a terra firme da outra banda. Vi pela margem Setentrional que eu deixava, e em distância considerável, as Serras de Cauaburiz e quase na maior parte das travessias foi a canoa grande arrastada pelos índios, sobre os baixos de areia. Pernoitei desde as 20h00 até as 05h00 de 16 ([192]).

Ao meio-dia, aportei na Povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi. Está situada na margem Austral e do seu porto se lança ao largo um temível recife de pedras, por entre o qual e uma pequena ilha fronteira, circunvalada ([213]) de altos rochedos, corre com tanta velocidade o Rio, coangustando ([214]) em um estreito Canal, que a razão duvida assentir aos olhos. Do menor descuido dos práticos sucede, não raras vezes, serem absorvidas as canoas pelos redemoinhos das águas e, quando não ficam submergidas, retrocedem com tanta celeridade que, em uma hora, desandam a viagem de seis e sete e, em Rio cheio, às vezes, de um dia inteiro. Pela margem do Sul não observei Rio algum. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar assentado dentro da jurisdição da Vila de Thomar sobre um cabeço ([215]) na margem direita do Rio Negro, 165 léguas acima da sua Foz. A denominação mais vulgar deste Lugar é a de Maçarabi.

[212] 15 e 16 de setembro de 1785.
[213] Circunvalada: rodeada.
[214] Coangustando: espremido.
[215] Cabeço: cume arredondado de uma elevação.

Deste ponto para riba ([216]), apresenta o Rio penedos pelas margens e pelo meio; no porto deste mesmo Lugar, há cachopos e uma impetuosa corrente, que incomoda e pede bom piloto prático. Consta a população de 11 mamelucos, 05 mamelucas, 43 índios e 64 índias. Foi de 700 fogos, numera 09. A Igreja e a fábrica de anil e de algodão, tudo derruído. Os campos, sem cultura. Há dentro do Distrito deste Lugar, na margem esquerda do Rio, um sítio de José Monteiro das Chagas, chamado de Capela em razão do que ele construiu e inaugurou a Nossa Senhora do Socorro, cuja Capela serve de paróquia aos habitantes de Maçarabi, Carmo e Rio Cauaboris, por estarem caídas as Igrejas destes lugares. (BAENA)

Marechal Boanerges Lopes de Souza (1928)

Na manhã de 11 ([217]), defrontamos a primeira cachoeira ([218]) do Rio Negro, a Maçarabi, para o que foi necessário separar as lanchas e batelões. (SOUSA)

Comunidade Maçarabi

A Comunidade Maçarabi está encravada numa margem alta adornada por belos rochedos, na margem Meridional do Negro. Aportei às 15h27 depois de uma jornada de 08h38. A visão do alto das rochas é imperdível. As diversas ilhas com suas rochas, vegetação e praias nos remetem a uma "*Polinésia Fluvial*". O rumor das inúmeras corredeiras quebra a monotonia silenciosa que envolve a quase totalidade do Negro. É, sem dúvida, o local mais belo do Rio Negro a jusante de São Gabriel da Cachoeira.

[216] Riba: cima.
[217] 11 de setembro de 1928.
[218] Cachoeira: corredeiras.

Ancorei o caiaque e subi a margem alta para contatar o Cacique. Encontrei Dona Isabel, da etnia Baré, uma velha e simpática anciã que, atenciosamente, me conduziu até ele. Depois de andar um bocado pela grande Comunidade, consegui falar com o Cacique, e este autorizou que eu pernoitasse na Casa de Apoio. A Casa de Apoio, de madeira, em ótimo estado, estava localizada atrás das caprichosas instalações da FUNASA. As mudas de frutíferas e outras plantas ornamentais, que cercavam a Fundação (FUNASA), mostravam que um dos seus caprichosos enfermeiros dedicava boa parte do seu tempo cuidando das mesmas. Infelizmente o telefone da Comunidade não funcionava e não consegui contatar meu pessoal.

Lenda dos Barés

A teia aracnídea das lendas amazônicas, vasta e complicada, cômica e trágica, tanto mais extraordinária quanto envolta no mistério, é originária de todos os quadrantes do globo. [...] Em cada ponto [...] inventadas pelo aborígine, trazidas pelo africano, espalhadas pelo português, divulgadas pelo forasteiro, ingênuas, inverossímeis, risonhas, tenebrosas – as histórias dos animais e das sereias, dos gnomos e dos Pajés empolgam a imaginação fecunda, plástica da gente que erra no Vale. (MORAES, 1987)

Eu tinha transportado todo o material para a Casa de Apoio fazendo quatro cansativos deslocamentos desde a margem. Depois de montar a barraca e organizar meus apetrechos, fui até o Rio tomar um bom e revigorante banho. O frio tratamento da Comunidade me pareceu bastante diferente do que estava acostumado até então, nenhuma liderança se aproximou ou demonstrou algum tipo de atenção pela minha presença na área.

Estava descansando um pouco quando apareceu D. Isabel para conversar. Viúva, ela morava com a filha e estava desiludida com a etílica maneira de se festejar o Natal nas Comunidades. Conversamos durante algum tempo e provoquei-a para que me narrasse alguma lenda do seu povo e ela me relatou, a seu modo, a origem do povo Baré. As coincidências nos relatos me levaram a reproduzir uma das belas lendas que eu coletara, já há algum tempo, de Braz de Oliveira França, Ex-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), de 1990 a 1997, sobre a origem do povo Baré entremeada com a lenda das amazonas.

> Antigamente, ainda no início do mundo, entrou no Rio Negro, vindo do Rio maior, um grande navio, cheio de gentes no seu interior, e cada um com seu par. Apenas um homem viajava nesse mesmo navio, pelo lado de fora, pois ele não foi aceito na sua parte interna por não estar acompanhado. Ao passar pela Foz do Rio Negro, viajava tão próximo das suas margens que os passageiros viram que havia muitas pessoas na beira, inclusive o homem que viajava pelo lado de fora que, não resistindo à tentação, logo se jogou para fora e nadou para aquele local.
>
> Ao alcançar o solo, ele foi agarrado por um grupo de mulheres guerreiras que tinham o costume de aceitar apenas mulheres em seu grupo. Quando tinham necessidade de ter filhos, aprisionavam machos de outras tribos e dessa relação, se nascesse filha mulher, elas criavam e, se fosse homem, elas o matavam.
>
> Esse seria o destino do homem que nadou até a margem, para quem deram o nome de Mira-boia ([219]), se não fosse sua estrutura física ser um pouco

[219] Mira-boia: Gente-Cobra.

diferente das que elas já conheciam. Por isso, resolveram poupar-lhe a vida depois de terem submetido "*Mira-boia*" a um rigoroso teste de masculinidade. As guerreiras, então, prepararam uma grande festa na primeira Lua Cheia. Enorme fogueira no centro do pátio foi feita, muitas frutas e mel silvestre foram coletados. A festa com os seus rituais rolaram durante oito dias. No seu final, o grupo tomou a seguinte decisão: "*Mira-boia*" ficaria morando com um grupo com a condição de gerar um filho com cada uma delas. Teria que dormir três noites com uma mulher que estivesse na época do seu período fértil.

Terminada essa missão, ele seria executado, assim como todo filho que nascesse homem. "*Mira-boia*" então passou a conviver com o grupo por um longo período, nessas condições, até que gerasse filho com a última mulher, e essa última era a Tipa ([220]), uma jovem muito bela que estava no primeiro período de menstruação. Ela, por ser a mais nova, a mais bonita e muito querida pelo grupo, teve o privilégio de morar com Mira-boia até que sua gestação aparecesse visualmente para o resto do grupo.

Devido a isso, Tipa e Mira-boia passaram a viver a dois e, quando ela se percebeu gestante, descobriu-se também perdidamente apaixonada pelo companheiro. O mesmo aconteceu com Mira-boia. Como o destino do nosso herói seria a morte, ela conseguiu convencer o seu já considerado marido para uma dupla fuga. No primeiro período de Lua Nova, ele e ela fugiram, aproveitando o momento em que as guerreiras saíram para caçar e coletar mel e frutas que serviriam de consumo nos dias da festa de execução do homem, aquele que dera para o grupo muitas guerreiras de sua geração.

---

[220] Tipa: Rouxinol.

Foram viver distante dos demais grupos. Acredita-se que esse local tenha sido nas proximidades de Muram, no Baixo Rio Negro. Depois de mais ou menos 30 anos, a família já estava grande. Tipa e "*Mira-boia*", todos os dias, pela tarde, curtiam sua felicidade juntos com os filhos e as filhas de sua geração. Com isso, eles viram que podiam ser uma família muito maior. Foi assim que Tupã ordenou que viesse até eles o seu mensageiro, Purnaminari, para lhes dizer o seguinte:

– Aquilo que vocês estão pensando agrada a Tupana. Por isto, ele me enviou para ensinar vocês a trabalhar e a garantir a comida de todos os dias.

Purnaminari, então, passou a morar com eles por um longo período, ensinando-os a fazer canoa, remo, roça, armadilha para pegar caça, peixe e treinar o novo grupo para a guerra. Quando o pequeno grupo já sabia de tudo o que lhe foi ensinado, ele organizou uma grande festa com Dabucury ([221]), Adaby ([222]) e Curiamã, a fim de preparar o povo na sua caminhada, dizendo:

– Agora que vocês já sabem de tudo o que eu lhes ensinei para viver, voltem para a terra de Tipa e tomem todas as mulheres do seu antigo grupo, para serem mulheres de vocês. Dessa forma, vocês serão grandes, respeitados e conhecidos por Baré-mira [povo Baré]. (Braz de Oliveira França)

---

[221] Dabucury: representa a essência nas relações de trocas efetuadas entre os grupos afins. Na base deste ritual, existe, como condição "*sine qua non*", a troca de mulheres respeitando as regras da exogamia linguística. Cada um dos grupos étnicos Arawak, Tukano e Maku celebram o Dabucury, denotando cada um sua especificidade. As trocas entre os grupos afins que celebram um Dabucury, costumeiramente constam de frutos de palmeiras ou outro produto que o grupo que recebe tem em abundância. (Renato Athias)

[222] Adaby: os índios de algumas tribos do Alto Rio Negro costumam vergastar-se reciprocamente com o "*adabi*" nas festas de Jurupari. O sacrifício busca fazer com que se afugentem as iras de "*Jurupari*", o Moisés Tapuio. (Hiram Reis)

> Purnaminari, o mensageiro de Tupana, voltou várias vezes para visitar e instruir seu povo. O grupo cresceu bastante a ponto de dominar totalmente a região do baixo e médio Rio Negro. Ao chegarem à Cachoeira de Tawa (São Gabriel), permaneceram ali até que Purnaminari decidisse o novo destino do seu povo. No entanto, nessa cachoeira, Kurukui e Bururi desentenderam-se e brigaram muito entre si. Por isso resolveram separar-se, ficando Kurukui de um lado e Bururi de outro lado do Rio. Essa separação acabou provocando desobediência às regras de Purnaminari, que ordenou ao povo não se misturar com outros grupos, porém Kurukui e Baruri acharam que, para poder aumentar os seus grupos, eles tinham que ter muitas mulheres. Foi quando eles guerrearam com grupos menores, para tomar suas mulheres e se multiplicarem. Assim "*Tipa*" e "*Mira-boia*" fizeram e conseguiram ser pais de um grande povo que, até a chegada dos "*brancos*", habitava o Rio Negro, desde a Foz até as cachoeiras. (FRANÇA)

Itá

Continuei minha agradável prosa com D. Isabel, e perguntei se ela já havia observado alguns aborígines fazendo uso do "*itá*", já que eu não havia, até agora, observado nenhum deles fazendo uso de tal adereço. O quartzo, na região, é comum e seu uso como adorno é relatado há mais de dois séculos. D. Isabel disse já ter visto, quando jovem, alguns nativos do Rio Uaupés portarem esses artefatos, mas que não tinha a menor ideia de como eles os haviam conseguido ou como eles eram manufaturados. Os relatos do Padre José M. de Noronha, em 1768, Alfred R. Wallace, em junho de 1850, do Major Boanerges L. de Souza, em dezembro de 1928 e de Koch-Grünberg, em 1903, perpassavam pela minha mente como numa tela de cinema.

José Monteiro de Noronha (1768)

186. [...] Sobre o peito traz uma pedra branca, sólida, bem polida, de figura cilíndrica e de uma polegada de diâmetro, presa ao pescoço com cordão de fio introduzido nela por um pequeno furo que lhe faz artificialmente pelo meio, de uma extremidade a outra. Os Principais a trazem de meio palmo de comprimento. Os nobres, pouco menos e os plebeus, muito mais curtas. (NORONHA)

Alfred Russel Wallace (1851)

Viam-se agora diversos índios usando seu mais típico e precioso ornamento, uma pedra branca, opaca e cilíndrica, parecendo mármore, mas que é na realidade um quartzo imperfeitamente cristalizado. Essas pedras têm entre quatro e 8 polegadas de comprimento e mais ou menos uma polegada de diâmetro. Têm base redonda e extremidade superior achatada, sendo esta atravessada por um furo, dentro do qual passam um cordão para poder pendurar o adorno ao pescoço. Deve ser dificílimo confeccionar este ornamento, sendo mesmo incrível que consigam perfurar uma substância tão dura sem qualquer instrumento de ferro adequado para isso.

Para fazê-lo, segundo me disseram, usam o broto flexível e pontiagudo da bananeira silvestre ([223]), girando-o e atritando o local com areia fina e água. Não duvido disso e nem de que tal trabalho leve anos, conforme também me disseram. Fico pensando, então, no tempo que deve ter sido gasto para furar a pedra que o Tuxaua usava como

[223] Bananeira silvestre: Wallace, equivocou-se definitivamente na tradução, na verdade o furo era realizada utilizando-se uma fina varinha extraída da paxiúba – Socratea exorrhiza.

distintivo de sua autoridade, pois era de dimensões bem maiores. Além do mais, o orifício desta era longitudinal, permitindo a seu dono usá-la horizontalmente sobre o peito. Informaram-me que os adornos desse tipo ocupam o trabalho de duas vidas! Essas pedras são trazidas de grandes distâncias Rio acima, provavelmente da região das cabeceiras, na base dos Andes. Em virtude disso, são altamente valorizadas, sendo muito raro encontrar-se um proprietário que possa ser induzido a desfazer-se delas. Quanto aos chefes, nem se fala! (WALLACE)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Consiste este ornato em um penduricalho feito de quartzo leitoso que pode ser de 8 a 10 cm de comprimento, por três de diâmetro – usado pelos homens – ou 3,5 por 1,5 cm usado pelos curumins; a esta pedra dão a forma cilíndrica, polindo-a de encontro às lajes de granito, o que consome largo tempo. Depois de inteiramente lisa, abrem-lhe um orifício no sentido do eixo maior, de modo a permitir a passagem de um fio no qual costumam enfiar contas [quiquica], improvisando, assim um colar.

O seu uso vem desde os mais remotos tempos e é muito generalizado no Tiquié, fazendo parte da "*toilette*" com que os Tucanos recebem as visitas. No Uaupés, vimo-lo entre os Uananas, na ocasião das festas de "*Iutica*" e, entre os Tarianos, só os vimos nas coleções das quais aliás estão se desfazendo pelos novos hábitos contraídos pela influência dos Padres. Pois em Pari-cachoeira, depois de se desfazer da surpresa da nossa visita, o Tuxaua José apareceu com o colar e o penduricalho e, como lhe interpelássemos a respeito do vestuário, deu-nos a entender, sorrindo brejeiramente, que se considerava mais bem apresentado que nós civilizados. (SOUSA)

Theodor Koch-Grünberg (1903)

Observei aqui a confecção dos cilindros de quartzo. Quase cada habitante masculino trazia pendurado no pescoço um magnífico exemplar. A pedra de cor branca brilhante encontra-se num lugar da margem esquerda do Tiquié, longe na selva, na terra. Quebrando, destacam um pedaço conveniente da pedra e, batendo-o com outro pedaço de pedra de quartzo, dão-lhe a forma necessária. Para isso, usam a pedra-martelo, do tamanho de um punho da mão, que pelo muito uso já adquirira forma arredondada, com a qual martelam levemente pelo cilindro de quartzo para baixo, como se a gente quisesse produzir faísca de fogo.

Depois, o cilindro passa a ser alisado sobre a pedra – arenito, e polido com arenito de areia fina ou com pedra-pomes, que se encontra no Alto-Solimões e é fornecido aos indígenas do Caiary-Uaupés, percorrendo um longo caminho através do Japurá. Esta confecção do cilindro de quartzo já é obra penosa de muitos meses, visto que o indígena somente ocasionalmente pode ocupar-se com isso. Não menos penosa e morosa é a perfuração. O indígena segura o cilindro com os pés no chão, e remexe com ambas as mãos o molinilho ([224]) feito duma varinha pontiaguda de madeira de paxiúba, girando-a sobre a pedra dura, de vez em quando acrescentando areia fina, mas sem usar água. No começo da perfuração da lisa superfície arredondada, gruda-se um pedacinho de breu, para que a varinha não se desvie, até que a perfuração se torne bastantemente aprofundada. Para perfuração de uma pedra gastam-se muitas varinhas de paxiúba, porque elas continuamente devem ter suas pontas afiadas de novo.

[224] Molinilho: pequeno moinho.

Os cilindros de quartzo, em Tukano chamados extápoa, e em Tuyuka – yaïgá ou diaigá, têm o comprimento de 10 até 15 cm, e o diâmetro de 2 até 3 cm, nas suas extremidades são achatados. A perfuração é feita perto de uma das extremidades, e atravessa o cilindro lateralmente. Raras vezes são perfurados longitudinalmente. Destes últimos, que entre os indígenas valem como máxima preciosidade, eu vi somente pedaços menores, entre as crianças, mas não pude adquirir nenhum, apesar de ter muito me esforçado. Os cilindros de quartzo sempre são usados junto com certas sementes pretas e brilhantes, chamadas kikíga em Tukano, e em Tuyuka – kirigá, que se enfiam sobre um fio de fibras de tucum cuidadosamente torcido. As longas extremidades deste fio pendem sobre as costas da pessoa (KOCH–GRÜNBERG).

A Dança da Psique
(Augusto dos Anjos)

A dança dos encéfalos acesos

Começa. A carne é fogo. A alma arde. A espaços

As cabeças, as mãos, os pés e os braços

Tombara, cedendo à ação de ignotos pesos!

É então que a vaga dos instintos presos

– Mãe de esterilidades e cansaços –

Atira os pensamentos mais devassos

Contra os ossos cranianos indefesos.

Subitamente a cerebral corea

Para. O cosmos sintético da Idea

Surge. Emoções extraordinárias sinto...

Arranco do meu crânio as nebulosas.

E acho um feixe de forças prodigiosas

Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!

Bibliografia

ACUÑA, Christóbal de. ***Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*** *– Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.*

AGASSIZ, Luís e Elizabeth Cary. ***Viagem ao Brasil (1865 – 1866)*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2000.*

ANNAES DO PARLAMENTO BRASILEIRO, 1876. ***Comissão de Pensões e Ordenados*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes do Parlamento Brasileiro – Typographia Parlamentar, 1876.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Ensaio Chorographico do Pará - 1839*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2004.*

BATES, Henry Walter. ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.*

BETANZOS, Juan de. ***Suma y Narración de los Incas (1551-1571)*** *– Espanha – Madrid – Ed. Atlas, 1987.*

BIOCCA, Ettore. ***Estudos Etno-biológicos Sobre os índios da Região do Alto Rio Negro*** *– Amazonas – Brasil – São Paulo, SP – Arquivos de Biologia, 1945.*

BLAKE, Sacramento. ***José Carlos do Patrocínio*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Dicionário Bibliográfico Brasileiro, Tomo IV – Imprensa Nacional,1898.*

BONESSI, Alfredo. ***Santo Daime e UDV*** *– Brasil – e-mail de 02 de outubro de 2018.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Amazônia, nos Domínios da Coca*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1989.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Amazônia, Reino da Fantasia*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1987.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Desbravadores do Rio Amazonas*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1996.*

CARVAJAL, Gaspar de. ***Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*** *– Brasil – São Paulo, SP – Consejería de Educación – Embajada de Espana – Editorial Scritta, 1992.*

CARVALHO, José Cândido de Melo. ***Notas de Viagem ao Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições GRD, 1983.*

CASTRO, Ruy. ***Roquette-Pinto: O Homem Multidão*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – www.radiomec.com.br/roquettepinto, 2004.*

CB-AL, n° 214. ***Miscelânea - Viajantes Científicos no Brasil*** *– Reino Unido – Londres – Correio Braziliense ou Armazém Literário, n° 24, janeiro de 1820.*

CDES, N° 563. ***Manifesto*** *– Brasil – Vitória, ES – Commércio do Espírito Santo, n° 563, 23.07.1892.*

CDES, N° 625. ***Os Desterrados Políticos*** *– Brasil – Vitória, ES – Commércio do Espírito Santo, n° 625, 23.09.1892.*

CORRÊA, Iran Carlos Stalliviere. ***O Meridiano de Greenwich*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Departamento de Geodésia, Instituto de Geociências – UFRGS, 2009.*

CORREIO PARAENSE, N° 124. ***Os Mártires de Cucuí*** *– Brasil – Belém, PA – Correio Paraense, n° 124, 27.09.1892.*

COUTINHO, Edilberto. ***Rondon – o Civilizador da Última Fronteira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Olivé Editor, 1969.*

DANIEL, Padre João. ***Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Contraponto Editora Ltda., 2004.*

DDC, N° 455. ***José do Patrocínio*** *– Brasil – Curitiba, PR – Diário do Commércio, n° 455, 20.07.1892.*

DDRJ, N° 82. ***Transcrição - J. da Silva Coutinho - Diário Oficial*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário do Rio de Janeiro, n° 82, 06.04.1866.*

DIÁRIO DE MANÁOS, N° 38. ***Chegada dos Desterrados*** *– Brasil – Manaus, AM – Diário de Manáos, n° 38, 19.08.1892.*

DIÁRIO DO GOVERNO, 1833. ***Separação de Províncias*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário do Governo, Império do Brasil – Typographia Nacional, 1833*

EDA, N° 199. ***Capitão de Artilharia Joaquim Firmino Xavier*** *– Brasil – Manaus, AM – Estrella do Amazonas, n° 199, 07.03.1857.*

FERIGOLLO, Wilson A. ***Rostos e Rastros no Barril*** *– Brasil – Frederico Westphalen, RS – Editora Pluma, 2004.*

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. ***Viagem Filosófica pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Federal de Cultura, 1971.*

FRANÇA, Braz de Oliveira. ***Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000*** *– Brasil – São Paulo, SP – Instituto Socioambiental, 2000.*

GDRJ, N° 68. ***Viena, 20 de Maio*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazeta do Rio de Janeiro, n° 68, 23.08.1817.*

GIACONE, Padre Antônio. ***Os Tucanos e Outras Tribos do Rio Uaupés, Afluente do Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1949.*

GOELDI, Emile Auguste. ***Johann Von Natterer, Bibliografia*** *– Brasil – Belém, PA – Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 1895.*

HEMMING, John. ***Ouro Vermelho – A Conquista dos índios Brasileiros*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora da Universidade de São Paulo, 2007.*

HUBER, Siegfried. ***O Segredo dos Incas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Itatiaia, 1964.*

ICOTI, Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal. ***O Município de São Gabriel da Cachoeira no ano do seu Centenário de Criação*** *– Brasil – Manaus, AM – Edição Especial, 1991.*

JDB, N° 156. ***A Conspiração e os Desterrados*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brazil, n° 156, 05.06.1892.*

JDB, N° 339. ***Assassinato em Nome de "Jesus"*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 339, 13.03.2010.*

JDB, N° 348. ***Mente Conturbada – Bebida Potencializa Doença Psíquica*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 348, 22.03.2010.*

JDC, N° 172. ***POLÍTICA - José do Patrocínio - Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal*** *– Brasil – Desterro, SC – Jornal do Commércio, n° 172, 19.09.1890.*

JDC, N° 173. ***POLÍTICA - José do Patrocínio - Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal*** *– Brasil – Desterro, SC – Jornal do Commércio, n° 173, 20.09.1890.*

JDC, N° 174. ***POLÍTICA - José do Patrocínio - Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal*** *– Brasil – Desterro, SC – Jornal do Commércio, n° 174, 21.09.1890.*

JDC, N° 175. ***POLÍTICA - José do Patrocínio - Manifesto ao Eleitorado do Distrito Federal*** *– Brasil – Desterro, SC – Jornal do Commércio, n° 175, 22.09.1890.*

JORNAL DA ABI, N° 352. ***O Triste Trago da Despedida*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal da Abi, N° 352, março de 2010.*

KOCH–GRÜNBERG, Theodor. ***Dois Anos Entre os Indígenas*** *– Brasil – Manaus, AM – EDUA/FSDB, 2005.*

LAGÓRIO, Padre Eduardo. ***100 Kixti Tukano*** *– Brasil – Brasília, DF – FUNAI, 1983.*

LAMEGO, Adinalzir Pereira. ***A Importância da História e o Trabalho do Historiador*** *– Brasil – Rio de Janeiro. RJ – www.educacaopublica.rj.gov.br.*

MACEDO, Higino Veiga. ***Os Peões e o Cipó*** *– Brasil – e-mail de 29 de março de 2010.*

MAGALHÃES, Major Amílcar Botelho de. ***Impressões da Comissão Rondon*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Brasiliana, 1921.*

MARCOY, Paul. ***Viagem pelo Rio Amazonas*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.*

MARQUES & PALHARES, Ana Cecília Marques & Hamer Nastasy Palhares. ***Ayahuasca*** *– Brasil – Manaus, AM – Programa Álcool e Drogas (PAD) do Hospital Israelita Albert Einstein – Site Álcool e Drogas sem Distorção – www.einstein.br/alcooledrogas.*

MARTINS, Maria Lúcia – ***Garças*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista brasileira da Academia Brasileira de Letras – Ano XI – N° 41 – Outubro-Novembro-Dezembro, 2004.*

MAUSO, Pablo Villarrubia. ***Mistérios do Brasil: 20.000 Quilômetros Através de uma Geografia Oculta*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Mercuryo, 1997.*

MORAES, Raymundo. ***Na planície Amazônica*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.*

NOGUEIRA, Wilson. ***O Andaluz*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora Valer, 2005.*

*NORONHA, José Monteiro de****. Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

O CEARENSE, N° 841. ***Desgraça na Colônia do Pedro II*** *– Brasil – Fortaleza, CE – O Cearense, n° 841, 22.06.1855.*

O COMBATE, N° 113. ***José do Patrocínio e a Imprensa de Paris*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Combate, n° 113, 11.05.1892.*

O COMBATE, N° 34. ***José do Patrocínio*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Combate, n° 34, 21.02.1892.*

O COMBATE, N° 37. ***Mais Sangue*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Combate, n° 37, 24.02.1892.*

O FLUMINENSE, N° 38.869. ***Cartunista é velado*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Fluminense, n° 38.869, 13.03.2010.*

PARANHOS, José Maria da Silva (Barão do Rio Branco). ***Efemérides Brasileiras (1845–1912)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1946.*

PEREIRA, Franz Kreuther. ***Painel de Lendas & Mitos da Amazônia*** *– Brasil – Belém, PA – Editora Academia Paraense de Letras, 2001.*

RAMOS, Arthur. ***Introdução à Antropologia Brasileira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1961.*

RFJF, 1858. ***Tranquilidade Pública*** *– Brasil – Manaus, AM – Relatório de Francisco José Furtado, 07.09.1858.*

RONDON, Marechal Cândido Mariano da Silva. ***Índios do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora do Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos índios, 1955.*

ROOSEVELT, Theodore. ***Nas Selvas do Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. – Editora da Universidade de São Paulo, 1976.*

RSTM, 1859. ***Catequese e Civilização dos Índios*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Relatório de Sérgio Teixeira de Macedo, 1859.*

SÁ, Petrônio Naia Vieira do Nascimento e. ***O Correio da Fronteira*** *– e-mail de 13 de maio de 2009.*

SANCHEZ, Fábio. ***O Homem que Colecionou o Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Superinteressante – Edição 148, janeiro de 2000.*

SILVA, José Pereira da. ***Notícia Sobre Alexandre Rodrigues Ferreira e sua Obra, Conservada na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais do I Congresso Nacional de Linguística e Filologia – UERJ, 1997.*

SOLTHEY, Roberto. ***História do Brazil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria de B. L. Garnier, 1862.*

SOUSA, Marechal Boanerges Lopes de. ***Do Rio Negro ao Orenoco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Agricultura, 1959.*

SPRUCE, Richard. ***Notas de um Botânico na Amazônia*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 2006.*

STADEN, Hans. ***Duas Viagens ao Brasil*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 1974.*

TDM, N° 826. ***Febres Intermitentes*** *– Brasil – Belém, PA – Treze de Maio, n° 826, 01.09.1856.*

VIVEIROS, Esther de. Rondon ***Conta sua Vida*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria São José, 1958.*

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens Pelo Amazonas e Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Companhia Editora Nacional, 1939.*

Contudo, nesta era da Cibernética, as notações estão necessitando de uma atualização capaz de subsidiar futuras políticas de desenvolvimento. Foi daí que nasceu o sonho do autor: navegar Rio Negro abaixo, de Cucuí a Manaus, não só observando a geografia física, mas também os diferentes cenários da geografia humana.

Meses mais tarde o assunto acabou fechado. O sonho tinha se tornado realidade. A viagem fora executada, conforme o previsto.

De volta a Porto Alegre, ao redigir seu Relatório, constatou ter em mãos uma preciosa fonte informativa, que não podia, nem devia ser desprezada. Resolveu, por isso, aproveitá-la. O resultado foi esta magnífica obra.

Convém que se diga que o autor não se ateve apenas ao material recolhido. Impôs no livro o seu gênio, seu sentimento e sua extraordinária força descritiva, transformando-se de cronista, de historiador-militar em um autêntico escritor. Além disso, deu um exemplo de quanto os brasileiros do Sul prezam sua integridade territorial e amam seus irmãos da Amazônia.

Finalmente, consideramos este livro indispensável aos estudiosos, tanto pela revelação de uma parte rica e estratégica da Amazônia atual, como pela sua mensagem mística cheia de civismo, generosidade, fraternidade e grandeza humana.

Coronel Altino Berthier Brasil
(escritor e historiador militar)